

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

“Certamente venceremos o governo”: a atuação do Partido Comunista da Índia (Maoísta) por meio dos seus boletins de informação (2007 – 2010)

Mateus Campos Ranzan

Porto Alegre

2015

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em História

Mateus Campos Ranzan

“Certamente venceremos o governo”: a atuação do Partido Comunista da Índia (Maoísta) por meio dos seus boletins de informação (2007 – 2010)

Dissertação apresentada ao PPG em História da UFRGS como requisito para a conclusão do Curso de Mestrado em História, na linha de pesquisa Relações de Poder Político-institucionais.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Carla Brandalise

Porto Alegre

2015

CIP - Catalogação na Publicação

Ranzan, Mateus Campos

"Certamente venceremos o governo": a atuação do Partido Comunista da Índia (Maoísta) por meio dos seus boletins de informação (2007 - 2010) / Mateus Campos Ranzan. -- 2015.

174 f.

Orientadora: Carla Brandalise.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Índia. 2. Maoísmo. 3. Naxalismo. 4. História da Ásia. 5. História do Tempo Presente. I. Brandalise, Carla, orient. II. Título.

MATEUS CAMPOS RANZAN

“Certamente venceremos o governo”: a atuação do Partido Comunista da Índia (Maoísta) por meio dos seus boletins de informação (2007 – 2010)

Dissertação apresentada ao PPG em História da UFRGS como requisito para a conclusão do Curso de Mestrado em História, na linha de pesquisa Relações de Poder Político-institucionais.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Flavio Madureira Heinz – PPGCP UFPR

Prof. Dr. José Miguel Quedi Martins – PPGEI UFRGS

Prof. Dr. Luiz Dario Teixeira Ribeiro – Departamento de História UFRGS

Orientadora: Prof^ª. Dra. Carla Brandalise

Porto Alegre

2015

*Dedico este trabalho a todos
os inquietos que lutam
contra as injustiças sociais e
procuram transformar a
realidade que nos cerca.*

Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer à Universidade Federal do Rio Grande do Sul pela possibilidade de realizar o mestrado em História em um curso de qualidade, público e gratuito. Especialmente ao Programa de Pós-graduação em História por todo apoio e condições técnicas para o desenvolvimento de minha pesquisa. Gostaria de agradecer a CAPES pela bolsa de estudos concedida durante a realização dessa dissertação, essencial para a sua conclusão.

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Carla Brandalise pelas importantes sugestões, dicas e orientações fundamentais para a conclusão desse trabalho. Também gostaria de agradecer-lá por acompanhar minha trajetória acadêmica desde a época da graduação, sempre atenciosa e sugestiva.

Ao Prof. Dr. Luiz Dario Teixeira Ribeiro por recepcionar e iniciar um jovem graduando interessado em assuntos contemporâneos. Esse tema de pesquisa, que tanto me instiga, só foi possível graças ao apoio recebido do professor e da equipe do Nerint.

Ao Prof. Dr. José Miguel Quedi Martins, pelas palavras de incentivo ao pesquisar um tema tão “estranho” à academia brasileira e por importantes indicações de leituras. Ao Prof. Dr. Flávio Heinz, pelos importantes questionamentos levantados.

À minha família que sempre apoiou e acompanhou minha paixão pela História, mesmo em um país no qual o papel essencial do historiador, a sala de aula, seja tão defasado e esquecido. Aos meus irmãos, pelo tempo dispensado na leitura e críticas dessa dissertação.

À minha companheira “solidária” por acompanhar todas as dificuldades na realização da pesquisa, sempre com uma palavra de incentivo e apoio ao meu lado. Seu carinho e dedicação foram essenciais para a plena realização desse trabalho.

Gostaria de agradecer também a todos os amigos, colegas e professores que cruzaram meu caminho e colaboraram com livros, sugestões e críticas para o pleno desenvolvimento dessa pesquisa.

A todos, meu carinho e agradecimento!

RESUMO

Este trabalho tem como tema central a atuação do Partido Comunista da Índia (Maoísta) entre os anos de 2007 e 2010, quando este passou por um período de institucionalização e militarização, consolidando-se em termos de inserção popular nas regiões de Dandakaranya e Lalgah, qualificando seus métodos de combate armado ao Estado indiano. Fundado no ano de 2004, o PCI (Maoísta) é o maior expoente da guerrilha naxalista, um grupo de maoísta revolucionários que combatem o governo na Índia e chegou a ser considerado “a maior ameaça interna do país”, por isso o governo treinou e equipou diferentes forças paramilitares para combater os guerrilheiros. O trabalho está estruturado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, foi resgatada a história do comunismo no subcontinente indiano até a criação do movimento naxalista, destacando a trajetória dos maoístas revolucionários e as divergências entre os diferentes grupos surgidos durante os anos 1960 e 1970. No segundo capítulo, são analisados os *adivasis*, principal grupo social que compõe o Partido, além de revoltas instigadas e apoiadas pelos revoltosos. No terceiro capítulo, são investigadas algumas respostas organizadas pelas forças governamentais em nível estadual e do governo central com o objetivo de deter e derrotar os guerrilheiros. No quarto capítulo, são analisados os conceitos de partido, pois o próprio PCI (Maoísta) se reivindica enquanto partido político e de ideologia, explorada pelos naxalistas para divulgar seus ideais e construir sua rede de apoio.

Palavras-chave: Índia. Naxalismo. Maoísmo. História da Ásia. História do Tempo Presente.

ABSTRACT

This work is focused on operation of the Communist Party of India (Maoist) between the years 2007 and 2010, when it passed for a period of institutionalization and militarization, consolidating itself in terms of popular inclusion in the regions of Dandakaranya and Lalgah, qualifying their methods of armed combat to the Indian State. Founded in 2004, the CPI (Maoist) is the greatest exponent of the naxalite guerrilla, a group of revolutionary Maoist fighting the government in India and came to be considered “the greatest internal threat of the country”, so the government trained and equipped various paramilitary forces to combat the guerrillas. The work is divided into four chapters. In the first chapter was rescued the history of communism in the Indian subcontinent until the creation of naxalite movement, highlighting the history of the revolutionary Maoists and the differences between the different groups that emerged during the 1960s and 1970s. The second chapter analyses the adivasis, main social group that makes the Party, and riots instigated and supported by the rioters. The third chapter investigated some organized response by government forces at the state level and the central government in order to deter and defeat the guerrillas. In the fourth chapter analyses the party concepts, because the CPI (Maoist) itself is claimed as a political party and ideology, exploited by Naxalite to publicize their ideas and build your support network.

Keywords: India. Naxalism. Maoism. History of Asia. History of the Present Time.

LISTA DE ABREVIATURAS

- ACHR – *Asian Center for Human Rights*
- AICCCR – *All India Coordination Committee of Communist Revolutionaries*
- AOBSZ – *Andhra-Odisha Border Special Zone*
- AR – *Annual Report (Ministry of Home Affairs)*
- BBC – *British Broadcasting Corporation*
- BJP – *Bharatiya Janata Party*
- BSF – *Border Security Force*
- CoBRA – *Commando Battalion for Resolute Action*
- CPCAP – *Comitê Popular Contra as Atrocidades Policiais*
- CPM – *Partido Comunista da Índia (Marxista) (Communist Party of India (Marxist))*
- CPI (M-L) – *Communist Party of India (Marxist-Leninist)*
- CRPF – *Central Reserve Police Force*
- DCEAA - *Development Challenges in Extremist Affected Areas*
- DKSZC – *Dandakaranya Special Zone Committee*
- ICAWPI – *International Campaign Against War on the People in India*
- KAMS – *Krantikari Adivasi Mahila Sangatha*
- MCC – *Maoist Communist Center*
- MCCI – *Maoist Communist Center of India*
- MHA – *Ministry of Home Affairs*
- MIB – *Maoist Information Bulletin*
- OGH – *Operação Green Hunt*
- PCI – *Partido Comunista da Índia*
- PCI (M-L) Liberação – *Partido Comunista da Índia (Marxista – Leninista) Liberação*
- PCI (Maoísta) – *Partido Comunista da Índia (Maoísta)*
- PDFI – *People’s Democratic Front of India (Frente Popular Democrática da Índia)*
- PLGA – *Peoples Liberation Guerrilla Army*
- PUDR – *Peoples Union for Democratic Rights*
- PWG – *Peoples War Group*
- PW – *Peoples War*
- SAARC – *South Asian Association for Regional Cooperation*
- SJ – *Salwa Judum*
- SPO – *Special Police Officers*

TOI – *Times of India*

UAPA – *Unlawful Activities (Prevention) Act*

WBHDR – *West Bengal Human Development Report*

ZEE – *Zona Econômica Especial (Special Economic Zone)*

Sumário

Introdução:	13
Capítulo 1. História do movimento naxalista	31
1.1 – A Gênese Naxalista (1967-75).....	36
1.1.1 – Início da revolta camponesa de Naxalbari (1967-68)	37
1.1.2 – Recuos na área rural e o avanço para as áreas urbanas (1969-1975).....	42
1.2 – A briga pelo poder (1975-1990).....	47
1.2.1 – A defesa da “correção de curso”.....	48
1.2.2 – People’s War (PW).....	49
1.2.3 – Maoist Communist Centre	50
1.3 – O ressurgimento do movimento naxalista (1995- dias atuais)	52
1.4 – Conclusão	55
Capítulo 2. O Partido Comunista da Índia (Maoísta).....	58
2.1 – Congresso Unificado do PCI (Maoísta) em 2007.....	66
2.2 – Os <i>adivasis</i>	70
2.2.1 – Leis relativas aos indígenas.....	74
2.3 – A revolta popular de Lalgarh, em Bengala Ocidental (2008)	77
2.3.1 – O caso de Lalgarh: diferentes visões de um mesmo acontecimento	79
2.3.2 – Operação Lalgarh	85
2.4 – O caso de Dandakaranya.....	90
2.4.1 – Os Naxalistas e a resistência indígena	93
2.4.2 – As empresas e o governo.....	97
2.5 – Conclusão	100
Capítulo 3. Resposta Estatal	102
3.1 – Greyhounds de Andhra Pradesh.....	111
3.2 – <i>Salwa Judum</i> em Chhattisgarh.....	112
3.3 – CoBRA	118
3.4 – Operação Green Hunt	119
3.5 – Conclusão	123
Capítulo 4: a Organização do Partido e sua Ideologia:	126
4.1 – O Partido.....	129
4.1.1 – Organização de massas	139
4.1.2 – People’s Liberation Guerrilla Army (PLGA).....	144
4.2 – Ideologia	150

4.3 – Conclusão	160
Considerações Finais	163
BIBLIOGRAFIA	166
ANEXO I – Mapa político da Índia	173
ANEXO II – Mapa político de Bengala Ocidental	174
ANEXO III – Distribuição dos distritos com presença naxalista	175

Introdução:

Este trabalho irá estudar a atuação do Partido Comunista da Índia (Maoísta) – PCI (Maoísta)¹ – no período entre 2007 e 2010, quando esse passou por um processo de institucionalização e militarização, consolidando-se em termos de inserção popular nas regiões de Dandakaranya², que ocupa áreas de quatro estados indianos diferentes e Lalgarh³, em Bengala Ocidental⁴. Tal recorte cronológico se deve ao fato de, entre janeiro e fevereiro de 2007 o PCI (Maoísta) ter conseguido realizar com sucesso o 9º Congresso do Partido⁵, procurando unificar o programa político das diferentes organizações maoístas que atuam na Índia. Esse congresso não era realizado há 36 anos, mostrando o esforço dos guerrilheiros para diminuir suas diferenças e aumentar o diálogo entre os grupos (CHAKRABARTY; KUJUR, 2010: 38). Além disso, entre 2009 e 2010 o Partido conseguiu realizar diversas agitações nas regiões em que sua força é predominante, consolidando o *Janata Sarkar* (Governo do Povo), ou seja, um governo paralelo ao Estado indiano. Entretanto, no fim de 2010 essas agitações começam a perder força devido às operações antinaxalistas planejadas pelo governo, em especial a Operação Green Hunt⁶, lançada em novembro de 2009.

Esta trajetória do Partido aparece nos seus boletins de informação, que serão aqui analisados enquanto fontes privilegiadas desta pesquisa. Neles está delineado o contexto político-social das suas lutas e as teorias que fundamentam sua opção revolucionária. Neste quadro, em relação ao Partido, pretende-se investigar três pontos específicos: como o partido esboçou seus ideais político-ideológicos para conquistar

¹ Com o intuito de tornar o texto mais dinâmico e também para aproximar-se da terminologia utilizada pela bibliografia especializada, sempre que possível, será utilizada a forma abreviada do Partido Comunista da Índia (Maoísta).

² Essa área inclui os distritos de Bastar, Dantewada e Kanker, ao sul do estado de Chhattisgarh; Gadchiroli e Chandrapur em Maharashtra; Koraput e Malkangiri em Orissa; Adilabad, Karimnagar, Khammam e Godavari Oriental no estado de Andhra Pradesh, sendo referida pelos naxalistas como Zona Especial de Dandakaranya. (RAMACHANDRAN, 2011:18).

³ Conforme apresentado no artigo do historiador Amit BHATTACHARYYA (2010), Disponível em: <<http://southasiarev.wordpress.com/2010/01/02/amit-bhattacharyya-on-the-historic-importance-of-the-lalgarh-movement/>>, acessado em 02.dez.2011.

⁴ O Anexo I apresenta um mapa político atualizado da Índia.

⁵ Apesar do PCI (Maoísta) ser uma organização relativamente nova, reivindica que sua história está diretamente relacionada com a trajetória do Partido Comunista da Índia (Marxista-Leninista), criado em 1967, por isso esse congresso foi considerado o 9º Congresso do Partido. O PCI (Maoísta) é atualmente a organização maoísta mais forte dentro da Índia, contudo, existem diversos outros grupos que também se reivindicam maoístas revolucionários.

⁶ Essa operação consiste no envio de mais de 50 mil soldados treinados especialmente para combater os naxalistas em cinco estados diferentes (Bengala Ocidental, Jharkhand, Bihar, Orissa e Chhattisgarh), disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/news/10453627>>, acessado em 20.jun.2012. Contudo, é importante frisar, os maoístas continuam ativos em todos esses estados, ainda que atuem com maior cautela, especialmente após a perda de importantes lideranças do grupo.

adeptos, quais as estratégias utilizadas para expandir sua rede de apoio e como os guerrilheiros se organizam prática e taticamente.

Fundado no ano de 2004⁷, este partido reúne um grupo de militantes que, ao mesmo tempo, nega a via eleitoral como forma de alcançar o poder estatal e utiliza a luta armada como meio para tentar mudar profundamente a realidade política e social da Índia. Entre as influências teóricas que inspiram os guerrilheiros destacam-se, sobretudo, as teses de Charu Majumdar⁸ e os pensamentos de Mao Tse-Tung⁹. Além dessa base teórica, o PCI (Maoísta) também recebe influências de experiências históricas como a Revolução Chinesa e conflitos anteriores específicos da Índia, os quais serão apresentados nesta pesquisa. O Partido justifica a sua atuação criticando a formação histórica do país e aproveita-se da multiculturalidade da região para conquistar o apoio popular nas áreas onde atua.

A Índia vem consolidando o seu espaço no cenário internacional, tanto pelo seu crescimento econômico, quanto pelo fato de representar a maior democracia do planeta. Contudo, foi local de diversas revoltas camponesas ao longo dos séculos XIX e XX, a maioria de caráter econômico-social, sejam devido às péssimas condições de vida as quais eram submetidos os camponeses¹⁰, sejam devido aos abusivos impostos cobrados pelos ingleses e seus colaboradores durante o período colonial¹¹.

Muitas dessas insurreições foram eficientemente sufocadas pelo Estado, acabando com os revoltosos e suas aspirações. Porém, outras geraram grupos insurgentes que até hoje enfrentam o poder do Estado¹², fazendo reivindicações por maior autonomia, liberdade religiosa, entre outras. Os naxalistas¹³ constituem uma

⁷ COMMUNIST PARTY OF INDIA (MAOIST) CENTRAL COMMITTEE (PROVISIONAL). Disponível em: <<http://www.bannedthought.net/India/CPI-Maoist-Docs/Statements/PressStatementOnMerger.htm>>, acessado em 10.abr.2010. O Partido foi fundado em 21 de setembro, mas a nota para a imprensa somente foi divulgada em 14 de outubro.

⁸ Líder histórico dos maoístas revolucionários e principal ideólogo do movimento, escreveu as “*Oito Teses*” (1965-66), documentos que se tornaram as primeiras bases teóricas-ideológicas da guerrilha. Suas teses estão disponíveis em: <<http://ajadhind.wordpress.com/historic-documents-charu-mazumdar/>>, acessado em 23.ago.2010.

⁹ Uma série de documentos escritos por Mao, tais como “*On Protracted War*” (1937) e “*On Guerrilla Warfare*” (1938) estão disponíveis em: <<http://www.marxists.org/reference/archive/mao/index.htm>>, acessado em 23.ago.2010.

¹⁰ “El campesino indio, a lo largo de los últimos doscientos años, no se ha comportado de una manera tan dócil como hasta hace poco se había venido creyendo.” (MOORE JR, 2002: 538).

¹¹ FLAVONI (2003: 100) cita que foram relacionadas 77 episódios de insurreição no campo entre o fim do império mogol, em meados do século XIX, e a independência do país em 1947.

¹² Conforme o site South Asian Terrorism Portal, existem na Índia mais de 200 grupos guerrilheiros. Disponível em: <<http://www.satp.org/satporgetp/countries/india/terroristoutfits/index.html>>, acessado em 16.ago.2011.

¹³ Na Índia, os maoístas revolucionários são amplamente denominados como naxalistas, sendo que os termos são intercambiáveis.

guerrilha que há quase cinco décadas enfrenta o governo indiano e este, até o momento, mostrou-se incapaz de sufoca-la.

A fundação do Partido Comunista da Índia (Maoísta) representa um marco na trajetória naxalista, pois foi resultado direto das negociações entre os dois principais grupos insurgentes (SINGH, 2008: 188) que atuam há muitos anos no país: o People's War (PW) e o Maoist Communist Centre of India (MCCI). Da união desses partidos formou-se o maior grupo da guerrilha naxalista em atividade na atualidade. O PCI (Maoísta) é responsável pelo “renascimento naxalista” (BANERJEE, 2009: 265), transformando a realidade social no centro do país. As zonas de florestas tornaram-se verdadeiros campos de batalhas e comprimem os povos tribais nativos da região, entre o governo e os maoístas¹⁴.

Em discurso ministerial, a guerrilha chegou a ser apontada pelo então primeiro ministro indiano Manmohan Singh, como o maior problema interno da Índia (GOUVEMEUR, 2007: 1). Dessa forma, o exército indiano já treinou e equipou diversas divisões especiais, com o exclusivo objetivo de derrotar os naxalistas, além de ter criado projetos específicos para áreas afetadas pela guerrilha¹⁵, mas não obteve sucesso em seu extermínio. Atualmente eles atuam em 15 dos 28 estados indianos¹⁶, espalhando-se pela área central do país, denominado de “Corredor Vermelho”¹⁷ e estima-se que existam pelo menos 15 mil militantes¹⁸ somente no PCI (Maoísta).

Segundo o relatório anual do Ministério de Assuntos Internos, o Partido é responsável por 90% das atividades dos grupos de extrema esquerda que atuam na Índia. Conforme este mesmo relatório, tais grupos:

[...] operam no vácuo criado pelas funções inadequadas das estruturas governamentais de campo, defendem demandas locais e se aproveitam da insatisfação prevalecente e dos sentimentos de abandono e injustiça

¹⁴Para mais informações sobre a teoria “sanduíche” ver: D’SOUZA, Radha (2010).

¹⁵ Megha Bahree (2010) destaca a Operação *Salwa Judum* que permitiu a criação de milícias camponesas para contra atacar os naxalistas. Além disso, em novembro de 2009 o Governo lançou a Operação Green Hunt.

¹⁶Akanksha Mehta (2010) e Megha Bahree (2010) citam a presença maoísta em 20 estados.

¹⁷ Esta área se estende entre os estados de Bengala Ocidental, Bihar, Jharkhand, Chhattisgarh, Madhya Pradesh, Orissa e Karnataka, passando por florestas e montanhas ricas em recursos naturais, tais como ferro, carvão, bauxita, ouro e diamantes. O estado de Chhattisgarh é sem dúvida o mais afetado, 80% da sua população é formada por adivasis, ou povos tribais, considerados excluídos dentro do sistema de castas. Disponível em: *The Naxalite Problem of India* <<http://www.competitionmaster.com/ArticleDetail.aspx?ID=2473333f-24e3-48b7-b307-7ee00adda69c>>, acessado em 23.mar.2010. Um mapa das regiões com a presença dos naxalistas está disponível no Anexo III, destacando o “Corredor Vermelho”.

¹⁸Gautam Navlakha (2006: 2187) cita 75 mil naxalistas; Singh (2006: 211) estima em 9.300 militantes; Joseph Flavian Gomes (2011: 8) calcula entre 10 e 20 mil guerrilheiros.

percebidos entre os segmentos desprivilegiados e remotos da população. (AR, 10/11: 20).

Para compreender os naxalistas é preciso analisar a história indiana que está intrinsecamente relacionada com o processo de expansão imperialista do século XVIII, quando os ingleses dominaram algumas regiões da Ásia e passaram a administrá-las por meio da Companhia das Índias Orientais. O subcontinente era uma região diversificada, formada por uma ampla variedade de reinos e principados, dotados de cultura e línguas próprias. Segundo K.M. Panikkar, o Império Marata, localizado na parte central da Índia atual, era a única formação coerente, e prossegue:

O resto do país encontrava-se em mãos de diferentes chefes militares mogóis. O Decão era empolgado por um desses vice-reis desleais e ambiciosos, Asaf Jah, que devia seu trono de Haiderabad (...). O Carnático, província mogol ao sul do Decão, que de direito se estendia até o cabo Comorino, onde, no entanto os mogóis jamais haviam exercido qualquer autoridade, era comandado por uma nababo que pretendia administrar sua província de sua residência em Arkot; (...). Finalmente, o rico e fértil Bengala era, em meados do século XVIII, governado por Aliverdi Cã, príncipe esclarecido que conquistara mais ou menos sua independência. (PANIKKAR, 1977: 100).

Os grandes proprietários de terras conseguiam ampliar suas influências nas regiões de conflito entre a companhia estrangeira e os poderes locais, tornando algumas áreas consideravelmente instáveis. Valendo-se dessa diversificação, a Inglaterra conseguiu dominar politicamente a região, ora utilizando a força, ora fazendo alianças com alguns governos locais. Como resultado, a submissão econômica era total. Os ingleses escolhiam os produtos a serem plantados e exploravam as riquezas da terra, revertendo os enormes lucros para a metrópole. Um dos principais responsáveis por esse processo foi Lord Wellesley, Governador Geral da Índia entre 1798 e 1805, período em que diminuiu a influência francesa no subcontinente. Segundo METCALF:

Estimulado por una nueva visión en la que el Imperio Británico abarca todo el subcontinente, Wellesley inauguró una actividade militar de 20 años que en 1818 había convertido a la Compañia en dueña de la India. Como complemento a la conquista por las armas de Wellesley se creó un entusiasmo imperial agresivo. (2003: 96).

Deste período, é importante destacar o sistema de *Zamidar*¹⁹ difundido pelos imperialistas, no qual o tradicional sistema de propriedade comunal das terras foi substituído por uma classe de proprietários rurais e agiotas que intermediavam e arrendavam as terras aos camponeses. Desta forma, era possível para a Cia. das Índias Orientais cobrar impostos sobre o uso da terra. Apesar de oficialmente abolido em diversos estados após a independência, os latifundiários foram muitos hábeis em ludibriar a efetividade das leis. Os resquícios deste sistema são um dos principais responsáveis pelo crônico problema agrário indiano na atualidade²⁰.

A situação política da Índia era de extrema complexidade, culminando com o Grande Motim²¹, também conhecido como Primeira Guerra de Independência, em 1857. Essa revolta aconteceu por causa da grande exploração a que estavam sujeitos os indianos pela Cia. das Índias Orientais, sendo que os próprios funcionários da Cia. rebelaram-se²² contra ela. Contudo, a revolta não foi inteiramente popular, pois era manipulada pelas antigas classes dirigentes, em uma última tentativa de voltarem ao poder²³. Após mais de um ano de conflito, os revoltosos foram controlados, a Cia. foi extinta pela coroa britânica que passou a administrar diretamente a Índia, constituindo um vice-reinado, também chamado de Raj. Apesar de não ter sido bem sucedida, essa revolta é significativa para a história indiana, servindo de base e inspiração para as reivindicações sociais e econômicas de outros conflitos.

Após sufocar o motim, a autoridade britânica não esteve mais seriamente ameaçada²⁴ até a independência da Índia em 1947. A fundação do Partido do

¹⁹ APPU (1974: 70) descreve como o ultrapassado sistema de Zamidar serviu para que as classes dominantes consolidassem seu poder político e impedissem uma reforma agrária mais profunda na Índia pós-independência. Para Barrington Moore Jr. (2002: 493): “El gobernador-general británico Lord Cornwallis vio en el *zamindar* un ejemplar social capaz de convertirse en un terrateniente emprendedor del tipo inglés nel campo e crearía una agricultura próspera [...]”.

²⁰ Conforme MUKHERJEE (2007: 41), o sistema de Zamidar manteve o trabalho casual, privando os trabalhadores rurais de uma renda fixa, além de cobrar taxas para o arrendamento das plantações de chá. Segundo EN Rammohan, legislações chegaram a ser aprovadas, mas nunca foram efetivadas (MIB 18, 2010: 57).

²¹ William Forbes-Mitchell (s/d) faz um interessante relato da conjuntura dos acontecimentos e de suas consequências para os indianos.

²² Os empregados da Cia. das Índias Orientais ficaram indignados ao saber que estavam mordendo cartuchos de papel, envoltos nas munições de seus rifles, que haviam sido lubrificadas com gordura animal, mais especificamente de vaca e de porco. Isso é contra as crenças religiosas dos hindus e muçulmanos, respectivamente. Além disso, para os soldados isso mostrava o grande descaso cultural dos ingleses com relação aos seus costumes e da colônia.

²³ Para mais informações ver: K. M. Panikkar, 1977, p. 145; Jean Chesneaux, 1976, p. 86.

²⁴ Barrington Moore Jr (2002: 504) considera o período entre 1857 e 1947 como de “Pax Britannica”, com amplo favorecimento para as classes privilegiadas da Índia; K. M. Panikkar (1977: 145) concorda que a autoridade inglesa não fora ameaçada pelo menos até 1919, quando realizou as reformas Montagu-Chelmsford, concedendo certa independência financeira para a Índia.

Congresso, em 1885, a formação da Liga Muçulmana em 1906 e o movimento pacifista comandado por Gandhi, principalmente entre os anos 30 e 40, foram as principais vozes dissidentes dentro da Índia, ainda que extremamente cautelosas. Após 1947, o Estado Indiano passou a enfrentar uma série de movimentos de resistência que reivindicavam maior autonomia e direitos²⁵. Como parte desses movimentos encontra-se a “guerrilha naxalista”, que engloba todos os grupos²⁶ de tendência maoísta em atuação na Índia.

Em termos teórico-metodológicos, descrever os usos práticos e políticos realizados pelos revoltosos dos pensamentos de Mao ajuda a compreender a argumentação dos guerrilheiros; portanto, pretende-se trabalhar com os textos elaborados pelo comandante chinês que expliquem suas teorias da “Guerra popular prolongada” e da “Nova Revolução Democrática”, para enfim mapear a incidência do maoísmo na Índia. No momento de fundação do PCI (Maoísta), foi lançado um documento afirmando a importância das ideias de Mao para os naxalistas. Conforme esse documento, o maoísmo é o estágio mais avançado do marxismo:

Como o foco deste documento é o Maoísmo, os princípios básicos do Marxismo e Leninismo são tratados aqui brevemente como introdutórios para mostrar a fundação do Marxismo-Leninismo. O camarada Mao Tsé-Tung não só se baseou firmemente nesses fundamentos, mas também herdou, defendeu e desenvolveu isso para uma nova fase, terceira e qualitativamente superior (HOLD HIGH THE BRIGHT RED BANNER OF MARXISM-LENINISM-MAOISM, 2004: 7).

Além dos pensamentos de Mao, os revoltosos buscam inspiração nas ideias de Charu Majumdar, o principal ideólogo do movimento e considerado o guru naxalista (KIJUR, 2008: 3), sendo um dos grandes responsáveis pela proporção que o movimento ganhou nas décadas de 1960-70. Em suas teses (nota 8) Majumdar defendia que os verdadeiros comunistas são os revolucionários, que não praticam o revisionismo das teorias de Marx e Lenin, optando assim, pela luta armada como única forma de

²⁵ Conforme FLAVONI (2003: 28-29) e METCALF (2003: 264) existiam 565 estados principescos que, após o fim dos acordos com a Inglaterra, deveriam decidir sua anexação entre Índia ou Paquistão. Nem todos tomaram essa decisão de maneira pacífica, como foram os casos de Junagadh, Hyderabad e da Cachemira. Além disso, existia a questão referente às possessões das outras potências europeias na região.

²⁶ A primeira organização naxalista criada foi o Partido Comunista da Índia (Marxista-Leninista), em 1969, liderado por Charu Majumdar; também em 1969 foi criado o Maoist Communist Center, cujas lideranças não concordavam com as ideias Majumdar; em 1974 foi criado o Partido Comunista da Índia (Marxista-Leninista) Liberação, que pretendia fazer uma “correção de curso” das táticas naxalistas, aceitando participar do processo eleitoral em 1976; em 1980 Seetharamaiah, influente liderança do estado de Andhra Pradesh criou o People’s War Group. Essas foram as organizações mais influentes na trajetória naxalista e serão melhor exploradas no primeiro capítulo. Existem muitos outros grupos que também se reivindicam maoístas revolucionários, porém exercem menor influência em âmbito nacional.

combater as forças coloniais que, em aliança com a grande burguesia nacional, subjogavam o povo indiano. Para tanto, defendia o “aniquilamento” dos inimigos de classe, além de ser contrário a participação em sindicatos ou cooperativas, pois acreditava que essas medidas retiravam o foco do partido revolucionário de organizar a luta armada clandestina contra o Estado opressor. Ainda que mantenha a linha do “aniquilamento” dos inimigos de classe defendida por Majumdar, o PCI (Maoísta) acredita ser importante ampliar seu diálogo com a sociedade indiana por meio de organizações de massas, pois “A maioria dos trabalhadores organizados estão em vários sindicatos pertencentes aos partidos das classes dominantes e outros partidos revisionistas” (STRATEGY&TACTICS OF THE INDIAN REVOLUTION, 2004: 114). Portanto, é necessário ocupar esses espaços para atrair esses trabalhadores para a esfera de influência do Partido, colocando-os assim sob sua liderança.

Esta pesquisa trabalha com o conceito de ideologia, pois é fundamental para compreender os naxalistas; e de partidos políticos, porque os próprios guerrilheiros se autodenominam um partido. Tais pressupostos são essenciais para a fundamentação teórica e metodológica deste trabalho. Os conceitos aqui introduzidos serão explorados durante os capítulos, quando analisada a atuação do Partido, sua organização e seus ideais políticos ideológicos.

O termo ideologia possui uma ampla variedade de interpretações, resultado de variados estudos sobre o tema, além de uma forte carga semântica, dado aos usos doutrinários do conceito. Muitos autores renomados dedicaram-se a escrever sobre este assunto, por isso esta pesquisa acerca-se de estudiosos que vão advogar a habilidade teórica diretamente ligada a sua capacidade operacional. Em uma tentativa de “[...] determinar o que há de valioso em cada uma delas (*concepções de ideologia*) e o que pode ser descartado” EAGLETON (1997: 15) ressalta uma série de significados, julgados pelo autor, como pertinentes para definir ideologia. Entre esses significados destaca: “1) conjunto de crenças orientadas para a ação” (idem).

Para Rabrinda RAY, professor de sociologia na Universidade de Nova Délhi, é importante a investigação do discurso ideológico dos naxalistas como forma de conscientização, destacando a conexão existente entre matéria e ideia. Segundo RAY (2013: 12): “O problema, com certeza, é como a ação está relacionada a ideias. Como um princípio, é certo, pode ser dito que as ações não fluem das ideias [...] embora esteja relacionada com elas”. Nesse mesmo sentido, os naxalistas acreditam que somente através do salto da teoria para a prática é possível chegar a “verdade revolucionária”

para derrotar o inimigo (MIB 16, 2010: 12). Dessa forma, os naxalistas estão defendendo um pensamento de Mao, destacando a importância de relacionar a teoria e prática:

Todos aqueles que têm de realizar trabalhos práticos devem proceder a investigação na base. Tais investigações tornam-se especialmente necessárias para aqueles que possuem um saber teórico mas não conhecem a situação real; a não ser assim, eles serão incapazes de ligar a teoria com a prática. [...] Com toda razão Stálin afirmava que “a teoria deixa de ter sentido se não está ligada a prática revolucionária”. (MAO, 2004: 162)

Contudo, muito além do seu uso enquanto uma concepção instrumental, RAY destaca a importância de ampliar a percepção de ideologia também no campo político, especialmente para marcar as diferenças entre os comunistas tradicionais e os maoístas revolucionários. Existe um conflito de interesses diretamente relacionado com a concepção marxista de “classes”, pois o PCI e o CPM defendem um discurso de mudança por via parlamentar, enquanto o PCI (Maoísta) constrói a via revolucionária, por entender ser impossível uma conciliação na atual conjuntura indiana.

Seguindo nesta mesma linha, esta pesquisa se aproxima da interpretação proposta por Carl J. Friedrich, para quem ideologias são ideias conectadas com a ação, além de garantir a união de um grupo para a manutenção da luta política, seja para se manter no poder, seja para mudar a ordem vigente (FRIEDRICH, 1970). Neste caso, as ideias revolucionárias são colocadas em prática para mudar o sistema no qual a Índia está inserida.

O autor ainda destaca que “[...] o processo de ‘ideologização’ prevalecente em várias políticas ainda está indo para frente em um ritmo rápido, como as tradicionais noções convencionais são transformadas em programas de ação de um movimento particular, grupo ou partido” (FRIEDRICH; BRZEZINSKI, 1966: 85). Por isso, esta pesquisa corrobora a ideia de que vivemos uma nova fase, para além da chamada era do “declínio das ideologias²⁷” segundo o qual as ideologias extremistas se encontram em declínio e estaríamos vivendo em um período de consenso entorno de um Estado providenciário, devido aos avanços socioeconômicos da sociedade capitalista. Este modelo, vitorioso nos anos 80 e 90, encontra-se em crise, promovendo a volta de extremismos tanto de direita, quanto de esquerda. O objeto de estudo desta pesquisa é

²⁷ Mais informações ver: Norberto Bobbio (2004); Joana El-jack Andrade e Alexandre Garrido da Silva (2003); Terry Eagleton (1997).

um grupo que se utiliza de uma ideologia extremista para justificar sua ação e, no presente momento, se encontra em plena ascensão na Índia (SRIVASTAVA, 2009).

Corroborando com a ideia do conceito relacionada à prática, Slavoj Žižek também considera possível que ideologia seja um conjunto de crenças voltadas para a ação (2010: 20). RAY (2013: 207) também compartilha essa opinião, ao afirmar: “Quando trabalhamos com os textos naxalistas estamos claramente lidando com uma Ideologia – com um sistema de ideias designado para dar sentido a atividade humana”. Entretanto, Žižek não restringe ideologia somente a essa questão, relacionando o conceito com os Aparelhos Ideológicos do Estado, instituições responsáveis por uma determinada disseminação ideológica. Além disso, também relaciona o conceito com a ideia de auto dispersão, consistindo em um modo analítico que tende a relativizar o alcance de uma ideologia entre indivíduos, argumentando que um processo ideológico pode ou não ser determinante para um grupo específico. Segundo ŽIŽEK:

“Ideologia” pode significar qualquer coisa, desde uma atitude contemplativa que desconhece sua dependência em relação à realidade social, até um conjunto de crenças voltado para a ação; desde o meio essencial em que os indivíduos vivenciam suas relações com uma estrutura social até as ideias falsas que legitimam um poder político dominante (2010: 9).

Dentro dos estudos marxistas, Gramsci liga este conceito a questões políticas, rompendo com a concepção de ideologia como um simples reflexo das relações econômicas, ou ainda, sua ênfase somente no caráter social (RAY, 2013: 34). Nesse sentido, Gramsci combate a influência das ideias dominantes sobre parte do movimento operário e “recoloca toda questão da ideologia em relação ao nível político” (HALL, LUMEY, McLENNAN, 1983: 69).

Conforme Gramsci, as ideologias têm como base as realidades materiais nas quais são concebidas e elas são validadas a partir da mobilização que são capazes de gerar. Essa mobilização está intrinsecamente ligada às forças materiais, isto é, ao seu conteúdo. Portanto, “[...] as ideologias seriam fantasias sem as forças materiais” (GRAMSCI, 2006: 238), pois é necessário fazer a análise prático-social que consolida um bloco dirigente e outro dominado. O autor não trata esse conceito isoladamente, mas o relaciona com “hegemonia”, “intelectuais”, “senso comum” e como eles interagem com o equilíbrio das forças dentro de uma conjuntura específica. Assim, os naxalistas se utilizam deste mecanismo (ideologia) como uma forma de se inserir entre as classes

dominadas, tentando fazer um “despertar” para as reais causas de miséria na qual a maior parte da população se encontra²⁸.

Esse “despertar” ocorre na medida em que os militantes tomam sua consciência de classe atuando por meio do Partido e seu Exército contra o Estado opressor. Nesse sentido, a organização é responsável por mostrar as contradições existentes na sociedade indiana e mobilizar:

[...] grandes seções de massas contra o crescimento desenfreado do imperialismo no país, contra o estado repressor, junto com o suporte de todos os movimentos contra o imperialismo e o feudalismo. Isso será feito em adição a tarefa central de fortalecer a guerra popular no interior do país. Tal unidade é inconciliável sem expor e isolar a liderança dos revisionistas de todos os matizes e ONGs de países imperialistas atuando no país e conquistando sua classificação e arquivo (POLITICAL RESOLUTIONS, 2004: 67).

Nas concepções teóricas que buscam definir partidos políticos, podemos relacionar o PCI (Maoísta) com alguns elementos, viáveis para esse partido, mas não para categorizar outros tipos de partidos. Dessa forma, ao investigar o conceito, esse estudo se aproximou das ideias desenvolvidas por Serge BERSTEIN, que considera: “[...] um partido é antes de tudo uma reunião de homens em torno de um objetivo comum” (1996: 72) e, para sustentar essa união, a ideologia é apontada como coluna vertebral do partido. De acordo com o programa dos naxalistas: “O Partido Comunista da Índia (Maoísta) é a vanguarda política consolidada do proletariado indiano. Marxismo-Leninismo-Maoísmo é a base ideológica guiando seus pensamentos em todas as esferas de atividades” (PARTY PROGRAM, 2004). Portanto, o partido assume um papel aglutinador da vanguarda do proletariado indiano, enquanto a ideologia maoísta serve como instrumento norteador para suas práticas.

Para Berstein o objetivo dos partidos, normalmente, é a aspiração ao poder estatal e, desta maneira, fazer com que ele trabalhe para o objetivo partidário. O PCI (Maoísta) é uma organização que corrobora com essa ideia, pois seus militantes são orientados a agir de acordo com as determinações gerais do seu Comitê Central, além de ambicionar a conquista do Estado para a consolidação da sua “Nova Democracia”.

Ao tratar as questões referentes à fundação de um partido, Robert Michels propõe que isso envolve, em muitos casos, “[...] o princípio da maioria, e é fundado sempre com o princípio das massas. O resultado disso é que o partido da aristocracia

²⁸Sobre a situação dos camponeses na Índia ver: Michel Choussudovsky(1999: 128) e P. Sainath, (2007).

tem inegavelmente perdido os princípios da aristocracia puritana” (MICHELS, 2001: 8), ou seja, o partido é um instrumento de massas, onde a maioria deve determinar os rumos a serem seguidos por essa organização. Nesse sentido, o PCI (Maoísta) se reivindica enquanto um partido de massas, que guia o povo para a revolução. Todavia, é uma organização hierárquica, na qual as tomadas de decisões são realizadas em reuniões do Comitê Central. “É somente o Comitê Central que deve ter o direito de tomar decisões em assuntos domésticos e internacionais. Decisões em vários níveis sobre assuntos e problemas locais devem ser levados para os respectivos comitês, não podendo ser contrários a decisões tomadas em comitês superiores” (PARTY PROGRAM, 2004).

Em outra perspectiva, para Maurice Duverger um partido pode nascer de duas maneiras: uma parlamentar, com membros que já exercem práticas políticas no parlamento; e outra de origem externa, quando “[...] um partido é essencialmente estabelecido por uma instituição pré-existente, cuja própria atividade se situa fora das eleições e do parlamento: pode-se, portanto, falar adequadamente de criação exterior” (DUVERGER, 1970: 26). Nessa lógica, como os naxalistas renegam a prática parlamentar, é possível considerar o PCI (Maoísta) como um partido de criação exterior, cujos membros, em especial suas lideranças, já participavam de sindicatos ou associações visando à melhoria das condições de vida dos grupos explorados dentro da Índia. Em termos organizacionais, o Partido pode ser considerado um partido de massas em sentido clássico, uma vez que visa à qualificação e formação moral dos seus militantes dentro da ideologia defendida pela organização. Contudo, Duverger não explora a noção de partido revolucionário, que não participa das eleições e busca a tomada do poder estatal por meio da luta armada contra o Estado estabelecido.

Por ser um partido ilegal e revolucionário, é pertinente levar em consideração as proposições de Georg Lukács a respeito da teoria e prática partidária. O autor chama atenção para o partido não se iludir com o “romantismo” da ilegalidade e nem considerar que toda legalidade seja “oportunista”, sendo necessária uma análise séria e realista da situação concreta da sociedade antes de decidir qual a melhor estratégia da luta revolucionária, evitando assim, a “doença infantil” do movimento comunista. Nesse sentido:

O proletariado russo conduziu sua revolução vitoriosamente não porque circunstâncias felizes colocaram o poder em suas mãos (...), mas porque ganhou forças em longas lutas ilegais, compreendeu claramente a essência do

Estado capitalista e ajustou suas ações a realidade efetiva e não a ilusões ideológicas (LUKÁCS, 2003: 487).

Corroborando com essa perspectiva, Lenin ainda alerta sobre a importância da reflexão crítica do momento histórico:

O boicote dos bolcheviques ao “parlamento” em 1905, enriqueceu o proletariado revolucionário com uma experiência política extraordinariamente preciosa, mostrando que, na combinação das formas de luta legais e ilegais, parlamentares e extraparlamentares, é, às vezes, conveniente e obrigatório saber renunciar as formas parlamentares. Mas transportar cegamente, por simples imitação, sem espírito crítico, com essa experiência a outras condições, a outra situação, é o maior dos erros. O que já constituía um erro, embora pequeno e facilmente corrigível, foi o boicote dos bolcheviques a Duma em 1906. Os boicotes de 1907 e 1908 e dos anos seguintes foram erros muito mais sérios e dificilmente reparáveis, pois, de um lado não era acertado esperar que a onda revolucionária se reerguesse com muita rapidez e se transformasse em insurreição [...] impunha a necessidade de combinar o trabalho legal com o ilegal. (LENIN, 1920: 10)

Ganapathy, secretário geral do PCI (Maoísta), conecta a ilegalidade com a luta armada revolucionária e realiza a seguinte reflexão referente a essa questão:

A questão da luta armada ou da luta não violenta não é baseada em fatores subjetivos ou desejos de nenhum indivíduo ou Partido. Isso independe de um desejo pessoal. É uma lei corroborada por toda experiência histórica. É um fato histórico que em nenhum lugar do mundo, nenhum lugar na história de desenvolvimento da sociedade de classes, a classe reacionária desistiu do poder sem recorrer à supressão violenta de protestos, sem resistência violenta visando manter-se agarrados ao poder até que sejam expulsos pela força²⁹

Assim sendo, Ganapathy defende que a luta armada revolucionária não é uma ilusão ideológica, mas a única saída possível para a Índia na sua atual conjuntura de país “semicolonial” e “semifeudal”, pois, na sua visão, as forças reacionárias não abandonariam o Estado de maneira pacífica ou por qualquer tipo de transição eleitoral.

Para realizar essa tarefa revolucionária, de acordo com Lukács, o movimento deve emancipar intelectualmente e emocionalmente seus membros antes de enfrentar uma força contrária a suas ideias. Este embate só deve ocorrer quando os homens conseguirem enxergar claramente as contradições dentro do sistema estabelecido e, desta forma, estabelecer metas e objetivos que permitam a concretização do seu trabalho ideológico através de ações no presente, sendo o Partido apontado como ente fundamental para essa tarefa. “A organização é a forma de mediação entre teoria e a

²⁹ Essa entrevista encontra-se disponível em: <<http://resistanceindia.blogspot.com.br/2007/05/interview-with-ganapathy-general.html>>, acessado em 14.jan.2013.

prática. E, como em toda relação dialética, também aqui os membros da relação dialética só na e pela sua mediação se tornaram concretos e reais” (LUKÁCS, 1987: 41). Entretanto, para EAGLETON (1997: 52) Lukács exagera na concepção de um sujeito revolucionário e superestima a sua consciência revolucionária. Para o autor, é necessário ter cautela antes de creditar a ação de um determinado indivíduo diretamente para sua consciência revolucionária. O Partido deve ser capaz de estabelecer metas, motivações e prescrições entre os seus adeptos e esses devem ser capazes de compreender, dialogar e criticar esses objetivos quando necessário.

De acordo com os naxalistas, o Partido deve passar a linha ideológica e prática aos seus militantes, e prosseguem: “Porque o partido decide toda estratégia política e tática da revolução, por isso ele também decide as funções e as formas das organizações do partido no exército, mantendo o nível de desenvolvimento da Guerra Popular Prolongada” (PARTY PROGRAM, 2004). Portanto, o Partido é visto como ente determinante para a relação teoria-prática, uma vez responsável pela determinação da ideologia e da atuação dos seus membros.

Em termos metodológicos, essa pesquisa aproxima-se das ideias propostas pelos historiadores da História do Tempo Presente (HTP)³⁰, que defendem o direito de cada geração de escrever sua própria história, levantando questões pertinentes para o trabalho histórico, como a relação historiador – objeto, as relações entre memória – história e a temporalidade. Essa metodologia destaca que relatos, entrevistas e documentos contêm as influências ideológicas dos atores históricos e refletem interesses específicos, devendo ser tratados com cautela, não tomando as fontes como definitivas. Uma singularidade da HTP, ao analisar o “tempo próximo”, refere-se à sistematização das fontes, com sua análise crítica, reflexiva e objetiva, relacionando os diferentes levantamentos. Nesta mesma linha, para D’ALMEIDA o historiador do presente: “[...] tem que confrontar o seu trabalho com o de colegas historiadores para restaurar a profundidade do passado e definir uma escrita histórica livre” (2006: 13). Além disso, deve analisar o acontecimento com a profundidade histórica pertinente e trabalhar as fontes com rigor crítico e métodos adequados.

Nessa perspectiva, este trabalho pretende realizar uma leitura crítica dos Boletins de Informação do PCI (Maoísta), confrontando suas informações com as análises realizadas por especialistas, além de relatórios do Governo indiano e de Organizações

³⁰ Entre eles: CUESTA, Josefina, 1993; ROUSSO, Henry, 2003; D’ALMEIDA, Fabrice, 2006.

não Governamentais. Portanto, no intuito de levantar material que possa instrumentalizar uma melhor investigação a respeito do desenvolvimento dos grupos naxalistas, ressalta-se as análises de *think tanks*, tais como o *Institute of Peace and Conflict Studies*³¹ e o *Centre for Security Analysis*³², responsáveis por divulgar importante material referente às pesquisas de diversos estudiosos do movimento naxalistas. Outros documentos divulgados pelo Partido, conforme sua relevância para esse estudo, também serão analisados; a leitura de reportagens de jornais indianos³³ sobre os naxalistas e sobre ações do governo refletem a visão de uma parte importante da sociedade indiana e serão levados em consideração na realização da pesquisa. Fontes oficiais do governo indiano, como o *Annual Report* do Ministério de Assuntos Internos, serão consultados porque trazem a opinião oficial sobre os “grupos terroristas” e como o governo lida com esta questão.

A História do Tempo Presente rompe com a concepção da necessidade do distanciamento histórico para a realização de uma análise séria e erudita, abrindo espaços para novas temáticas e abordagens para os pesquisadores de diferentes períodos da história. Nesse sentido, seu surgimento pode ser relacionado com uma demanda social para que exista uma reflexão sobre os fatos do presente, sem significar que os pressupostos da prática histórica sejam desqualificados ou distorcidos. Conforme FERREIRA:

Melhor dizendo, a história do tempo presente pode permitir com mais facilidade a necessária articulação entre descrição das determinações e das interdependências desconhecidas que tecem os laços sociais. Assim, a história do tempo presente constitui um lugar privilegiado para uma reflexão sobre as modalidades e mecanismos de incorporação do social pelos indivíduos de uma mesma formação social (2000: 11).

Este é um conceito em construção, assim como a história que se propõe a fazer, cumulativa e inacabada, na qual o pesquisador trabalha com um tempo que é seu próprio tempo. Desta forma, esta é uma “história vigiada” (CUESTA, 1993: 17), pois existe uma atenção constante do historiador e seu objeto de estudo, tendo em vista a possibilidade de novos acontecimentos. O historiador do presente deve estar aberto para

³¹ <<http://www.ipcs.org/>>

³² <<http://www.csa-chennai.org/>>

³³ Os principais jornais indianos em língua inglesa a serem analisados nesse estudo serão: *Times of India*, *The Hindu*, *Sanhati* e *Hindustan Times*. Seus artigos estão disponíveis em seus respectivos sites na internet.

novas abordagens e para a utilização de fontes tradicionais e novas, sendo que com o advento da internet essa questão se tornou ainda mais inquietante para o historiador.

As fontes que darão sustentação a esta análise são os boletins de informação³⁴ do PCI (Maoísta), pois neles os naxalistas expressam a sua versão para a luta revolucionária que travam contra o Estado indiano, além de conter análises políticas de informações divulgadas na grande mídia do país e entrevistas com diversas lideranças do partido sobre variados tópicos. À vista disso, esses boletins serão importantes para darem voz às reivindicações dos maoístas, sendo fontes privilegiadas da argumentação defendida pelos guerrilheiros, realizando assim a sua “contra propaganda”. Os boletins encontram-se disponíveis no site < <http://bannedthought.net/India/CPIMIB/index.htm>>, cujos idealizadores defendem “[...] a liberdade de expressão sobre ideias progressistas, ideias que tenham sido suprimidas, de uma maneira ou de outra em qualquer parte do mundo”³⁵. Quanto à veracidade dos documentos, isso é, se eles são mesmo realizados pelo PCI (Maoísta), é impossível garantir, contudo, quando confrontados com as análises feitas em sites especializados, tais como o *South Asia Terrorism Portal*³⁶ e o *Asian Center for Human Rights*³⁷ é possível constatar similaridades, como a divulgação de notas a imprensa condenando às ações do governo ou convocando a população para participar de greves.

Além disso, desde a fundação do primeiro partido naxalista em 1969, os guerrilheiros sempre tiveram a preocupação de manter um órgão de imprensa para divulgar suas ações e seus ideais. O Partido Comunista da Índia (Marxista-Leninista) possuía os jornais *Liberation* e *Deshabrati*; o People’s War possuía o *Vanguard* e o Maoist Communist Centre of India possuía o *Lal Pataka*³⁸. Soma-se a esses fatores, a entrevista concedida por Ganapathy ao jornal *Sanhati*, de Bengala Ocidental, na qual o secretário-geral do PCI (Maoísta) afirma:

Para a educação do Partido, existem várias revistas em níveis Federal, Estadual e Distrital. Em torno de 25 são do Partido. Muitas outras são revistas de Organizações de Massas. Por exemplo: Centralmente nós estamos

³⁴ Esses boletins encontram-se disponíveis em formato PDF e o autor dessa pesquisa realizou o download desses documentos. São 20 boletins, sendo duas edições especiais em comemoração as revoltas de *Lalgarh*, em 2009 e *Dantewada*, em 2010.

³⁵ Conforme disponível em seu site <<http://bannedthought.net/AboutBT/index.htm>>, acessado em 3.mar.2012.

³⁶ <<http://www.satp.org/>>

³⁷ <<http://www.achrweb.org/countries/india.htm>>

³⁸ Conforme dados disponíveis em: <http://www.massline.info/India/Indian_Groups.htm#MCCI>, acessado em 3.mar.2012.

publicando *People's War/Laal Pathaaka*, uma revista política e ideológica simultaneamente em inglês e hindi e em outras línguas; *Awami Jung*, uma revista militar em diferentes línguas; *Maoist Information Bulletin*, em inglês (grifo do autor)³⁹.

Existe uma diferenciação importante entre os sites especializados utilizados na pesquisa. Por um lado o *South Asia Terrorism Portal*, liderado por K.P.S. Gill (também presidente do *Institute for Conflict Management*) defende uma visão militarista, na qual os naxalistas são vistos como um problema de “lei e ordem” pública, por isso, nessa visão, é necessário à realização de movimentos militares organizados pelo Governo Central para acabar com os guerrilheiros, antes que a “ameaça vermelha” divida a Índia em duas. Sem dúvidas essa é uma opinião superestimada dos naxalistas, pois seus militantes (estimados em 15 mil, nota 18) não teriam condições de realizar tamanha tarefa.

Por outro lado, o *Asian Center for Human Rights* e o *Institute of Peace and Conflict Studies* defendem uma visão de tratamento holístico contra os naxalistas. Nesse sentido, acreditam que o desenvolvimento social e econômico das áreas afetadas com a presença dos guerrilheiros é mais efetivo e duradouro do que simplesmente enviar milhares de soldados para a região. Entretanto, os autores não explicam como levar esse desenvolvimento sem que os maoístas destruam qualquer iniciativa do governo.

A partir disso, essa pesquisa comporta quatro capítulos: o primeiro capítulo é dedicado à análise da história do movimento naxalista, incluindo o contexto histórico que levou a diversas fragmentações no comunismo indiano antes e após a formação da guerrilha. Também será explorado o início da luta revolucionária em 1967, passando pelo período de divisões internas de 1970 e início dos anos 1990, até o novo fortalecimento dos guerrilheiros a partir do final da década de 1990⁴⁰.

Como fulcro desta análise, foram utilizados textos de ex-militares indianos que combateram e ainda combatem os naxalistas, entre eles: Prakash Singh, ex-comandante da maior força paramilitar da Índia, a *Border Security Force*, e nos anos 1960 servia no Ministério de Assuntos Internos, tendo contato com as principais lideranças do movimento; Arun Prosad Mukherjee, superintendente da polícia no distrito de Darjeeling (correspondendo também a Naxalbari) em 1967. Teve oportunidade de interagir com as principais lideranças dos naxalistas desde o seu princípio. Além disso,

³⁹ Essa entrevista foi concedida em janeiro de 2010 para o repórter sueco Jan Mydral, auxiliado por Gutam Navlakha. Está disponível em: <<http://sanhati.com/articles/2138/>>, acessado em 10.abr.2013.

⁴⁰ Essa divisão é sugerida por Sumanta BANERJEE (2009: 253).

serão analisados os trabalhos de estudiosos do movimento, como: Sohail Jawaid, acadêmico indiano, realizou pesquisa sobre os anos iniciais da guerrilha; Rajat Kumar Kujur, professor de Ciência Política na Universidade de Sambalpur, no estado de Odisha; Sumanta Banerjee, sociólogo e militante do movimento comunista, participou ativamente da guerrilha nos anos 1970; entre outros estudos. Neste capítulo buscar-se-á identificar as peculiaridades de cada fase da guerrilha, além de suas principais lideranças.

Por sua vez, o segundo capítulo aborda o contexto de fundação do PCI (Maoísta), com as negociações entre o MCCI e o PW, a emergência de novas lideranças e a atuação dos revolucionários nas localidades de Lalgarh e Dandakaranya, representando atividades recentes e duradouras do Partido, respectivamente. Nessas regiões a organização partidária e militar dos naxalistas apresenta-se com maior vigor, sendo um grande desafio para o governo indiano. Além disso, será apresentado um breve quadro sobre os *adivasis*, ou povos originários da Índia, pois são, atualmente, a principal força motriz do movimento. Para mapear essa trajetória serão utilizados os boletins de informações do PCI (Maoísta), comparando-os com documentos fornecidos pelo governo e ONGs, além de reportagens em jornais do país e análises produzidas pelos *think tanks*.

No terceiro capítulo serão apresentadas as principais estratégias executadas pelo governo central indiano e pelos estados para combater os revoltosos. Essas estratégias consistem, basicamente, no uso de forças paramilitares, especialmente treinadas para enfrentar grupos guerrilheiros em terrenos de floresta e montanhas. Além disso, o governo procurou financiar grupos vigilantes de civis para contrabalancear seu déficit quantitativo e qualitativo de policiais nas regiões afetadas pela guerrilha. Os *Annual Report* do Ministério de Assuntos Internos, além de documentos elaborados por ONGs e especialistas, demonstram um claro retrato dos resultados alcançados e serão comparados com os boletins de informação maoístas.

Por fim, o quarto capítulo dessa pesquisa analisa as estratégias e táticas adotadas pelos guerrilheiros na sua busca pela tomada do poder estatal, destacando-se a organização partidária e suas ramificações, além de seus ideais político-ideológicos. Dessa forma, aqui os boletins também serão essenciais, além de relacioná-los com os conceitos apresentados anteriormente. Do mesmo modo, trabalhos de especialistas do movimento naxalista serão importantes para ampliar o debate sobre as estratégias adotadas pela guerrilha, tanto no plano ideológico, quanto prático. Aspectos como

fatores geográficos e étnicos das regiões onde os naxalistas atuam são importantes para determinar sua própria forma de ação, por isso são relevantes artigos de especialistas fornecidos pelos *think tanks*, uma vez que trabalham localidades específicas, pois o subcontinente indiano é marcado pela sua multiculturalidade e pluralidade étnica e social, aspectos explorados pelos naxalistas.

Capítulo 1. História do movimento naxalista

Naxalismo existe, de uma forma ou de outra, há mais de sessenta anos...

– Raghavan

Para estudar a história dos naxalistas é preciso chamar a atenção para algumas peculiaridades do movimento comunista na Índia, em especial nas décadas imediatamente anteriores e posteriores a independência do país. Isso será útil para orientar a pesquisa dentro das diversas divisões de partidos, grupos e facções comunistas que existem no subcontinente atualmente, permitindo maior facilidade para identificar as organizações e suas origens.

Fundado em 1925, o Partido Comunista da Índia (PCI) tinha uma base militante extremamente heterogênea, formado por pessoas de diferentes grupos sociais, sendo que sua composição variava muito conforme cada estado (JAWAID, 1979: 1). É importante ressaltar que nessa época a Índia ainda pertencia à Inglaterra, portanto a luta anticolonial era a principal bandeira do partido, unificando-os em uma reivindicação sólida e forte, mantendo no mesmo lado diferentes grupos e tendências. Além da base social diversificada, tornando a luta interna bastante intensa, dois fatores foram fundamentais para acarretar a divisão do partido em 1964, pois foram responsáveis por mostrar as grandes diferenças ideológicas existentes entre os grupos de esquerda indianos.

Primeiramente, foi o apoio dado pelos comunistas a Inglaterra durante a Segunda Guerra Mundial, fator que alinhou os militantes indianos com a União Soviética, mas foi desastroso para a reputação comunista no subcontinente. Como resalta KAUTSKY: “[...] o principal aliado do Partido passou a ser a Inglaterra, amplamente reconhecido como o principal inimigo da Índia” (1955: 146). Nem todos os membros da organização comunista concordavam com esse apoio e essa desavença sobre a Inglaterra, fez com que um grupo de militantes do PCI sugerisse a adoção da luta armada como melhor estratégia para assumir o poder político no país, no momento em que ocorriam as negociações sobre a independência do subcontinente.

Nesse contexto, o segundo fator importante foi uma revolta popular que ocorreu entre os anos de 1946 até aproximadamente 1951, no antigo protetorado britânico de Hyderabad, na região denominada de Telangana. Para SINGHAROY (2004: 68), essa revolta tem sua origem no antigo sistema de posse de terra e práticas exploratórias contra os camponeses. Dessa forma, um grupo de comunistas ligados ao PCI, aproveitando-se do clima de incertezas geradas pela iminente independência da Índia,

inflamou a população mais pobre para se revoltar contra as autoridades locais. Como resultado, estima-se que três mil aldeias deixaram de aceitar a autoridade do *nizam* da região⁴¹, na época considerado um dos homens mais ricos do mundo⁴². Porém, com os desdobramentos das negociações pela independência do país entre o Partido do Congresso e as autoridades britânicas, o exército invadiu a região e controlou os revoltosos, retomando as aldeias e anexando Hyderabad à União Indiana. Parte dessa vitória é creditada ao abandono do processo revolucionário pelos comunistas alinhados com a URSS, que era contra uma revolução socialista armada na Índia⁴³. Os soviéticos seguiam a linha do “socialismo em um só país”, além de estarem buscando um aliado estratégico no novo governo indiano, recém-independente. Contudo, essa revolta tornou-se um marco da luta camponesa da Índia, servindo de forte inspiração para os grupos naxalistas.

Dessa forma, as lideranças do Partido Comunista da Índia optaram por participar das segundas eleições gerais da Índia pós-independência em 1957, como uma forma de testar a popularidade dos comunistas no país. Para surpresa geral o Partido atingiu um grande sucesso eleitoral, tornando-se a segunda maior força política, atrás apenas do Partido do Congresso de Nehru (JAWAID, 1979: 12), inclusive conseguindo assumir o controle do Estado de Kerala⁴⁴, ao sul do subcontinente. Contudo a euforia da vitória durou pouco, pois o Governo Central passou a intervir em Kerala, removendo os comunistas do poder e declarando “Período de Exceção”. Esse fato ampliou o descrédito no processo eleitoral entre os grupos mais radicais do partido comunista.

Esse contexto de desconfiança entre os militantes do PCI e suas lideranças, culminou com a divisão da organização em 1964. Essa divisão também foi consequência do contexto internacional, mais especificamente as disputas ideológicas existentes entre os Soviéticos e os Chineses, conhecida como “Grande Debate”⁴⁵. Dessa

⁴¹ P. Sundarayya (s/d) explora as diferentes visões envolvidas no conflito e como elas justificam a participação dos comunistas na revolta e o seu abandono da luta armada.

⁴² O Nizam de Hyderabad foi capa da revista TIME na década de 1930, sendo considerado um dos homens mais ricos de toda a história da Índia. Disponível em: <http://articles.timesofindia.indiatimes.com/2012-10-16/india/34497685_1_richest-person-richest-people-nizam>, acessado em 10.jan.2013.

⁴³ Segundo FLAVONI (2003: 54): “También la URSS, que trataba de establecer una relación privilegiada con la India, presionaba a favor de la moderación.”

⁴⁴ Essa vitória é um marco no movimento comunista mundial, pois foi a primeira vez que um partido comunista assumiu o poder de um estado por meio do processo eleitoral e não de uma revolução.

⁴⁵ Mais informações sobre essa questão podem ser acessadas em: <<http://www.marxists.org/history/international/comintern/sino-soviet-split/>>, acessado em 23.mar.2013.

forma, o PCI continuou seguindo a linha de Moscou, enquanto o Partido Comunista da Índia (Marxista) – CPM – estava alinhado com Pequim.

As desavenças entre os diferentes grupos comunistas eram mais intensas no estado de Bengala Ocidental, por sua proximidade com a China, Paquistão Oriental (atual Bangladesh) e o Nepal, países que formavam uma rede de militantes maoístas de atuação ilegal da região. Nesse estado, muitos membros do PCI foram presos por defenderem à China durante conflito Indochinês de 1962 (JAWAID, 1979: 20). Como resultado, em 31 de outubro de 1964 foi realizado uma conferência no estado de Bengala Ocidental, na qual foi lançado oficialmente o CPM⁴⁶.

Esse novo partido participou da Frente Unida, aglutinando várias organizações de esquerda da região, inclusive o PCI (BANERJEE, 2009: 257), e ganharam as eleições estaduais em Bengala Ocidental em 1967, acabando com a hegemonia do Partido do Congresso e confirmando o estrondoso crescimento do CPM⁴⁷ e das forças de esquerda em toda a Índia (FLAVONI, 2003: 75). Entretanto, o novo partido teve seu poder enfraquecido com a repentina luta armada organizada pelos extremistas pertencentes ao CPM, sendo obrigado a tomar medidas para controlar a revolta sob o risco de intervenção do Governo Central, assim como havia ocorrido em Kerala. Esse fato vai gerar o terceiro partido comunista no país, além de ser a gênese da guerrilha naxalista, que permanece atuando contra o governo indiano até os dias atuais.

A via revolucionária defendida pelos militantes extremistas do CPM se iniciou na vila de Naxalbari⁴⁸ e foi anunciada como “o trovão da primavera sobre a Índia” (SINGH, 2011: 9). Além disso, demonstrava que uma parte importante dos militantes comunistas do país ainda estava insatisfeita com o caminho eleitoral defendido pelas lideranças dos dois grandes partidos comunistas existentes na Índia até o momento. Conforme JAWAID (1979: 10-13), a participação no processo eleitoral sempre foi uma questão de fortes divisões internas entre os comunistas indianos, sendo que uma parcela nunca aceitou participar das eleições, por considerar que esse processo alienava a população, afastando-os do verdadeiro caminho para uma mudança real de sua condição social.

⁴⁶ Informações sobre a história da fundação do CPM estão disponíveis em seu site na internet <cpim.org>, acessado em 14.abril.2013.

⁴⁷ Para SINGHARROY (2004: 63), um fator que sustenta a vitória dos comunistas em Bengala Ocidental era a falta de afinidade entre as lutas camponesas no estado e o Partido do Congresso, o que levou a um distanciamento dos eleitores e sua consequente derrota.

⁴⁸ Origem etimológica do termo naxalista.

Esse conflito foi responsável pelo nascimento da guerrilha naxalista em março de 1967, quando Kanu Sanyal e Charu Majumdar, líderes do CPM, ligados aos setores mais radicais do partido, inflamaram um grupo de camponeses de origem shantal⁴⁹, um dos muitos grupos tribais que habitam a Índia há gerações, a confiscar arroz do celeiro de um grande latifundiário local. Este pequeno incidente ganhou grandes proporções quando seus líderes comunicaram que sua luta não reivindicava terra, mas o poder do Estado⁵⁰.

Segundo SINGHAROY (2004: 76) os naxalistas “[...] marcam o começo de uma nova era na história das lutas camponesas na Índia”, pois seu modelo será sucessivamente repetido em diferentes localidades do país. A vila de Naxalbari foi cuidadosamente escolhida como epicentro da revolução por se localizar perto do então Paquistão Oriental (hoje Bangladesh) e Nepal, que poderiam servir como bases seguras para os revoltosos, além de não distar da China. Apesar dos conflitos na região terem durado apenas 72 dias, Naxalbari teve um impacto muito significativo entre os setores rurais⁵¹ da sociedade indiana e serviu de influência para uma série de distúrbios agrários e urbanos, espalhados por diversos estados da Índia no fim dos anos 60 e início dos 70. Esses conflitos tiveram a sua frente às mesmas lideranças de Naxalbari.

Em 1969, com a fundação do Partido Comunista da Índia (Marxista-Leninista) – CPI (ML) – o movimento atingiu o seu ápice. Entretanto, começou a perder força muito cedo, em razão das primeiras divisões internas entre os revoltosos⁵². Majumdar planejava o sucesso da revolução para o ano de 1975, contrariando diversas teses maoístas como a autodefesa e a concentração das forças guerrilheiras, sendo estas

⁴⁹ Aqui é importante fazer uma diferenciação entre os variados grupos considerados marginais e excluídos dentro da sociedade indiana. Os *Adivasis*, também chamados de povos nativos ou povos tribais (como os santal), são uma grande variedade de grupos étnicos que habitam na Índia há muitas gerações, espalhando-se por diferentes partes do subcontinente, principalmente em regiões de florestas, montanhas e vales. Enquanto isso, os *Dalits*, também chamados de “intocáveis” ou “impuros”, são excluídos dentro do sistema de castas do hinduísmo, por realizarem trabalhos considerados indignos. Esses dois grupos são extremamente pobres e explorados na Índia, sendo os principais alvos da mensagem naxalista. Contudo, eles absorvem essa mensagem de forma diversa, pois não são grupos monolíticos, conforme exposto no trabalho de BANERJEE (2009: 258).

⁵⁰ Prakash Singh (2006: 3-15) demonstra como essa revolta já estava sendo planejada e organizada há alguns anos pelas lideranças revolucionárias do CPM.

⁵¹ Mais informações em: Satya Prakash Dash (2006: 14).

⁵² “Parimal Das Gupa, general secretary of the State Electricity Board Employees Union, defected and formed a rival (movement) [...]. Another important leader, Asit Sem, who actually presided over the rally where the formation of the CPI(ML) was announced but was unaware of the decision till the last moment, also parted company with the CPI(ML)” (SINGH, 2006: 29). (*Parimal Das Gupa, secretário geral do Sindicato Estadual dos Empregados no Setor Elétrico desertou e formou um (movimento) rival [...]. Outro líder importante, Asit Sem, que na verdade presidiu a reunião na qual a formação do CPI (ML) foi anunciada, mas não sabia da decisão até o último momento, também, rompeu com o CPI (ML).*)

teorias fundamentais da “Guerra Popular Prolongada” (SINGH, 2006: 105). Ele foi capturado e morreu sob a custódia policial em julho de 1972, terminando com os anseios revolucionários de toda uma geração de combatentes, inspirados na sua luta e em suas palavras.

O período que seguiu a morte de Majumdar⁵³ foi marcado por muitas subdivisões oriundas de divergências ideológicas e táticas, que serviram para criar uma grande variedade de grupos pelo país. Entre eles, podemos citar os naxalistas de Srikakulam, liderados por Suniti Kumar Ghosh e Appalasuri; uma facção localizada no Estado de Andhra Pradesh, conhecida como o grupo de Nagi Reddy⁵⁴; o Communist Party of India (M-L) Red Flag, liderado por K. N. Ramachandran; o People’s War Group (PWG), liderados por Seetharamaiah; o Maoist Communist Center (MCC) liderados por Chatterjee; entre muitos outros⁵⁵.

O movimento naxalista é um reflexo de mudanças e continuidades, por isso é salutar compreender as transformações organizacionais que ocorreram desde o início das revoltas de extrema-esquerda contra o poder estatal baseados nas ideias maoístas. Além disso, é importante ressaltar que os maoístas buscavam articular a alienação existente entre as classes exploradas e o seu meio de vida, rompendo a estrutura entre as classes indígenas e os exploradores de castas superiores.

⁵³ Conforme KUJUR (2008: 3): “The history of the Naxal movement post-Charu Mazumdar, is characterized by a number of splits, brought about by personalized and narrow perceptions about the Maoist revolutionary line and attempts at course-correction by some of the major groups. Even Kanu Sanyal, one of the founders of the movement, could not escape this. He gave up the path of “dedicated armed struggle” by 1977 and accepted parliamentary practice as a form of revolutionary activity”. (*A história do movimento naxalista pós Charu Mazumdar é caracterizada por um número de divisões, oriundas de personalismos e pequenas percepções a respeito do Maoísmo revolucionário e tentativas de correção de curso por alguns dos grupos predominantes. Até mesmo Kanu Sanyal, um dos fundadores do movimento, não escapou disso. Ele desistiu do caminho da luta armada em 1977 e aceitou a prática parlamentar como uma forma da atividade revolucionária.*)

⁵⁴ Para BANERJEE (2008: 131) Majumdar e Reddy tinham estratégias diferentes: “Mazumdar stressed the need for offensive against the class enemy, seizure of political power being the main objective. In his strategy, land redistribution followed annihilation of landlords. Nagi Reddy’s immediate programme on the other hand, emphasized the importance of agrarian reform or land redistribution first and resistance to the landlords and police later”. (*Mazumdar reforçava a necessidade de uma ofensiva contra os inimigos de classe, sendo o principal objetivo a captura do poder político. Nessa estratégia, distribuição de terras, seguida pela aniquilação dos latifundiários. O programa imediato de Nagi Reddy, por outro lado, enfatizava a importância da reforma agrária ou redistribuição de terras primeiro, e resistência aos latifundiários e a polícia depois.*)

⁵⁵ Muitos grupos tiveram duração efêmera ou atuam somente em uma pequena localidade. O site <[http://www.massline.info/India/Indian_Groups.htm#CPI\(ML\)RF](http://www.massline.info/India/Indian_Groups.htm#CPI(ML)RF)>, acessado em 23.mar.2011, apresenta uma extensa relação deste grupos, acrescentando informações relevantes como as suas linhas políticas e de qual grupo/divisão eles se originaram.

1.1 – A Gênese Naxalista (1967-75)

Esses foram dias de loucura e insanidade, quando verdade e racionalidade tornaram-se as primeiras perdas
– Mukherjee

Este período compreende toda a gênese do movimento naxalista e está dividido em duas partes distintas, pois, ainda que as lideranças fossem as mesmas, sua condição de luta era completamente diferente. Primeiramente a luta aconteceu nas áreas semi-rurais do distrito de Darjeeling, ao norte de Bengala Ocidental, longe dos grandes centros urbanos. Seus participantes eram basicamente camponeses humildes e os tribais que seguiam as orientações de seus líderes para combater as injustiças, os latifundiários e a polícia de forma armada, tomando a justiça em suas próprias mãos e não considerando o poder estatal como legítimo (RAMMOHAN, 2011: 97).

Usualmente os camponeses estavam organizados no *Krishak Sabha*, uma espécie de sindicato dos trabalhadores do campo, conseguindo reunir diversas seções de camponeses e exercer forte pressão em nível estadual. Ao não atingir seus objetivos imediatos – basicamente reforma agrária e maiores direitos para as pessoas que trabalhassem na terra – uma pequena seção desse grupo, localizado em uma região onde as revoltas não eram muito comuns⁵⁶, partiram para a luta armada e o enfrentamento direto contra os “inimigos de classe”.

Nessa fase o principal objetivo do movimento era conquistar terra para o trabalhador, assim como acabar com o sistema feudal predominante nas regiões rurais do país. Especificamente na localidade Darjeeling, os camponeses trabalhavam principalmente com a plantação de chá, como trabalhadores temporários ou arrendando terras de outros indivíduos. É pertinente ressaltar que mesmo após a independência indiana a questão agrária e os problemas do campo não foram sanados da forma prometida e com o tempo esses problemas se intensificam. Conforme relatório independente realizado a pedido do governo:

⁵⁶ “Their experience and field of activity being solely confined to Siliguri Sub-Division, little did they know that the magnitude of the alleged exploitation (and mischief) was perhaps much less in this area than that prevailing in most other rural sub-divisions of West Bengal” (MUKHERJEE, 2007: 79) (*Sua experiência e área de atuação estava confinada em Siliguri, pouco sabiam eles que a magnitude da alegada exploração (e mal tratos) era muito menor nessa área do que nas demais subdivisões de Bengala Ocidental*)

Contudo, com o passar do tempo, o comprometimento com a reforma agrária enfraqueceu e permanece como uma agenda inacabada de governança. Os pobres dependem de terras de uso comum como florestas, pastagens e fontes de água para sua satisfação e sobrevivência básica. Com a crescente tendência de ver esses recursos como fontes de lucro, os pobres estão sendo desprovido de qualquer acesso a esses recursos (DEVELOPMENT CHALLENGES IN EXTREMIST AFFECTED AREAS – DCEAA –, 2008: 1).

A tática utilizada pelos revoltosos era baseada nos escritos de Charu Majumdar e pregavam o aniquilamento dos inimigos de classe, ou seja, todo latifundiário ou policial que não concordasse com as demandas do movimento deveriam morrer⁵⁷. As armas empregadas em seus tumultos não eram sofisticadas, sendo o arco e flecha, foices e facas os principais instrumentos para realizar suas ações. Essas armas brancas são tradicionais do povo shantal e mesmo antes da revolta era comum que os camponeses as utilizassem em seu dia a dia, para caçar ou para se defender de algum animal (JAWAID, 1979: 38).

No período posterior do movimento, quando as lutas rurais haviam praticamente cessado, os naxalistas conseguiram reavivar sua revolta na cidade, por meio das classes médias baixas urbanas, que passaram a organizar esquadrões para “caçar” policiais e outros inimigos de classe, realizando uma forma desorganizada e anárquica de luta contra o Estado, matando policiais e políticos a esmo. Essa estratégia foi duramente criticada internamente na Índia, por outros líderes do movimento e também externamente, por lideranças dos partidos marxista-leninistas da Nova Zelândia e Reino Unido, além da própria China⁵⁸. Isso resultou em uma considerável perda de apoio político e financeiro para os naxalistas⁵⁹.

1.1.1 – Início da revolta camponesa de Naxalbari (1967-68)

Terra para quem trabalha

– Programa do PCI (Maoísta)

⁵⁷ Conforme sugerido por Majumdar em seus escritos e posteriormente adotado como linha oficial dos insurgentes. Disponíveis em: <<http://ajadhind.wordpress.com/historic-documents-charu-mazumdar/>>, acessado em 08.mar.2013.

⁵⁸ Souren Bose, um dos líderes do movimento, em interrogatório policial, após ser preso, afirma que as linhas até então adotadas pelos naxalistas desagradava seus aliados externos. Esses partidos viam com preocupação os rumos da luta indiana. (MUKHERJEE, 2007: 163).

⁵⁹ A hipótese de um contato entre os maoístas revolucionários e o Paquistão, para a aquisição de armas e um possível apoio de treinamento militar também foi levantada (JAWAID, 1979: 30), contudo, parece extremamente remota que tenha ocorrido qualquer aliança concreta.

A sociedade agrária indiana, desde os tempos de domínio colonial, sofreu com a atuação de intermediários, responsáveis por emprestar dinheiro ou arrendar terras para pequenos e médios agricultores. Com a independência do país, esses intermediários ganharam maior liberdade para atuação, acumulando grandes riquezas à custa dos trabalhadores rurais mais humildes (SINGHAROY, 2004: 52). Além disso, segundo BANERJEE (2008: 3), um relatório apresentado pelo governo em 1967 apontava que 40% das terras cultiváveis eram propriedades de apenas 5% da população. Harekrishna Konar, Ministro Agrário de Bengala Ocidental afirmou ser muito difícil à redistribuição de terras pelos meios legais (ibidem, 93) Esse contexto é importante para expor a situação agrária em Bengala Ocidental na época da eclosão da revolta.

As principais lideranças⁶⁰ naxalistas estavam amplamente integradas aos camponeses da localidade de Darjeeling, em especial em Naxalbari, muito antes das revoltas começarem, pois participavam de organizações pelos direitos dos povos tribais e dos trabalhadores rurais. Como exemplo podemos citar Jangal Santhal, filho de uma família de camponeses médios da área de Naxalbari, militou no partido comunista antes de entrar para o CPM; Kanu Sanyal nasceu no distrito de Jalpaiguri (vizinho de Darjeeling), trabalhava para o partido comunista junto com os *adivasis* e camponeses pobres da região. Era considerando o braço direito de Majumdar e uniu-se a ele no CPM, por isso foi considerado um jovem idealista, seduzido pelos ideais inflamadas do líder da revolta. Souren Bose nasceu no distrito de Nadia, a poucos quilômetros de Calcutá, contudo mudou-se ainda jovem para Siliguri. Militante do partido comunista participava há anos da organização dos comunistas na área. Além deles, Charu Majumdar, também conhecido como Charubabu, era antigo militante e organizador dos trabalhadores em Siliguri, pertencente ao distrito de Darjeeling, localidade onde nasceu.

Conforme SINGH (2011: 3) os incidentes que culminaram na formação da guerrilha naxalista se iniciaram no dia 3 de março de 1967, quando um grupo de aproximadamente 150 extremistas invadiu e roubou o estoque de arroz de um grande latifundiário da localidade de Baramaniramjote, que responde a delegacia policial de Naxalbari, área do distrito de Darjeeling. Nos dias seguintes, outros dois celeiros também foram saqueados por pessoas armadas com arcos, foices e bandeiras do CPM, principal partido na Frente Unida, no governo estadual. Esses incidentes trouxeram

⁶⁰ As informações para traçar o perfil das lideranças foram retiradas de Prakash SINGH, Arun MUKHERJEE, Sohail JAWAID e Rajat Kumar KUJUR. Sempre que os dados mostravam-se conflitantes, foram adotados os levantamentos de MUKHERJEE, por mostrarem-se mais fidedignos e detalhados.

grande tensão para a localidade e foi agravado quando um dono de terras local agrediu um meeiro, que estava arando suas terras mesmo após ter sido dispensado. Nesse momento o clima de instabilidade social aumentou consideravelmente. No dia seguinte mais de 200 pessoas foram à casa do dono das terras e o agrediram violentamente. Esse dono de terras era irmão de um popular político local e, conseqüentemente, o incidente passou a ter maiores repercussões.

Como as lideranças que estavam causando os tumultos pertenciam ao CPM, outros líderes do partido, principalmente aqueles situados na capital do estado, Calcutá, foram chamados para conversar com os revoltosos e colocar ordem na região e em suas ações, porém todas as medidas mostraram-se insuficientes para acalmar os populares que recebiam apoio de membros do CPM em outros estados (CHAKRABARTY, KUJUR, 2010: 41).

Em 15 de maio do mesmo ano, Hare Krishna Konar, Ministro Agrário do Governo de Bengala Ocidental, visitou a área do conflito para chegar a um acordo com os líderes da revolta e amenizar os ânimos. Entretanto, pouco antes de sua visita, mais especificamente em 6 e 7 de maio, os revoltosos haviam se organizado em reuniões e determinado que usariam armas de fogo para atingir seus objetivos de “justiça social” e reforma agrária. As tensões só aumentavam, pois um grupo de latifundiários da região começaram a organizar militantes armados para conter a ameaça revolucionária (RAY, 2013: 87).

Em uma tentativa de uma solução pacífica para o conflito, evitando-se assim maiores enfrentamentos, foi realizada uma reunião entre Kanu Sanyal e Hare Krishna Konar. As forças do governo exigiam: 1) que os protestos realizados não incluíssem mais o uso de arcos e flechas ou qualquer outro tipo de arma letal; 2) os procurados pela polícia deveriam se entregar sem resistência; 3) a justiça não poderia mais ser realizada pelas próprias mãos dos insurretos, deveriam ser feitas reclamações diretas para o governo, com a promessa de uma solução rápida e imparcial. (MUKHERJEE, 2007: 47). Apesar de Kanu Sanyal concordar com as questões levantadas por Konar, em reuniões realizadas nos dias subsequentes, com as bases do movimento, não foram aceitos nenhum dos pontos propostos pelo governo, mostrando que o impasse estava longe de uma solução fácil. Para complicar ainda mais, os revoltosos prometeram aniquilar qualquer policial que tentasse deter sua “guerra popular” ou entrasse em sua área de controle.

No início dos conflitos estima-se que os seguidores de Jangal Shantal e Kanu Sanyal, ambos populares líderes do movimento comunista local, somavam em torno de 500 pessoas e pelos menos outros 500 simpatizavam com a sua luta, fornecendo algum tipo de apoio material ou logístico para os revoltosos (JAWAID, 1979: 21).

O Governo acreditava que muitas pessoas estavam sendo compelidas a participar dos protestos e pediu para esses indivíduos se entregarem voluntariamente. Para tanto, foram criados “campos policiais” nas áreas de maior agitação, ou seja, nos distritos policiais de Naxalbari e Khoribari. Obviamente, esses campos também tinham o objetivo de reforçar a presença policial nos locais de maiores perigos. Essa estratégia gerou alguns frutos, pois a partir da terceira semana de julho surgiram grupos de desertores nas delegacias de polícia de Naxalbari, Khoribari e Phansidewa. Esses indivíduos teriam sido prontamente recebidos, alimentados e liberados, quando constatado que nada deviam à justiça (MUKHERJEE, 2007: 10).

Incidentes⁶¹ nos dias 24 e 25 de maio de 1967 levaram a polícia para o campo ofensivo, iniciando fortes ataques aos revolucionários. Os incidentes geraram uma desesperada reação por parte dos revoltosos, que atacaram indiscriminadamente grandes proprietários rurais da região, matando-os brutalmente. Além disso, os naxalistas buscavam ganhar o apoio da opinião pública nacional, tentando fazer com que outros locais da Índia também se revoltassem contra o Governo e os latifundiários (CHAKRABARTY, KUJUR, 2010:58), contudo seu apelo não foi seguido nas outras regiões.

Para contrapor as reclamações feitas pelos revoltosos, MUKHERJEE (2007: 56-57) cita a análise feita pelo comissário do distrito de Darjeeling sobre a região e as pessoas que foram atacadas. Esse comissário conclui que a maioria das pessoas atacadas não eram grandes proprietários e não existe indícios de que suas terras teriam sido conquistadas de maneira irregular ou como resultado da expulsão de outras pessoas previamente estabelecidas. Nesse contexto, cabe ressaltar as informações trazidas por um relatório realizado por intelectuais independentes a pedido do governo: “Preferencialmente, eles (*naxalistas*) miram nos proprietários cujas propriedades são do tamanho do seu campo de visão, ou, por outro lado, são opressivos e cruéis em sua

⁶¹ Os incidentes foram a morte de um inspetor de polícia e, no dia seguinte o ataque de uma multidão as propriedades rurais pertencentes a delegacia policial Khoribari. Consternados com a morte do inspetor no dia anterior, a polícia acabou atirando contra as pessoas no dia 25 de maio de 1967, ferindo e matando cerca de 10 revoltosos, a maioria mulheres e crianças, elevando ainda mais a ira dos populares. (MUKHERJEE, 2007: 49-52).

conduta, ou hostis com o movimento naxalista, mesmo que não sejam grandes proprietários” (DEVELOPMENT CHALLENGES IN EXTREMIST AFFECTED AREAS, 2008: 45).

Para acabar com a ameaça à estabilidade do estado, o governo da Frente Unida lança a “*Operação Hatighisa*” em 12 de julho de 1967. Esse foi um dos momentos de maior violência desde o início da revolta e durou até meados de agosto de 1967, quando a maioria das lideranças naxalistas encontrava-se presa ou fora dos distritos em conflito. Entretanto, nem todas as demandas dos revoltosos foram ignoradas e, em uma resolução de 25 de junho de 1967, foi criado o primeiro departamento para assuntos agrários de Bengala Ocidental com o objetivo de rever o processo de ocupação das terras, atendendo a uma das principais demandas do movimento.

Essa fase de ataques em Naxalbari e arredores durou pouco tempo, aproximadamente 72 dias, porque faltou maturidade e paciência para as lideranças organizarem o movimento de uma forma mais realística e séria. Seu ímpeto pela necessidade de reformar o país e tomar o poder estatal de forma consideravelmente rápida para as dimensões da Índia, terminou por contrariar os princípios de uma “guerra prolongada”, como sugerido por Mao.

Nesse período inicial, os indivíduos que compunham o movimento eram basicamente camponeses e pessoas ligadas aos CPM, quer dizer, em sua grande maioria pessoas humildes e ansiosas por melhorar sua situação de vida. Diferentemente da fase subsequente, quando criminosos condenados e indivíduos com histórico “antissociais” passam a integrar ativamente os esquadrões urbanos dos grupos naxalistas (JAWAID, 1979: 46). Entretanto, é importante ressaltar que, em um movimento com maior força urbana, é natural que indivíduos de passados condenados pela justiça (mais presente no meio urbano) se integrem ativamente nas atividades.

Por que as reformas no campo, tão desejadas pelos camponeses e pessoas ligadas ao trabalho rural, nunca ocorreram na Índia? Para CHAKRABARTY; KUJUR (2010: 4) e MUKHERJEE (2007: 76), houve, e ainda existem, lacunas jurídicas e administrativas que impedem a implementação de importantes leis que visam melhorar a situação dos camponeses. Além disso, a lentidão da máquina pública tem “dificuldades” em beneficiar os mais pobres e os povos tribais. Essa opinião é corroborada pelos estudos de SINGHAROY (2004: 77) ao afirmar que: “É amplamente reconhecido que a falta de vontade dos partidos políticos no poder em Bengala Ocidental foi o principal fator para a precária implantação da reforma agrária [...]”.

1.1.2 – Recuos na área rural e o avanço para as áreas urbanas (1969-1975)

Paredes, especialmente perto de faculdades e campus universitários, estavam cobertos de grafites, em letras furiosas de exortação contra os opressores, bandeiras vermelhas, representações de disparo policial e tortura em lugares sinistros
– Chakravarti

As principais lideranças do movimento, em especial Charu Majumdar, estavam decepcionadas pelo rápido desfecho que a sua luta teve. Todavia, os conflitos estavam longe de terminar, pois um grupo dissidente do CPM de Calcutá formou o *Naxalbari O’Krishak Sangram Sahayak Samiti* (NKSSS) – Comitê de Assistência a Luta Camponesa e Naxalbari – sob a liderança de Sushital Roychoudhury. Muitos intelectuais, artistas e estudantes de Calcutá juntaram-se ao movimento, mostrando solidariedade pelas vítimas da repressão estatal e pelas causas defendidas em Naxalbari. Esse grupo realizou grandes passeatas em diferentes partes da Índia e, no início de 1969, fundaram o All India Coordination Committee of Communist Revolutionaries (AICCCR) (JAWAID, 1979:11).

Os dirigentes do AICCCR logo decidiram fundar o terceiro partido comunista da Índia e, em 22 de abril de 1969, foi fundado o Partido Comunista da Índia (Marxista-Leninista) – CPI (ML)⁶². Ainda que existissem outras lideranças lutando pelo poder dentro do novo partido, Majumdar, auxiliado pelo Prof. Suniti Ghosh, Saroj Dutta e Sushital Roychoudhury, conseguiu consolidar sua visão e seus ideais maoístas, sendo declarado líder do CPI (ML)⁶³. Segundo Majumdar:

Mas a revolução nunca pode ter sucesso sem um partido revolucionário: um partido firmemente enraizado no pensamento de Mao Tse-tung, um partido composto de milhões de trabalhadores, camponeses e juventude de classe média inspirados pelo ideal de auto sacrifício: um partido que garanta direitos democráticos para críticas e auto críticas e cujos membros livremente e voluntariamente aderem a sua disciplina [...] (MAJUMDAR apud RAY, 2013: 130).

⁶² O CPI (ML) foi fundado na data comemorativa ao centésimo aniversário de Vladimir Ilitch (SINGH, 2011: 26).

⁶³ Os dirigentes não satisfeitos com a liderança de Majumdar não pouparam críticas ao novo partido, acusando de adotar uma linha “Guevarista” de guerrilha urbana sem construção de movimentos de massas. Além disso, alguns líderes não foram consultados ou estavam despreparados para a formação do CPI (ML). Os principais dissidentes foram Parimal Das Gupta e Asit Sen (SINGH, 2011: 29).

Esses eventos ocorreram em um momento turbulento no subcontinente indiano, pois o país passava por um período de desvalorização da sua moeda, além de uma crise de alimentos, o que levou a contestação da capacidade do Partido do Congresso em administrar a Índia (ibidem: 90-91). Ainda segundo o autor, os comunistas também passavam por uma forte crise ideológica, opondo mais do que visões distintas sobre o caminho socialista, mas valores e moral inscritos nos discursos de suas lideranças (ibidem: 109).

Concomitante ao retrocesso do movimento nas áreas rurais houve um forte aumento das ações naxalistas nas áreas urbanas, impulsionados por uma aura de romantismo criada entorno da luta no campo. Entretanto, diferentemente do que ocorreu na fase rural do movimento, em que as lideranças organizavam os ataques camponeses, os responsáveis por incentivar a luta na cidade eram os militantes de base, formados principalmente por estudantes universitários ou de escolas de ensino médio. Em sua maioria eram muito jovens, normalmente entre 15 e 25 anos, oriundos da classe média baixa e solteiros, com um conhecimento básico do marxismo e do maoísmo (MUKHERJEE, 2007: 155). Portanto, era comum os membros do comitê central do CPI (ML) se encontrarem afastados das áreas de maior conflito, pois esses viviam nas áreas rurais, locais em que os estudantes faziam um “estágio revolucionário” durante suas férias de verão, para conhecer a realidade do povo não urbano⁶⁴.

Entretanto, o grupo de jovens urbanos que foram participar dos levantes nas áreas rurais não era um grupo homogêneo, pois exerciam diversas atividades na cidade, fator que dificultou sua adaptação ao novo e difícil ambiente da vida rural, sendo essa uma das causas da falha do movimento em seus anos iniciais. (JAWAID, 1979: 45). Para RAY (2013: 16) existe aqui um paradoxo, afinal “[...] um partido da revolução pelo campo se envolveu em terrorismo urbano em larga escala”. O autor realça o caráter romântico e idealista dos jovens como motivo para essa situação.

Sobre a participação dos jovens urbanos, na organização do movimento nos meios rurais, BANERJEE destaca que: “A vanguarda maoísta no começo do movimento consistia de membros educados da classe média urbana que se mudou para as vilas para iniciar um trabalho ideológico entre os camponeses na estratégia da revolução agrária e organizá-los através das táticas da guerra de guerrilhas” (2009: 257).

⁶⁴ Sumanta BANERJEE, um dos mais respeitados estudiosos do naxalismo foi um desses jovens. Nascido em uma família de comunistas de classe média de Calcutá, foi levado a participar do movimento pelos seus ideais políticos no início dos anos 1970, produzindo diversos livros sobre sua experiência e sobre o naxalismo. Atualmente considera-se “a *distant onlooker*” (2009: 254; grifo do texto).

É possível que o movimento tenha ganhado força e expressão nas cidades por causa dos emissários de Charubabu, pois esses, muitas vezes, levavam falsas notícias sobre a “grande experiência revolucionária que ocorreu em Naxalbari”, iludindo os intelectuais e a juventude da cidade, além de grupos desiludidos com os rumos tomados pelo CPM ao participar do governo em Bengala Ocidental. Conforme CHAKRABARTY e KUJUR, Kanu Sanyal, uma das lideranças do movimento fez a seguinte observação:

[...] depois que nós fomos para a ilegalidade – durante 1967-68 e em 1969-72 – muitos perderam contato com a realidade da situação de campo; infelizmente nós aprendemos muito tarde que o que estava sendo dito pelas nossas lideranças e outros membros do partido eram distorcidos e exagerados, que agradava ao alto comando e nesse processo o potencial revolucionário sofreu um dano incalculável (2010:43).

Indivíduos considerados criminosos pelas autoridades eram prestigiados entre a juventude, que os hospedavam em seus quartos nas universidades⁶⁵. Esses indivíduos organizavam “Esquadrões de Ação” entre os estudantes, para realizarem o aniquilamento dos inimigos de classe, além de outras “atitudes revolucionárias”, como hastear a bandeira do CPI (ML) ou pichar palavras de ordem nos muros das cidades. Normalmente as mortes dos inimigos de classe eram publicadas nos jornais organizados pelo partido, o *Deshabrati* (editado por Saroj Dutta) e o *Liberation* (editado por Sushital Roy Choudhuri, e depois por Suniti Ghosh), incentivando a ação dos esquadrões e uma insana concorrência entre grupos. Esses jornais eram muito lidos entre a juventude de Calcutá⁶⁶.

Entre maio e junho de 1970, somente Calcutá registrou 1.257 ataques de vandalismo contra símbolos nacionais, escolas e livrarias, orquestrados por jovens seduzidos pelas ideias revolucionárias (MUKHERJEE, 2007: 13). Majumdar, em seus artigos publicados no *Deshabrati* e no *Liberation*, incitava os estudantes a agirem contra os inimigos de classe e seus símbolos de poder, propondo uma maneira nem um pouco organizada ou planejada de ação revolucionária. Dessa forma, eram praticamente atos

⁶⁵ MUKHERJEE cita o caso do professor Gopal Sen, morto pelos estudantes ao negar que a universidade de Jadavpur, da qual era vice-reitor, hospedasse indivíduos procurados pela polícia (2007: 28).

⁶⁶ O movimento naxalista não ficou restrito em Bengala Ocidental, pois militantes do CPM de outros estados, tais como Andra Pradesh e Bihar, também incentivaram a luta armada em suas regiões. Dessa forma, esses jornais tinha boa circulação especialmente no norte da Índia, mantendo militantes e apoiadores informados com notícias do movimento.

anarquistas de ação direta, muito criticados pelo próprio Lenin⁶⁷. Segundo RAY (2013: 102), em fevereiro de 1970 Majumdar publicou um artigo que ficou conhecido como um “manual do assassino”, escalando rapidamente a violência nos meios urbanos, gerando uma situação de “todos contra todos”.

Símbolos nacionais tais como estátuas de Neru e Gandhi eram destruídas, acusados de serem agentes do imperialismo britânico (MIB 5, 2008: 47). Além disso, Majumdar defendia a necessidade de esquecer o passado para construir a nova democracia revolucionária (BANERJEE, 2008: 206). Porém, para RAY (2013: 15) esses ataques não representavam atos revolucionários, mas sim um niilismo burguês de desconstrução dos mais altos valores, pelo simples fato de suas aspirações não estarem inseridas entre esses símbolos. Para o autor, essas atitudes demonstravam não um caráter revolucionário, mas sim antipolítico.

Ainda em maio de 1972, alguns líderes escreveram para Majumdar pedindo para que ele controlasse a espiral de violência e mortes na qual o movimento estava mergulhando, pois os naxalistas estavam matando uns aos outros (JAWAID, 1979: 59). Isso ocorria porque os diferentes “Esquadrões de Ação”, sem um comando central, se acusavam mutuamente de serem informantes da polícia⁶⁸. Essa é uma característica do esquerdismo aventureiro praticado pelos naxalistas, sendo uma prática comum até os dias de hoje entre os membros do movimento, ainda que ocorra de forma mais organizada. Segundo o sociólogo BANERJEE (2008: 213): “Estava claro que Bengala Ocidental havia se tornado um campo de batalha no senso real do termo, onde nenhuma norma civil operava. O único objetivo era matar o inimigo”.

Como os ladrões e bandidos comuns que se integravam cada vez mais nos “Esquadrões de Ação” não eram totalmente desconhecidos da polícia, suas prisões terminaram por levar a outros indivíduos, sendo um dos pontos fracos da guerrilha urbana, ajudando a dismantelar os esquadrões. Nesse sentido: “Quase imperceptíveis as portas do movimento foram abertas para o submundo, trazendo consequências

⁶⁷ Em seu livro “Esquerdismo: doença infantil do comunismo” Lenin criticou os marxistas de extrema esquerda, que não reconhecem o momento histórico para realizar suas ações, procurando combater especialmente os grupos anarquistas.

⁶⁸ Segundo MUKHERJEE (2007: 14) Dilip Banerjee seria o homem que realizava os ataques contra os próprios companheiros em nome das suspeitas de Majumdar. Suniti Ghosh teria denunciado essa prática em uma carta escrita para Majumdar e uma cópia enviada a Dilip, acusando ambos de fazerem uma campanha contra Kanu Sanyal e contra o próprio Ghosh, ou seja, existia um jogo de intrigas pelo domínio interno do poder no CPI (ML), levando ao enfraquecimento do mesmo.

perigosos. A polícia soube tirar vantagem quando o momento oportuno chegou” (BANERJEE, 2008: 218).

Como os casos de aniquilação estavam acontecendo com muita frequência, Arun Mukherjee, que na época trabalhava no grupo especial da polícia de Calcutá, decidiu tomar algumas medidas, tais como:

1) Entrar em contato com os pais dos jovens suspeitos de envolvimento, para comunicar-lhes que a polícia estava investigando atitudes suspeitas de seus filhos⁶⁹;

2) As torturas contra os acusados de envolvimento eram totalmente proibidas. Qualquer policial suspeito de quebrar essa regra seria expulso da polícia⁷⁰;

3) Para inteirar os policiais sobre a ideologia que motivava seus adversários, recebiam aulas sobre Leninismo e Maoísmo.

4) Foi elaborado um questionário com uma série de perguntas para serem feitas aos naxalistas presos. Dessa forma foi possível traçar quadro das condições socioeconômico dos envolvidos, além de sua compreensão de suas atitudes e da ideologia de Mao.

Na avaliação de Arun MUKHERJEE (2007: 11), sua operação obteve os resultados desejados porque não deixou um rastro de brutalidade e hostilidade, normalmente associados com as operações policiais. Contrariando essa ideia, BANERJEE (2008: 234) afirma que somente entre março de 1970 e agosto de 1971, 1.873 membros ou apoiadores do CPI (ML) foram mortos pela polícia em números oficiais. Esses números não incluem os presos mortos dentro das prisões, pois “[...] a polícia atirou em prisioneiros desarmados em pelo menos seis cadeias de Bengala Ocidental” (idem). Nesse mesmo sentido, para RAY (2013: 158) a polícia sempre se comportou de maneira brutal, utilizando os meios ao seu alcance: prisões, torturas e execuções sumárias.

Para Kanu Sanyal a principal falha das lideranças naxalistas foi, ao se tornarem foragidos (entre 1969-71), terem perdido a organicidade do movimento, tendo assim ideias irreais do que estava realmente acontecendo em Bengala Ocidental e no resto da Índia. Os métodos adotados pelo CPI (ML) não passaram despercebidos de seus aliados.

⁶⁹ MUKHERJEE (2007: 20) cita alguns casos de jovens realmente idealistas, que ao serem presos por seu envolvimento com os naxalistas terminam por se arrepender. Outros, não envolvidos em casos graves, foram soltos pela polícia com a promessa de não auxiliarem atitudes antipatrióticas.

⁷⁰ Essa medida está diretamente relacionada com o sucesso em deter os revoltosos nas agitação de Naxalbari. Entretanto, o próprio Arun Mukherjee (2007: 22) admite que era difícil de deter o ímpeto de vingança pela morte de policiais mortos existentes nas delegacias de policias.

Por volta de 1970, os naxalistas teriam recebido críticas por causa de suas ações anárquicas de partidos considerados amigos, como o partido comunista maoísta-leninista do Reino Unido e da Nova Zelândia, ou ainda, mais surpreendentemente, críticas vindas do PC Chinês, até então o principal apoiador da revolta.

Essa segunda fase dos anos iniciais da guerrilha termina com o Estado de Emergência Interna declarada por Indira Gandhi (BANERJEE, 2008: 2), com o intuito de acabar com os movimentos de oposição no país, além de combater a crise econômica que assolava a Índia. Segundo FLAVONI, os indianos aceitaram com resignação o que estava ocorrendo, e segue:

[...] porque era o último instrumento a disposição da primeira-ministra para salvar a si mesma. Quaisquer que sejam as justificativas formais, na prática fluem rapidamente para um declive muito perigoso. Em poucos dias os líderes adversários são presos. Mais de vinte organizações se tornam ilegais (sobretudo de direita, mas também de esquerda). Se dissolvem os governos dos Estados controlados pela oposição (2003: 82).

O maior legado dessa fase foi a conscientização de um programa mínimo em comum defendido pelos naxalistas. Esse programa consiste na captura de uma região por meio da guerra de guerrilhas e sua libertação dos agentes semi-coloniais e semi-feudais, um avanço ideológico importante para evitar “revisionismos”.

1.2 – A briga pelo poder (1975-1990)

Contudo, após o período de Emergência, os remanescentes dos grupos naxalistas fizeram uma silenciosa e determinada tentativa de reviveração e reconstrução

– K. P. Singh

Essa fase é caracterizada por movimentos contraditórios, pois, por um lado houve diversas lutas internas pelo controle político dos naxalistas, com a consequente fragmentação dos grupos. Por outro lado, também foi um período de muitos debates, proporcionando a unificação de algumas organizações de extrema-esquerda (SINGH, 2008: 14). Isso ocorreu devido às divergências estratégicas e táticas existente entre as lideranças naxalistas, sendo que as principais questões eram a prática da “aniquilação dos inimigos de classe”, a participação em sindicatos e associação e, especialmente, entrar ou não no jogo eleitoral (BANERJEE, 2009: 255). Essas disputas relacionadas a autoridade revolucionária, levaram alguns membros do partido a recorrer as armas

contra seus próprios companheiros, no sentido de impor as suas concepções (Idem, 291).

Dessa forma, em 1977, com o fim do Estado de Emergência⁷¹, os sobreviventes começam a se reagrupar e surgem algumas organizações que se destacam demonstrando as escolhas possíveis para os naxalistas remanescentes: a manutenção da luta armada (como pregavam o People's War Group – PWG – e Maoist Communist Centre – MCC) ou a participação no processo eleitoral, conforme defendido pelo Partido Comunista da Índia (Marxista-Leninista) Liberação – PCI (M-L) Liberação.

Os partidos supracitados serão analisados posteriormente por estarem diretamente relacionados com a atual fase do naxalismo na Índia, os dois partidos que optaram pela luta armada foram, por muitos anos, as principais forças maoístas revolucionárias na Índia; contudo, conforme exposto, uniram-se em uma única organização em 2004 e o PCI (Maoísta) será analisado no segundo e quarto capítulos dessa dissertação.

1.2.1 – A defesa da “correção de curso”

O grupo liderado por Subrata Dutt, Nagbhusan Pattnaik e Vinod Mishra, dividiu-se do CPI (M-L) e fundou o PCI (M-L) Liberação em 1974, objetivando fazer uma “correção de curso” nas estratégias e táticas naxalista (KUJUR, 2008: 3). Esse novo partido passou a defender que a guerra de guerrilhas fosse limitada, além da participação em frentes partidárias contra o Partido do Congresso.

O Comitê Central do partido realizou uma tentativa de unificar os grupos naxalistas, chamando uma reunião entre eles em 1981, contudo sua iniciativa não teve o resultado esperado. No ano seguinte, em Nova Déli, o partido lançou a Frente Popular Indiana (FPI), sendo que essa organização serviu como sua plataforma política para entrar no processo eleitoral, resolução formalmente aceita por seus militantes no terceiro congresso do partido, também realizado em 1982.

Sob a bandeira da FPI, em 1989 o partido conseguiu eleger um deputado para a *Lok Sabha* (Câmara Baixa) pelo estado de Bihar, sendo esse o primeiro “naxalista”

⁷¹ Sobre o período de Emergência, BANERJEE (2008: 330) afirma que houve muita retórica populista e socialista, mas serviu com maior ênfase para os indianos ricos: “Leaving the landlords in the countryside to rule the roost, and the industrialists to reap profits, had been the basis of Congress policies. Expressions of popular resentment against this were mollified by populist rhetoric, and when they became explosive were suppressed with violence”.

eleito para o parlamento. Seguindo essa lógica, o próprio partido passou a adotar medidas para se tornar uma organização legal e reconhecida pela comissão eleitoral indiana, processo que foi consolidado em 1995. Entretanto, o PCI (M-L) Liberação alega que não abandonou totalmente o processo revolucionário, atividade que pode ser retomada sob circunstâncias excepcionais tanto dentro da Índia, quanto no contexto internacional (CHAKRABARTY; KUJUR, 2010: 48). Esse grupo mantém constantes embates com os maoístas revolucionários na busca de maior influência entre os *adivasis* e *dalits*, especialmente nos estados de Andhra Pradesh e Bihar.

1.2.2 – People’s War (PW)

O People’s War Group (PWG), assim como o CPI (M-L), foi fundado em comemoração ao dia de aniversário de Lenin, no ano de 1980. Se hoje o naxalismo é considerado um grave problema interno para o governo indiano, muito se deve a atuação do PWG, pois sua linha de defesa da aniquilação dos inimigos de classe e da construção de mobilizações de massas, rejeitando completamente a participação em “Frentes Democráticas”, tornou-se hegemônica entre as organizações naxalistas (KUJUR, 2008: 7).

O principal responsável pela fundação do partido foi Kondapalli Seetharamaiah, ironicamente expulso de sua organização em 1991 (SINGH, 2011: 142). Seetharamaiah, apoiado por Suniti Kumar e K. G. Satyamurthy foram entusiastas defensores das ideias de Majumdar, passando a organizar os povos tribais do estado de Andhra Pradesh, conseguindo habilmente consolidar as ideias maoístas entre essas populações. Dessa forma, Kondapalli instaurou os *dalams*, grupos de 5 a 10 membros dedicados a atividades de ataques contra os inimigos e arrecadação de fundos para o partido por meio de sequestros, extorsões, roubos e cobranças de “taxas”. Essa estratégia mostrou-se muito rentável para sustentar as atividades da organização, além de ajudar a expandir a influência do PWG para outras regiões.

O estado de Andhra Pradesh possui um histórico de movimentos radicais, como o de Telangana e em Srikakulam, ambos precedentes ao movimento naxalista. Além disso, os povos tribais estavam sujeitos a uma grande exploração social e econômica pelas castas privilegiadas, sendo as mulheres as mais afetadas por essa situação. Conforme RAMMOHAN (2011: 103) existem várias músicas naxalistas que falam

sobre a inevitabilidade do estupro e outros abusos contra as mulheres. Muitas dessas músicas e outras que exaltam a atuação dos maoístas foram escritas por Gummadi Vittal Rao, também conhecido como Gaddar. Seus sons serviram de inspiração para a difusão da ideologia dos revoltosos entre os tribais e os dalits, tornando-o extremamente popular em todo o estado.

Dessa forma compreende-se porque não foi complicado para Seetharamaiah encontrar seguidores para suas ideias entre os grupos sociais menos favorecidos. Rejeitando completamente o caminho parlamentar democrático, o PWG defendia que a guerra popular era o único caminho para o povo conseguir atingir o poder político dentro da Índia.

Apesar de inicialmente sua atuação estar restrita somente a Andhra Pradesh, esse grupo conseguiu expandir suas atividades e ideias para outros estados e passou a atuar em Maharashtra e Bihar, onde enfrentou a resistência do PCI (M-L) Liberação, que agora estava restringido ao papel de um pequeno partido político tradicional (CHAKRABARTY; KUJUR, 2010: 50).

Acredita-se que o PWG tenha redistribuído ao menos 500 mil acres de terras espalhados por Andhra Pradesh, por meio da ocupação forçada de propriedades de grandes latifundiários que foram distribuídas entre os camponeses mais pobres da região, muitos desses casos não foram relatados a polícia por medo de represália do partido (SINGH, 2011: 134). Seus militantes tem atingido um alto grau de sofisticação nos usos de explosivos, conseguindo causar grandes baixas nas forças do Governo indiano, além de servir como um fator intimidador para os inimigos do grupo, que não se sentem seguros nem mesmo em carros blindados.

Em agosto de 1998, após longo período de negociações o *People's War Group* uniu-se ao *Party Unity* para formar o *Communist Party of India – Marxist-Leninist (People's War)*, também conhecido como *People's War*. Ambos partidos acreditam que somente por meio da guerra popular prolongada é possível alcançar a vitória para estabelecer a “Nova Democracia”.

1.2.3 – Maoist Communist Centre

Quando essa organização foi formada em 1969, era conhecida como *Dakshin Desh* e se opunha as ideias de Majumdar, considerando a mobilização de massas como

intrinsecamente relacionado com a luta armada, portanto, esses processos não poderiam ser separados (RAMMOHAN, 2011: 106). Suas lideranças, Amulya Sen e Kanai Chatterjee, escolheram a área de Jangal Mahal, no estado de Bihar para iniciar sua atuação. Essa localidade possui muitos *adivasis* e *dalits*, além de florestas, que poderiam servir como um refúgio estratégico.

O partido passou a organizar pequenos esquadrões para difundir a propaganda naxalista, propondo a mobilização de massas através de sindicatos ou outras organizações que aglomerassem os povos humildes das regiões onde atuavam (SINGH, 2011: 150). Bihar era um solo fértil para essa propaganda, uma vez que não houve nenhum tipo de implementação de reforma agrária no estado, além dos indivíduos de castas consideradas superiores, serem os maiores proprietários de terras.

Dessa forma, os esquadrões organizados pelo partido realizavam algumas ações, como roubar grãos e armas dos “inimigos de classe”, praticando também o seu aniquilamento. Em cada uma dessas ações participavam entre 400 e 500, sendo que em alguns casos poderiam chegar a mil indivíduos, demonstrando a força ideológica do partido na região (SINGH, 2008: 13). Como resultado, o grupo conseguiu atingir grande influência na área central de Bihar. Conforme CHAKRABARTY e KUJUR (2010: 53): “Desde sua fundação, o MCC defendeu a ideia de luta armada como o principal caminho para realizar a guerra popular prolongada como a principal tarefa do partido”.

Em 1975 o grupo mudou seu nome para *Maoist Communist Centre*, ampliando sua área de atuação, gradativamente, a partir do ano seguinte, conseguindo influência no estado de Jharkhand. Seu principal objetivo era preparar a luta armada no campo, para consolidar o poder popular e conseguir “libertar” algumas regiões agrárias. Além disso, também era seus objetivos cercar e conquistar as cidades destruindo o poder estatal reacionário para implementar a nova democracia (KUJUR, 2008: 11).

O partido chegou a contar com a participação de 10 mil membros, além de uma base ativa de 500 revolucionários profissionais trabalhando exclusivamente para a organização. Contudo, em meados dos anos 1980, com as mortes e prisões de algumas lideranças, começou a sofrer cisões que acarretaram em um enfraquecimento do grupo. Conflitos com outras organizações naxalistas que atuavam em Bihar também enfraqueceram a influência do MCC na região (SINGH, 2011: 155).

As atividades recentes dessa organização foram, em janeiro de 2003, sua unificação com o Revolutionary Communist Centre of India, formando o *Maoist*

Communist Centre of India (MCCI) que, por sua vez, em 2004, uniu-se os *People's War*.

1.3 – O ressurgimento do movimento naxalista (1995- dias atuais)

Consequentemente, tem sido apontado corretamente que a essência da liberalização econômica na Índia pode ser capturada em um provérbio budista que sugere 'a chave para o portão do paraíso também pode ser a chave para o portão do inferno'
 – Chakrabarty;Kujur

Esse período pode ser considerado um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que a Índia conseguia alcançar taxas assombrosas de desenvolvimento, viu renascer um movimento que já considerava praticamente terminado. Em um período de pouco mais de 10 anos, os naxalistas se tornaram “a maior ameaça interna da Índia”. Com a implementação das Zonas Econômicas Especiais, especialmente a partir de 2005, um novo campo de disputa entre o estado e aqueles que serão desalojados para a realização desses projetos surgiu um potente foco de efervescência social, apropriado pelos naxalistas.

Após as reformas econômicas iniciadas em 1991, a Índia entrou em rápido processo de industrialização e globalização, trazendo a questão do direito dos povos tribais e da preservação das florestas para os holofotes da mídia e o debate nacional indiano. Ao defender esses direitos os naxalistas ganharam muito apoio popular e de setores ligados a essas causas (VERMA, 2011: 11), principalmente organizações não governamentais, intelectuais e artistas.

Grande parte do renascimento naxalista pode ser creditado a essas reformas econômicas, que terminaram por excluir ainda mais a população pobre da Índia, que ainda não viu a *India Shining*⁷² prometida em campanhas de marketing eleitoral. Em compensação, uma classe média crescente se torna alienada do resto do país, mergulhada na nova fase de desenvolvimento indiano, procurando também participar

⁷² CHAKRAVARTI (2008: 5) refere-se ao sentimento de otimismo econômico que existia na Índia em 2004, sendo canalizado nas campanhas eleitorais do Bharatiya Janata Party (BJP), então no poder. Contudo, o autor contrasta “It entirely missed the plot in rural India, where about 280 million comprise landless agricultural labour, traditionally trod upon. It also missed the point by trumpeting the achievements and aspirations of the middle class – which the most optimistic estimates put at 250 million”. (*Isso passou despercebido na Índia rural, onde 280 milhões de trabalhadores rurais sem terra foram esquecidos. Ele também errou o ponto ao anunciar conquistas e aspirações da classe média – cuja estimativas mais otimistas colocam em 250 milhões*).

desse processo. Dessa forma, por um lado os naxalistas conseguiram ampliar suas atuações em áreas remotas do país, exploradas por grandes multinacionais em busca de seus recursos naturais. Mas, por outro lado, tem enfrentado enormes dificuldades para atuar nos meios urbanos, enfraquecendo a influência do partido nos movimentos operários e estudantis, setores que foram muito fortes nos anos 1970 e 1980.

Nessa conjuntura, a fundação do Partido Comunista da Índia (Maoísta) representou uma nova etapa na trajetória do movimento naxalista. Para KUJUR (2008: 11): “O movimento naxalista da Índia entrou ainda em outra fase de transformação organizacional com a união das duas principais organizações, a saber, People’s War (PW) e o Maoist Communist Centre of India (MCCI), que resultou na formação do Partido Comunista da Índia (Maoísta)”.

Divergindo da estratégia previamente estabelecida por Majumdar, que esperava realizar a Revolução Democrática na Índia em um período muito breve (entre 1969 e 1975), os novos grupos planejam uma guerra prolongada, não estabelecendo previsões ou datas específicas para esses acontecimentos. Entretanto, isso não significa que não possuam objetivos a curto, médio e longo prazo. Eles adotam a estratégia da guerra popular prolongada, com a intenção de alcançar o poder político ao unificar as “zonas liberadas” de todo o país, consolidando assim o chamado “Corredor Vermelho” (anexo III).

Esse movimento naxalista revigorado prega a unificação entre o Partido, ou seja, o Comitê Central e os militantes políticos e seu braço armado, a Guerrilha Popular, que desde o congresso de 2007 se tornou o Exército Guerrilheiro de Libertação Popular (*People’s Liberation Guerrilla Army – PLGA*), uma força permanente com objetivo de formar e unificar as “áreas libertas” de todo o país. Identificam as forças de segurança e funcionários do governo como inimigos do povo, afastando as populações das regiões onde dominam dessas instituições, além de respaldar suas ações argumentando a defesa dos interesses dos povos tribais.

Conforme apresentado, o *People’s War* possuía uma presença mais significativa nos estados de Andhra Pradesh e Bihar, enquanto o *Maoist Communist Center of India* estava presente nos estados de Bihar e Jharkhand. Outros estados também sofrem com a ação dos naxalistas, como o cinturão tribal da região de Bastar, no estado de Chhattisgarh (onde se encontra a região de Dandakaranya). Além dessas localidades, os guerrilheiros também tem forte presença no distrito de Gadchiroli, pertencente ao

estado de Maharashtra e vários distritos de Bengala Ocidental (MUKHERJEE, 2007: 30).

Os perfis das novas lideranças do Partido não estão bem definidos, pois alguns líderes ainda são desconhecidos. Contudo, é possível afirmar que são diferentes dos jovens românticos e aventureiros dos anos 1960. Essas novas lideranças possuem substancial envolvimento com a população dos locais onde atuam, além de grande conhecimento da geografia local. Além disso, como o Partido tem perdido força nos meios urbanos, sua principal fonte de lideranças nos anos anteriores, a influência de dalits e *adivasis* no comitê central tem aumentado. Conforme Ganapathy: “[...] pela primeira vez três camaradas de origem tribal foram eleitos para o Comitê Central em nosso Congresso” (MIB 20, 2010: 18).

Outra diferença notável para essa nova fase do movimento naxalista é a sua capacidade de logística e ação coordenada, demonstrado em ataques ousados contra importantes políticos e forças de segurança⁷³. Para RAMACHANDRAN (2011: 26), “Existe, mais do que nunca, coordenação e cooperação entre os Maoístas de diferentes partes do país. Se no passado muita energia era consumida em lutas fracionais e disputas de territórios, essa união possibilitou o foco no poder de fogo contra o Estado”. Além disso, suas armas são muito mais sofisticadas que os arcos e flechas utilizados nos anos iniciais da guerrilha, incluindo uso de metralhadoras, explosivos e minas terrestres.

Por outro lado, o governo que havia se mostrado hábil ao deter e dismantelar a guerrilha nos anos 1960 reprimindo o movimento ora com a violência, ora com a realização de reformas, parece ter desaprendido suas próprias ações, pois anuncia medidas vagas sobre reforma agrária (MUKHERJEE, 2007: 31), além de permitir que forças paramilitares sejam organizadas, a margem do estado, para enfrentar os naxalistas⁷⁴. Conforme HARRISS (2010: 20) atualmente a polícia é mal treinada e espera-se deles que cometam abusos contra a população civil, como nítida forma de intimidação de qualquer forma de oposição as ideias oficiais defendidas pelos governos estadual ou federal.

⁷³ Como o notável ataque as instalações policiais em Nayagarh, quando mais de mil armas foram roubadas de uma delegacia (MAOIST INFORMAION BULLETIN 1, 2008: 2). Ou ainda o ataque anfíbio contra forças de segurança que viajavam em um barco em julho de 2008, matando 19 policiais.

⁷⁴ O mais criticado desses grupos é o Salwa Judum, organização paramilitar com forte atuação em Chhattisgarh. Fundado em 2006, sua atuação foi alvo de críticas de diversas organizações de direitos humanos, pois eram acusados de queimar as casas dos *adivasis* que não concordavam com seus métodos violentos. Apesar de ter sido declarado uma instituição ilegal por juízes indianos, o Salwa Judum foi proibido de receber dinheiro público, mas continua atuando impunemente e com o respaldo estatal. Essa organização será analisada no capítulo 3.

Os naxalistas são fiéis à manutenção de um discurso revolucionário e consideram traidores todos aqueles de aceitam participar do processo eleitoral, visto por eles como pequeno-burgueses e oportunistas. Violência para contrapor o processo eleitoral sempre foi um ponto de debate entre os comunistas indianos, sendo uma forma de resistência contra o terror e repressão do Estado, esse visto como o grande inimigo a ser conquistado. Dessa forma, lutas fora do processo parlamentar-burguês sempre fizeram parte da luta de classes na Índia. Ao refletir sobre a ação do movimento é muito pertinente levar em consideração as colocações levantadas por MUKHERJEE (2007: 31):

Como pode qualquer pessoa sensível negar o fato de que os tribais, que habitam as regiões remotas da Índia há muitas gerações, sempre sujeitados ao pior tipo de exploração, começando pelo governo e os contratadores, pequenos políticos e funcionários públicos encarregados com a responsabilidade do rápido desenvolvimento social e econômico dessas áreas negligenciadas, não enxergarem nos guerrilheiros seus salvadores?⁷⁵

1.4 – Conclusão

É essencial recapitular as características dos naxalistas para entender e interpretar a atual fase do movimento. Esse entendimento ajuda a comparar os diferentes períodos dos guerrilheiros e joga luz em como o movimento foi capaz de sobreviver por tanto tempo, sempre sendo uma ameaça.

Nesse capítulo, buscou-se resgatar brevemente a história dos partidos comunistas na Índia como forma de contextualizar os motivos que levaram ao surgimento de diferentes grupos comunistas no país e quais são as principais diferenças entre eles. Além disso, procurou-se demonstrar que o movimento naxalista é um reflexo de mudanças e continuidades, por isso é imprescindível compreender as transformações organizacionais que ocorreram desde o início das revoltas de extrema-esquerda contra o poder estatal, fundamentadas nas mais diversas ideologias.

Tanto a União Soviética quanto a China exerceram forte influência nos militantes da Índia, pois ambas as nações conseguiram realizar com sucesso uma revolução socialista, ainda que utilizando estratégias bem distintas. Os comunistas

⁷⁵ Arun MUKHERJEE (2007: 32) ainda relata que os incidentes envolvendo populações pobres sendo massacrados com a total apatia do poder público são comuns nas regiões dominadas pelos naxalistas.

indianos terminaram por se dividir entre essas duas nações, causando grandes prejuízos para a luta socialista no país.

Ainda que o CPI (M-L) não acreditasse no processo eleitoral (atualmente participa das eleições), sua luta armada, baseada no princípio de “aniquilação dos inimigos de classe” não trouxe nenhuma mudança significativa para a vida daqueles que o Partido tentava ajudar. Ao contrário, serviu somente para isolar seus militantes da realidade social, transformando um movimento político em um problema de polícia. Sem dúvidas, o uso da violência indiscriminada (aniquilação dos inimigos de classe) terminou por alienar os grupos que os naxalistas diziam estar lutando para defender, afastando-os assim de sua área de influência.

Para a Índia, os naxalistas não podem mais ser tratados como um simples problema de ordem pública e de polícia, pois, para esses falta competência para lidar com a questão devido a problemas de corrupção policial. O grande volume de dinheiro empregado nessa questão também não resolve o problema, pois este não é bem empregado na solução.

O movimento apresentou diversas falhas importantes: teve muitas dificuldades para se expandir e quando conseguiu, sofreu com a desunião das diferentes vertentes. Ao não criar, treinar e qualificar um exército específico, indo além dos simples e pouco organizados “esquadrões”, tornou-se um alvo fácil para a repressão policial. Outra falha significativa era a crença muito forte no caráter espontâneo de um levante popular na Índia porque existiriam as “condições ideais” para a revolução no país.

Conforme afirmou Sidney Jones, Conselheiro Sênior para o *Crisis Group* em programas na Ásia, a morte de suspeitos de envolvimento em atividades terroristas pelos policiais é uma medida contraproducente, pois aumenta o sentimento de vingança nos familiares dos envolvidos mortos e a polícia passa a ser o inimigo número um. Para sanar esse sentimento, os parentes das vítimas terminam por servir de combustível para as organizações terroristas, criando assim um ciclo de violência⁷⁶. Ou ainda, como chamou a atenção a intelectual Mahasweta Devi, pessoas que são torturadas pela polícia terminam por se engajar com o Partido, numa forma de declarar guerra para tentar mudar a sociedade (MIB 1, 2008: 15).

⁷⁶ A analista fala do caso da Indonésia, mas é possível comparar com o caso indiano, pois a ação policial é a mesma, assim como as suas consequências. Disponível em <http://www.radioaustralia.net.au/international/radio/program/connect-asia/indonesian-antiterror-squad-killings-prompt-revenge-attacks/1085928>, acessado em 09/02/2013.

Enfim, o início da revolta naxalistas foi causado por problemas sociais, injustiça econômica e falta de desenvolvimento nas regiões rurais, problemas que a Índia contemporânea também não consegue combater. Portanto, sua recente ascensão está diretamente relacionada com problemas políticos e de governança, além do despreparo policial. Isso termina por gerar um clima de desesperança no campo, tornando o trabalhador rural humilde um possível militante da luta armada revolucionária como saída para melhorar sua condição social.

Capítulo 2. O Partido Comunista da Índia (Maoísta)

*A criação de um único aparelho chamado Partido Comunista da Índia (Maoísta),
adicionou uma nova dimensão para o cenário naxalista*

– Ministry of Home Affairs Annual Report 04/05

Na trajetória recente do movimento maoísta indiano, a fundação do PCI (Maoísta) pode ser considerada uma ruptura na antiga tendência de divisões que ocorria entre os grupos naxalistas. As duas principais organizações da luta revolucionária maoísta se uniram e passaram a atuar de forma conjunta, sendo o principal objetivo partidário a concretização de áreas-base⁷⁷. Tal objetivo ganha maior relevância devido ao momento de efervescência do maoísmo na Ásia, em especial aos sucessos alcançados no país vizinho, o Nepal⁷⁸. Além disso, conforme BANERJEE (2008: 363): “[...] este partido entre todos os grupos naxalistas, carrega o legado espiritual do movimento, que está essencialmente enraizado na estratégia revolucionária de mudanças por meio da luta armada inaugurada em Naxalbari em 1967”.

Nesse contexto, este capítulo irá analisar o impacto do 9º Congresso do Partido na elaboração de novas estratégias e táticas para a luta maoísta na Índia. Como exemplos dessas mudanças postas em prática, serão estudados os casos de Lalgarh (mapa 1) e Dandakaranya (mapa 2). O primeiro porque representa um movimento de cunho popular incitado pelos auspícios das novas estratégias e o segundo porque essa região é considerada umas das primeiras “zonas libertas” pelos naxalistas e é o alvo primordial da ofensiva do governo central contra o movimento. Antes disso, contudo, será apresentado uma breve análise sobre os *adivasis*, principal grupo étnico-social envolvido com os naxalistas na atualidade.

Conforme o próprio governo indiano, a principal intenção dos revolucionários com a fundação do seu novo Partido passou a ser o estabelecimento de uma Zona Revolucionária Compacta (ZRC), indo do Nepal até o centro da Índia, no estado de

⁷⁷ Conforme apresentado em um dos documentos divulgados após seu 7º Congresso: “It set several new tasks for the party with the main focus on establishment of base areas as the immediate, basic and central task before the entire party”. (COMPLETES UNITY CONGRESS, 2007: 2). (*Novas tarefas foram lançadas pelo Partido, a principal tarefa é o foco no estabelecimento de áreas base*).

⁷⁸ Em 2006, após uma década de lutas, os maoístas nepaleses obtiveram sucesso em terminar com o sistema monárquico do país, elevando o otimismo dos maoístas de toda a região. Contudo, ao aceitar participar de um sistema pluripartidário, no qual também concorriam partidos das elites dirigentes do Nepal, passou a ser alvo de críticas dos revolucionários mais ortodoxos especialmente na Índia. Para uma série de artigos e livros referentes à trajetória do Partido Comunista do Nepal (Maoísta) ver: < http://graduateinstitute.ch/files/live/sites/iheid/files/sites/ccdp/shared/5072/Nepal_maoist%20insurgency.pdf>, acessado em 15.dez.2013.

Andhra Pradesh, passando pelos estados de Bihar e Chhattisgarh, além da região de Dandakaranya. (AR, 04/05: 3). Essa zona se estende pela parte noroeste da Índia, passando também por Odisha, Bengala Ocidental, Jharkhand e com algumas extensões em Madhya Pradesh e Maharashtra. A ZRC é popularmente chamada na mídia indiana de “Corredor Vermelho”.

Mapa 1: região de Lalgarh, no estado de Bengala Ocidental



Fonte: <http://www.topnews.in/maoists-incite-lalgarh-villagers-protest-against-deployment-security-forces-2196640>

Mapa 2: região de Dandakaranya, com destaque em vermelho no mapa. Passa por diversos estados, incluindo a área de Abhujmad⁷⁹, no sul de Chhattisgarh, principal base dos naxalistas.



Fonte: <http://internalconflict.csa-chennai.org/2010/05/lt.html>

Segundo os naxalistas, 75% da ZRC já conta com presença dos seus militantes, em maior ou menor intensidade, informação não admitida pelo governo. Entretanto, para alguns especialistas, pelo menos 60% do objetivo territorial dos guerrilheiros foi atingido (K. P. SINGH, 2008: 16).

⁷⁹ Sobre essa região, um relatório destaca: “There are remote areas in the country where there is hardly any governance. Abujmarh in Naraipur district of Chhattisgarh is one such area. Abujmarh literally means ‘Unknown Highlands’. The area has a tribal population of 27,000 inhabiting some 260 far-flung villages over a sprawling area of 4000sq kms. The tribals here are primarily the Maria; they are the most backward tribals between the rivers Ganga and Godavari. Abujmarh has a difficult terrain which remains cut off from the rest of the civilized world for about six months a years. The Expert Group was appalled to be told that the area has not been surveyed to date and that it has hardly any revenue or police presence on regular basis. No wonder, the Naxals have made it one of their strongholds” (DEVELOPMENT CHALLENGES IN EXTREMIST AFFECTED AREAS, 2008: 59). *(Existem áreas remotas no país onde dificilmente existe qualquer governança. Abujmarh em Chhattisgarh, no distrito de Naraipur é uma dessas áreas. Abujmarh literalmente significa “Montanhas desconhecidas”. A área tem uma população indígena de 27 mil habitantes divididos em 260 vilas espalhadas por 4 mil km. O principal povo originário são o Maria; eles se dividem entre os rios Ganga e Godavari. Abujmarh possui um terreno que permanece isolado do resto do mundo civilizado seis meses por ano. O grupo de especialistas constatou que a área não possui por nenhum tipo de censo e dificilmente possui presença policial regular. Não admira que os Naxalistas tenham tornado esse local um dos seus bastiões).*

A fundação do PCI (Maoísta) só foi possível porque houve uma profunda renovação entre as principais lideranças dos revolucionários em seus respectivos partidos. Discussões a respeito da unificação já existiam há algum tempo entre o PW e o MCCI. Contudo, devido à ação policial e captura de algumas lideranças de ambas as organizações, essas discussões foram canceladas e retomadas diversas vezes. Sem dúvida, um dos principais responsáveis pela fundação do PCI (Maoísta) é o seu atual secretário geral, Mupalla Laxmana Rao, mais conhecido como Ganapathy⁸⁰.

Segundo Prakash SINGH (2011: 272), Ganapathy nasceu em 1949 no distrito de Karimnagar, no estado de Andhra Pradesh, e atuava como professor na vila de Jangipalli quando passou para a clandestinidade. Tomou contato com a ideologia comunista ainda em seu tempo de estudante, pois as ideias naxalistas atraíam muitos jovens de escolas e universidades⁸¹. Ganapathy apresenta uma trajetória diferente da maioria das lideranças do Partido, porque mesmo não tendo atuado em um *dalam* (esquadra de guerrilha, formada por 5 ou 8 membros cujo objetivo é “aniquilar os inimigos de classe”) foi eleito, em 1992, secretário geral do PW, logo após a expulsão de Kondapalli Seetharamaiah, o fundador do partido.

Isso demonstra o desejo de mudança que existia dentro da organização e Ganapathy conseguiu canalizar essa energia para trazer uma renovação de ideias e estratégias. Esse líder se mostrou mais realista e flexível nas discussões com os demais grupos maoístas. Se hoje os naxalistas são uma grande ameaça, muito se deve a atuação de Ganapathy, algo reconhecido pelo governo, pois é um dos homens mais procurados na Índia na atualidade. Em abril de 2012, o *National Investigation Agency*⁸², uma

⁸⁰ Ganapathy é uma das diversas formas de transcrever a palavra *Ganesha*, um deus da mitologia hindu, conhecido como o removedor de obstáculos e responsável por escrever o poema épico *Mahabharata*. Também é o deus que marca o início de um novo ciclo na vida das pessoas, responsável por conduzir grandes e importantes mudanças.

⁸¹ Para um detalhado estudo sobre a situação urbana da Índia nas décadas de 1960 e 1970, e sobre a atração das ideias comunistas sobre os jovens estudantes ver: BANERJEE, 2008: 35-65 – Chapter II: The Urban Scene. São oriundos de Andhra Pradesh as principais lideranças de movimento na atualidade, pois neste estado a ideologia naxalista se tornou muito popular entre os estudantes universitários, abandonando seus estudos e aderindo a luta armada.

⁸² A Agência de investigação foi criada em 2008 em uma tentativa de coordenar ações de inteligência contra atividades terroristas. Essa iniciativa recebeu muitas críticas questionando a necessidade de eficácia de mais uma agência de investigação no país. Conforme o governo indiano: “The National Investigation Agency Act has been enacted and notified on 31.12.2008 and the National Investigation Agency has been constituted. The Director General has been appointed and the 217 additional posts have been created at various levels in the Agency. The agency is mandated to investigate and prosecute offences under the Acts mentioned in the Schedule which, inter-alia, includes offences under the Unlawful Activities (Prevention) Act, 1967) that have inter-state and/or international linkages, which are assigned to it by the Government and would function under the superintendence of the Central Government” (AR, 09/10: 25). (*A lei da Agência Nacional de Investigações foi promulgada e notificada em 31/12/2008 e a Agência Nacional de Investigação foi constituída. O Diretor Geral foi escolhido e 217*

instituição similar a Polícia Federal no Brasil, ofereceu uma recompensa de 15 *lakhs* (algo próximo a 30 mil dólares), por informações que levassem a prisão dessa liderança⁸³.

Suas ideias estão expostas de forma clara em uma série de entrevistas concedidas para jornalistas de várias partes do mundo⁸⁴ e também para os boletins de informações do partido⁸⁵. Especificamente em uma delas, ao falar da união do então PWG com o Party Unity, Ganapathy ressalta a importância da coesão entre os maoístas revolucionários: “Para avançar na causa da revolução indiana, unificação é o único caminho. Como um sério e sincero partido revolucionário, o MCC também entende isso. Por isso nós achamos que eles vão entender nossa união de forma positiva. A verdade é que esta expectativa será provada na prática”⁸⁶.

Na ocasião de fundação do PCI (Maoísta), foi lançado um documento assinado por Kishan, então secretário geral do MCCI e por Ganapathy, então secretário geral do PW, no qual afirmam:

A formação desse partido cumpre os desejos e aspirações das massas oprimidas do país por um partido proletário genuíno, para liderá-los para uma mudança revolucionária, para o estabelecimento de uma nova sociedade democrática, avançando no caminho do socialismo e comunismo.⁸⁷

postos em diferentes níveis foram criados. A Agência investiga e processa casos contra Leis mencionadas em seu programa, incluindo ofensas contra o UAPA, com ligações interestatais ou internacionais, que foram atribuídos pelo Governo e vai funcionar sobre a superintendência do Governo Central).

⁸³Disponível em: <http://www.nia.gov.in/writereaddata/Press%20Note%20RC_01%202012.pdf>, acessado em 18.dez.2013.

⁸⁴ Três entrevistas são fundamentais para entender o pensamento de Ganapathy: a primeira foi concedida para o site *The Rediff* ainda na década de 1990 e versa sobre a tese da unificação como único caminho para fortalecer a revolução indiana. Disponível em: <<http://www.rediff.com/news/1998/oct/07gana.htm>>, acessada em 20.out.2011; a segunda entrevista foi concedida em 2009 para a *Open Magazine* e foca na questão de Lalgarh e contatos internacionais do partido. Disponível em: <<http://www.openthemagazine.com/article/nation/we-shall-certainly-defeat-the-government>>, acessado em 25.outubro.2011; a terceira entrevista foi concedida para o intelectual sueco Jan Myrdal e Gautam Navlakha em 2010 e fala sobre a organização do partido e suas táticas e estratégias para a revolução. Disponível em: <<http://sanhati.com/articles/2138/>>, acessado em 25.out.2011.

⁸⁵ Entrevistas com Ganapathy estão disponíveis nos boletins número 11 e 20. Enquanto isso, Azad, porta-voz do partido e uma das suas mais influentes lideranças, concedeu entrevistas para os boletins 2, 4 e 7, mas em quase todos os boletins está presente ao menos uma mensagem de Azad em nome do partido. Esse guerrilheiro foi morto pela polícia em meados de 2010 e o boletim número 19 é dedicado em sua homenagem.

⁸⁶ *Unification is the only way.* Disponível em: <<http://www.rediff.com/news/1998/oct/07gana.htm>> acessado em 20.out.2011.

⁸⁷ “CPI(ML)(PW) and MCCI – Merged Communist Party of India (Maoist) Emerged”. Disponível em: <<http://www.bannedthought.net/India/CPI-Maoist-Docs/Statements/PressStatementOnMerger.htm>>, acessado em 15.set.2010.

Charu Majumdar e Kanai Chatterjee são reconhecidos como “os pais fundadores” da luta revolucionária maoísta na Índia e inspiradores para o novo partido. Ganapathy foi eleito de forma unânime como secretário geral do Comitê Central Provisório em 2004 e ratificado no cargo no congresso do partido em 2007. É interessante notar que as discussões ocorreram entre as lideranças dos dois partidos e, somente após sua resolução, é que foi levado para as bases consagrarem e respaldarem a união no congresso de 2007. Tal fato não passou despercebido pelo governo ao afirmar a existência de “[...] muita confusão entre os membros de escalões inferiores dos dois partidos” (AR, 04/05: 44). Essa confusão existia porque até então os dois grupos disputavam alguns espaços de atuação no mesmo território, inclusive existindo disputas armadas entre as duas organizações.

Para o governo a fundação do PCI (Maoísta) representou uma nova dimensão de ameaça naxalista ao país e prossegue:

A análise inicial sugere que a fusão é susceptível de ampliar a ameaça Naxal particularmente nos estados de Bengala Ocidental, Orissa (atual Odisha) e Uttar Pradesh, onde, outrora, ambos os partidos CPIML-PW e MCCI desfrutavam de influência militar e organizacional, combinando as atividades de massa do MCCI com o poderio militar do CPIML-PW para sua vantagem. (AR, 04/05: 44)

Em 2004, os dois partidos foram responsáveis por 91% das ações relacionadas a grupos de extrema-esquerda no país. Além disso, o governo mostra-se preocupado com a gradual militarização que ocorre no movimento (AR, 05/06: 24), devido há um maior número de incidentes envolvendo a captura de armas pertencentes à polícia e forças especiais. Essa militarização também está relacionada aos campos de treinamentos tanto para armas de fogo, quanto para explosivos, conhecidos como IED (*improvised explosive device* – dispositivo explosivo improvisado), muito utilizados pelos guerrilheiros para atacar as tropas do governo, especialmente em veículos blindados.

Essa preocupação governamental consolidou-se na formação de uma “Força Tarefa” coordenada pelo governo central com representantes da polícia de nove estados nos quais o governo admite a presença de naxalistas⁸⁸. Em seu segundo boletim (2008: 14) os revoltosos, ao citarem uma notícia do *Pioneer News*, afirmam estarem com forte presença em 81 distritos espalhados pela Índia. Além de procurar coordenar suas ações para combater os maoístas, o governo central se responsabilizou em liberar mais verbas

⁸⁸ São os estados de Andhra Pradesh, Bengala Ocidental, Chhattisgarh, Maharashtra, Jharkhand, Odisha, Bihar, Madhya Pradesh e Uttar Pradesh (AR, 06/07: 28).

para as áreas atingidas, além de criar uma divisão especial dentro do MHA para fiscalizar a utilização desses recursos e a implementação de projetos de desenvolvimento social e econômico (AR, 07/08: 3). Entretanto, a “Força Tarefa” assim como os aguardados projetos para desenvolvimento não se mostraram suficientemente hábeis para deter o avanço da ideologia naxalistas nas regiões em conflito.

Atualmente o governo considera o PCI (Maoísta) uma organização terrorista e banuiu oficialmente todas as organizações ligadas ao partido em 22 de junho de 2009. Como resultado, nenhuma pessoa pode falar em nome dos naxalistas ou simpatizar com suas ideias publicamente. Para os revoltosos, esse banimento representou uma nova ofensiva do estado contra as forças revolucionárias do país e está diretamente ligado aos eventos em Lalgarh, tem o intuito de diminuir o apoio de outras organizações políticas ou da sociedade civil ao movimento (MIB 10, 2009: 13). Além disso, consideram antidemocrático que instituições que lutam no movimento estudantil e feminista também estejam sendo perseguidos pelo governo indiano porque apoiam as ideias defendidas pelos maoístas.

Em 2010, por meio de uma conferência de ministros-chefes dos estados afetados, foi aprovado um plano de ação conjunta para as áreas de fronteiras entre os Estados da União Indiana (AR, 09/10: 6), iniciativa que se mostrou de pouca utilidade, já que a ameaça nesses locais permanece com vigor. No *Annual Report* (09/10: 17) do Ministério de Assuntos Internos, o governo afirma que a filosofia de guerra armada para derrubar o estado não é aceitável no sistema parlamentar e que deve ser detido a qualquer custo. Atendendo ao pedido das forças policiais dos estados, o governo central também concedeu um helicóptero para ser utilizado nas operações de busca e contenção das atividades naxalistas (AR, 09/10: 20), além de veículos antibombas, para enfrentar a militarização dos revoltosos e o constante uso dos IED.

Devido a sua presença geográfica e atual força qualitativa, o Partido pode ser considerado o maior representante do naxalismo, mesmo que ainda existam pequenos grupos atuando em outras localidades. Segundo algumas estimativas, estão presentes em 40% do território indiano e afetam a vida de 35% da população (CHAKRABARTY; KUJUR, 2010: 38)⁸⁹, algo bem significativo para um país com mais de um bilhão de habitantes.

⁸⁹ Os autores utilizaram números absolutos, levando em consideração o total da população afetada pelo conflito, mas que não necessariamente participa dele. Além disso, se algum distrito relata a presença de

Apesar de sua consolidação militar e institucional, entre os anos 2007 e 2010, o Partido sofreu com a perda de lideranças importantes do movimento, sendo esse um sucesso importante da estratégia governamental, pois enfraqueceu política e ideologicamente o movimento. Alguns desses líderes foram assassinados ou presos pela ação das forças do estado, tais como: Mastan Rao e Ramchandar (MIB 5, 2008: 2), importantes lideranças do AOBSZ; Sumit e Karthik presos enquanto viajavam de trem (MIB 11, 2009: 13); Kobad Gandhi, filho de uma rica e influente família, realizou o término de seus estudos em Londres, mas ao regressar abandonou tudo para ajudar os naxalistas e tornou-se um de seus principais intelectuais, além de responsável pela divulgação das ideias do movimento em língua inglesa. Era membro do Politburo do Partido e foi preso em setembro de 2009 (MIB 11, 2009: 19); morte de Patel Sudhakar Reddy, conhecido como companheiro Vikas, um membro do Comitê Central desde 2005 e um dos responsáveis por elaborar as táticas do movimento, principalmente no que diz respeito a ações de contraofensiva. Além disso, estudava as estratégias adotadas pelo Estado e expunha sua opinião para o Politburo. Foi morto junto com Venkatayya, uma jovem liderança em ascensão dentro do partido (MIB 9, 2009: 2);

Entretanto, a perda mais significativa foi a de Azad⁹⁰, membro do Politburo e, até então, porta voz de toda a organização, além de editor dos *Maoist Information Bulletin*. Ensinava jovens militantes sobre política e economia, além de ser o responsável em liderar o avanço maoísta para os centros urbanos (MIB 19, 2010: 4); em fevereiro de 2010 mais duas lideranças importantes do PCI (Maoísta) foram presas: Balraj, membro do Politburo e Chintanji, membro do Comitê Central (MIB 15, 2010: 46). Em seu boletim número 17 (2010: 2) os guerrilheiros relatam a perda de outro membro importante, Shakhamuri Appa Rao, responsável pelo setor de inteligência do

supostos ataques maoístas, todo o distrito é considerado sob a influência maoísta e, conseqüentemente, toda a sua população é considerada afetada pelas ações dos revoltosos.

⁹⁰ No boletim número 19 (2010) os naxalistas dedicam quase 60 páginas para apresentar cartas e artigos de jornais e revistas sobre a morte de Azad. Muitos intelectuais indianos, como Shoma Choudhary e Gautam Navlakha, além de jornais como o Sanhati e Tehelka, condenaram o evento como sendo um *fake encounter* e contestam incisivamente a versão apresentada pelo governo de que houve troca de tiros entre os guerrilheiros e as forças de segurança. Azad estava acompanhado somente de um jornalista, que também foi morto. Segundo os naxalistas, nenhuma liderança do Partido se movimentou em florestas sem estar com um grande número de soldados a sua volta. Para os revoltosos, Azad foi capturado enquanto se dirigia para uma entrevista envolvendo as negociações de paz com o governo. Muitas organizações dos direitos civis acusam o governo de um retrocesso nas negociações, pois era justamente Azad quem liderava as negociações por parte dos naxalistas, o que reforça a tese de que as negociações eram um chamariz para atrair as lideranças para locais menos seguros. O jornal Outlook mostrou as diversas contradições entre a versão oficial e a cena do “encontro”, além de apresentar uma comissão de juristas que exige uma investigação independente sobre o caso. Azad era um dos homens mais influentes dentro do Partido, sendo parte de um grande grupo de naxalistas que iniciou sua militância em Andhra Pradesh, assim como Ganapathy.

PCI (Maoísta), capturado na cidade de Chennai; no mesmo boletim (MIB 17, 2010: 4) divulgam a perda de Solipeta Kondai Reddy, mais conhecido por Tech Ramana, responsável por criar grande número de granadas improvisadas e foguetes. Com sua captura e morte, os naxalistas admitiram que sua capacidade de produzir IED foi reduzida.

Na tentativa de mudar essa situação, o PCI (Maoísta) realiza atividades para aumentar a segurança de suas lideranças, além de realizar ações para tentar libertar aqueles que estão presos, como foi o caso de Sunirmal (MIB 11, 2009:3), libertado no estado de Bihar, enquanto era levado para seu julgamento. Além disso, realizaram uma greve geral para protestar contra as prisões de suas lideranças, por considerar que tais prisões não seguiram os procedimentos legais necessários. Os naxalistas alegam que essas greves são necessárias para garantir que suas lideranças presas sejam levadas a julgamento e não simplesmente executados em *fake encounters*. Em entrevista para o MIB 11 (2009: 31) Ganapathy reflete sobre o fato de o partido ter perdido algumas lideranças, ressaltando o enfraquecimento do movimento revolucionário indiano como um todo, mas afirma que, ao mesmo tempo, novas lideranças estão sendo treinadas e desenvolvidas dentro do movimento, procurando suprir as lacunas.

2.1 – Congresso Unificado do PCI (Maoísta) em 2007

Em algum local não identificado nas florestas de Dandakaranya foi realizado o 7º congresso do partido, entre os meses de janeiro e fevereiro. Esse congresso foi relevante porque demonstra a organização e institucionalização do movimento levada a cabo pelos seus novos dirigentes, além de respaldar entre os escalões de níveis inferiores as decisões tomadas pelas suas lideranças, mostrando claros esforços para solucionar as diferenças responsáveis pelas inúmeras divisões do movimento nas décadas anteriores, por meio do diálogo e discussões⁹¹. Segundo CHAKRABARTY e KUJUR (2010: 38): “Essa afirmação é politicamente significativa de duas maneiras: não somente reconhece formalmente a prevalência de inter/intra feudos organizacionais

⁹¹ Essa argumentação é apresentada pelas lideranças naxalistas em entrevistas nos boletins de informação. Todavia, é notório que alguns conflitos armados permaneceram entre os militantes do PW e do MCCI, mesmo após a unificação. Lutas internas por maior influência nas decisões partidárias também fazem parte da realidade do PCI (Maoísta).

entre os ultrarradicais, isso também é um testemunho persuasivo dos esforços Maoístas para acabar com as diferenças entre eles por meio do diálogo”.

Em documentos⁹² lançados logo após o término do Congresso é reforçada a ideia de que a Índia ainda sofre influência do imperialismo estadunidense, seja no treinamento de seus soldados em técnicas de contra insurgência, seja na adoção de políticas econômicas neoliberais, que facilitam a exploração dos trabalhadores e dos recursos naturais do país por empresas multinacionais. Como consequência, a população mais humilde sofre dificuldades para conseguir sobreviver e para reagir a essa situação, conclamam o povo a enfrentar o Estado por meio da luta armada. Concluem suas reflexões afirmando que o mundo capitalista está em crise, sendo este um momento propício para “[...] chamar as pessoas para levantarem-se como uma maré para esmagar o imperialismo e todos os seus cachorros” (CALL OF UNITY CONGRESS, 2007: 2). Afirmam também que os projetos de desocupações para grande construções (mineração, barragens e indústrias) afetam especialmente os indígenas, algo respaldado por análises de especialistas (RAMACHANDRAN, 2011: 35).

Para preocupação do governo, os maoístas deixam claro que sua trajetória de unificações ainda não está concluída, pois almejam aglutinar as demais forças de extrema-esquerda da Índia, em um grande partido unificado (CHAKRABARTY; KUJUR, 2010: 54). Reafirmam seu compromisso com a Guerra Popular Prolongada como principal forma de luta e a principal tática do movimento. Seguindo essa lógica, ressaltam o trabalho urbano como complementar às atividades nas zonas rurais e do interior do país. A discussão sobre a viabilidade de ações concomitantes no campo e na cidade foram fontes de inúmeras disputas no início do movimento (BANERJEE, 2008: 87). Organizando documentos específicos para essa questão, o partido procura delimitar uma linha unitária para todos os membros, evitando assim possíveis divisões sobre o tema.

Na ocasião também foram lançados quatro documentos sobre questões de consenso entre os partidários do PCI (Maoísta): 1) o suicídio de pequenos fazendeiros; 2) o “fascismo hindu”; 3) a luta das nacionalidades; 4) violência contra a mulher.

O primeiro documento concentra fortes críticas na atuação realizada pelo governo central ao longo dos anos em relação ao elevado número de pequenos

⁹² Os documentos são: Call of Unity Congress; Completes Unity Congress; Farmer Suicides; Hindu Fascism; Nationalities; Violence Against Women. Todos disponíveis em: <http://www.bannedthought.net/India/CPI-Maoist-Docs/index.htm#9th_Congress>, acessado em 14.fev.2014.

agricultores que, desesperados e desesperançosos de conseguirem saldar suas dívidas⁹³ para compras de sementes e agrotóxicos, terminam por retirar a própria vida⁹⁴, ora enforcando-se, ora consumindo o próprio veneno das lavouras. Apesar de não ser citado diretamente neste documento, tal problema está relacionada com a implementação da Revolução Verde⁹⁵ na Índia. Nesse mesmo documento, os revoltosos acusam as medidas de liberalização da economia como causas da miséria da maioria da população. Segundo SINGHAROY (2004: 154), os naxalistas estão à frente de grandes mobilizações contestando a atuação governamental sobre essa questão, arrecadando apoiadores.

No segundo documento é tratada outra questão importante para os maoístas, o combate aos extremismos religiosos, especialmente o que eles chamam de “fascismo hindu”, muito presente nos boletins de informações do PCI (Maoísta). Os revoltosos acusam alguns líderes da maioria hindu, em especial os membros do BJP, de impor sua religião sobre as minorias, incitando a população para a violência comunal. Os muçulmanos e os cristãos são os grupos religiosos que mais sofrem com esta prática⁹⁶. Para SINGHAROY (2004: 25) a exclusão religiosa praticada pelos hinduístas radicais está diretamente relacionada com a exclusão social e econômica do campesinato indiano, bem como sua marginalização política e cultural. Portanto, para o autor, esses fatores geram uma mobilização em comum entre aqueles que dependem e trabalham da terra, situação percebida e explorada pelos guerrilheiros.

⁹³ “Indebtedness is the chief cause of land alienation and forced labour. Indebtedness among STs is particularly widespread on account of food insecurity, non-availability of production and consumption credit through public institutions and corruption in public lending agencies” (DCEAA, 2008: 28). (*Endividamento é a principal causa para a alienação de terras e trabalho forçado. Endividamento entre os indígenas é muito difundido por causa da insegurança alimentar falta de crédito para consumo e produção por meio de instituições públicas e corrupção em agências públicas de empréstimos*).

⁹⁴ Segundo carta divulgada por um grande grupo de intelectuais indianos e internacionais, foram mais de 182 mil suicídios entre 1997 e 2007. E esse número mantém-se em ascensão. Disponível em: <<http://sanhati.com/excerpted/1824/>>, acessado em 10.jun.2012.

⁹⁵ A Revolução Verde na Índia foi responsável por um aumento na produção de grãos, mas ao mesmo tempo facilitou a concentração de terras, na medida em que somente os médios e grandes agricultores tinham condições de arcar com os custos das sementes e dos agrotóxicos necessários. Mais detalhes sobre o processo da Revolução Verde na Índia e seus efeitos sobre os agricultores do país podem ser encontrados em: SINGHAROY, 2004: 95 e 152. Para alguns especialistas a Revolução Verde levou o capitalismo para as áreas rurais da Índia, mas faltou planejamento no desenvolvimento desse processo, o que terminou prejudicando os pequenos agricultores e as consequências estão aflorando agora (CHAKRABARTY; KUJUR, 2010: 23); (BANERJEE, 2008: 11).

⁹⁶ A escritora e ativista-política Arundhati Roy defende, em diversas palestras, que o estado indiano é uma grande corporação controlada pelos hinduístas. Para sustentar sua tese, argumenta que o governo é conivente com os excessos cometidos em disputas comunais pelos hinduístas. Enquanto isso, quando grupos étnicos minoritários ou outras religiões cometem excessos, são duramente reprimidos pelo Estado. Disponíveis em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Ej762GCi9Zc>>; <<http://www.youtube.com/watch?v=5TXR6Ljb3M>>, acessado em 18.fev.2014.

A luta pelo direito de autonomia de nacionalidades presentes no estado indiano é outra questão defendida pelos maoístas. Nos boletins e em documentos lançados na imprensa, os maoístas exaltam a luta de diferentes grupos para uma maior autonomia perante os governos estaduais e central, como por exemplo em Nagaland e no Assam, ambos no norte do país.

No quarto documento os naxalistas mostram o seu ponto de vista sobre uma questão cada vez mais em foco na sociedade indiana: a violência contra a mulher. Algo que muitas vezes passa impune, pois poucos casos são solucionados ou julgados. Reconhecendo essa fragilidade, os naxalistas afirmam que o *Salwa Judum* e forças paramilitares realizam atrocidades com as mulheres indígenas com a certeza da impunidade de seus atos. Mas isso não significa que todos os membros do movimento têm um comportamento exemplar com as mulheres, como fica evidente na entrevista concedida por uma mulher, membro do partido, na qual acusou um superior de molestá-la. Conforme o MIB 7 (2009: 30), as mulheres têm assumido um papel relevante dentro do partido ao comandar diversos *dalams*, ampliando sua influência entre os quadros partidários.

Nesse congresso também foi criado um comitê especial para atuação urbana em Andhra Pradesh, organizado por Ramchandar, militante morto em outubro de 2008 (MIB 5, 2008: 2). Isso demonstra o desejo e a necessidade naxalista de expandir sua área de atuação, procurando adaptar o maoísmo para a realidade indiana do século XXI, no qual muitas pessoas que vivem nos grandes centros urbanos estão à margem da sociedade e são possíveis apoiadores da sua luta.

Realizando uma análise sobre o período transcorrido de 2007 até 2010, Ganapathy afirma que “[...] o objetivo imediato é intensificar a guerra popular em todo o país, desenvolvendo a guerra de guerrilha em uma guerra móvel e desenvolver o PLGA em *People’s Liberation Army* (exército regular) com objetivo de estabelecer áreas base” (MIB 20, 2010: 23), como foi determinado pelo Congresso. Nesse processo, ainda conforme Ganapathy, o movimento sofreu derrotas, mas também alcançou sucessos. Entre os sucessos estão maior participação popular no movimento, como pode ser evidenciado em Lalgah. Esse exemplo gerou uma nova forma de luta, onde o confronto armado é uma entre outras formas de enfrentar o Estado. Outro sucesso foi a consolidação dos Comitês Revolucionários Popular, que são os órgãos de governança do partido em Zonas de Guerrilha. Para tanto, foi necessário maior qualificação do PLGA, algo que pode ser visto no aprimoramento de seus ataques. Entre as derrotas,

Ganapathy cita a perda de lideranças importantes e a retirada estratégica de algumas regiões para evitar perdas maiores, como em Andhra Pradesh.

2.2 – Os *adivasis*

Para uma larga parcela da população, a sobrevivência básica é um problema
– Development Challenges in Extremist Affected Areas

Devido a pouca divulgação na literatura ocidental, é pertinente traçar um breve perfil de quem são os *adivasis*, também chamados de povos tribais ou originários, dentro da sociedade indiana. Esses povos representam um papel crucial na história do movimento naxalista, pois são a ampla maioria dentro do movimento e o grupo social mais afetado pelas ações do partido, variando entre simpatizantes, membros do exército de libertação e, até mesmo, do comitê central e do politburo. Conforme BANERJEE (2008: 29), os revoltosos, desde os tempos do CPI (ML), sempre tiveram uma ênfase especial nos problemas desses povos, ainda que seu discurso fosse mais amplo, procurando engajar a comunidade camponesa como um todo.

Ainda que não representem uma parcela tão expressiva da população indiana, os *adivasis* são os mais atingidos pelos projetos de desenvolvimento do governo⁹⁷, ampliando sua importância para o contexto naxalista. Soma-se a esses fatores a capacidade de indignação e revolta dos povos originários: “De fato, a história mostra que embora as comunidades indígenas sejam muito hospitaleiras com os ‘forasteiros’, qualquer interferência no seu sistema de crenças culturais e modo de vida tradicional associado com a natureza – *jan, jungle, jameen* (água, floresta e terra) enfrenta a mais feroz revolta” (NAYAK; SUBRAMANIAM, 2011: 114).

A expressão “povos originários” é uma forma genérica para se referir a um grande número de comunidades que possuem características distintas entre si. Os três

⁹⁷ Segundo o *Human Rights Report* produzido pela SAARC (2006: 123), os *adivasis* representam mais de 50% da população afetada pelos projetos de desenvolvimento propostos pelos governos de diferentes estados. Suas terras estão concentradas sobre as principais riquezas minerais do país. Muitos desses projetos deslocam os *adivasis* de suas regiões nativas, causando grande trauma quando não são bem executados. Conforme relatório independente feito a pedido do governo: “Unless the nature and magnitude of displacement in all its dimensions are fully analysed and appropriate safety nets put in place, well in advanced of the implementation of the project itself, it will lead to discontent” (DCEAA, 2008: 15). (*A não ser que a natureza e magnitude dos deslocamentos, em todas as suas dimensões, seja plenamente analisados e medidas de segurança sejam realizadas, muito antes da implementação dos projetos, haverá descontentamentos*). Cabe ressaltar que somente um terço dos tribais desalojados foi reassentado conforme as normas constitucionais.

principais grupos que formam os indígenas são os Santal (ou Shantal), Koya e os Gonds. Segundo o governo indiano, existe uma série de atributos necessários para um determinado povo ser considerado originário, tais como:

[...] para uma comunidade ser considerada como Tribos Catalogadas são necessárias –

- a) indicações de traços primitivos;
- b) cultura distinta;
- c) pouco contato com outras comunidades;
- d) isolamento geográfico; e
- e) atraso. (STATISTICAL PROFILE OF SCHEDULED TRIBES IN INDIA, 2010: 3)

Esses grupos representam 8,2% da população indiana formando um total de 89 milhões de pessoas, das quais ao menos metade vive e sobrevive nas áreas de florestas⁹⁸ (SARKER, 2011: 25). Contudo, ao mesmo tempo, os povos originários correspondem a 40% dos 60 milhões de pessoas afetadas por deslocamentos para execução de projetos, desde a independência até o ano 2000 (RAMACHANDRAN, 2011: 34). Além disso, mais de 90% vivem em regiões rurais, em sua grande maioria isolada e nas quais o Estado, enquanto instituição com obrigações de cuidar do cidadão (provedor de justiça, educação e saúde), se faz pouco presente ou está totalmente ausente. Em muitos casos, mesmo quando o Estado está presente, é marcado pela corrupção, violência e descaso para com essas comunidades, como em Dandakaranya e Lalgah⁹⁹. O Governo Central (AR, 06/07: 124) afirma estar constantemente analisando registros de abusos contra os

⁹⁸ “[...] about 60% of the forest cover of the country and 63% of the dense forests lie in 187 tribal districts [...]. This has many consequences which impinge on the condition of adivasis. The commercial and industrial over exploitation of forest produce including timber and minerals create hazards for ecological balance. Adivasis are traditionally aware of the ecological interest of preserving forest cover, and the protection of biodiversity including wildlife conservation for their community life” (DCEAA, 2008: 9). (*[...] cerca de 60% da cobertura florestal do país e 63% das florestas densas pertencem a 187 distritos indígenas [...]. Isso têm muitas consequências para a condição dos adivasis. A exploração comercial e industrial dos produtos florestais, incluindo madeiras e minerais, cria perigos para o equilíbrio ecológico. Adivasis, tradicionalmente, são conscientes do interesse ecológico em preservar a cobertura florestal e a proteção da biodiversidade, incluindo a conservação da vida selvagem para sua vida comunitária.*)

⁹⁹ O escritor bengali Dhirendranath Baske, de origem tribal, reclamou que esses povos tem sido constantemente negligenciados pelo governo, especialmente no estado de Bengala Ocidental. Disponível em: <http://naxalwatch.blogspot.com.br/2009_07_26_archive.html>, acessado 05.mar.2014. Além disso, conforme relatório independente: “In addition, they suffer from multi-faceted oppression and denial of justice, social legal and political rights [...]. Poverty does create deprivation but other factors like denial of justice, human dignity, cause alienation resulting in the conviction that relief can be had outside the system by breaking the current order asunder” (DCEAA, 2008: 3). (*Além disso, eles sofrem de múltiplas formas de opressão, negação de justiça, direitos sociais e políticos [...]. Pobreza cria privações, mas fatores como negação de justiça, dignidade humana causa alienação, resultando na convicção de que há alívio fora do sistema, quebrando a ordem que os cerca.*)

adivasis para melhorar suas políticas em prol desses povos, destacando-se pelas especiais nas prisões e cortes específicas para lidar somente com os povos originários.

Para a ativista política e social Aruna Roy, os *adivasis* e suas regiões de moradias sempre foram vistos como inferiores pelos outros indianos. A ativista afirma:

Agora é amplamente aceito que o desenvolvimento não chegou ao povo de Chhattisgarh e outras partes da Índia. Os *adivasis*, ou indígenas que vivem aqui, estão desligados de outras partes do país socialmente, culturalmente e politicamente, eles são realmente como uma ilha. Desde a independência muitos oficiais do governo trataram essas áreas como postos de punição. Poucos aceitaram viver e trabalhar lá e aqueles que foram não trataram os tribais como seus iguais¹⁰⁰.

Em consonância com essa ideia, o primeiro ministro indiano Manmohan Singh afirmou na *Chief Minister's Conference on Implementation of the Forest Act 2006*:

Tem havido uma falha sistemática em conceder aos povos originários uma parte do moderno processo econômico que inexoravelmente introduziu-se no espaço de vivência deles. A alienação construída através das décadas está agora tomando um rumo perigoso em algumas partes do país. A exploração sistêmica e abusos econômicos e sociais das nossas comunidades indígenas não pode mais ser tolerada. Mas o fato é que nenhuma atividade sustentável é possível sob a sombra de uma arma.¹⁰¹

Os principais agentes estatais nessas regiões são os policiais e guardas florestais, notórios pelo seu abuso de autoridade contra os desfavorecidos e corrupção, ignorando os procedimentos legais para lidar com essas categorias (SARKER, 2011: 28). Um determinado grupo pode ser considerado indígena em um estado indiano e em outro não, isso ocorre devido às migrações por diversos motivos (fome, conflitos, nomadismo), o que descaracteriza as exigências do governo central para serem classificados como indígenas.

Apesar de a Índia ser considerada a maior democracia do planeta, os *adivasis* não possuem representação política, pois são formados por uma grande variedade de povos distintos, que em comum só possuem a estigma de serem considerados “intocáveis” dentro do sistema de castas do hinduísmo, mesmo não praticando essa

¹⁰⁰ A ativista também defende que os tribais precisam receber empoderamento para decidir seu próprio destino e não ficarem a mercê dos representantes do governo. Essas opiniões foram expressas em uma entrevista para o *Wall Street Journal*, disponível em: <<http://online.wsj.com/news/articles/SB125723504437924775>>, acessado 15.jan.2014.

¹⁰¹ O discurso na íntegra está disponível em: <<http://tribal.nic.in/Content/Speech%20of%20Prime%20Minister%20at%20the%20Chief%20Minister%20Conference%204th%20Nov%202009.aspx>>, acessado 19.jan.2014.

religião. Diferentemente do que ocorre com outros grupos “excluídos”, como por exemplo, os *dalits*, que se reconhecem enquanto grupo social distinto e possuem organizações políticas que lutam pelos seus direitos. Povos indígenas como Kui, Savara e Koya possuem a sua própria religião, assim como diversos povos indígenas, que relacionam seus deuses com os locais onde habitam e suas práticas culturais (MIB 5, 2008: 21), por isso removê-los do seu ambiente significa destruir sua cultura e seus deuses.

A taxa de analfabetismo entre os *adivasis* é de 53%, sendo que algumas comunidades não possuem nenhum habitante que saiba ler ou escrever, tornando-se alvos fáceis para indivíduos interessados em ocupar suas terras e explorar seu trabalho. Somente 2,6% das famílias indígenas tem acesso ao sistema de saúde¹⁰² promovido pelo governo, pois a maioria dos centros médicos e unidades de saúde está há grandes distâncias das comunidades e muitos médicos e professores não querem trabalhar nessas regiões, alegando insegurança devido ao conflito entre o Governo e os maoístas. Cerca de 85% dos *adivasis* estão abaixo da linha de pobreza reconhecida pelo governo. Os estados de Odisha, Bihar, Madhya Pradesh, Chhattisgarh, Bengala Ocidental e Uttar Pradesh representam 49% da população indígena indiana, sendo 63% dessa população pobre (CHANDAN e JOSEPH, 2011: 8).

Segundo o próprio governo (STATISTICAL PROFILE OF SCHEDULED TRIBES IN INDIA, 2010:31), o desemprego endêmico e a falta de perspectiva para o futuro das terras que são habitadas por suas famílias há muitas gerações termina por empurrar os indígenas para o discurso defendido pelos naxalistas. Nesse contexto, passam a se organizar para lutar por suas demandas e denunciar irregularidades praticadas pelos agentes governamentais, como protestos contra a construção de uma barragem em Bastar (parte de Dandakaranya) que, se concluída, vai destruir o modo de vida das comunidades afetadas (MIB 11, 2009: 47).

Em uma carta aberta divulgada por um grupo de intelectuais indianos contrários aos ataques realizados por agentes governamentais contra os *adivasis*, esses povos:

¹⁰² “[...] barely 18% of all STs (*schedule tribes*) had deliveries in health facility, compared to 51% among Other communities [...], the incidence of overall under-nutrition (underweight) is significantly higher among SC and ST children than among Others” (DEVELOPMENT CHALLENGES IN EXTREMIST AFFECTED AREAS, 2008: 9). ([...] somente 18% de todas as Tribos Catalogadas possuem instalações de saúde, comparado com 51% entre as demais comunidades [...], a incidência de crianças subnutridas é significadamente alta entre Tribos Catalogadas e Castas catalogadas do que entre os demais).

[...] são os habitantes mais antigos do país, continuam vivendo como em tempos antigos. Por milhares de anos eles têm vivido uma vida arcaica. Em todos esses anos, ninguém conseguiu subjuga-los. O Império Britânico tentou fazer isso em 1910, mas seus exércitos saqueadores foram repelidos e obrigados a bater em retirada. A resistência indígena contra o Império Britânico foi liderada pelo grande guerreiro Gundadhur. Este evento é popularmente conhecido como *Bhoomkal Baghawat*. Antes, eles lutaram contra os britânicos sob a liderança de Birsa Munda na famosa Rebelião Munda, no século XIX.¹⁰³

2.2.1 – Leis relativas aos indígenas

Por possuírem características distintas e ser uma parcela frágil da população, os indígenas são reconhecidos na Constituição Indiana como povos que necessitam de proteção e maior atenção do Estado para garantir seus direitos, evitando assim a alienação de suas terras e a destruição de sua cultura. Dessa forma, a 5ª Sessão da constituição garante aos *adivasis* o respeito sobre suas terras e florestas, além de incentivar os meios para que sejam preservados seus costumes, modos de vida, tradições culturais e manifestações artísticas. Além disso, deveriam ser treinadas, entre os próprios indígenas, pessoas para atuarem em questões administrativas e de desenvolvimento, impedindo assim a ação prejudicial de pessoas de fora da comunidade. O governo, conforme a constituição, também deveria atuar com os *adivasis* e não contra eles, garantindo a preservação de seus direitos e suas terras. Contudo, esses princípios, muitas vezes, permanecem somente no papel, especialmente no momento de implantação de medidas neoliberais.

Em 1952, com a *Resolução sobre Políticas Florestais* e em 1972, com a *Lei de Proteção da Vida Selvagem*¹⁰⁴ (NAYAK; SUBRAMANIAM, 2011: 121), as florestas

¹⁰³ Em sua carta, esses intelectuais ainda denunciam os interesses do governo em explorar os recursos naturais das regiões, sendo os naxalistas somente um subterfúgio para expulsar os tribais da região. A carta na íntegra está disponível em: <<http://forumpunjab.wordpress.com/2009/11/18/stop-war-against-the-people/>>, acessado 29.abr.2013.

¹⁰⁴ Soma-se a esses atos a *Forest Conservation Act* de 1980, responsável por aumentar os danos a vida e cultura dos indígenas: “[...] by declaring that no forest land shall be diverted to non-forest use without the permission of the Union government. The punitive provisions of the Act meant that eviction of adivasi occupants of forest land took place on a regular basis, resulting in considerable deprivation and suffering”. (“[...] ao declarar que as florestas não devem ser desvirtuadas para usos não florestais sem a autorização do Governo Central. As disposições penais da lei significava o contínuo despejo de adivasis habitantes das florestas, resultando em considerável privação e sofrimento). Em seguida, o texto acrescenta as reais intenções de restringir o uso das florestas pelos *adivasis*: “Forest conservation has found a strange companion in industrial forestry. While the rights of the forest-dwellers are severely restricted in the name of forest conservation, the forests are increasingly shaped to suit the needs of industry” (DEVELOPMENT CHALLENGES IN EXTREMIST AFFECTED AREAS, 2008: 11). (*A conservação das florestas encontrou um estranho companheiro no setor florestal industrial. Enquanto os*

passaram a ser administradas por agentes governamentais, sendo estes alguns dos principais conflitos existentes hoje entre o Estado e os *adivasis*. Essas mediadas restringiram o uso dos recursos naturais das florestas, mesmo para o modo de vida de subsistência dos indígenas. Os guardas florestais passaram a ter um papel importante como canal de comunicação entre o governo e os *adivasis*. Porém, esses guardas agem mais em proveito próprio, de grandes latifundiários locais e de pessoas influentes que migraram para locais de predominância dos povos originários, ignorando a proibição da venda de terras dos indígenas para não indígenas, falsificando documentos e garantindo que a exploração dos *adivasis* continuasse (MAHESHAWARI, 2011: 5).

Em consonância com essa ideia, BANERJEE (2008: 114) expõe as diversas promessas feitas pelo governo após a independência indiana para a devolução de terras tomadas ilegalmente dos indígenas por forasteiros. Tais promessas nunca foram efetivamente cumpridas devido as fortes pressões políticas nas administrações locais para reduzir ou estancar políticas pró-*adivasis*.

Aproveitando-se dessa conjuntura, os naxalistas (MIB 10, 2009: 9) criticam a corrupção e falta de empenho do judiciário indiano ao analisar os casos de compra de terras pertencentes aos povos originários, alegando que as leis permanecem somente no papel. Citam o exemplo dos Dongria Khonds, de Niyamgiri Hills, cujas terras são exploradas pela companhia Vedanta, no estado de Odisha. Obviamente, o sistema judiciário, em diferentes estados, foi conivente com essas práticas. Para exemplificar a situação, NAYAK e SUBRAMANIAM (2011: 149) expõem os casos de abusos policiais e apatia do judiciário em Chhattisgarh, onde se localiza parte da região de Dandakaranya:

Bheeema Madkam, um garoto indígena por volta de 20 anos de idade foi preso no seu caminho de volta de Malaipenta em 2008 por alegadamente levar comida para os maoístas. Na verdade, Bheeema estava levando 20Kgs de arroz para Malaipenta depois de vender flores *mahuma* por lá. Faz quase três anos que ele está na cadeia sem julgamento ou audiência para o seu caso. Ninguém sabe quando Bheeema, Sukhnath Oyami ou Kopa Kunjam, indígenas presos em circunstâncias similares, serão absolvidos e libertados da prisão.

Outro exemplo importante de como o uso restritivo das florestas prejudicou os *adivasis*, foi o *Ato da Biodiversidade (2002)* (Ibidem: 119), que restringia o uso de

ervas e fungos, inclusive para usos medicinais, como tradicionalmente era feito pelos povos originários. Na ausência de um sistema de saúde efetivo e que atendesse as necessidades não só dos indígenas, mas das comunidades mais pobres também, tal ato foi extremamente prejudicial para as comunidades dependentes dessas práticas, como tratamento de doenças crônicas, intensificando a visão negativa do estado entre essas comunidades¹⁰⁵.

Reconhecendo as deficiências e procurando mudar essa visão foi aprovado no ano de 2006 o *Ato de Reconhecimento dos Direitos Florestais*¹⁰⁶ (Ibidem: 125), buscando amenizar os prejuízos causados pelos atos anteriores, além de reforçar os direitos que os indígenas possuem sobre suas terras, mesmo quando esses locais estão em reservas florestais reconhecidas pelo Estado. Nesse sentido, garante a propriedade coletiva das terras pelos indígenas, impedindo assim que somente um *adivasi* venda sua propriedade para outrem, incentivando um consentimento entre toda a comunidade envolvida. Também garante a manutenção coletiva dos recursos florestais, incluído

¹⁰⁵ O descaso do governo com a situação dos povos originários levou a Anistia Internacional a divulgar uma nota na qual pede mais atenção e respeito pelas comunidades indígenas indianas, ressaltando o caso dos Dongria Kondhs, em Odisha. Disponível em: <<https://www.amnesty.org/en/for-media/press-releases/india-proposed-vedanta-mine-threatens-livelihoods-and-cultural-identity>>, acessado em 5.mar.2014.

¹⁰⁶ Segundo Manmohan Singh esse ato representou “a landmark legislation. It has provided for a legally enforceable way of guaranteeing rights to forest dwelling Scheduled Tribes and others who have lived in our forests for centuries, but whose contribution to their protection was not acknowledged or recognized earlier”. Disponível em: <<http://tribal.nic.in/Content/Speech%20of%20Prime%20Minister%20at%20the%20Chief%20Minister%20Conference%204th%20Nov%202009.aspx>>, acessado em 19.jan.2014. (*um marco legislativo. Ele previu uma forma jurídica de garantir moradia as Tribos Catalogadas e outros que vivem em nossas florestas a muitos séculos, mas cuja contribuição para proteção das florestas não era reconhecida*). Em consonância com essa visão, o ministério para assuntos internos reconhece: “This Act seeks to recognize and vest the forest rights and occupation in the forest land in forest dwelling scheduled tribes and other traditional forest dwellers, who have been residing in such forests for generations, but whose rights could not be recorded, and to provide for a framework for recording the forest rights so vested and nature of evidence required for such recognition and vesting in respect of forest land”. (*Essa lei procura reconhecer e garantir os direitos dos povos indígenas e outras habitantes das florestas, que tem resididos nas florestas há muitas gerações, mas cujos direitos não eram reconhecidos, e promover de forma efetiva os direitos florestas e da natureza, que a tempos procuram esse reconhecimento*). Ao fim, salienta: “The State Governments have been asked to give special attention to the **proper implementation of the scheme**, particularly in the areas **affected by the naxalite activities**” [grifo do autor] (AR, 07/08: 22). (*Foi solicitado aos governos estaduais que deem atenção especial para a implementação da lei, particularmente em áreas afetadas por atividades naxalistas*). Um relatório independente destaca: “[...] is a very significant step in recognizing and vesting the forest rights and occupation in forest land in forest dwelling, scheduled tribes and other traditional forest dwellers who have been residing in such forest for generations but whose rights could not be recorded. It provides for a framework for recording the forest rights so vested. The Act has addressed this issue long standing insecurity of tenurial and access rights of forest dwelling scheduled tribes [...]” (DEVELOPMENT CHALLENGES IN EXTREMIST AFFECTED AREAS, 2008: 64). (*é um passo significativo no reconhecimento dos direitos florestais dos habitantes das florestas e indígenas que tem resididos nas florestas há muitas gerações, cujos direitos não eram reconhecidos. Prevê um contexto para garantir o modo de vida e os direitos florestais. Essa lei é dirigida a insegurança e acesso a habitação para os povos indígenas*).

nascentes de rios, uso da madeira para artesanato ou pequenas construções, ervas e fungos, entre outros.

Em reunião com os chefes de estados em janeiro de 2009, foi reconhecido à necessidade de implantação efetiva desses atos, com supervisão dos estados (MIB 6, 2009: 12), impedindo assim que se repitam os erros cometidos na execução das outras leis¹⁰⁷. Muitas vezes os indígenas realizam grandes manifestações, organizadas por entidades de defesa dos seus direitos, para exigir o cumprimento das leis, inclusive tomando terras forçosamente. Muitas dessas manifestações contam com o apoio e incentivo dos naxalistas, por meio de suas organizações abertas¹⁰⁸.

2.3 – A revolta popular de Lalgarh, em Bengala Ocidental (2008)

Para situar melhor o leitor, foi elaborado um breve histórico político e social do estado indiano de Bengala Ocidental, com enfoque especial para as áreas rurais, pois a região onde se localiza a vila de Lalgarh é predominantemente agrícola e indígena.

A vila de Lalgarh está localizada no distrito de Midnipur (ou Midnapore), na parte ocidental de Bengala Ocidental, a cerca de 200 km de Calcutá, capital do estado. Essa vila está inserida em uma ampla região conhecida como *Jangalmahal*, formada por um conjunto de pequenas vilas, afastadas poucos quilômetros uma das outras e rodeadas por florestas. Algumas localidades possuem entre 30 ou 40 casas, enquanto outras, como Lalgarh, são maiores, possuindo um aspecto mais urbano. Este é o quarto estado mais populoso da Índia, com aproximadamente 90 milhões de pessoas, em uma área total de 88 mil km². Durante 34 anos a Frente de Esquerda liderada pelo Partido Comunista da Índia (Marxista) comandou o Estado, tornando este o período mais longo em que um partido comunista governou democraticamente uma região. Desde 2011 a

¹⁰⁷ Nas palavras de Azad, os naxalistas nada mais fazem do que cumprir as determinações da própria Constituição do país: “They should ask where is the law&order problem from the Maoists who had actually stopped the illegal felling of forests trees, stopped the exploitation by the forest officials, forest contractors, timber smugglers, government bureaucrats, police officials, money lenders, non-advisis landlords who had taken over tribal land against the provisions of the Indian Constitution”. (MIB 12, 2009: 4). (*Eles deviam perguntar se é um problema de lei e ordem os maoístas terem parado a extração ilegal de madeira, terminado a exploração dos oficiais florestais, intermediários, contrabandistas, burocratas, policiais, agiotas, latifundiários que tomaram as terras indígenas contra as disposições da Constituição indiana*).

¹⁰⁸ Um desses grandes eventos ocorreu em Bhubaneswar, capital do estado de Odisha. Disponível em: <<http://timesofindia.indiatimes.com/city/bhubaneswar/Tribal-take-to-the-streets-against-police-atrocities/articleshow/5143026.cms>>, acessado em 12.jun.2013.

Frente liderada pelo CPM perdeu espaço para outros partidos locais e não mais governa Bengala Ocidental¹⁰⁹.

Segundo relatório produzido de forma independente, mas a pedido do governo do estado¹¹⁰, o distrito de West Midnapore é o nono em renda per capita, em comparação com os outros distritos do estado (WBHDR, 2004: 79), contudo 20% da sua população rural vivem na pobreza, a maior parte da riqueza do distrito está concentrada nas áreas urbanas. Essa informação é importante quando consideramos que os *adivasis* (principal grupo social envolvido na revolta de Lalgarh) costumam viver no campo, em terras que pertencem às suas famílias há várias gerações. Segundo os maoístas 50% da população indiana é iletrada e 70% vivem com menos de 20 rupias por dia. Grande parte dessa população encontra-se em áreas como a de Lalgarh (MIB 6, 2009: 32).

Basicamente, a região vive da coleta das folhas de tendu, muito utilizadas para embalar cigarros vendidos a preços mais acessíveis. O trabalho de enrolar as folhas é muito simples, podendo ser realizado em qualquer lugar e serve como importante fonte de renda para as famílias pobres da região. Outra importante fonte de renda para os *adivasis* é o *babui*, um tipo de vegetação, similar ao capim, utilizada na confecção de cordas e cestas. Muitos dos trabalhos na região são sazonais, aumentando a dificuldade para uma real ideia do número de pessoas empregadas, mas estima-se que 45% da população masculina e 79% da feminina não possuam nenhuma ocupação fixa, tornando o subemprego e contratos sem estabilidade ou segurança muito comuns na região (WBHDR, 2004: 89).

Uma parcela significativa da população do estado é analfabeta, contudo esses números são ainda mais alarmantes entre os povos tribais. Nesse sentido: “[...] muitas escolas rurais são caracterizadas por pouca luz natural e muitas vezes sem eletricidade, com instalações sanitárias inadequadas e mobiliárias insuficientes, o que torna os locais pouco atraentes para as crianças” (Ibidem: 157).

Ainda que o estado tenha desenvolvido algumas regiões, principalmente em Calcutá e nos seus arredores, existem diversos bolsões de pobreza, com infraestrutura

¹⁰⁹ Nas eleições de 2009 o CPM já havia perdido bastante espaço no Estado. Como consequência, nas eleições de 2011, Mamata Banerjee do Trinamool Congress tornou-se a primeira mulher a governar o estado de Bengala Ocidental e permanece no poder até os dias atuais.

¹¹⁰ O relatório *West Bengal Human Development Report – 2004* (WBHDR) foi desenvolvido por um conjunto de entidades ligadas ao governo, a sociedade civil e com representantes das Nações Unidas, segundo Jayati Ghosh, um dos seus organizadores (p. ix).

precária e com poucas condições para o real desenvolvimento humano e econômico. Dessa forma:

As regiões ocidentais do estado incluem algumas das áreas mais atrasadas do ponto de vista de infraestrutura e desenvolvimento material, com baixos níveis de renda per capita e também IDH relativamente baixo. A prestação de serviço público inadequado já se tornou evidente como exposto nos outros capítulos (WBHDR, 2004: 203).

Sobre o cenário político da localidade, conforme SINGHAROY (2004: 143), práticas para tentar ganhar o controle sobre as instituições públicas por parte do partido no poder são muito comuns, causando assim um aparelhamento da estrutura. Como consequência, criam-se agitações, tensões e hostilidades resultando em mortes, inclusive de moradores inocentes. Tais práticas foram amplamente utilizadas pelo CPM em Bengala Ocidental.

Portanto, esta região com grande presença de *adivasis*, com pouca infraestrutura física, marcada pelo analfabetismo, com a maior parte da população vivendo em áreas rurais e de subempregos, criou-se as condições para uma grande insatisfação com o governo, cujo resultado direto foi a revolta popular em 2008, ocasionada principalmente pelas atrocidades e abusos cometidos pela polícia, canalizadas sobre a influência dos naxalistas (MIB 10, 2009: 5).

2.3.1 – O caso de Lalgarh: diferentes visões de um mesmo acontecimento

As fontes não falam por si, mas respondem aos questionamentos que foram formulados e que pretendem obter possíveis respostas presentes nos documentos, sendo assim, instrumentos essenciais na operação historiográfica. Nessa perspectiva, a história-problema nos remete as variadas interpretações possíveis de serem extraídas de qualquer vestígio histórico, dependendo da crítica que é feita desse material. Conhecer a origem e a ligação estabelecida entre a fonte e a sociedade é fundamental para o pesquisador, pois sempre existe um jogo de interesses nas informações divulgadas¹¹¹. Conhecer a função social das fontes ajuda o pesquisador a não incorrer em falsas

¹¹¹ Uma lúcida análise a respeito da manipulação midiática sobre os naxalistas foi escrita pelo respeitado professor Partho Sarathi Ray. Em seu artigo, analisa a “criação” de uma notícia, manipulada pela mídia e com título sensacionalista, procurando descrever um suposto “império naxalista”, criado a partir de “extorsões, drogas e roubos”. Disponível em: <<http://sanhati.com/excerpted/2269/>>, acessado em 08.jul.2012.

afirmações. O caso de Lalgargh é repleto de informações contraditórias, com cada lado apresentando-se como vítima da situação e “salvadores” dos *adivasis*¹¹².

No dia 2 de novembro de 2008 o então governador de Bengala Ocidental, Buddhadeb Bhattacharya, do Partido Comunista da Índia (Marxista), visitou a região onde o governo pretendia instalar uma Zona Econômica Especial (ZEE)¹¹³, a cerca de 30 km de Lalgargh. Além de estarem presentes alguns ministros do governo federal, havia um membro do grupo Jindal, importante família indiana e responsável pela instalação de uma fábrica na respectiva ZEE. Conforme ampla divulgação na mídia, muito bem sintetizado no documentário produzido pelo grupo *Activist Canvas*¹¹⁴, a comitiva de Bhattacharya estava retornando do evento quando seu carro sofreu um atentado, com a explosão de uma mina terrestre, no estilo IED utilizado pelos maoístas. O ministro conseguiu sobreviver, mas muitos de seus assessores ficaram gravemente feridos ou foram mortos. O PCI (Maoísta) assumiu a autoria do atentado por ser contra a instalação de ZEE. Imediatamente iniciou-se a repressão policial com o objetivo de identificar e prender os guerrilheiros e seus apoiadores, contudo houve a detenção indiscriminada de várias pessoas, além de casos de tortura e abusos contra mulheres cometidos pelos policiais¹¹⁵.

No boletim número 5, de 5 de novembro de 2008 os naxalistas já divulgavam que: “Pelo menos seis policiais ficaram feridos, três em estado crítico, na explosão de uma mina preparada pelas guerrilhas tendo como alvo o comboio do ministro-chefe Buddhadeb Bhattacharjee” (2008: 4). Não esperavam que o movimento tomasse grandes proporções. Contudo, exaltam a atitude dos habitantes de Lalgargh, afirmando que a rebelião foi a maior desde a independência do país, ou ainda, como a Segunda Rebelião Shantal, em referência ao Grande Motim de 1857 (MIB 6, 2009: 17).

¹¹² Um interessante artigo sobre o consenso a respeito de Lalgargh na mídia com publicações em inglês na Índia está disponível em: <<http://www.thehindu.com/todays-paper/tp-features/tp-sundaymagazine/assemblyline-news/article661931.ece>>, acessado em 12.jun.2012.

¹¹³ “The state has created SEZs where industries are exempted from environmental, labour and tax laws and from judicial process of country. 5000 acres of land was taken by the government of West Bengal for a SEZ, where 500 acres was given to Jindal, a leading Indian multinational steel company [...]” MIB 10, 2009: 37. (*O Estado criou ZEE onde as indústrias são isentas de impostas e obrigações ambientais ou trabalhistas. Cinco mil acres de terras foi tomado pelo governo de Bengala Ocidental para uma ZEE, onde 500 acres foram dados para os Jindal, uma multinacional indiana do aço*).

¹¹⁴ Coletivo que se apresenta como independente e realizador de vídeo ativismo com atuação em Bengala Ocidental. Disponível em: <<http://canvaspix.wordpress.com/category/our-films/>>. Acessado em 07.dez.2011.

¹¹⁵ *Lalgargh in 2002: A saga of Police Brutality years before the conflagration*. Conforme apresentado nesse artigo, os casos de abusos policiais na região de Lalgargh eram constantes há vários anos. Disponível em: <<http://sanhati.com/excerpted/2316/>>, acessado em 5.mar.2014.

Em 4 de novembro de 2008, três estudantes foram presos enquanto retornavam para suas residências. Temendo que eles fossem mortos pela polícia, uma multidão se reuniu na frente da delegacia e exigiu a liberdade dos jovens. Além disso, 10 mulheres foram espancadas e molestadas pela polícia na mesma data. Estes incidentes serviram como combustível para eclosão de uma revolta popular. A polícia e o governo se mostravam cada vez mais intolerantes e intransigentes nas negociações¹¹⁶. Segundo os naxalistas (MIB 6, 2009: 17) antes dos protestos ganharem grandes proporções, os *adivasis* fizeram reclamações sobre os abusos cometidos pelas autoridades, mas foram ignorados pela polícia. Os populares passaram a se organizar através do *Comitê Popular Contra as Atrocidades Policiais (CPCAP)*, liderado por Chatradhar Mahato, além de buscarem apoio nas vilas vizinhas e realizarem grandes assembleias públicas para tomar decisões, assumindo o papel do executivo, do legislativo e do judiciário na região.

Segundo os maoístas (MIB 10, 2009: 3), em carta divulgada pelo seu Politburo, a revolta iniciou de forma espontânea contra a polícia e membros do CPM, acusados de discriminar, explorar e oprimir a população em nome da “caçada aos maoístas”. Segundo RAY (2013: 149), o caráter espontâneo das revoltas é uma característica muito explorada pelos naxalistas na tentativa de legitimar suas ações, demonstrando que o povo estava insatisfeito com sua situação. Além disso, para o PCI (Maoísta) esses eventos colocaram a população em confronto direto com o estado e, por isso, o Partido estava ajudando o movimento na defesa dos direitos dos indígenas. Tamanha a euforia pela revolta entre os naxalistas, que chegou a ser descrita como “uma resistência de massas em escala extensiva” como não ocorria desde Naxalbari, pelo menos em Bengala Ocidental.

Amit Bhattacharyya, professor de história da universidade de Jadavpur, em Calcutá, também acredita que o movimento iniciou de forma espontânea e popular, contra as atrocidades policiais, a repressão estatal e a humilhação que vinha sofrendo o grupo étnico “shantal”¹¹⁷ por muitos anos. O autor afirma que o povo se organizou de forma pacífica, mas enérgica, sendo obrigado a buscar apoio do “*jungle party*”, ou seja, dos maoístas, para conseguir resistir à violência empregada pelo Estado, diferentemente

¹¹⁶ De acordo com os naxalistas: “Thousands of ordinary adivasi people have risen up against decades of social discrimination, criminal neglect by the CPM – led Left Front government, oppression, exploitation and suppression by the various arms of the State. The immediate reason for the flare-up was the brutal reign of terror unleashed by the police in the wake of the police atrocities in the wake of the attempt on life of the Chief Minister Buddhadeb Bhattacharjee by our PLGA on Nov 2 last” (MIB 10, 2009: 3).

¹¹⁷ Os *Shantal*, conforme apresentado, são um dos principais grupos étnicos originários do subcontinente indiano, com língua e cultura próprias, habitando a região de Lalgarh a milhares de anos.

do que aponta a reportagem da rede britânica BBC, relacionando diretamente os conflitos com a agitação e infiltração naxalista (BBC: 2009a).

Conforme Ganapathy, seu partido não iniciou a revolta em Lalgarh, mas forneceu assistência, por meio de alguns “elementos avançados”, para a posterior organização e resistência dos revoltosos. O jornal TOI, em notícias publicadas em 13 de abril de 2009 (TOI: 2009c) e 21 de junho de 2009 (TOI: 2009d), assim como a BBC, relaciona diretamente o movimento com a presença naxalista na região, caracterizando todos os revoltosos como “guerrilheiros”, não fazendo distinção entre simpatizantes e apoiadores, daqueles que efetivamente praticam a luta armada. Esse posicionamento, também utilizado pelo governo como justificativa para reprimir a revolta com o uso da força, é duramente criticado pelo PCI (Maoísta) e organizações de direitos humanos, alegando que pessoas inocentes estavam sendo massacradas em nome de “limpar a área” da presença de guerrilheiros. Caracterizar pessoas que lutam pelos direitos civis e grupos de defesa dos direitos humanos como naxalistas nas áreas onde os maoístas atuam é muito comum por parte dos governos estaduais e central. Como exemplo mais notório existe o caso do Dr. Banyak Sen, preso sem acusações formais por mais de 500 dias, porque atuava em regiões dominadas pelos naxalistas.

Além do início dos conflitos, outro aspecto interessante para ser analisado são as demandas dos populares. Conforme BHATTACHARYYA (2010): “Uma das maiores características do movimento é a sua defesa de um novo modelo popular de desenvolvimento – um modelo que definitivamente mostra a marca do partido maoísta. Este aspecto do movimento dificilmente recebe qualquer atenção dos meios intelectuais urbanos”. Para o PCI (Maoísta)¹¹⁸ as reivindicações dos revoltosos são justas e devem ser atendidas¹¹⁹, pois se colocam contra os interesses do imperialismo e das multinacionais, atendendo ao apelo histórico por dignidade dos *adivasis*. Enquanto isso, os jornais TOI, BBC e *Hindu* raramente citam as demandas populares, não mencionando as questões sociais implicadas no conflito, simplesmente limitam-se a questões políticas, como o fim das atrocidades policiais e a libertação dos presos políticos do movimento. Em fevereiro de 2009 o CPCAP voltou a pedir as mesmas

¹¹⁸ A revolta ganhou tamanha expressão entre os maoístas, que os mesmos lançaram um boletim especial sobre os acontecimentos na região, alguns meses após o início dos conflitos. MAOIST INFORMATION BULLETIN – 10. Special issue on Lalgarh.

¹¹⁹Foi elaborado um documento com 12 reivindicações populares, entre elas a retirada de ‘falsas acusações’ contra pessoas da região, compensação adequada para as vítimas das atrocidades policiais, retirada da polícia de vilas ocupadas pelos *Santhals* e um pedido de desculpas por parte dos altos funcionários da polícia pelos atos cometidos por seus subordinados (MIB 6, 2009: 18).

demandas anteriores e afirmou que a polícia passou meses sem entrar em determinados pontos da região porque eram impedidos pelos próprios *adivasis* (MIB 7, 2009: 21), ao realizarem bloqueio de estradas derrubando árvores ou cavando buracos.

O interesse e a atuação naxalista dentro do movimento¹²⁰ é outra questão importante a ser investigada. Conforme consta em notícia divulgada pela rede BBC, Kishenji, uma conhecida liderança naxalista da região, afirma: “Nós temos 1.100 vilas no movimento. A resistência que ofereceram em face da massiva coerção liderada pelo estado nos deu muita esperança, como fez o boicote em massa das eleições parlamentares na área” (BBC: 2009b). Contudo, o boletim maoísta contesta essa afirmação:

14 Companhias das Forças Centrais, incluindo a recém-criada força CoBRA, elite antinaxal, e mais de 3 mil policiais estaduais já foram enviados para ‘expulsar’ os maoístas. Para justificar esta ofensiva maciça do Estado, o CPM criou o mito de que 1.100 aldeias espalhadas por uma área de mais de 1mil km² foram ‘liberadas’ pelos maoístas (MIB 10, 2009: 4).

Em seu boletim número 6 (2009: 20), os revolucionários calculam que no fim de novembro de 2008, com quase um mês de agitações, o movimento tenha se espalhado por 400 vilas e amplas reuniões eram realizadas com a participação de muitos dos envolvidos. Conforme o jornal *Deccan Herald*, em notícia divulgada em 19 de junho de 2009, a presença naxalista na região e a deterioração social foram as justificativas utilizadas pelo governo para iniciar a “Operação Lalgarh”. Ainda segundo o jornal, o governo não tinha consenso entre usar ou não da violência para conter os revoltosos, por isso demorou em tomar uma decisão. Para Bhattacharyya, as lideranças do Comitê Popular Contra as Atrocidades Policiais procuram se distanciar dos maoístas, por discordar dos seus métodos violentos; contudo, o autor não nega que alguns naxalistas exerçam influência dentro do movimento e almejam formar uma Zona Liberta na área (BHATTACHARYYA, 2010).

Com o desenvolvimento dos acontecimentos na região, os populares passaram a se organizar em nível local nos *Gram Committees*, formados por 10 membros divididos igualmente entre homens e mulheres (algo notável para uma sociedade com uma mentalidade patriarcal forte). As decisões tomadas pelas pelos *Gram Committees* são ratificadas em suas respectivas vilas por uma assembleia composta por todos os

¹²⁰ Segundo os revoltosos o movimento em Lalgarh conta com a associação de alguns quadros do Partido para organizar o povo e preparar uma rede de solidariedade nos distritos vizinhos (MIB 10, 2009: 4).

moradores. Os naxalistas afirmam que 85 desses comitês foram criados em Lalgarh e região e pelo menos outros 65 foram criados por toda *Jangalmahal* (MIB 6, 2009: 18). Outra marca do movimento é a completa exclusão da participação de partidos políticos, tanto para organização, quanto na ação de mediadores entre os *adivasis* e o governo¹²¹.

Segundo nota divulgada em seus boletins, o jornalista Rajib Chatterjee, do jornal *The Statesman*, amplia a noção da proposta de desenvolvimento dos naxalistas, ao afirmar:

[...] para desenvolver a agricultura, os Maoístas tomaram a iniciativa de formar “Krishi Jote” (cooperativas agrícolas) em cada zona de *Jangalmahal*. O partido de extrema esquerda também está formando cooperativas de piscicultura. De acordo com relatórios, mulheres são incluídas no gerenciamento dos comitês que comandam as cooperativas (MIB 14, 2009: 37).

Ao analisar a revolta os naxalistas chamam a atenção para o fato de ser organizada sob demandas políticas e não econômicas, sendo resultado direto de um longo trabalho dos maoístas entre a população, mas que a iniciativa para iniciar os confrontos foi espontânea, mas com influência do Partido (MIB 10, 2009: 5). Além disso, o CPCAP realizou na região obras há muito tempo desejadas pela população e negligenciadas pelos governos: um grande centro de saúde na antiga sede do CPM, escolas, pequenas barragens e outros métodos para facilitar a irrigação das terras, além da escavação de poços artesianos.

Esse primeiro momento de agitações se encerrou no início de dezembro de 2008, quando 10 das 12 demandas dos *adivasis* foram atendidas (MIB 6, 2009: 23). Contudo, os indígenas permaneceram mobilizados e atentos, realizando protestos e novas ações, como bloqueios de rodovias, a cada momento que se sentiam ameaçados. Como essa mobilização era acusada pelo governo de ser orquestrada pelos naxalistas, isso foi utilizado como justificativa para a realização da “Operação Lalgarh”, inserida dentro da “Operação Green Hunt”.

¹²¹ Em entrevista concedida para o MIB (11, 2009: 24) Ganapathy ressalta que Lalgarh representa um novo modelo para os movimentos de massas contra o governo no país, uma vez que todas as lideranças parlamentares foram rejeitadas e as pessoas adotaram a participação direta em assembleias como forma de decisão democrática, com grande envolvimento das mulheres, algo inovador. Afirma também que os naxalistas estão na região de *Jangalmahal* desde os anos 1980, estando “completamente integrados” na comunidade, e isso ajudou na tomada de consciência pelos *adivasis*.

2.3.2 – Operação Lalgarh

Uma declaração de guerra contra o povo de Jangal Mahal

– Amit Bhattacharya

Em face da resistência apresentada pelos indígenas durante e posteriormente a eclosão da revolta, os governos estadual e central, temendo o aumento da influência naxalista na região e sua provável expansão para outras localidades dentro e fora de Bengala Ocidental, decidiram enviar em conjunto mais de 5 mil homens de diferentes forças paramilitares, incluindo os CoBRA e CRPF, no que ficou conhecido como “Operação Lalgarh”. Como ressaltou o jornalista Partho Sarathi Ray¹²² “O que convencionalmente não tem sido mencionado é que por anos a polícia tem agido como invasores na área, deliberadamente torturando e humilhando as pessoas e é por isso que eles têm sido boicotados na região nos últimos seis meses”.

Para os naxalistas a mídia¹²³ é sempre tendenciosa ao comentar ações praticadas pelo Partido ou seus simpatizantes, chegando ao ponto de inventar ou distorcer determinados eventos (MIB 11, 2009: 12). Essa perspectiva também é compartilhada por EAGLETON (1997: 42), para quem os meios de comunicação, mais do que um aparelho ideológico, são uma forma de controle social “negativo”, capazes de fazer, inclusive, com que a população mais pobre e humilde se identifique não com os guerrilheiros e os *adivasis*, mas com a polícia e o aparato repressivo estatal.

Nesse contexto, essa investida, amplamente divulgada na mídia como “um grande ataque contra os naxalistas” mostrou-se um sucesso no seu objetivo de diminuir a presença naxalista na região, pois foram obrigados a se refugiar em áreas de outros estados, mas um fracasso na relação com os moradores, porque as mesmas atrocidades das quais surgiram o movimento foram repetidas, com diversas acusações de desrespeito aos direitos humanos, torturas e prisões indiscriminadas. O governo admitiu que a Operação não obteve todos os resultados esperados, devido a uma série de falhas

¹²² O jornalista esteve na região e publicou suas impressões no jornal de Bengala Ocidental *Sanhati*. Disponível em: <<http://sanhati.com/excerpted/1083/#43>>, acessado em 5.mar.2014.

¹²³ Um dos casos mais emblemáticos a respeito da condenação midiática das ações naxalistas foi um massacre em Khagaria (MIB 11, 2009: 57), quando os meios de comunicação se apressaram em condenar a participação maoísta no evento, ocorrido no estado de Chhattisgarh. Mas, posteriormente, foi provado que o massacre foi fruto de um conflito entre grupos de criminosos rivais da região, sem nenhuma conexão com os guerrilheiros, fato pouco retratado nas mídias. Disponível também em: <<http://www.thehindu.com/news/national/nitish-rules-out-naxal-link-in-khagaria-carnage/article28964.ece>>, acessado em 17.fev.2014.

no seu planejamento e execução, o que levou ao isolamento de suas tropas em relação a população local, especialmente na segunda fase da Operação¹²⁴.

Para garantir a legalidade das ações adotadas por suas forças de segurança, o governo estadual invocou a UAPA contra o CPCAP, alegando que estavam utilizando-se de terrorismo para intimidar o estado (MIB 11, 2009: 26). Além disso, poucas pessoas da mídia conseguiram permissão para adentrar na zona de conflito, somente um grupo selecionado de jornalistas, causando indignação nos meios independentes de comunicação. Como chamou a atenção à organização *Association for Protection of Democratic Rights* (APDR), o CPCAP não está convocando o Estado para uma guerra, mas sim deseja abrir os olhos dos governantes para o reinado policial que existia na região. Ao invés de aproveitar a oportunidade para dialogar, o governo respondeu com o envio de mais forças policiais (MIB 10, 2009: 28).

Segundo os guerrilheiros, em entrevista concedida por Katakam Sudarshan, secretário do departamento regional do PCI (Maoísta), o governo central liderado pelo Partido do Congresso, reeleito em 2009¹²⁵, preparou um contexto para que a população apoiasse sua investida:

[...] foi criado um monstro maoísta que devora pessoas comuns e inocentes, obstruindo o desenvolvimento, extorquindo dinheiro, empregando violência sem sentido. O ministro de assuntos internos preparou o terreno para uma ofensiva massiva, primeiro declarando o PCI (Maoísta) uma organização terrorista e impondo um banimento em todo o país. Simultaneamente, 26 companhias de forças do governo central foram enviadas para Lalgargh para reprimir um movimento popular pacífico (MIB 13, 2009: 24).

Durante a operação, devido as constantes explosões de bombas plantadas pelos naxalistas (os IEDs) nas árvores usadas para bloquear estradas, a polícia forçou jovens indígenas a remover esses bloqueios, detectando assim a possível existência dos IEDs em locais suspeitos. Tal atitude demonstra que um dos objetivos dos naxalistas (causar pânico psicológico na polícia) foi efetivo, entretanto, teve um efeito colateral inesperado (MIB 10, 2009: 41). Isso ocorreu devido as graves falhas de Comando e Controle da operação, ocasionando situações ainda mais emblemáticas, como a discussão entre a

¹²⁴ Existem relatos das tropas reclamando do calor local, da falta de água potável, de acomodação adequada e até mesmo do racionamento de alimentos, uma vez que a população local negava a venda desses produtos para os soldados. Disponível em: <http://www.telegraphindia.com/1090813/jsp/bengal/story_11356087.jsp>, acessado em 18.fev.2014.

¹²⁵ Cabe salientar que o Partido do Congresso perdeu as eleições majoritárias de 2014 e não governa mais a União Indiana. Atualmente o partido do primeiro ministro é o BJP.

polícia do estado, que desejava ver as forças especiais do governo lidar com toda a situação, enquanto o governo central e suas forças especiais esperavam que a polícia lidasse com o problema dos distúrbios envolvendo os civis (lei e ordem) enquanto suas ações focariam especificamente em maoístas armados¹²⁶.

Após o início da investida governamental, quando muito alarde foi feito, mas pouco foi atingido, os indígenas realizaram um grande protesto no centro de Calcutá, procurando mostrar sua força e indignação com as ações do estado (esse protesto também pode ser considerado uma demonstração da influência naxalista no movimento, já que os discursos invocados foram os mesmos defendidos pelos revoltosos)¹²⁷. Na ocasião, Chatradhar Mahato, liderou o bloqueio de diversas ruas para que o grande número de indígenas conseguisse de locomover pela cidade, causando enormes transtornos (MIB 8, 2009: 44).

Um dos principais sucessos da Operação Lalgah foi a prisão do então líder do CPCAP, Chatradhar Mahato, capturado por policiais de Bengala Ocidental, ao se passaram por jornalistas interessados em entrevistar o líder da revolta popular (MIB 11, 2009: 18). Apesar das greves (conhecidas como *bandh*) convocadas por outros líderes do movimento e pelos naxalistas, Mahato foi acusado de diversos crimes, inclusive associação com grupos terroristas e permanece preso até o momento¹²⁸. Entretanto, a prisão de Mahato não significou o fim das agitações, mas confirma a estratégia adotada pelo governo de eliminar as lideranças dos movimentos de agitações populares como forma de procurar terminar com as revoltas. Nesse contexto, logo após a prisão de Mahato, Lalmohan Tudu, outra liderança do CPCAP, foi morto em uma suposta troca de tiros com a polícia. Contudo, moradores da localidade dizem não ter ouvido disparos, Tudu teria sido morto por incitar os *adivasis* em sua revolta (MIB 15, 2010: 52).

¹²⁶ Essas e outras falhas na Operação podem ser encontradas em matérias divulgadas no jornal *Sanhati*. Disponível em: <<http://sanhati.com/news/1604/>>, acessado em 20.jan.2014.

¹²⁷ Durante a Operação Lalgah, os naxalistas afirmam que suas tarefas na revolta seriam:

- 1) armar uma rede de apoio nas vilas próximas, com reuniões públicas e programação cultural;
- 2) divulgar a revolta para o mundo, por meio de literatura, vídeos, revistas, livros, procurando mostrar o seu caráter democrático;
- 3) organizar grupos de pessoas para entrar na área e investigar a conduta das forças governamentais contra os tribais;
- 4) explicar as causas econômicas da miséria da região (exploração dos tribais);
- 5) mobilizar o Partido para atender as demandas do movimento.

¹²⁸ Em 2012, Mahato e outros indivíduos acusados de pertencer ao PCI (Maoísta) ganharam o status de prisioneiros políticos, garantindo melhores condições como celas separadas e acesso a jornais. Disponível em: <<http://timesofindia.indiatimes.com/india/9-jailed-Maoists-are-political-prisoners-rules-Kolkata-court/articleshow/16520669.cms?referral=PM>>, acessado em 15.abr.2014.

Outro sucesso da Operação consiste na fuga dos naxalistas armados para outras áreas, buscando reagrupar suas forças. Para o PCI (Maoísta)¹²⁹, o governo utiliza sua presença na região como justificativa para suprimir uma revolta popular legítima, empregando uma tática de terror de estado. Os maoístas alegam que, mesmo com a operação “nenhum maoísta foi preso ou morto, mesmo com 6 mil policiais no local” e o total apoio do CPM e seus militantes, mobilizados para ajudar as forças estatais¹³⁰. Ao contrário, foram os guerrilheiros que mataram alguns representantes do estado nas suas ações contraofensivas, enquanto se retiravam. Além disso, os revoltosos afirmam que o estado de Bengala Ocidental recebeu apoio e assistência dos EUA, visando a contenção dos tumultos (MIB 10, 2009: 71).

Mesmo com um longo governo dito de “esquerda”, a situação especialmente entre os indígenas não melhorou muito. Existem diversas acusações de que o governo liderado pelo CPM favorecia somente aos seus filiados. Um exemplo dessa situação foi a ira popular que causou a destruição da casa de Anuj Pandey¹³¹ secretário do CPM na região. Nessa ocasião as pessoas comemoraram a destruição de um símbolo de sua opressão, segundo os maoístas (MIB 10, 2009: 10). Dessa forma os *adivasis* conseguiram fazer com que sua voz fosse ouvida pelas amplas esferas governamentais, do estado e do governo central. Destruindo um símbolo considerado opressor e de sua opressão e dominação, assim como os naxalistas descrevem em sua teoria sobre a “aniquilação dos inimigos de classe” e nas campanhas de destruição dos símbolos nacionais em Calcutá, na década de 1970.

Ainda antes da revolta, em uma autocrítica realizada pelo próprio Buddhadeb Bhattacharjee, então governador de Bengala Ocidental, sobre a qualidade dos quadros do CPM e suas atuações ilegais, afirma a degeneração de seu partido: “Tenho medo que

¹²⁹ “It is not the military strength of the Maoist in Lalgarh that the state and central governments were really afraid of but the mass uprising that shook the authority of the semi-feudal semi-colonial state. If the mass uprising was not crushed there would be more Lalgarhs across the length and breadth of the country. [...] Seven months of relative self-rule by the *adivasis* masses has unnerved every political power” (MIB 10, 2009: 14). (*Não é a força militar maoísta em Lalgarh que o estado e o governo central estão com medo, mas o movimento de massas que questiona a autoridade semifeudal e semicolonial do estado. Se a rebelião não fosse destruída se formariam mais Lalgarhs em todo o país. [...] Sete meses de relativo autogoverno pelos indígenas enervou qualquer força política*).

¹³⁰ Em carta divulgada por um grupo de estudantes da Jawaharlal Nehru University que visitaram 25 vilas da região e conversaram com a população local, afirmam: “Police and CPM are not just in alliance, they are the same thing. They told us how the police stood as mute spectator whenever the harmads went on rampage. The harmads have even used police jeeps to move around.” (MIB 10, 2009: 31) (*Polícia e CPM não são somente aliados, são a mesma coisa. Eles nos contaram como a polícia se tornou um espectador mudo enquanto militante continuavam o tumulto. Os membros do CPM até mesmo usaram carros policiais para se locomoverem*).

¹³¹ Um breve histórico sobre Anuj Pandey na região e suas decisões que levaram a grande rejeição entre os tribais está disponível em: <<http://sanhati.com/news/1604/>>, acessado em 19.mai.2012

um grande número de pessoas indesejáveis, desagradáveis, que normalmente não teriam esperança de serem vistas em um partido ideológico como o nosso, estão se aproximando e ganhando espaço no partido” (SINGHAROY, 2004: 204).

Como argumentou o ativista dos direitos humanos Sujato Bandra, em artigo divulgado no jornal *Times of India*¹³², existem fortes evidências de violações cometidas contra os *adivasis*, além da cultura de impunidade a favor das ações dos policiais. Nesse sentido uma saída militar para o conflito seria contraproducente, como de fato se mostrou, necessitando aumentar a qualidade de vida dos moradores de *Jangalmahal* para efetivamente combater a influência da ideologia naxalista. Corroborando com essa ideia, o intelectual e poeta indiano Madan Kashyap (MIB 11, 2009: 34), argumenta que os indígenas nunca foram aceitos na sociedade hindu, considerados como incivilizados e incapazes de participar da modernidade e esse pensamento religioso preconceituoso é reproduzido em ações violentas contra os povos originários.

Um fato interessante sobre a revolta: ela ocorre exatamente no mesmo estado em que surgiu a guerrilha naxalista há quase 50 anos atrás. Enquanto a vila de Naxalbari, berço da revolução naxalista e que deu nome ao movimento, se localiza no lado oposto do estado, na parte norte, o fato da guerrilha manter grande presença no estado reforça as preocupações das forças do Estado e também significa que as condições de vida das populações mais pobres não melhoraram muito nesse período, caso contrário seria mais difícil para os naxalistas acharem espaço para o seu discurso radical.

Lalgarh também foi responsável por uma situação inusitada, na qual um grupo de *adivasis*, em sua maioria mulheres, foi libertado da prisão em troca da libertação de um policial, feito prisioneiro pelos naxalistas (MIB 12, 2009: 21). O governo de Bengala Ocidental não admitiu “troca de prisioneiros”, argumentado que as mulheres haviam sido presas equivocadamente e por isso foram liberadas. Além disso, essa Operação serviu como um laboratório para a Operação Green Hunt, pois foi testada em ação a recém criada unidade CoBRA, uma vez que em Jangalmahal as forças naxalistas não são tão consolidadas quanto em Dandakaranya. Mesmo assim, somente após um ano de combates, os naxalistas confirmaram a perda de seus primeiros membros do PLGA em Lalgarh (MIB 18, 2010: 29). Seis soldados foram mortos pelas forças paramilitares e carregados como animais mortos em varas de bambu, conforme fotos

¹³² Disponível em: <<http://timesofindia.indiatimes.com/city/kolkata/Security-centric-approach-cant-resolve-Lalgarh-conflict/articleshow/4703740.cms>>, acessado em 20.jan.2014.

amplamente divulgadas nos meios de comunicação da Índia¹³³. Três desses soldados eram mulheres.

Apesar da repressão estatal, foi possível notar a presença da influência naxalista ainda em 2009, quando a região de Lalgarh registrou números ínfimos de participação nas eleições (entre 30 mil eleitores, menos de 100 compareceram as urnas) (MIB 8, 2009: 10). Assim como a Operação Green Hunt, essa operação não possui um balanço oficial porque não foi reconhecida oficialmente pelo Estado e permanece em atividade até os dias atuais, pois *Jangalmahal* ainda conta com forte presença das forças estatais.

Na avaliação de Ganapathy, Lalgarh foi uma revolta justa porque mobilizou a maioria da população da região com o objetivo claro de estabelecer uma nova forma de poder político, além de criar novas lideranças. Soma-se a esses fatores, o desafio gerado ao estado e as classes dirigentes, que por se sentirem ameaçados, lançaram um severo ataque contra as populações. Dessa forma, “[...] se o movimento conseguir se sustentar, tornar-se consolidado, melhor armado, ganhar apoio ativo das massas e se estender para novas áreas, fortalecendo o partido e o exército, eles terão capacidade de se desenvolver ainda mais. Esse processo está a caminho sob nossa liderança” (MIB 20, 2010: 13).

2.4 – O caso de Dandakaranya

A partir do início da década de 1990 a Índia entrou em um processo acelerado de neoliberalismo, adotando diversas medidas preconizadas por esse sistema, como a liberalização de sua economia e a privatização de diversos serviços públicos. Conforme CHOUSSUDOVSKY (1999:131): “A liberalização do mercado de trabalho proposta contribuiu para reforçar as relações sociais despóticas, dando assim, na prática, maior legitimidade à exploração de castas, à semiescravidão e ao trabalho infantil”. Além disso, os recursos naturais do país passaram a ser alvo da cobiça de diversas empresas multinacionais, especialmente na área da mineração, interessadas em extrair o ferro, estanho, sílica e granito de alta qualidade. Entre essas riquezas encontram-se, por exemplo, as maiores minas de bauxita da Ásia, na pequena cidade de Damajodi, pertencente ao estado de Odisha (MIB 7, 2009: 24).

¹³³ Disponível em: <http://democracyandclasstruggle.blogspot.com.br/2013_11_01_archive.html> e <<http://www.outlookindia.com/printarticle.aspx?265948>>, ambos acessados em 18.fev.2014.

A maior parte desses recursos está em terras pertencentes aos povos originários e sua extração tornou-se essencial para a manutenção das altas taxas de crescimento ostentadas pelo país. O governo indiano, ao invés de aplicar energicamente as diversas leis que garantem aos povos nativos a propriedade das terras que são habitadas pelas suas famílias há muitas gerações, mostra-se extremamente lento e burocrático e, muitas vezes, favorece o lado mais poderoso e com maior influência. A preponderância da população *adivasi* e a vasta quantidade de riquezas minerais encontradas na região de Dandakaranya tornaram esse local palco dos principais conflitos envolvendo os naxalistas e o governo.

Dandakaranya é formada por florestas e montanhas, terrenos ideais para servirem como esconderijos dos revolucionários, pois são isolados e de difícil acesso. Essa região perpassa os distritos de Bastar, Dantewada e Kanker em Chhattisgarh, Gadchiroli e Chandrapur em Maharashtra, Koraput e Malkangiri em Odisha e Adilabad, Karimnagar, Khammam e East Godavari em Andhra Pradesh (RAMACHANDRAN, 2011: 18) na região central e leste do país, também denominada de *Terra natal dos indígenas* (Ver mapa 2, p.49). Nesse quadro, os povos originários estão no meio de um fogo cruzado entre o governo e grandes companhias de um lado, contra os maoístas do outro, sendo que o único desejo dos seus moradores é preservar seu modo de vida e seu habitat. Dessa forma, é importante investigar como os *adivasis* resistem à exploração de suas terras contra a ambição das grandes companhias e qual o papel desempenhado pelos naxalistas nesse processo, construindo estratégias para a manutenção das suas tradições.

Dentro de Dandakaranya, o distrito de Dantewada, no estado de Chhattisgarh, já era apontado como um local de forte presença de naxalistas desde 2008 (MIB 1, 2008: 14) e foi alvo de um dos principais ataques realizados pelos revoltosos contra o governo. Além disso, os maoístas denunciam a exploração predatória e contra a vontade dos *adivasis* de minas de ferro na localidade (MIB 2, 2008: 7). Esse distrito é tão inóspito que após a queda de um helicóptero em 3 de agosto de 2008, o governo demorou mais de um mês para conseguir localizar a aeronave, pois não conseguiam realizar buscas avançadas devido ao terreno e por causa da presença ostensiva dos guerrilheiros (MIB 4, 2008: 21). Para os naxalistas, Dantewada destaca-se porque é um repúdio ao conceito de *Shining India*, o seu modelo de desenvolvimento simboliza outras prioridades para a região, não incluindo grandes empresas multinacionais (MIB 16, 2010: 4).

Para Gudsa Usendi, uma das principais lideranças do Partido em Dandakaranya, a localidade é um modelo a ser seguido por outros bastiões da guerrilha, o domínio do PCI (Maoísta) é evidente e conta com apoio dos *adivasis*. O Partido é tão forte e solidamente constituído que possuem seu próprio sistema judicial, administrativo e policial. Sendo esse o modelo ideal a ser seguido por outras regiões sob sua influência, incluindo Lalgah (MIB 10, 2009: 11). Sobre Dantewada, em consonância com Usendi, RAMACHANDRAN (2011: 37) acrescenta: “Em Dantewada, que é o epicentro do conflito, educação, saúde e infraestrutura de transporte é uma balburdia. Setenta e oito por cento da sua população é indígena. Por volta de 52,28% da sua população vive abaixo da linha de pobreza e 70% são analfabetos. Entre suas 1.220 vilas, 1.161 não têm instalações médicas e 214 não têm nem mesmo escola primária”.

O elevado grau de militarização da região de Dandakaranya tornou-se evidente durante as eleições de novembro de 2008, quando mais de 50 mil homens de diferentes forças especiais estatais foram enviados para garantir a segurança dos eleitores e dos funcionários eleitorais, número três vezes superior ao das últimas eleições, antes dos maoístas conquistarem o status de “inimigo número um da Índia”. Mesmo com tantos soldados, em seu boletim número 6 (2009: 34-35), os revoltosos listam uma série de incidentes¹³⁴ na região durante as eleições, tentando provar que houve pouca participação popular no pleito eleitoral, fruto do descrédito das instituições governamentais. Além disso, segundo os naxalistas, esses incidentes servem para contrastar com as notícias divulgadas na mídia tradicional, que apontam para elevadas taxas de participação eleitoral nas áreas sob sua influência, mostrando a falha governamental para alcançar seu objetivo.

O então Ministro de Assuntos Internos, P. Chidambaram admitiu que em muitas regiões consideradas como redutos dos revoltosos, a administração civil existe somente no nome¹³⁵ e reconquistar o controle dessas áreas para, então, iniciar os programas de desenvolvimento, é a prioridade do governo no momento, especialmente depois de iniciarem uma grande operação contra os naxalistas em 2009.

¹³⁴ Entre esses incidentes está a invasão de várias vilas pela polícia, após os naxalistas convocarem uma Greve Geral, visando a prisão de tribais considerados suspeitos (MIB 8, 2009:49)

¹³⁵ Em um debate acalorado na *Lok Sabha*, Chidambaram insistiu na necessidade de primeiro utilizar as forças paramilitares para ganhar o controle físico da área, para então iniciar os programas de desenvolvimento e, assim, ganhar também as mentes dos *adivasis*. Disponível em: <http://164.100.47.132/LssNew/psearch/result15.aspx?dbsl=1874#3000*23>, acessado em 28.jan.2014.

2.4.1 – Os Naxalistas e a resistência indígena

Os adivasis constituem o sangue vital do movimento Maoísta

– Katakam Sudarshan

Desde o período da ocupação inglesa no subcontinente indiano, os povos originários têm os seus costumes e modos de vida destruídos em nome do desenvolvimento e da alienação das suas terras. Como forma de resistir a esse processo, conforme NAYAK e SUBRAMANIAM (2011: 116):

Estima-se que por volta 70 revoltas indígenas ocorreram em um período de 170 anos (1778-1948). Essas revoltas estavam ligadas às restrições sobre o acesso e controle sobre florestas pelos agentes coloniais com os decretos dos *Indian Forest Acts* de 1867, 1878 e 1927 e com o *Madras Forest Act* de 1882 que forneceram a base jurídica para a reserva de floresta e “resolução” e notificação dos direitos.

Nesse mesmo sentido, Ruchir GARG (2008: 27) destaca as características guerreiras dos povos *adivasis*, bem como a exploração sofrida por eles:

A história de exploração desses habitantes das florestas têm séculos de idade. Assim como a história de revoltas contra a opressão. Em 1825, eles se revoltaram contra as atrocidades do então governo do Maratha e as novas regras que eles impuseram. Essa revolta é popularmente conhecida como *Paralkot Revolt* e foi liderada por Gaend Singh, que foi morto durante o levante. Houve a revoltas do Koyas em 1859 [...]. Então, houve a famosa revolta de *Bhoomkal* de 1910. Tudo isso ilustra a herança de poder e o vontade dos tribais em protestar e revoltar contra a tirania das classes dirigentes.

Com a independência do país em 1947 houve muitas promessas de melhorias significativas tanto para os camponeses, quanto para os povos originários, entretanto, tais melhorias não se concretizaram. É verdade que muitas leis foram aprovadas no sentido de promover as melhorias, porém, muitas delas não foram efetivamente aplicadas, pois a corrupção dos agentes públicos e o lobby patrocinado por grandes proprietários e companhias, constantemente se mostrou mais efetivo.

Nesse contexto, é natural que os indígenas procurem uma maneira de defender suas terras e seus costumes e, se o governo não colabora, buscam pessoas interessadas em ajudá-los¹³⁶. Especificamente na região de Dandakaranya existe um longo trabalho

¹³⁶ “Almost all over the tribal areas, including Nagaland, Manipur, Tripura, Assam, Jharkhand, Orissa, Chhattisgarh, Maharashtra, Andhra Pradesh and Kerala, tribal people seem to feel a deep sense of exclusion and alienation, which has been manifesting itself in different forms” (DEVELOPMENT

realizado pelos naxalistas entre os indígenas no sentido de executar projetos autônomos de desenvolvimento, sem a colaboração de qualquer governo. Nesse sentido foram criados os *Janata Sarkar*, ou governo popular, que serão melhores apresentados no capítulo 3 dessa dissertação.

Além disso, a interação entre os naxalistas e os indígenas sempre esteve presente, pois a ampla maioria dos envolvidos nos *dalams* e nos *Janata Sarkar* são membros dos povos originários. Mesmo aqueles que não colaboram diretamente participando do movimento, costumam simpatizar oferecendo comida ou abrigo para os revoltosos, além de ingressar em suas fileiras de trabalho visando iniciativas para o desenvolvimento econômico local. Os revoltosos estimam que 90% dos membros do Partido são de *adivasis*, ocupando cargos de lideranças nos comitês, no PLGA e nas organizações de massas orientadas pelos naxalistas (MIB 13, 2009: 29). Em entrevista Ganapathy afirmou: “[...] no total camaradas de 9 estados que representam o partido em 18 estados foram leitos para o Comitê Central. É muito natural que a maioria dos camaradas sejam eleitos onde o movimento é mais forte e daqueles que lideram o movimento desde muito tempo”, desse total, “[...] três camaradas são de origem *adivasi*” (MIB 20, 2010: 18). Entretanto, é notório que nem todos os indígenas apoiam os naxalistas, como será apresentado na parte 5 desse capítulo.

Em uma interessante reflexão, Sam Rajappa, jornalista veterano do *The Stateman*, afirma que os naxalistas “[...] não conquistaram nenhum território. Eles tornaram o habitat natural dos indígenas pobres, com a ajuda deles, em seus bastiões porque os principais partidos políticos, particularmente o BJP e o Partido do Congresso, virtualmente os abandonaram”¹³⁷. Essa opinião é compartilhada por estudiosos dos

CHALLENGES IN EXTREMIST AFFECTED AREAS, 2008: 8), (*Quase todas as áreas indígenas, incluindo Nagaland, Tripura, Assam, Jharkhand, Orissa, Chhattisgarh, Maharashtra, Andhra Pradesh e Kerala, os habitantes tem um grande sensação de exclusão e alienação, que tem sido manifestado de diferentes formas*) e acrescenta: “Apart from poverty and deprivation in general, the causes of the tribal movements are many: the most important among them are absence of self governance, forest policy, excise policy, land related issues, multifaceted forms of exploitation, cultural humiliation and political marginalisation. Land alienation, forced evictions form land and displacement also added to unrest. Failure to implement protective regulations in Scheduled Areas, absence of credit mechanism leading to dependence on money lenders and consequent loss of land and often **even violence by State functionaries** added to the problem” (grifo do autor) (Idem: 9). (*Para além da pobreza e privações, as causas para as rebeliões indígenas são muitas :as mais importantes são a falta de autogoverno, políticas florestais, política de impostos, questões sobre a terra, múltiplas formas de exploração, humilhação cultural e marginalização política. Alienação da terra, despejos e deslocamentos aumentam as agitações. Falha na regulação de medidas protetivas para as áreas indígenas, falta de crédito obrigando a dependência de agiotas e a consequente perda da terra, e frequentes violências praticadas pelos funcionários estaduais incrementam o problema).*

¹³⁷ O autor ainda traz um dado expressivo: “The root of the problem is the displacement of tribals to cater the greed of about 100 families who control more than 25 per cent of the country’s wealth. Chidambaram

naxalistas, enumerando a industrialização forçada, os abusos dos agentes públicos e a transferência de terras para mineração e para o agronegócio como as principais causas da simpatia dos *adivasis* ao apelo maoísta (CHAKRABARTY; KUJUR, 2010: 28).

Nesse mesmo sentido, para HARIVANSH (2008: 20), jornalista e editor no estado de Jharkhand, é fato que os naxalistas contam com amplo apoio entre a população mais explorada e desprivilegiada da Índia, sendo resultado direto de um sistema opressivo e extremamente desigual. Contudo, não estamos defendendo nesse estudo que todos os indígenas são favoráveis aos naxalistas, como chama atenção RAMACHANDRAN (2011: 21): “[...] os militantes Maoístas são majoritariamente indígenas, mas nem todo indígena é maoísta. Muitos preferem políticas de massas. Enquanto alguns povos originários preferem manter distância dos Maoístas, outros os veem como aliados úteis”.

No início de 2009 (MIB 7, 2009: 10) os maoístas divulgaram um ultimato para que a Vedanta Company parasse de minerar bauxita em uma área adjacente às montanhas de Niyamgiri¹³⁸, no estado de Odisha, sob a alegação de que a população local não havia sido consultada de forma idônea sobre o projeto. Tamanha foi a resistência naxalista e dos *adivasis* que o projeto orçado em 14 bilhões de dólares acabou cancelado em 2013¹³⁹.

Segundo os maoístas, em Dandakaranya houve uma evolução na sua forma de governar, passando de uma forma rudimentar de governo popular para a evidente consolidação desse governo (MIB 11, 2009: 2), espalhando-se por várias vilas da região e inclusive, marcada pela criação de um novo departamento (ministério) de Comércio & Indústria, além de uma revista, *Lokur Adhikar*, para divulgação das ideias do partido. Com essa influência os naxalistas conseguem realizar ações audaciosas, como o ataque contra uma mina da empresa NALCO, cujo objetivo era conseguir armas e explosivos, além de protestar contra as poucas melhorias realizadas pela companhia até o momento na região (MIB 8, 2009: 32).

is clearly on the side of these 100 families and not of the toiling masses”. Disponível em: <<http://andamansaravanan.blogspot.com.br/2010/04/chidambaram-must-quit.html>>, acessado em 03.out.2013. (*A raiz do problema é o deslocamento de indígenas para suprir a ganância de 100 famílias que controlam mais de 25% da riqueza do país. Chidambaram é claramente do lado dessas 100 famílias e nas das massas trabalhadoras*).

¹³⁸ “When Maoists oppose the bauxite mining in Niyamgiri it is not only because of outright plunder of our country’s resources by the imperialist Vedanta but also because of the social and environmental problems the mining is giving rise to” (MIB 18, 2010: 12).

¹³⁹ Detalhes do embate judicial entre os indígenas e o governo de Odisha estão disponíveis em: <<http://www.rediff.com/business/slide-show/slide-show-1-why-cancellation-of-vedantas-niyamgiri-project-is-worrying/20140114.htm>>, acessado em 25.mar.2014.

Neste contexto, os naxalistas realizam trabalhos que os governos eleitos deveriam estar realizando, assim como garante a Constituição indiana, como o fim do trabalho exploratório e um salário mínimo para os indígenas, além de preservar suas terras e seus costumes. O movimento naxalista afirma defender os povos originários da ganância das grandes empresas multinacionais, especialmente as mineradoras, responsáveis por ameaçar os direitos constitucionais dos indígenas: “Além das privações socioeconômicas, tem havido uma erosão dos direitos tradicionais dos indígenas e o seu comando sobre recursos naturais” (DCEAA, 2008: 8).

Devido à prolongada e intensiva presença dos revolucionários na região, consideram Dandakaranya uma zona de guerrilha, na qual conseguem enfrentar as forças governamentais com emboscadas bem elaboradas e precisamente executadas. Além disso, Azad, porta-voz do PCI (Maoísta), afirmou que o partido controla um governo paralelo na região há muitos anos (MIB 7, 2009: 48), executando trabalhos de justiça social, conhecidos como *Jan Adalats*, cobram impostos e realizam tarefas de desenvolvimento. Na visão naxalista, existe uma guerra civil em diversas partes de Dandakaranya, por isso a importância dos *Jan Adalats* para punir informantes da polícia, quebrando assim sua rede de informações de inteligência (MIB 6, 2009: 3).

Himanshu Kumar, um famoso ativista seguidor das ideias de Gandhi, solicitou ao governo de Chhattisgarh, por meio da Lei de Acesso a Informação da Índia, quantos professores, médicos ou trabalhadores sociais haviam sido mortos pelos naxalistas no estado. A resposta foi nenhum¹⁴⁰. O ativista também afirma que quem fixou um preço mínimo a ser pago pelo trabalho dos *adivasis* na região foram os maoístas. Além disso, ao chegarem a Dandakaranya, os revoltosos prenderam os guardas florestais que abusavam dos indígenas e pediram para que os próprios *adivasis* batessem neles, como forma de desconstruir a autoridade que os oprimia (MIB 12, 2009: 40). Ou seja, buscaram uma maneira de mostrar como suas ações mudariam a vida das pessoas da região.

TABELA 1 – Enfrentamento entre o governo e os naxalistas na região de Dandakaranya (entre junho de 2008 e setembro de 2009)

	Governo	Naxalistas	Inocentes
Nº de mortos	271	232	20

¹⁴⁰ Disponível em: <<http://sanhati.com/articles/1937/>>, acessado em 15.jul.2013.

Feridos	214	Não informado	35
TOTAL	485	232	55

Fonte: tabela elaborada pelo autor com dados disponíveis nos boletins de informação do PCI (Maoísta)

2.4.2 – As empresas e o governo

A ampla maioria das indústrias que ameaçam as terras dos povos originários na região de Dandakaranya são mineradoras interessadas em explorar riquezas de grande valor. Essas empresas normalmente são sediadas no exterior, especialmente em Londres (PADEL&DAS, 2006: 2), capital da antiga metrópole indiana, ou outras cidades na Europa Ocidental, além de grandes multinacionais indianas. Entre as empresas destacam-se: Tata Steels, Essar Steels (MAHESHWARI, 2011: 4); Vedanta Resources, NALCO e Posco (PADEL&DAS, 2006: 3) empresa coreana com atuação em Odisha (MIB 1, 2008: 4). Para os naxalistas, empresas indianas como Tata, Mittal, Jindal e Essar, todas pertencentes a influentes famílias indianas de bilionários, são as principais beneficiárias desse processo. Para consumir a realização de seus projetos, é necessário o deslocamento de *adivasis* e construção de infraestrutura, como estradas e barragens para produção de energia (MIB 6, 2009: 32). Conforme afirmou Gopalji, porta-voz do PCI (Maoísta) para a área especial de Bihar-Jharkhand:

[...] eles (*o governo*) não podem vender nossa terra, vender nossos recursos naturais de maneira aberta para seus mestres imperialistas. Eu vou citar alguns exemplos. Em Singur, eles venderam terras com ajuda do governo dito de esquerda para os Tatas. Em Nandigram, eles venderam para a burguesia indonésia, o grupo Salem. E em Lalgarh eles venderam para os Jindals. E em todos os três lugares nós organizamos movimentos contra essa venda de terras cultiváveis dos camponeses e contra a desapropriação dos camponeses (MIB 17, 2010: 70).

Essas empresas aproveitam-se das imposições do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI) para convencer o governo a permitir a extração das riquezas do solo. Como argumento os empresários alegam estarem levando investimentos para áreas que necessitam, entretanto, esses investimentos resultam em deslocamentos de famílias ou até mesmo de vilas inteiras e a consequente destruição dos seus modos de vida. Além disso, grande parte desses investimentos é em infraestrutura para construção das fábricas (estradas, torres de energia, pontes, etc.) e escoação de sua produção, não em melhorias reais para os indígenas (irrigação, escolas,

centros de saúde). As empresas também realizam coação contra os povos originários, obrigando-os a vender suas terras e depois não pagam as compensações legais e o governo é leniente em fiscalizar esse processo ou participa ativamente, facilitando a venda de terras indígenas. Conforme RAMACHANDRAN (2011: 54):

A aquisição pelo Estado de terras indígenas para atividades de desenvolvimento e mineração é uma grave violação das leis formuladas por ele. De acordo com a PESA, o Estado não pode adquirir terras ou emitir direitos de mineração em terras indígenas sem a permissão de um *gram sabha*. Entretanto, funcionários estão adquirindo terras indígenas ignorando a oposição dos *gram sabhas*. Houveram inúmeros incidentes da polícia intimidando *gram sabhas* para conceder seu consentimento.

Essa mesma posição foi expressa no relatório DEVELOPMENT CHALLENGES IN EXTREMIST AFFECTED AREAS, na qual os especialistas sugerem:

Ainda que a criação de um projeto torne-se inevitável estritamente baseado em interesse público, como previsto pela Honorável Suprema Corte no julgamento do caso Samata, isso deveria ocorrer primeiramente com o consentimento dado pelos *Gram Sabhas* e pelo envolvimento dos indígenas como proprietários do projeto. O governo deveria desenvolver mecanismos apropriados para garantir isso (2008: 16).

Enquanto isso o governo ganha em impostos, supostos empregos para os atingidos pelas construções (a maior parte dos empregos são, na verdade, ocupados por mão de obra de fora da localidade, pois as fábricas argumentam que os *adivasis* não possuem a qualificação necessária para operar seus equipamentos) e o direito de obter novos empréstimos com as instituições internacionais. Aqui se encontra um paradoxo, uma vez que esses empréstimos servem justamente para investir em infraestrutura utilizada pelas empresas mineradoras. Como não existe o conceito de propriedade privada entre os indígenas, é mais fácil para o governo removê-los em nome do “desenvolvimento”, algo que é defendido por parte da mídia e da população do subcontinente, com o argumento de que a remoção de poucos beneficiam muitos indianos.

Para a intelectual indiana Arundhati Roy “[...] o governo quer uma guerra para limpar as áreas de florestas porque existe um grande acúmulo de ZEE em Jharkhand, assim como em Chhattisgarh, que não estão ativadas [...]” (MIB 12, 2009: 40) devido à presença dos naxalistas. Nesse mesmo sentido, um relatório independente realizado a

pedido do governo critica fortemente as Zonas Econômicas Especiais: “Terras improdutivas ou desocupadas que pertencem ao Governo são crescentemente pretendidas por industriais e Zonas Econômicas Especiais, e os pobres sem terras estão rapidamente perdendo o direito que tinham [...]”, em seguida acrescentam: “[...] a noção de uma ZEE, independentemente de ser estabelecida em terras contínuas ou não, são um assalto a um importante recurso de subsistência da população” (DCEAA, 2008: 12).

Em consonância com esse pensamento, E.N. Rammohan, indiano especialista em contra insurgência, critica a forma como o governo atua em relação aos índiegnas:

[...] nós estamos agora em 2010, mas em muitas partes do país, nós estamos agindo como se estivéssemos em 1610 ou algo assim. Você sabe que na Austrália e nos EUA agora, eles dizem que se qualquer mineral ou petróleo é encontrado em áreas de Reserva, esses recursos pertencem aos Aborígenes e Nativos Americanos. Na Índia também, a primeira coisa que deveríamos declarar se minerais são encontrados nas florestas eles pertencem ao povo da floresta. As ZEE deveriam ser assinadas por todas as pessoas pertencentes às vilas com as Companhias (MIB 18, 2010: 60).

Para compensar os danos causados aos povos originários para que as extrações de riquezas sejam possíveis, as empresas prometem melhores moradias e empregos, contudo, muitos relatos apontam para o oposto, pois os empregos não chegam e as moradias são em locais muito distantes das antigas vilas (WHITE, 2008: 16). Além disso, muitos *adivasis* não desejam abandonar suas terras por um simples emprego, pois sabem que quando as riquezas acabarem, as empresas vão embora, bem como os trabalhos. Dessa forma, é importante salientar, muitos projetos falham em alcançar os padrões determinados pelas leis indianas, como o PESA e o *National Rehabilitation Policy* (MIB 12, 2009: 44), essenciais por lidarem com os povos originários da Índia. Ou ainda, conforme chama a atenção à editora da revista eletrônica *Teheka*, Shoma Chaudhury: “[...] por que acontece de quase todos os projetos industriais na Índia se tornarem em violações dos direitos humanos – em termos de terra, trabalho, violações ambientais e saúde pública?”¹⁴¹.

A integração entre governo e empresas é tão homogênea que uma equipe investigativa a respeito de ataques policiais contra manifestantes em Sompeta afirmou que os policiais agiam mais em interesse da Empresa, no caso a *Nagarjuna Construction Company* (NCC), do que protetores da lei e da justiça. A repressão policial

¹⁴¹ Disponível em: <http://archive.tehelka.com/story_main44.asp?filename=Ne170410how_many.asp>, acessado em 12.mar.2013.

deixou dois mortos e em pouco tempo o projeto previsto para a região, uma termoelétrica, foi cancelado¹⁴².

O governo, utilizando-se de uma série de discursos, mostra-se apático ao fiscalizar e executar as leis que garantem aos índiegnas uma série de direitos, tanto para preservação de suas terras, quanto para preservação do seu modo de vida. O interesse governamental em explorar os recursos naturais do país, para a manutenção de suas altas taxas de crescimento, estão interligados a um projeto maior para tornar a Índia uma grande potência internacional no século XXI, independente do custo social e ambiental. Dessa forma, segundo RAMACHANDRAN (2011: 31):

Milhões de indígenas foram deslocados para grandes represas, projetos de hidroelétricas e atividades no setor de mineração no período. Além disso, a legislação proibia o acesso as florestas e aos recursos de uso comum. Esses deslocamentos foram acelerados sob a liberalização econômica, com os indígenas sendo deslocados para permitir extrações minerais, para a implantação de indústrias e Zonas Econômicas Especiais.

Sem dúvida, os povos originários encontram-se no meio de um fogo cruzado, pois o seu principal interesse é manter o seu modo de vida tradicional e a violência perpetuada pelos sujeitos externos termina por separar famílias e extinguir comunidades inteiras. Se não forem tomadas providências para deter essa violência sistêmica, esse conflito terá consequências desastrosas para os povos originários da Índia, intensificando a situação precária de vida dessas comunidades. Regulamentações, uma presença mais forte do Estado e leis mais rígidas com os agentes corruptos faz-se urgentes como medidas para amenizar esse conflito.

2.5 – Conclusão

Com a intenção de organizar e estruturar a linha partidária, elaborando um discurso em comum para os diferentes estados nos quais os naxalistas atuam, o 7º Congresso do PCI (Maoísta) foi decisivo para o reconhecimento das novas lideranças e determinante para os rumos do Partido. Dessa forma, ao apresentar as características dos povos *adivasis* e das localidades onde habitam, buscou-se definir claramente quem são e

¹⁴² A Suprema Corte de Andhra Pradesh considerou que a aquisição de terras por parte do governo e da companhia deveriam ser melhor estudados. Disponível em: <<http://www.thehindu.com/news/national/andhra-pradesh/hc-stays-go-allotting-land-for-sompeta-power-plant/article2129175.ece>>, acessado em 18.mar.2012.

como vivem uma parcela da população indiana, até então esquecida e negligenciada pelo governo. Recentemente, com o apoio do PCI (Maoísta), esses povos conseguem colocar suas demandas políticas e ambientais nos holofotes da mídia, ampliando o debate sobre os custos sociais do desenvolvimento do país.

As atividades naxalistas em Lalgarh são um bom exemplo de como os naxalistas estão aprimorando seus métodos e demonstram a nova estratégia adotada pelo Partido desde seu congresso em 2007. Consiste no uso simultâneo de agitações populares e de seu exército (PLGA) como forma de desestabilizar os governos estaduais e enfrentar a repressão característica para a supressão dos movimentos populares. Atacando quando possível e se retirando quando necessário confunde as fontes governamentais e a mídia, que subestimam a capacidade organizacional dos revoltosos. Nesse contexto, nas agitações ocorridas em Lalgarh é possível observar claramente uma das táticas utilizadas pelos maoístas, na qual os símbolos de poder e autoridade são destruídos para mostrar a inversão de valores defendidos pelos guerrilheiros, como foi o caso da destruição da casa do líder local do CPM. Os naxalistas afirmaram, em mais de uma oportunidade, que suas táticas e estratégias não são elaboradas a revelia, mas sim meticulosamente construídas a partir de estudos sobre documentos oficiais dos governos estaduais e central.

Os naxalistas não são uma força estrangeira tentando invadir a Índia, como algumas fontes governamentais tentam argumentar, muito menos podem ser comparados com os jovens românticos e idealistas dos anos 1960. Agora, estão integrados nas regiões onde atuam e representam a parcela mais esquecida da população, os *adivasis*. Tal integração pode ser medida na capacidade de afetar alguns governos estaduais em matérias básicas para o funcionamento do estado, como a produção de energia. No estado de Jharkhand, por exemplo, devido a uma greve geral convocada pelos rebeldes, o transporte de carvão ficou prejudicado, resultando em desabastecimento energético em alguns locais. Além disso, os números crescentes de vítimas de ambos os lados demonstra que os naxalistas estão preparados para enfrentar uma ofensiva mais enérgica contra suas bases. Para tanto, usam das populações locais como forma de “camuflagem” contra as forças de segurança, pois os membros do Partido são pessoas das próprias localidades, impondo uma problemática: qualquer um pode ser o inimigo.

Capítulo 3. Resposta Estatal

O estado indiano procura lidar com a questão naxalista em diferentes perspectivas: ora utilizando-se da construção de estradas e outros melhoramentos sociais (hospitais, escolas, irrigação e distribuição de água potável), ora focando na ação repressiva, treinando e enviando tropas para as áreas de combate mais intensos¹⁴³. Devido a constante militarização dos maoístas, o estado tem se utilizado com maior frequência da estratégia repressiva para conter a expansão dos revolucionários, o que termina por gerar uma espiral de violência, na qual ambos os lados acusam um ao outro de agir com maior força e intransigência. Conforme afirma o documento *Naxal Conflict Monitor* do *Asia Center for Human Rights* (ACHR), a resposta estatal é “[...] cheia de retórica e sem a implementação de programas” (2000: 12). Além disso, em outro relatório¹⁴⁴, a ACHR acusa o governo de torturar diversas pessoas que estavam sob a custódia policial, consequência do grande senso de impunidade por atos cometidos pela polícia.

Para CHAKRABARTY e KUJUR (2010: 4) a incapacidade do governo em atender as camadas mais periféricas da população levou a um “vácuo de poder” preenchido pelos naxalistas. Dessa forma, a militarização dos bastiões dos revoltosos não se apresenta como uma solução sustentável para o conflito. Conforme os autores:

A falência do estado em atingir os mais pobres e também sua má governança (devido à ineficiência, corrupção, exploração e a violência produzida pelo estado) levou a uma ‘retirada do governo’ e resultou na criação de um vácuo de poder assim como espaço para os Maoístas assentarem raízes e ganharem legitimidade entre os empobrecidos (Idem)

Analisar todas as medidas adotadas pelo Governo Central bem como pelos Estados indianos seria uma tarefa por demais onerosa, uma vez que cada um deles elaborou diversas estratégias para enfrentar os naxalistas, com diferentes enfoques. Nesse contexto, esta pesquisa optou por investigar as medidas que se mostraram mais efetivas no seu objetivo e que estão melhores documentadas nas fontes primárias.

¹⁴³ “While it is necessary to conduct proactive sustained operations against the extremists, and put in place all measures required for this, it is also necessary to simultaneously give focused attention to development and governance issues, particularly at the cutting edge level” (AR, 09/10: 18). (*Enquanto é necessário conduzir operações proativas contra os extremistas, e utilizar todas as medidas necessárias, também é necessário atenção para as questões de governança e desenvolvimento, particularmente nos mais afetados*).

¹⁴⁴ Torture in India 2008: A State of Denial. Disponível em: <<http://www.achrweb.org/reports/india/torture2008.pdf>>, acessado em 15.mar.2014.

O governo alega (AR, 04/05: 3-4) estar constantemente dialogando com os maoístas, atitude contestada pelos guerrilheiros em seus boletins. Esses afirmam que o governo não cria um ambiente real para um diálogo plural, forçando-os a aceitarem certas condições para a abertura de conversações¹⁴⁵. Como exemplo é possível citar o caso de Odisha, quando o governador do estado “[...] anunciou que estava preparado para conversar com os Maoístas se eles desistirem das armas” (MIB 1, 2008: 4).

Segundo P. V. RAMANA, o governo central lançou em março de 2006 um documento no qual orientava como os estados deveriam lidar com os guerrilheiros. Entre os pontos propostos constava: “Não haverá diálogo sobre paz nos estados afetados pelos grupos naxalistas ao menos que concordem em desistir da violência a abandonar as armas” (RAMANA, 2011: 75) Para os naxalistas essa condição é hipócrita, pois o governo se arma por um lado e procura desarma-los por outro. Além disso, o governo não aceita negociar a troca de reféns, como chegou a ser sugerido (MIB 11, 2009: 17), pois acredita que estaria demonstrando uma fraqueza e alega não negociar com aqueles que “tomam a justiça em suas mãos”¹⁴⁶.

Ademais, o Estado tenta tornar sua administração transparente e sensível aos anseios populares, procurando estar mais próximo dos povos afetados pela “ameaça vermelha”. Como exemplo, é possível citar o *Panchayat (Extension to Scheduled Areas) Act* – mais conhecido como PESA¹⁴⁷ – uma espécie de empoderamento popular,

¹⁴⁵ O então ministro de assuntos internos, P. Chidambaram abriu espaço na mídia para anunciar que estava disposto a um diálogo com os naxalistas se os mesmos abdicassem da violência. Swami Agnivesh, importante liderança política e social de Chhattisgarh, prontificou-se a servir de intermediário entre o Governo e os Maoístas, trocando uma série de cartas entre os dois. Algumas dessas correspondências foram publicadas nos boletins maoístas (MIB 18, 2010: 15-17). Contudo, com a morte de Azad, os naxalistas passaram a acusar o governo de usar as conversações de paz como pretexto para atrair as lideranças e, assim, conseguir atingir o Partido diretamente. As negociações de paz não foram mais retomadas desde então.

¹⁴⁶ Em alguns casos a intransigência do governo resultou morte de seus soldados, como Francis Induwar, policial da inteligência do estado de Jharkhand, executado pelos naxalistas uma vez negado seu pedido de resgate pelo governo central.

¹⁴⁷ Esse ato foi estabelecido em 1996 e permite que a cada cinco vilas próximas seja estabelecido um sistema de *panchayat*, no qual as pessoas com mais idade e consideradas mais sábias, são eleitas para cuidar de questões envolvendo disputas entre vilas ou pessoas, além de administrativas, como armazenamento de comida e medicamentos. Esse sistema é tradicional dos países do sudeste asiático tais como: Índia, Paquistão, Nepal e Bangladesh. Foi utilizado pela administração colonial, mas ganhou maior relevância e força após a independência indiana. Contudo, até hoje apresenta problemas para efetivamente alcançar seus objetivos de aproximar as pessoas do poder político local. Mais informações sobre o *Panchayat* e sua efetivação na Índia podem ser encontradas em um relatório expedido pelas Nações Unidas, disponível em: <<http://www.in.undp.org/content/dam/india/docs/UNDP-Policy-Brief-on-PESA.pdf>>, acessado em 15.mar.2014. Outro documento destaca ainda a importância do PESA para levar autonomia e governança para as regiões abandonadas do país: “This paradigm of governance would have been totally transformed into a non-centralised frame if PESA had been honestly implemented. The Act begins with redefining the village in terms of habitations that comprise a ‘community’ and accepting ‘the competence of the community’ to manage its affairs [...]” (DCEAA, 2008: 34).

visando justamente à aproximação com as populações excluídas. Tal estratégia também é apontada por especialistas como a melhor maneira de lidar com os revoltosos, já que o governo assume sua falha em distribuir governança nos bastiões dos guerrilheiros (CHAKRABARTY; KUJUR, 2010: 31).

Entretanto, sem dúvida, a estratégia mais utilizada pelo governo no combate aos naxalistas é a melhora no nível de treinamento dos responsáveis por enfrentar os revoltosos, como a criação de forças especialmente treinadas para atuar em terreno dominado pelos guerrilheiros (RAMANA, 2011: 85). Essa posição contraria as recomendações feitas por um grupo de intelectuais independentes que realizaram um relatório a pedido do governo: “Grupos radicais procuram a justificativa para seus métodos violentos na violência estrutural que está implícita no sistema social e econômico. Sem desculpas para essa violência radical, uma resposta honesta para isso deve ser, portanto, a amenização da violência estrutural na sociedade” (DCEAA, 2008: 2).

O governo central indiano remete a cada estado escolher as melhores estratégias para combater os revoltosos conforme cada região¹⁴⁸. Todavia, quando solicitado, costuma prestar socorro aos estados, seja na forma de envio de tropas (incluindo aqui tropas especiais, o exército e a força área), seja no envio de recursos especiais para uma atuação holística. Ajai Sahni, diretor executivo do *Institute for Conflict Management*, mantenedor do portal *South Asian Terrorism Portal*, concorda com a ideia de que os estados, e não o governo central são os responsáveis por cuidar dos naxalistas. Para Sahni “A principal responsabilidade de lidar com os Maoístas pertence aos estados”, logo em seguida acrescenta “[...] as delegacias de policias locais, precisam ser fortalecidas e equipadas para lidar com a tarefa por conta própria” (MIB 18, 2010: 41). Essas premissas já foram constatadas pelo governo: “Além disso, foi reconhecido que a coleta de inteligência pelas delegacias de polícia são a chave para prevenir a violência naxal” (AR, 06/07: 26), porém pouco foi efetivamente realizado a nível local.

Para Sahni, ao governo central cabe a tarefa de financiar esses melhoramentos e ajudar os estados quando necessário. Contudo, conforme salienta K. S. SOOD (2011: 162), por vezes, as forças paramilitares não colaboram com esse processo por que: “[...] se sentem hesitante em ter uma relação estreita com a polícia e não se sentem respeitados ao receber ordens ou trabalhar sob a direção da polícia local”.

¹⁴⁸ Uma série de medidas e incentivos concedidos aos governos estaduais estão relacionados no *Annual Report* (07/08: 21).

Para melhor auxiliar os Estados, em outubro de 2006, a luz da declaração dos maoístas revolucionários como a “maior ameaça interna do país”, o governo central esboçou um planejamento especial e de longo prazo para lidar com a questão, criando a *Naxal Management Division*. Conforme o governo, a agência deveria “[...] efetivamente traçar a ameaça naxalista por um ângulo de segurança e desenvolvimento. A agência irá monitorar a situação naxal e as contra medidas que estão sendo tomadas por cada Estado afetado” (AR, 06/07: 3) com o objetivo de auxiliar no melhoramento da execução dessas medidas. Contudo, essa agência não passou de discurso retórico e em pouco tempo foi substituída por uma série de reuniões diretas entre o ministro de assuntos internos e os governadores de cada estado.

Entre as estratégias holísticas destacam-se os programas de reabilitação¹⁴⁹ para os guerrilheiros abandonarem a luta armada e se entregarem para as forças policiais. Cada estado possui um programa diferente, mas normalmente incluem a oferta de uma residência, um pequeno lote para plantações e/ou emprego público (MIB 7, 2009: 26). A tabela abaixo relaciona a importância dentro do partido e a recompensa em caso de deserção:

TABELA 2 – Recompensa paga pelo Estado conforme o cargo no PCI (Maoísta)

CARGO NO PARTIDO	RECOMPENSA PAGA PELO GOVERNO
Politburo	12 lakh (aprox. 27 mil dólares)
Liderança Regional/Estadual	10 lakh (aprox. 23 mil dólares)
Membro substituto de área especial	8 lakh (aprox. 18 mil dólares)
Membro regional	7 lakh (aprox. 15 mil dólares)
Membro de uma zona específica	5 lakh (aprox. 12 mil dólares)
Membro de uma subzona	3 lakh (aprox. 7 mil dólares)
Chefe de área	2 lakh (aprox. 4,500 dólares)
Chefe de um pelotão	1 lakh (aprox. 2,250 dólares)
Membro de um pelotão	30 mil rupias (aprox. 650 dólares)

Fonte: MIB 7, 2009: 26 – tabela elaborada pelo autor

¹⁴⁹ “Guidelines for surrender-cum-rehabilitation of Left Wing Extremists has been put in place. The rehabilitation package inter alia includes a stipend of Rs. 2,000 for three years, vocational training, immediate grant of Rs. 1,5 lakh and incentives for surrender of weapons” (AR, 09/10: 24). (*Diretrizes para a rendição e reabilitação para extremistas de esquerda foram colocadas em prática. O pacote de reabilitação inclui dois mil rupias por três anos, qualificação profissional, recompensa imediata de Rs 1,5 lakh e incentivo para a entrega de armas*).

Outras formas de atuação holística são os projetos de desenvolvimento incluindo torres de energia e comunicação, pavimentação de estradas, construção de escolas e hospitais, além de projetos de irrigação.

Devido ao aumento da preocupação com as ações dos naxalistas, o governo central também passou a mediar acordos entre os estados no sentido de permitir uma ação coordenada¹⁵⁰ e conjunta, especialmente nas regiões de fronteiras. Essa atitude mostrou alguns resultados, como foi o caso em Pamedu, quando 17 membros do PCI (Maoísta) foram mortos em um único ataque. Segundo os maoístas, foi a maior perda do partido em um único encontro (MIB 1, 2008: 16). P. Chidambaram, então ministro de assuntos internos (2008-2012), afirmou (MIB 7, 2009: 31) que negociou entre os Estados para permitir que policiais possam atuar de forma conjunta nas regiões de fronteiras, retirando assim uma vantagem muito utilizada pelos maoístas. Para complementar essa estratégia, segundo os naxalistas, o Governo Central envia um grande número de tropas para as regiões afetadas para intimidar a população, evitando possíveis apoios para a guerrilha, procurando assim reestabelecer a autoridade do governo.

A utilização de leis que visam acabar com o apoio de simpatizantes, além de intimidar possíveis apoiadores, tem sido muito criticada pelos organismos de direitos civis. Tal atitude do governo não é uma novidade em relação à atuação de contenção de “forças terroristas”, ainda mais contra os naxalistas. Em 1970 leis do tempo do Império Britânico foram invocadas no estado de Bengala Ocidental para atenuar a situação de desordem social, especialmente em Calcutá. Entre esses mecanismos destaca-se o *Bengal Suppression of Terrorist Outrages Act of 1936*, muito utilizado pelos britânicos para prender revoltosos contra o império (BANERJEE, 2008: 211).

Além disso, existe o emblemático caso do Dr. Binayak Sen, médico que atuava em bastiões maoístas e foi acusado de ser um membro da organização. Mesmo após

¹⁵⁰ Há algum tempo o Governo Central procura institucionalizar as ações fronteiriças entre os Estados procurando sanar uma lacuna utilizada pelos naxalistas: “The menace of naxalismo is an inter-State problem. Naxalites operate without any hindrance of political and physical boundaries. In order to overcome the problem of inter-State movements by security forces, joint/synergised operations by the Special Police Units of the neighbouring States need to be institutionalised” (AR, 06/07: 27). (*A ameaça naxalista é um problema interestatal. Os naxalistas operam sem nenhuma fronteira política ou física. Buscando superar esse problema para as forças de segurança, operações conjuntas das forças especiais dos estados vizinhos precisam ser institucionalizadas*). Essa nova política chamou a atenção dos revoltosos: “Never before was such a degree of coordination and cooperation achieved between the Centre and state on Naxal issue” (MIB 10, 2009: 17). (*Nunca antes foi atingido tamanha cooperação e coordenação entre o Governo Central e os estados na questão naxalista*). Esse excerto foi escrito quando a Operação Green Hunt estava no seu início, mostrando uma preocupação por parte dos naxalistas com as proporções da retaliação militar que o governo estava preparando.

grande repúdio internacional (MIB 4, 2008: 28), Binayak permaneceu preso por quase dois anos e nenhuma acusação formal foi posta. O médico foi julgado e condenado com base em depoimentos de policiais e cartas assinadas por líderes naxalistas, encontradas em sua residência. Em dezembro de 2010 Sen foi sentenciado à prisão perpétua e recorreu da decisão em liberdade.

O Estado conseguiu prender o médico por causa de leis extremamente amplas e severas, como o *Unlawful Activities (Prevention) Act* (UAPA), lançada em 1967 e reeditada 2008 (ampliando o período de detenção provisória). Essa lei causa grande polêmica na Índia, sendo muito similar ao *Patriot Act* dos EUA. Qualquer pessoa acusada de simpatizar ou participar de movimentos de secessão ou terrorista perde suas liberdades constitucionais. Tendo em vista a grande corrupção policial, essa lei tem sido usada também com objetivos políticos, como no caso do Dr. Binayak Sen. No estado de Chhattisgarh, o mesmo em que Binayak foi preso, Ajay T.G., cineasta e ativista da ONG *People's Union for Civil Liberties*, foi preso em 2008 baseado na UAPA e mantido sob custódia policial por 90 dias sem que nenhuma acusação formal fosse feita contra ele (MIB 4, 2008: 15). Esses são alguns exemplos¹⁵¹, entre outros casos que o estado se favoreceu para prender críticos do governo, acusando-os de serem simpatizantes dos naxalistas¹⁵².

Nesse mesmo contexto, outra ação importante do Governo no combate aos naxalistas, foi o banimento oficial do PCI (Maoísta) e sua inclusão na lista de organizações terroristas, ocorrida em 2009, pelo ministro de assuntos internos P. Chidambaram. Ainda que o Partido já fosse proibido e perseguido, o seu banimento¹⁵³ oficial significou perda de apoio de simpatizantes, além do desmantelamento de organizações que abertamente apoiavam a luta dos maoístas ou defendiam seus ideais. O grande problema nessa questão foram os ataques indiscriminados em organizações de direitos humanos, que apoiavam os *adivasis*, dentro das zonas de conflito e foram incluídas na lista. Para RAMACHANDRAN (2011: 60), essas organizações, como o *People's Union for Civil Liberties* e *People's Union for Democratic Rights* foram

¹⁵¹ Sandeep Pandey, professor e ativista social, realiza uma clara análise de como o governo utiliza-se do termo “maoísta” para perseguir organizações sociais que se opõe aos seus projetos. Disponível em: <<http://www.tehelka.com/shooting-the-messenger/>>, acessado em 02.dez.2013.

¹⁵² Uma lista completa de todas as organizações acusadas de pertencerem aos naxalistas e banidas pelo UAPA em 2008, conforme cada estado está disponível em: <http://www.achrweb.org/ncm/major_banned.htm>, acessado em 15.jan.2014.

¹⁵³ Uma nota criticando o banimento e acusando o governo de praticar o terrorismo de Estado foi lançada pelo naxalistas em MIB 9, 2009: 70.

incluídas na lista simplesmente por condenar as violações dos direitos humanos praticadas pelos agentes estatais e seus métodos extrajudiciais.

Além disso, os maoístas consideram que desde 2009, após a reeleição do Partido do Congresso ao Governo Central, a repressão aumentou devido à intensa luta travada em Lalgarh e outras regiões. Uma das primeiras pessoas a ser afetada por esse banimento foi Gour Chakravarty¹⁵⁴, porta-voz informal dos maoístas em Bengala Ocidental, preso ao sair de uma entrevista para um canal de televisão.

O uso de alta tecnologia também está presente no combate aos naxalistas, como veículos aéreos não tripulados para a detecção de campos de treinamento ou bases em regiões de florestas, especialmente em Dandakaranya (MIB 1, 2008: 6). Esses veículos são capazes de mapear trilhas feitas pelos guerrilheiros, estratégia reivindicada pelas forças paramilitares para aumentar sua segurança em operações de campo, agindo como serviço de inteligência. Outra tecnologia utilizada é o mapeamento de florestas por radar a laser, permitindo alta precisão na detecção dos revoltosos (MIB 2, 2008: 14). Contudo, tais ferramentas foram utilizadas de forma experimental até o momento.

Uma questão preocupante no combate aos naxalistas são os constantes casos de *fake encounters*¹⁵⁵, nos quais membros do Partido ou indivíduos aleatórios são presos, torturados, executados e seus corpos atirados em florestas para simular um combate. Dessa forma, as forças estatais alegam que houve uma “troca de tiros”, pois os maoístas “resistiram” a prisão. Esse tipo de encontro aparece constantemente nos boletins maoístas e são descritos, abundantemente, no livro *Red Sun* (CHAKRAVARTI, 2008). Os maiores *fake encounters* ocorreram em Singaram, quando 18 inocentes foram mortos

¹⁵⁴ “[...] Gaur Chakravarty, was arrested under the UAPA a day after the Union Home ministry declared an All India ban on the CPI(Maoist), the print and electronic media went into a hysterical reporting. They claimed that a top Maoist leader was nabbed by the police creating an impression as if he was an underground and top-ranking leader of the CPI(Maoist). They hushed up the fact that com Gaur was never underground and had been carrying out open revolutionary propaganda [...]” (MIB 10, 2009: 14). (*Gaur Chakravarty foi preso sob a UAPA um dia depois do Ministério do Interior declarar um banimento total do PCI (Maoísta), entrou em reportagens históricas a mídia eletrônica e impressa. Eles anunciaram que uma grande liderança maoísta foi presa pela polícia, criando a impressão de que era um líder ilegal. Eles silenciaram o fato de Gaur não estar escondido e fazer propaganda revolucionária abertamente*).

¹⁵⁵ Em raras ocasiões o governo admite que seus comandados praticaram um *fake encounter*. Um desses casos foi aceito e reconhecido pela polícia e resultou na transferência de policiais envolvidos e pagamento de compensação para as vítimas. Disponível em: <http://www.telegraphindia.com/1090521/jsp/jharkhand/story_10996928.jsp>, acessado em 12.fev.2014. Segundo levantamento do jornal *Tehelka*, em 2009 ocorreram 285 casos de *fake encounter* envolvendo naxalistas, somente na região de Manipur. Questionado sobre tal situação, o então Ministro do Interior, P. Chidambaram, afirmou que assuntos de *fake encounters* são relacionados com questão de lei e ordem mantidos pelos estados, portanto, fora da esfera do Governo Central. A entrevista de Chidambaram está disponível em: < http://archive.tehelka.com/story_main43.asp?filename=Ne211109coverstory.asp>, acessado em 06.mar.2013.

(MIB 7, 2009: 5) e em 2012 quando 20 *adivasis*, incluindo crianças, foram sequestrados e executados pelas forças de segurança atuando na Operação Green Hunt¹⁵⁶.

Mahendra Karma, influente membro do Partido do Congresso e líder do *Salwa Judum*, afirmou que os *fake encounters* acontecem com frequência e seus partidários são violentos com os naxalistas para intimidar qualquer simpatizante do movimento¹⁵⁷. A violência de estado indiscriminada levou a Suprema Corte do estado de Chhattisgarh a alertar o governo que, em uma democracia, não se pode usar o termo “simpatizante naxalista” para praticar repressão contra as pessoas de forma aleatória, é necessário elencar provas contra os indivíduos¹⁵⁸. Nesse mesmo sentido, para D. RAJA, o governo não pode tolerar esses encontros sob o perigo de aumentar ainda mais a violência, ao invés de diminuí-la. Segundo o autor (2008: 12): “[...] a polícia tem usado os recursos dos infames falsos encontros. Ninguém pode justificar esses encontros, nem esconder os casos falsos sem perder o direito moral de chamar as ações Maoístas de ilegais e inaceitáveis”. Além disso, o alto número de mortos sob custódia policial desqualificam o governo, algo reconhecido pelo próprio Ministério de Assuntos Internos (AR, 06/07: 44).

Nesse contexto, cabe destacar as sugestões elaboradas por um grupo de especialistas:

As forças de seguranças deveriam passar por um rigoroso treinamento, não somente em táticas de controle da violência rural, mas também nas obrigações constitucionais do estado em proteger os Direitos Fundamentais, incluindo direitos humanos, dos cidadãos indianos e implicações e implementação de leis favoráveis aos pobres. Exceto casualidades sofridas por ambos os lados em trocas de tiros, não deveria haver mortes, nem das forças de seguranças nem de membros de grupos vigilantes, dissimuladamente ou abertamente financiados pelo Governo.

¹⁵⁶ Esse caso causou grande comoção popular na época, pois um grande líder religioso, Swami Agnivesh, pediu para a suprema corte que julgasse o caso com celeridade, pois os familiares almejavam justiça pelo acontecimento. Disponível em: <<http://www.thehindu.com/news/national/other-states/why-is-supreme-court-not-taking-cognisance-of-chhattisgarh-fake-encounter-swami-agnivesh/article3949387.ece>>, acessado em 12.jan.2014.

¹⁵⁷ A Anistia Internacional enviou uma carta questionando as atitudes do governo indiano. Questiona as prisões como uma forma de tentar calar a todos que se opõe as práticas violentas da polícia. Disponível em: <<http://www.amnesty.org.nz/news/india-probe-killing-two-adivasi-leaders-and-release-detained-activist-orissa>>, acessado em 12.jan.2014.

¹⁵⁸ Segundo reportagem, a Suprema corte ainda “warned the Chhattisgarh government against blindly labelling human rights activists, concerned about the lives of tribals in Naxal-hit areas, as Naxal sympathisers”. Disponível em: <http://archive.tehelka.com/story_main43.asp?filename=Ws270210Humanity.asp>, acessado em 19.jul.2013. (*avisou o governo de Chhattisgarh contra acusar cegamente ativistas de direitos humanos, preocupado com as vidas dos indígenas em áreas afetadas pelos naxalistas, como simpatizantes naxalistas*).

Todo assassinato deveria seguir um inquérito policial para reforçar a crença das massas populares nas normas legais (DCEAA, 2008: 78).

Soma-se a esse problema a latente corrupção policial, levando até mesmo a denúncias, como salientou KPS Gill, um dos principais experts indiano em contra insurgências, de que policiais estavam pagando para serem removidos das áreas de grande presença naxalista, conforme entrevista¹⁵⁹ para o jornal *Tehelka*. Um dos receios desses policiais é ser morto ou capturado pelos guerrilheiros, uma vez que a política governamental não admite a libertação de presos. Essa mesma dificuldade é exposta por BANERJEE (2008: xviii), ao salientar a incapacidade do governo em preencher vagas para atuação em grupos de contra insurgência. É importante salientar, conforme exposto anteriormente, que existem casos¹⁶⁰ nos quais a polícia trocou prisioneiros com os maoístas, mas somente liberou as pessoas implicadas em casos falsos, admitido pela própria polícia.

Outra questão polêmica no combate aos revolucionários diz respeito à participação das Forças Armadas. Ainda que sua utilização seja invocada constantemente por setores da mídia e do governo, o próprio exército não considera apropriada sua participação no conflito¹⁶¹, pois essa seria uma “questão de civis”. Contudo mantém sua postura de apoiar a polícia e os estados com o treinamento de pessoal em operações de contra insurgência (MIB 3, 2008: 29). Helicópteros da Força Aérea já foram utilizados para operações de resgate, sendo alvejados pelos naxalistas, por isso receberam autorização para agir em “autodefesa”, algo muito criticado por organizações dos direitos humanos (MIB 11, 2009: 43). O artigo do brigadeiro aposentado DAHIYA (2010), para o *Institute for Defence Studies and Analyses*, explica muito bem o dilema do exército sobre o assunto:

Nós todos sabemos que as pessoas afetadas pelo naxalismo são pobres e negligenciadas. Eles (*naxalistas*) têm um alto grau de simpatia na sociedade civil. Uma vez que o Exército é empregado nesse tipo de área, isso vai machucar a imagem da Índia de uma maneira adversa. Existem questões operacionais e de gerenciamento também. O Exército Indiano,

¹⁵⁹ Disponível em: <http://archive.tehelka.com/story_main43.asp?filename=Ne241009coverstory.asp>, acessado em 15.fev.2014.

¹⁶⁰ Em uma linha do tempo, o portal SATP relata casos que ocorreram no Estado de Jharkhand. Disponível em: <<http://www.satp.org/satporgtp/countries/india/maoist/timelines/2010/JHARKHAND.html>>, acessado em 27.set.2012.

¹⁶¹ O Exército foi utilizado para conter os revoltosos no distrito de Birbhum em 1997. Essa iniciativa desagradou aos oficiais devido a falta de comunicação entre o Exército e a polícia local, o que dificultou as suas atividades (BANERJEE, 2009: 255).

particularmente sua infantaria e armas de suporte, tem sido continuamente envolvidos em operações de contra insurgência e contra terrorismo desde o começo dos anos 1950. O Exército tem experiência nesse tipo de situação, mas existem limites.

3.1 – Greyhounds de Andhra Pradesh

Criada em 1986 para com o objetivo de enfrentar grupos de extrema-esquerda que atuavam no estado, especialmente o *Peoples War Group*, que viria a formar o PCI (Maoísta). Os batalhões dos Greyhounds são formados a partir de uma seleção entre os melhores policias de Andhra Pradesh.

Essa é, definitivamente, a força especial estatal que obteve os melhores resultados em combater os naxalistas, algo admitido até mesmo pelos revoltosos em seus boletins. Entretanto, para amenizar o impacto de seu retrocesso em um estado no qual os maoístas dispunham de uma grande força, passaram a alegar que houve uma “recuada estratégica” de Andhra Pradesh para a região de Dandakaranya, uma ação “planejada” seguindo estratégia do Comitê Central do Partido¹⁶² e só foi acelerada com o fim das negociações de paz entre o governo estadual e o PCI (Maoísta) (MIB 2, 2008: 27). Para os naxalistas, o governo de Andhra Pradesh terminou com as negociações de forma unilateral, com o objetivo de realizar uma grande ofensiva contra guerrilheiros, causando consideráveis perdas para o PCI (Maoísta) no estado (MIB 3, 2008: 27). Para Lenin, a derrota é parte do processo que um partido revolucionário enfrenta em sua caminhada, cabe a suas lideranças retirarem uma lição desses eventos: “É preciso compreender – e a classe revolucionária apreende a compreende-la através de sua própria e amarga experiência – que não se pode triunfar sem saber atacar e empreender a retirada com ordem” (LENIN, 1920: 5)

Segundo os maoístas, os Greyhounds são uma força imperialista contratada para enfrentar seu próprio povo e teriam executado ao menos 3.700 pessoas em *fake encounters* (Ibidem: 11). Além disso, são treinados em uma estratégia operacional

¹⁶² “In fact, the failure on the part of the Maoist leadership to adopt appropriate tactics in time to counter the all-round offensive by the enemy – of which the military offensive was but one factor – was identified as the chief reason for the setback. Not breaking the intelligence network of the enemy was an important reason for losses in the field. Hence, taking lessons from the AP experience focus was on breaking the intelligence network of the enemy in other regions” (MIB 16, 2010: 19). (*De fato, a falha das lideranças naxalistas em adotar táticas apropriadas para deter a ofensiva do inimigo – cuja ofensiva militar era um fator – foi identificada como a principal razão para o retrocesso. Não quebrar a rede de inteligência do inimigo foi uma razão importante para as perdas no campo. Por isso, tomando lições da experiência de AP, quebrar a rede de inteligência do inimigo em outras regiões se tornou o foco.*)

flexível, podendo assim ter mais liberdade de ação (combater uma guerrilha como uma guerrilha), baseados no modelo israelense de contra insurgência (MIB 1, 2008: 22). Nessa lógica, devido ao seu êxito, as técnicas utilizadas por essa força especial estão sendo copiadas no treinamento das forças especiais de outros estados, por exemplo Chhattisgarh e Odisha, mas ainda não obtiveram os mesmos resultados, devido a uma série de fatores, como qualificação técnica e defasado serviço de inteligência.

Essa força especial recebe muitos incentivos que um policial comum não ganha, tais como um adicional de 50% no seu soldo, além de melhores equipamentos, treinamento e informações fornecidas pelo serviço de inteligência. Sua autonomia de ação é muito grande, por isso não necessitam avisar a polícia das localidades¹⁶³ quando vão realizar operações. Contudo, isso termina por gerar casos em que as pessoas são levadas pelos Greyhounds e nem a polícia sabe informar ao certo a localização desses indivíduos. Entidades ligadas aos direitos humanos constantemente criticam os métodos utilizados pelos paramilitares em sua luta contra os maoístas, acusando-os de praticarem tortura, estupros e intimidação de civis, entre outros.

Apesar do receio naxalista de enfrentar esse grupo, conseguiram realizar com sucesso um grande ataque em Balimela (MIB 3, 2008: 8), no qual os Greyhounds sofreram sua maior perda em um único ataque, quase 40 soldados. Essa emboscada foi cuidadosamente planejada pelos maoístas, envolvendo grande número de guerrilheiros para atacar os adversários que estavam retornando de uma patrulha em barcos. Foi a primeira vez que os naxalistas realizaram um ataque anfíbio, mostrando o aprimoramento de suas técnicas. Segundo os revoltosos, muitos soldados pediram transferência ou para abandonar o emprego e retornar para suas residências após esse confronto (MIB 5, 2008: 11)¹⁶⁴.

3.2 – *Salwa Judum* em Chhattisgarh

¹⁶³ Conforme admitido por um inspetor policial de Malkangiri, ao informar que “the local police were rarely informed about Greyhound activities”. Disponível em: <http://archive.tehelka.com/story_main43.asp?filename=Ne191209a_zone.asp>, acessado em 29.jun.2013.

¹⁶⁴ Um dos principais responsáveis pela atual organização e força dos Greyhounds é o antigo ministro-chefe de Andhra Pradesh, Y.S.R. Reddy, morto, ironicamente, em uma queda de avião nas densas florestas de Nallamala, parte de Dandakaranya. Foram necessários diversos dias para conseguir localizar o local da queda da aeronave, pois o exército tinha cautela ao entrar no terreno devido à presença maciça dos naxalistas, que comemoraram muito o acidente (MIB 11, 2009: 22).

Uma das estratégias mais polêmica já adotada por um dos estados da Índia para tentar conter o avanço dos naxalistas é o *Salwa Judum* (SJ) que significa “Caçada Purificadora”. Baseada no princípio de “fogo contra fogo” utiliza-se de jovens *adivasis*, recrutados como *Special Police Officers* (SPO)¹⁶⁵, para enfrentar os revolucionários, recebendo um soldo mensal e armamento do governo. Essa estratégia visa pessoas das próprias comunidades afetadas pelos naxalistas, atuando como uma espécie de *antidalam*, além de tentar suprir o déficit qualitativo e quantitativo da polícia nos estados afetados.

Os naxalistas afirmam que o *Salwa Judum* (MIB 5, 2008: 16), foi o maior retrocesso do movimento na região de Chhattisgarh desde 1972. O início desse movimento em 2005 coincide com a assinatura de diversos acordos para a formação de ZEE (MIB 12, 2009: 41). Para RAMMOHAN (2011: 108) o SJ surgiu a partir de uma estratégia errônea dos próprios naxalistas que, em retirada de Andhra Pradesh, se instalaram em Chhattisgarh, onde encontraram outros povos *adivasis* em situação de docilidade com os seus opressores. Indignados, os revoltosos tentaram forçar a participação desses *adivasis* em suas guerrilhas. Acuados, os tribais que não concordaram com a luta armada, procuraram auxílio nas autoridades locais, formando assim o exército ideal para combater os guerrilheiros.

Os maoístas definem o *Salwa Judum* da seguinte maneira:

Iniciar, treinar, financiar e desencadear um grupo vigilante para realizar atrocidades cruéis contra as massas que lutam, lutadores pela libertação nacional e Maoístas revolucionárias tem sido uma parte integral da estratégia de contra insurgência de conflitos de baixa intensidade implementada pelas classes reacionárias e imperialistas sobre todo o mundo desde o fim da segunda guerra mundial (MIB 5, 2008: 24).

¹⁶⁵ O *Special Police Officer* é um policial contratado emergencialmente para suprir a falta de policiais em determinadas regiões. Recebem um breve treinamento específico e armas para combater os naxalistas. O governo defende suas contratações devido à necessidade de pessoas que conheçam geograficamente as áreas afetadas pelos maoístas e falem a língua da população local. Pelos jovens locais essa iniciativa é vista como uma das poucas maneiras de conseguir um emprego fixo e rendimentos mensais. Por outro lado, os naxalistas afirmam: “the SPOs are quite cheap to hire (a pittance of Rs 1500-3000 is enough to hire one), there is not much hue and cry when these SPOs are killed as their lives are not of much worth to the rulers like the lives of the *adivasis*, they speak the local language and have their kith and kin in the remote countryside, can mingle with the people without rousing suspicion which any other outsider would, have detailed knowledge of the terrain, and can fight without all paraphernalia which the police and paramilitary required” (MIB 18, 2010: 35). (*os SPO são muito baratos de contratar (somente Rs1500-3000 é suficiente para contratar um), não tem muito problema quando um SPO morre, pois sua vida não tem muito valor assim como a vida de outros adivasis, eles falam a língua local e conhecem as áreas remotas do interior, podem desfaçar-se entre outras pessoas sem suspeitas, cujo nenhum outro forasteiro conseguiria, tem conhecimento detalhado do terreno e podem lutar sem toda a parafernália da polícia ou forças paramilitares*).

Como tática, o SJ ataca as vilas com presença ou suposta presença naxalista, obrigando seus moradores a se juntar ao grupo e se refugiarem nos campos de contenção controlados pela organização, caso contrário os moradores são acusados de simpatizantes dos maoístas e atacados, há casos de vilas inteiras serem incendiadas. Muitos intelectuais condenaram a utilização desses grupos de vigilantes armados pelo estado com permissão para matar (MIB 1, 2008: 13), chegando até mesmo a ser considerado ilegal pela Suprema Corte do estado de Chhattisgarh (MIB 2, 2008: 19), decisão revogada logo em seguida.

Para o governo, o movimento é “[...] uma iniciativa voluntária e pacífica de pessoas locais contra os naxalistas do distrito de Dantewada em Chhattisgarh” (AR, 06/07: 24). Esse grupo era comandado por Mahendra Karma, um indígena, membro do Partido do Congresso e ex-deputado do estado. Karma, assim como o governo, alega que o *Salwa Judum* foi resultado de uma revolta espontânea dos *adivasis* contra os naxalistas, por estarem cansados da violência perpetuada pelo PCI (Maoísta). Também alega que o SJ atua com a permissão do estado, mas sem o seu apoio direto¹⁶⁶, informação contestada pelos naxalistas (MIB 3, 2008: 5) e por especialistas, ao afirmarem: “[...] os Maoístas atraíram atenção nacional ao lançarem ataques bem sucedidos na campanha de resistência financiada pelo governo – *Salwa Judum*, que é um grupo de força paramilitar procurando combater violência com violência [...]” (CHAKRABARTY; KUJUR, 2010: 28).

O movimento chegou a ser alvo de uma investigação da *National Human Rights Commission* enviada para analisar como o SJ atuava e se organizava. Para os revoltosos (MIB 3, 2008: 35) os enviados na Comissão não foram imparciais em seus julgamentos das acusações feitas contra os membros do SJ. Além disso, sempre que visitavam uma aldeia ou campo de contenção, a Comissão estava acompanhada de SPOs, o que intimidava os *adivasis* de falar abertamente.

Segundo o então chefe de polícia do estado de Chhattisgarh, Vishawa Ranjan, o SJ nunca cometeu violações de direitos humanos e é composto por um grupo pacifista, que cansou de sofrer com as atividades naxalistas¹⁶⁷. Para Ranjan, o povo tem o direito de se armar para defender seus familiares e sua propriedade. O governo admite que

¹⁶⁶ Em documento oficial o governo afirma financiar “[...] village defence committees [...]” (AR, 09/10: 20), mas não especifica de que maneira esse financiamento é utilizado por cada vila.

¹⁶⁷ Vishawa Ranjan concedeu essas declarações enquanto conferenciava em uma universidade norte americana. Disponível em: <<http://timesofindia.indiatimes.com/articleshow/3585182.cms>>, acessado em 09.out.2013.

desde seu lançamento (MIB 11, 2009: 50), pelos menos 644 vilas foram queimadas e esvaziadas pelo pessoal do SJ, representando cerca de 350 mil pessoas deslocadas para campos de contenção, “livres” da influência naxalista. Quem se recusa a sair das vilas é considerado apoiador dos guerrilheiros.

Com uma visão mais crítica do que o seu colega E.N. Rammohan, especialista em contra insurgência, afirma: “O *Salwa Judum* foi uma criação do governo e isso agravou a situação. O que os proprietários de terras estavam fazendo antes, a polícia e os SPOs estão fazendo agora. E também o CRPF. Eu acredito que contra insurgência deve ser lutada legalmente. Isso é algo que muita gente não fala a respeito” (MIB 18, 2010: 58). Da mesma forma, RAMACHANDRAN (2011: 22) acrescenta: “Eventos subsequentes demonstraram que existia pouco de espontâneo sobre o *Salwa Judum*; isso foi uma estratégia financiada pelo governo que envolvia em armar jovens indígenas, incluindo crianças [...]”. O autor ainda alerta para a forte polarização na sociedade indígena entre pró e contra os Maoístas, dividindo famílias inteiras e “[...] transformando o conflito em Dantewada próximo a uma guerra civil” (Ibidem: 56).

Essa mesma opinião é compartilhada por um grupo de especialistas que apontam para o caráter oportunista dessa iniciativa e os males causados dentro da sociedade indígena:

A estratégia das forças de segurança de frear a violência também encorajou a formação de grupos originários para enfrentar os naxalistas, com a visão de reduzir a tarefa e o risco das próprias forças de segurança. Isso promoveu uma guerra fratricida na qual os indígenas enfrentam o impacto da mortalidade e lesão. Aqueles indígenas que não são atraídos nem pelos naxalistas nem pelos seus opositores se tornam vítima da violência por todos os agentes – Naxalistas, grupos formados para lutar contra eles e das forças de segurança. Esta abordagem ao movimento está devastando os indígenas e causando desesperança e desespero (DCEAA, 2008: 76-77).

Himanshu Kumar possuía um *ashram* em Dantewada (local destruído pelas forças de segurança por estar em terras indígenas, mesmo depois de funcionar por mais de duas décadas) e acompanhou de perto o surgimento e as consequências do SJ. Para o ativista, o *Salwa Judum*, com apoio do estado, desativaram 700 vilas e concentraram suas populações em 30 campos de contenção organizados e administrados pelas forças estatais. Estima também que 50 mil pessoas viviam nesses campos e que pelos menos outras 100 mil fugiram para outros estados na busca de segurança. Aqueles que não

aceitassem sair de suas vilas eram chamados de simpatizantes dos maoístas ou seus informantes, por isso eram torturados e mortos¹⁶⁸.

Em relatório organizado pelo *Human Rights Watch*¹⁶⁹, aponta para mais de 40 mil pessoas deslocadas de suas casas devido à atuação do SJ. Alguns desses indivíduos seguiram para campos de contenção em Chhattisgarh, enquanto outros seguiram para estados vizinhos, como Andhra Pradesh. Nesse mesmo relatório, o *Human Rights Watch* condena uma série de ações ilegais praticadas pelos membros SJ com respaldo das autoridades competentes¹⁷⁰. Segundo os maoístas (MIB 7, 2009: 52), até meados de 2009 pessoas ligadas aos SPOs e ao SJ mataram mais de 800 *adivasis*, destruindo quase 700 vilas e desalojado milhares de pessoas para outros estados ou nos campos de contenção, além de terem violentado mais de 150 mulheres indígenas.

Nesse mesmo contexto, o SJ também foi alvo de relatório pedindo seu término pelo *Asian Center for Human Rights*¹⁷¹ e pelo *Committee Against Violence on Women*¹⁷², ambos contêm diversos relatos de abusos cometidos pelos dois lados envolvidos no conflito. Além disso, um grupo de intelectuais indianos liderados por Nandini Sundar e o historiador Ramachandra Guha, pediu na Suprema Corte o fim do SJ. Nas palavras de Sundar:

[...] ao contrário, vendo que cada caminho da justiça está fechado para eles (*os adivasis*), as pessoas vão aderir ao Maoísmo em grande número. Fontes de inteligência do governo estão registrando que o recrutamento dos Maoístas aumentou drasticamente depois que o *Salwa Judum* queimou casas, matou pessoas e estuprou mulheres em grande número¹⁷³.

¹⁶⁸ Outros detalhes sobre as ações do *Salwa Judum* relatadas por Kumar estão disponíveis em: <<http://www.sacw.net/article1253.html>>, acessado em 12.out.2013.

¹⁶⁹ O relatório chama-se *Being Neutral is our biggest crime: Government, Vigilante and Naxalite Abuses in India's Chhattisgarh State*. Em suas 179 páginas concentra um dossiê completo sobre o polêmico *Salwa Judum*. Além de críticas ao governo, também relata abusos cometidos pelos naxalistas e finaliza com uma série de recomendação para ajudar a população local a sair do conflito. Disponível em: <<http://www.hrw.org/sites/default/files/reports/india0708webwcover.pdf>>, acessado em 09.out.2013.

¹⁷⁰ Entre os casos de maior repercussão encontrasse o massacre de Singaram, conforme relatado anteriormente, pois a situação foi denunciada como um *fake encounter*. Mais informações estão disponíveis em: <http://archive.tehelka.com/story_main41.asp?filename=Ne070209coverstory.asp>, acessado em 10.out.2013.

¹⁷¹ *The Adivasis of Chhattisgarh: victims of the Naxalite Movement and Salwa Judum Campaign*. Disponível em: <<http://www.achrweb.org/reports/india/Chattis0106.pdf>>, acessado em 10.out.2013.

¹⁷² *Salwa Judum and Violence on Women in Dantewara, Chhattisgarh*. Disponível em: <<http://cpjc.files.wordpress.com/2007/07/cavow-sj-ff-report.pdf>>, acessado em 10.out.2013.

¹⁷³ A professora de sociologia na *Delhi School of Economics* ainda afirma: “Those who continue to defend the *Salwa Judum* as a self-initiated movement against Maoists as Chief Minister Raman Singh did at Delhi’s Constitution Club on May 20, lose sight of the fact that past ‘origins’ matter less than present conduct”. Disponível em: <<http://archive.indianexpress.com/news/breaking-the-mistrust-in-chhattisgarh/622248/>>, acessado em 24.jul.2012. (*Aqueles que continuam a defender o Salwa Judum como um movimento autônomo contra os Maoístas, como o ministro chefe Raman Singh fez no Clube*

Seu pedido foi julgado procedente em meados de 2011 em uma decisão inédita, pois a Corte ordenou ao Estado que recolhesse todas as armas cedidas aos SPOs e desmantelassem os campos de contenção, ordem que foi postergada e até o momento não foi cumprida integralmente.

Conforme Kosa, secretário do DKSZC, o partido perdeu algumas unidades com os ataques do SJ, mas logo muitas outras foram criados em contrapartida as agressões indiscriminadas praticadas pelos SPOs (MIB 6, 2009: 27), ou seja, apesar de obter sucessos, os métodos violentos empregados pelo *Salwa Judum* terminam por empurrar os indígenas para os naxalistas, na busca de proteção por suas vidas. Obviamente, o mesmo pode ser dito sobre os métodos empregados pelos revolucionários. Além disso, na visão naxalista, aqueles que participam do SJ são *lumpen elements* dentro da sociedade indígena, pois “traem” sua própria origem em troca de um emprego e dinheiro.

Chanuram Karma, sobrinho de Mahendra e uma das lideranças do SJ, foi assassinado pelos maoístas (MIB 7, 2009: 7) em 2009. Seu tio foi morto em 2013, juntamente com toda uma comitiva do Partido do Congresso, empenhada em comícios eleitorais no interior de Chhattisgarh. Esse fato ganhou grande repercussão na mídia, pois o Partido do Congresso saiu enfraquecido no estado, ao perder importantes lideranças.

Atualmente o SJ ainda está em funcionamento, contudo não possui a mesma força de antes devido a uma série de fatores. Entre eles podemos citar brigas internas, que levaram algumas lideranças a abandonar o movimento¹⁷⁴, outro fator importante foi a morte de Mahendra Karma, a grande idealizador da organização. O exemplo do *Salwa Judum*, mesmo com o seu controverso sucesso no combate aos naxalistas, gerou grupos similares em outros estados indianos, como o *Nagrik Suraksha Samiti* (NSS) que atua em Jharkhand (MIB 6, 2009: 5).

Constitucional de Delhi no dia 20 de maio, perdeu de vista que as origens importam menos do que a presente conduta).

¹⁷⁴ Conforme noticiado no jornal *The Hindu*, Chinnaram Gotta, uma das lideranças do movimento, achou que o SJ foi “capturado para fins políticos” e justamente por não concordar com Karma, abandonou o grupo e fundou uma nova organização. Disponível em: <<http://www.thehindu.com/todays-paper/tp-national/the-judum-is-dead-long-live-the-judum/article829434.ece>>, acessado em 02.out.2012.

3.3 – CoBRA

Especialmente escolhidos entre os melhores membros do CRPF, essa unidade foi criada em 2008 com o exclusivo objetivo de atuar em território dominado pelos naxalistas. A ideia é combater uma guerrilha com uma guerrilha (mesmo princípio utilizado pelos Greyhounds), dessa forma esse pessoal foi treinado para atuar em pequenos grupos, com equipamentos mais sofisticados, incluindo aqui treinamento do serviço secreto israelense e dos *rangers* norte-americanos. Assim como o CRPF, os *Commando Battalion for Resolute Action* – CoBRA – (Batalhão de Comando para Ação Resoluta) é uma força organizada pelo Governo Central indiano, comandado diretamente pelo Ministério de Assuntos Internos. Conforme o governo central: “Dez batalhões de Força Especializada treinada e equipada para contra insurgência e operações de guerra em florestas, nomeado como Batalhão de Comando para Ação Resoluta estão sendo criados como uma parte da CRPF” (AR, 09/10: 21).

A ideia de criação dessa força especial começou a ser gestada no início de 2008, com a permissão do Ministério para o CRPF selecionar indivíduos entre os seus quadros com o intuito de formar 10 batalhões, configurando uma força total de 10 mil homens, qualificados em um período de 2 anos (MIB 3, 2008: 30), com a possibilidade de que mais homens fossem selecionados para ampliação da força. Segundo o governo: “Os Batalhões CoBRA serão treinados e equipados para comando e guerra de guerrilhas/floresta baseados em operações de inteligências e ações rápidas, é proposto que se localizem principalmente em áreas afetadas pelo extremismo de esquerda” (AR, 08/09: 72).

Uma das primeiras vezes em que foram utilizados, antes mesmo do término previsto para seu treinamento, foi nas eleições de 2009 em Chhattisgarh e outras regiões de forte presença maoísta. Também tiveram um papel importante para conter os revoltosos, tanto em Lalgarh, quanto em ações no distrito de Dantewada. Esse grupo está diretamente relacionado com as ambições planejadas na Operação Green Hunt, visando o extermínio dos naxalistas radicais com o uso da força. Para RAMANA (2011: 86), essa força especial vai ao encontro das ambições dos governos, cuja estratégia de combate aos naxalistas é baseada no “[...] número de rebeldes mortos/presos/rendidos”. K. Durga Prasad, oficial de Andhra Pradesh e com um longo histórico de trabalho com

o serviço de inteligência do estado, além dos próprios Greyhounds foi apontado como chefe da unidade CoBRA (MIB 4, 2008: 20).

Apesar do dinheiro investido na ampliação de centros de treinamentos objetivando o aprimoramento dos locais para os novos batalhões receberem qualificação na guerra de guerrilhas, essa unidade alcançou vitórias, mas também derrotas. Além disso, a formação, o recrutamento dos CoBRAs e a liberação de fundos para a unidade foi alvo de um escândalo de desvio de recursos por altos oficiais, mostrando que o combate aos naxalistas é muito lucrativo para alguns políticos e policiais¹⁷⁵.

3.4 – Operação Green Hunt

O maior roubo de terras desde Colombo
– Ministry of Rural Development report 2009

Essa operação não é reconhecida oficialmente pelo governo indiano, alegando que a mídia inventou esse nome para fazer sensacionalismo com uma grande investida do governo contra os naxalistas (HARRISS, 2010: 24). Essa investida consiste no envio de um elevado número de soldados para as regiões de maior conflito com os guerrilheiros, criando a impressão, em parte da mídia, que uma guerra estava prestes a começar. Iniciada em setembro de 2009¹⁷⁶, a operação foi aprovada pela Comissão de Gabinete sobre Segurança da Índia, presidida pelo primeiro ministro, cujo plano incluía a ação conjunta de forças estaduais e centrais em 20 estados da União, visando o combate aos naxalistas¹⁷⁷. Em discurso na *Lok Sabha*, após a morte de 76 oficiais em um único ataque maoísta, P. Chidambaram reafirmou que a Green Hunt não passava de uma invenção midiática, mas admitiu o envio de 141 Companhias do CRPF somente para Chhattisgarh com o objetivo de combater os revoltosos¹⁷⁸.

Segundo os naxalistas o objetivo da operação é “limpar, manter e desenvolver uma área”. Consiste primeiro em expulsar os guerrilheiros da região, em seguida lutar para manter o território sem a influência dos revolucionários. Por fim, iniciam os

¹⁷⁵ Disponível em: <<http://www.outlookindia.com/news/article/CRPF-IG-7-Others-Arrested-in-Recruitment-Scam/659473>>, acessado em 03.jun.2012.

¹⁷⁶ Um primeira menção do envio de elevado número de tropas especiais para combater os naxalistas aparece no *Annual Report* 07/08: 21.

¹⁷⁷ Essas operações incluem “limpar” uma área dominada pelos naxalistas e, a partir de então, iniciar projetos de desenvolvimento. Disponível em: <<http://news.rediff.com/report/2009/oct/08/cabinet-committee-of-security-clears-anti-maoist-plan.htm>>, acessado em 12.jun.2012.

¹⁷⁸ Disponível em: <<http://www.outlookindia.com/news/article/Dantewada-Is-a-Wake-Up-Call-Chidambaram/679494>>, acessado em 28.mar.2012.

projetos de desenvolvimento, com uma duração estimada em 18 ou 24 meses (MIB 16, 2010: 17). No entanto já se passaram quase 5 anos e pouco foi efetivamente alcançado, pois a influência maoísta permanece forte em muitas regiões. Além disso, na história do movimento naxalista, outras operações similares já foram realizadas pelo governo sem o sucesso esperado (BANERJEE, 2008: 345).

Nas palavras de Azad, a Green Hunt representa “[...] a primeira grande tentativa pelas forças centrais e estaduais de tirar uma parte do território das mãos do povo oprimido liderados pelos Maoístas”, e continua “[...] essa operação é uma espécie de ensaio para uma próxima ofensiva simultânea planejada pelo governo central em todas as nossas Zonas de Guerrilha” (MIB 12, 2009: 2). Nessa mesma entrevista, Azad ainda questiona:

O que é isto senão uma guerra, quando 75 mil forças paramilitares bem treinadas são mobilizados contra sua própria população, ajudada por helicópteros, veículos blindados, morteiros, lança foguetes, e pesada artilharia? Adicione a isso um número igual de policiais das forças estaduais nas zonas de guerra. Essa é uma força maior do que o Exército da maioria dos países no mundo (Ibidem: 9).

Como o governo não admite a existência dessa operação não está disponível um balanço oficial sobre seu retrospecto, pois foi executada em diferentes estados, não havendo uma coordenação entre suas atuações. Dificilmente seria favorável, pois os naxalistas ainda mantêm forte presença especialmente em Dandakaranya, uma das regiões com maior número de tropas¹⁷⁹.

KPS Gill acredita que a operação será um grande fracasso porque foi planejada de maneira errônea, não levando em consideração os verdadeiros fatores envolvidos: a população indígena e seu modo de vida. Para Gill, a estratégia de simples dominação de território e seu posterior desenvolvimento não é suficiente para acabar com a influência naxalista. Gill ainda questiona: “[...] querem que nossos soldados terminem emperrados como os americanos no Afeganistão?”¹⁸⁰.

¹⁷⁹ Em comunicado divulgado pela organização *International Campaign Against War on the People in India* (ICAWPI), afirma que a Índia está recebendo suporte norte-americano para execução da operação, incluindo vigilância por satélite e inteligência militar. Também afirma que essa ofensiva tem por objetivo facilitar as atividades de grandes corporações na extração de recursos naturais de terras tribais. Disponível em: <<http://www.icawpi.org/resistance/statements/1057-march-5th-briefing-to-the-international-and-all-india-media>>, acessado em 03.mar.2014.

¹⁸⁰ A entrevista de KPS Gill está disponível em: <http://archive.tehelka.com/story_main43.asp?filename=Ne241009coverstory.asp>, acessado em 15.fev.2014.

As ações realizadas na Green Hunt são tão controversas que um grupo de intelectuais indianos, como Gayatri Spivak, e internacionais, como Noam Chomsky, enviaram uma carta conjunta para o governo explicando as razões que levam a influência maoístas para essas áreas. Esses intelectuais culpam o governo pelas instalações das ZEE e sua tentativa de explorar os recursos naturais sem o devido consentimento ou ressarcimento dos povos locais. Esses ativistas acusam a mentalidade pós-colonial e a violência estrutural praticada pelos governos como as reais causas do conflito. Por fim, solicitam que não sejam enviadas tropas para os locais de conflito, mas sim estratégias de desenvolvimento e ações democráticas¹⁸¹.

Nesse contexto, cabe ressaltar um relatório sobre a visita de uma equipe formada por ativistas de diversas organizações dos direitos humanos da Índia, liderados por Himanshu Kumar, na qual descrevem suas impressões das regiões onde a Green Hunt estava em andamento, entre setembro e outubro de 2009. Os ativistas constataram uma série de abusos e desrespeitos com os povos originários e seu modo de vida, além da destruição de sua propriedade e torturas. Também destacam que a polícia não tem a mínima preocupação em esconder seus atos, procurando intimidar os indígenas¹⁸². Reforçando essa ideia, a visão dos *adivasis* sobre o conflito foi relatada especialmente pelos enviados do jornal *Tehelka*¹⁸³, na qual destacam as atrocidades cometidas pelos paramilitares.

¹⁸¹ Ainda destacam: “What is the condition of the working people in the country? 93 percent of the working force, the overwhelming majority of the working people in India, are what the National Commission for Enterprises in the Unorganised Sector (NECUS) called informal workers: these workers lack any employment security, work security and social security. About 58 percent of them work in the agricultural sector [...] Wages are very low and working conditions extremely onerous, leading to persistent and deep poverty, which has been increasing over the last decade and a half in absolute terms [...] Since majority of the working people still work in agricultural sector, the economic stagnation in agriculture is a major cause for continued poverty of the vast majority of the people. Since the Indian state did not undertake land reforms in any meaningful sense, the distribution of land remains extremely skewed to this day. [...] But in this sea of poverty and misery, there are two sections of the population that are much worse off than the rest: the Scheduled Caste (SC) and Scheduled Tribes (ST) population. On almost all indicators of social being, the SC and ST are worse off than the general population: poverty rates are higher, landlessness is higher, infant mortality rates are higher, levels of formal education are lower, and so on.” A carta na íntegra, assim como todos os seus signatários está disponível em: <<http://sanhati.com/excerpted/1824/>>, acessado em 10.jun.2012.

¹⁸² O relatório completo está disponível em: <<http://indianvanguard.wordpress.com/2009/10/22/burnt-in-oil-a-fact-finding-report-on-operation-green-hunt-in-dantewada-in-september-october-2009/>>, acessado em 09.set.2012.

¹⁸³ Em especial, reportagem escrita por Shoma Chaudhury, na qual são descritas torturas físicas e psicológicas contra os tribais, além de mostrar roubos cometidos pelos agentes do Estado. Não por acaso, destaca a autora, para essas populações os naxalistas são vistos como salvadores. Disponível em: <http://archive.tehelka.com/story_main44.asp?filename=Ne170410how_many.asp>, acessado em 11.set.2012.

Para os oficiais envolvidos na Operação, é difícil distinguir entre um *adivasi* comum e um militante extremista: “Enquanto as florestas são habitadas pela ameaça naxalista ou seus apoiadores *adivasis*, a polícia enxerga nas áreas afetadas um ‘naxalista’ em cada indígena e os submete a considerável perseguição” (DCEAA, 2008: 47).

Na tentativa de impedir novas ações como essas, representantes da polícia alertaram para que os jornalistas não escrevessem reportagens a favor dos maoístas ou sobre as atrocidades policiais, caso contrário seriam perseguidos e sofreriam represálias (MIB 14, 2009: 4). Mesmo assim, a PUDR divulgou uma carta aberta relatando novas atrocidades cometidas pelas forças estatais e vários abusos constitucionais executados pelos agentes do Estado, listando inúmeros casos de denúncias feitas pelos próprios *adivasis*¹⁸⁴, mas que a polícia se nega em registrar.

Segundo os naxalistas “[...] as classes dirigentes reacionárias não conseguem pensar em nada mais do que a força bruta para lidar com um problema relacionado à terra, sustento e libertação” (MIB 1, 2008: 5). Por isso, acusam as grandes multinacionais de patrocinar a Operação, interessadas em explorar as riquezas naturais dos territórios dominados pelos guerrilheiros (MIB 12, 2009: 32). Essa é a mesma opinião de Arundhati Roy, no vídeo chamado *When the State Declares War on the people*¹⁸⁵ (Quando o Estado Declara Guerra Contra o Povo) a ativista acusa a Green Hunt de ser patrocinada por grandes empresas interessadas em explorar os recursos naturais da Índia. Em consonância com essa ideia, o intelectual indiano Gautam Navlakha¹⁸⁶, concorda que a operação representa uma venda das riquezas do país para as multinacionais da mineração.

Em um interessante balaço, o PCI (Maoísta) lista algumas dificuldades enfrentadas pelos soldados na operação:

A falta de água potável, as mortes e as doenças causadas pela malária ou água poluída, medo de cobras e outros animais, falta de comida adequada e suplementos essenciais, calor ardente, completa falta de familiaridade do terreno e da língua local e o mais importante, a absoluta não cooperação das pessoas, tudo isso se soma aos problemas dos homens enviados por

¹⁸⁴ Essa carta relata os abusos cometidos no *asharam* de Himanshu Kumar, além da operação não declarada na GH. está disponível em: <<http://www.outlookindia.com/article/An-Open-Letter-To-The-Prime-Minister/263778>>, acessado em 05.out.2013.

¹⁸⁵ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=rygJzzutBOg>>, acessado em 28.mar.2013.

¹⁸⁶ Sua crítica está disponível em: <<http://forumpunjab.wordpress.com/2010/01/04/%E2%80%98stop-war-against-people%E2%80%99/>>, acessado em 12.out.2013.

Chidambaram para as áreas remotas do país habitadas pelos *adivasis* (MIB 16, 2010: 19)

O jornalista Dipanjan Chaudhuri, em sua coluna no jornal *Sanhati* descreveu de maneira clara o que essa operação representa para uma camada da sociedade indiana:

O Governo da Índia está declarando uma guerra, sob a liderança de Chidambaram, nas populações de áreas descritas como infestadas de maoístas, a população composta pelos mais pobres dos pobres deste país infeliz. A aventura de Chidambaram tem como alvo os Maoístas, mas aparte de trocas esporádicas de tiros com os guerrilheiros, o maior impulso do estado será a opressão, tortura, prisões em massa, estupro e assassinatos da população em geral¹⁸⁷.

Contrariando essas opiniões, em um breve balanço do enfrentamento do governo central contra os naxalistas, GK Pillai, secretário de governo, em seminário realizado pelo IDSA¹⁸⁸ afirma que a Operação é fundamental para o país e já alcançou objetivos importantes, como a recuperação de mais de 4 mil Km² de território, antes reduto maoísta. Mas admite que o governo ainda não atingiu 5% dos naxalistas, nem enfrentou os membros mais radicais e perigosos.

Uma das atividades relacionadas com essa Operação ocorreu em Odisha, quando o então chefe do estado Naveen Patnaiks, em 2009, anunciou o envio de quatro batalhões do CRPF para áreas afetadas pelos revoltosos, além da contratação imediata de 2 mil SPO, para suprir o déficit policial do estado (MIB 6, 2009: 12). A resposta militar aos guerrilheiros é tão intensa que o CRPF, uma força paramilitar de reservistas, simplesmente não possuía oficiais na reserva, pois todos estavam cumprindo alguma função no combate aos guerrilheiros, conflitos comunais ou desastres naturais¹⁸⁹.

3.5 – Conclusão

A atuação agressiva do Estado ao tentar reprimir o movimento termina por radicalizá-lo ainda mais. Conforme exposto no primeiro capítulo, se a violência estatal

¹⁸⁷ Esse artigo e outros do mesmo autor estão disponíveis em: <<http://sanhati.com/dipanjan/>>, acessado em 18.fev.2014.

¹⁸⁸ Mais informações sobre o seminário estão disponíveis em: <<http://idsa.in/event/EPLS/Left-WingExtremisminIndia>>, acessado em 28.nov.2012.

¹⁸⁹ A CRPF também cumpre funções de proteger pessoas VIPs, instalações importantes, como energia e comunicações, além de ajudar em situações de calamidade pública, como desastres naturais. É a maior força paramilitar da Índia. Disponível em: <<http://www.hindustantimes.com/india-news/newdelhi-no-reserves-entire-crpf-out-in-the-field/article1-482092.aspx>>, acessado em 13.jun.2012.

fosse uma solução viável e duradoura, o Naxalismo teria se extinguido em Naxalbari ainda em 1967, quando a primeira revolta foi violentamente sufocada. As forças especiais cumprem um papel importante na contenção dos radicais, entretanto, a maneira violenta e por vezes vingativa como atuam, atraem a antipatia das populações locais, empurrando-os para os revoltosos. Nesse sentido, as forças repressivas são uma parte da solução, mas não devem ser consideradas a mais importante. Sem o devido projeto de desenvolvimento para as regiões mais esquecidas da Índia, os guerrilheiros interpelam pessoas dispostas a aceitar sua mensagem e sua ideologia radical.

Até o momento os planos para combater o naxalismo levando desenvolvimento para as áreas afetadas não passaram de discursos retóricos. Os estados, assim como o Governo Central são, sobretudo, adeptos da ideia de “combater fogo com fogo”, por isso os maiores investimentos são justamente no treinamento específico para tropas especialmente constituídas para enfrentar os naxalistas, além dos infames “grupos de autodefesa”, no estilo *Salwa Judum*. Por vezes o governo usa leis do tempo do Império Britânico para perseguir e prender os naxalistas ou suspeitos. Para os maoístas, essa resposta estatal nada mais é do que uma tentativa de isolar o movimento de suas bases de apoio, conseguindo assim livre acesso aos recursos naturais das áreas hoje dominadas pelo movimento.

Até mesmo os policiais abandonam a luta, ora negando-se a receber treinamento para guerra em florestas, sabendo que uma vez concluído o curso irão enfrentar os naxalistas, ora cometendo suicídio em seus alojamentos, resultado direto das condições precárias de serviço e da constante pressão psicológicas a que são submetidos, sem o apoio necessário. Em um país em que a pobreza é crescente, muitas crianças sofrem de má nutrição e mulheres possuem anemia e outras doenças graves, o governo despende milhões para modernizar as forças armadas com resultados pouco louváveis. A corrupção policial e a prisão indiscriminada dos *adivasis* produz um cenário desfavorável para uma rápida vitória das forças governamentais. Soma-se a esses fatores os próprios nomes adotados pelos governos em suas forças paramilitares (*Greyhounds*, *CoBRA*, etc), que nos remete para uma verdadeira *Green Hunt*.

Por fim, uma melhor coordenação entre o governo central e os estados leva a apreensão dos naxalistas, conforme estratégias que já mostraram resultados positivos. Portanto, esse recurso deve ser mais bem explorado, tanto em atividades das forças paramilitares, quanto em ações de desenvolvimento. Não obstante, a principal questão envolvida para uma efetiva resolução do conflito envolve uma problemática muito mais

complexa, pois diz respeito à justiça social e constitucional. Não é possível almejar que os *adivasis* colaborem com os projetos governamentais na medida em que são, sucessivamente, enganados e explorados por esses agentes.

Capítulo 4: a Organização do Partido e sua Ideologia:

Neste capítulo será analisado o sentido de organização partidária defendido pelos naxalistas, uma vez que os mesmos se identificam enquanto partido, contudo, para o governo indiano os maoístas não passam de um “grupo terrorista”. Pretende-se expor os conceitos de Partido relacionados com a ação revolucionária para a tomada do poder estatal e os questionamentos da validade da ação política por meio do parlamento. Nesse contexto, além de um partido, esses grupos utilizam-se de outras formas de organização para alcançar os seus objetivos, incluindo o PLGA, o “braço armado” do PCI (Maoísta), sendo imprescindível investigar a atuação dessa instituição. Para defesa de seus ideais os revoltosos utilizam-se de um discurso ideológico extremista, baseado em princípios do maoísmo revolucionário. Nesse sentido, pretende-se analisar também como esse discurso é construído e de que forma serve como justificativa para as ações empreendidas pelos guerrilheiros.

O movimento camponês indiano passou por diversos processos de mudanças no decorrer do tempo, com diferentes alinhamentos ideológicos e princípios de ação (SINGHAROY, 2004: 48). Essas mudanças afetaram a participação direta/indireta e violenta/passiva dos camponeses, sendo parte natural de um processo de formação de identidade. Dessa forma, os naxalistas se inserem enquanto uma das consequências desse complexo processo, relacionando posse da terra, valores culturais e religiosos, além da constituição da camada rural pobre como agente político.

Os naxalistas sempre procuraram se identificar enquanto um partido revolucionário, essa era uma questão evidente nos seus planejamentos. Após a expulsão de Charu Majumdar e seus seguidores do CPM, quando os mesmos iniciaram a revolta em Naxalbari, fez com que os guerrilheiros se organizassem na *All India Coordination Committee of Communist Revolutionaries* (AICCCR), um aglomerado de organizações simpatizantes dos ideais maoístas. A AICCCR era formada por dissidentes do CPM de diversos estados, mais alinhados com os revoltosos de Naxalbari do que com as políticas parlamentares. Entretanto, já existiam ambições de construir um novo partido na política indiana, que aglutinasse todas as forças de esquerda revolucionárias da Índia. Esse ideal foi concretizado com a fundação do CPI (M-L) em 22 de abril de 1969.

Apesar de o movimento ter sofrido diversas divisões no passar dos anos, a maioria de seus grupos continuaram se identificando enquanto “Partido”. Alguns desses grupos abandonaram o caminho da luta armada, optando pela via parlamentar para

alcançar o poder estatal. Dessa forma, alguns de seus membros foram eleitos para o *Lok Sabha*, como foi o caso da região de Ara, em Bihar, responsável por enviar o primeiro naxalista para o Parlamento¹⁹⁰. Para o PCI (Maoísta) esses grupos são revisionistas e pouco diferem dos demais partidos parlamentares burgueses.

Para consolidar essa trajetória de luta, o PLGA representa um papel importante porque é um dos pilares da estratégia naxalista: o combate armado contra o Estado. A cada ano o Exército maoísta mostra-se mais letal, melhorando sua capacidade de fabricar explosivos improvisados e conquistando novas armas. De acordo com Gopalji, porta-voz da área especial Bihar-Jharkhand, o Partido conseguiu atingir a fase de guerra de guerrilha contra o Estado graças a sua militarização constante, na qual a principal forma de organização política é a luta armada (MIB 17, 2010: 66). Em algumas regiões, como em Dandakaranya, alcançaram um passo à frente, com a criação dos Comitês Populares Revolucionários, como uma forma de poder popular e um embrião para a formação de uma área base.

Conforme exposto no capítulo dois, os naxalistas buscam como base de apoio as populações mais subalternas da Índia, nesse caso, os *adivasis*. A integração entre o Partido e os *adivasis* é significativa, por isso o trabalho de investigação para identificar quem realmente é um naxalista é muito complexo, levando a agentes policiais a admitirem que não identificam facilmente “quem é o inimigo”¹⁹¹. Para o ativista gandhiano Himanshu Kumar a popularidade do PCI (Maoísta) entre os indígenas se deve ao fato de que os naxalistas ouvem e ajudam nos problemas dos *adivasis*, especialmente quando esses problemas estão relacionados com a ação policial. Por outro lado, o Estado cria um bloqueio, até mesmo para ouvir as reclamações dos indígenas a respeito dos abusos cometidos pelas forças de segurança em suas diversas operações em territórios dos povos originários. Kumar acredita que essas operações terminam por aterrorizar as populações locais, desafiando a própria jurisprudência a respeito dos

¹⁹⁰ Conforme informação divulgada em uma linha do tempo criada pelo jornal *Hindustan Times*. Disponível em: <<http://www.hindustantimes.com/news-feed/nm2/history-of-naxalism/article1-6545.aspx>>, acessado em 18.mar.2012.

¹⁹¹ Em entrevista para o repórter Rahul Pandita, em notícia divulgada na *Open Magazine*, um policial não identificado ainda afirma: “Adivasis share nothing with us”, logo em seguida acrescenta: “We have even tried asking young children, but not a word comes out of their mouth. We have no intelligence at all”, por fim admite: “We are all waiting for evening so that we could retire to the camp”. Disponível em: <<http://www.openthemagazine.com/article/nation/the-war-nobody-can-ever-win>>, acessado em 18.jun.2013.

adivasis, logo, por respeitarem os indígenas e os ouvirem, os naxalistas, consequentemente, se tornam populares e respeitados¹⁹².

Especialmente nas duas últimas décadas a Índia passou por um grande processo de desenvolvimento, mas a situação da população pobre se manteve inalterada. Nesse tempo a parte industrial e militar do país cresceu consideravelmente, assim como a classe média que, segundo os maoístas: “parece formidável em tamanho quando comparado com a população de muitos países da Europa”, entretanto, “os pobres cresceram e dobraram de tamanho agora alcançando cerca de 80% da população” (MIB 16, 2010: 3). Em conformidade com essa posição, um relatório independente realizado a pedido do governo aponta: “A Índia hoje orgulhosamente proclama acima de 9% de taxas de crescimento e em breve atingirá dois dígitos de crescimento. Mas é comum observar que as desigualdades entre as classes, entre a cidade e o campo e entre as castas superiores e as comunidades desprivilegiadas estão aumentando” (DCEAA, 2008: 1). São essas as condições que fortalecem os espaços de atuação dos revoltosos.

Os naxalistas possuem um modelo de desenvolvimento com algumas práticas que se repetem em todos os lugares onde assumem certa relevância. Essas práticas incluem a reforma agrária e maior igualdade social, incluindo as mulheres, que também passam a ganhar direitos e autonomia. A agricultura passa a ser realizada sem o auxílio de pesticidas ou agentes químicos, visando à quebra da dependência das grandes empresas multinacionais. Os rebeldes também constroem escolas próprias, além de publicar livros e revistas contando a cultura dos povos *adivasis*, suas músicas típicas e costumes. Segundo um grupo de intelectuais indianos, essa foi a primeira vez que o grupo étnico dos Gonds fizeram seus registros de forma escrita¹⁹³.

O projeto de desenvolvimento dos maoístas não se coloca inteiramente contra todas as minas de extração de recursos naturais, mas sim contra a venda desses recursos pelas grandes companhias internacionais e nacionais, sem deixar nada para as populações afetadas. Segundo os guerrilheiros (MIB 17, 2010: 71), tais projetos devem ser nacionalizados, todos os recursos convertidos para a nação e não empresas ou pessoas privadas. Também defendem a não utilização de terras cultiváveis para fins de extração mineral, a não ser que a compensação dada às famílias afetadas seja

¹⁹² Kumar escreveu um longo artigo relatando diversos abusos cometidos pelas forças de segurança e a reação dos *adivasis*. Disponível em: <<http://sanhati.com/articles/1937/>>, acessado em 6.jun.2013.

¹⁹³ As propostas naxalistas também incluem seu próprio sistema jurídico e comercial. Disponível em: <<http://forumpunjab.wordpress.com/2009/11/18/stop-war-against-the-people/>>, acessado em 29.abr.2013.

compatível com o sua perda, reconhecendo a necessidade de analisar todos os fatores ecológicos envolvidos antes das minas entrarem em ação.

Atualmente o PCI (Maoísta) procura seguir uma rígida hierarquia partidária, com democracia interna para a eleição do seu Comitê Central. De acordo com Azad, os naxalistas agem como um partido, realizando plenárias locais a cada dois anos, conferências sempre que possível e um Congresso Central a cada cinco anos (os relatos do último Congresso datam de 2007). Todos os representantes são escolhidos dentro de fóruns em suas organizações ou nos departamentos dos Comitês Revolucionários (MIB 12, 2009: 11). Ainda segundo Azad:

[...] nós temos oito departamentos em cada governo popular. Há poucos meses atrás nós estabelecemos o departamento de Comércio & Indústria, elevando o total de departamentos governamentais para nove. Esses são: agricultura, educação & cultura, saúde & bem-estar social, defesa, assuntos econômicos, justiça, florestas e relações públicas (MIB 12, 2009: 13).

4.1 – O Partido

Logo após a expulsão dos radicais revolucionários do CPM, foi fundada a AICCCR, entidade na qual a hierarquia partidária era nula, justamente por uma falta de organização e institucionalização do movimento. Nesse momento, ainda não existia um consenso sobre as estratégias e táticas a serem adotadas pela organização. Dessa forma, (HARNETIAUX, 2008: 23) os grupos funcionavam de forma autônoma e realizavam ações em suas próprias localidades, como foram os casos de Srikakulam, em Andhra Pradesh e Muzaffarpur, em Bihar (SINGH, 2011: 66). A respeito dessa organização, CHAKRABARTY e KUJUR (2010: 42) comentam:

[...] essas unidades ultrarradicais finalmente se reagruparam em maio de 1968 e formaram o *All India Coordination Committee of Communist Revolutionaries* (AICCCR), ‘Fidelidade à luta armada e não participação em eleições’ eram os princípios cardiais que a AICCCR adotou para suas operações. Entretanto, diferenças surgiram sobre como a luta armada deveria avançar e isso levou a exclusão de uma seção de ativistas [...].

Essa dispersão e “autonomia” contrariavam os preceitos elaborados por Lenin, para quem o Partido tem como objetivo reunir os revolucionários e elaborar uma disciplina partidária a ser seguida por todos. Para o teórico, não respeitar esse caminho:

[...] equivale a desarmar completamente o proletariado, em proveito da burguesia. Equivale precisamente a dispersão, instabilidade, incapacidade de dominar-se para unir-se a atuar de modo organizado, defeitos tipicamente pequeno-burgueses, que, se formos indulgentes com eles, causam inevitavelmente a ruína de todo o movimento revolucionário do proletariado (LENIN, 1920: 16)

Para o teórico naxalista Charu Majumdar, o único objetivo político do Partido é a tomada do poder, reforçando a ideia de não se ater a demandas econômicas (BANERJEE, 2008: 85). Com essa premissa Majumdar não negava a importância dos sindicatos, mas preferia a mobilização consciente dos camponeses. O teórico naxalista elaborou um plano mínimo de concepções em comum entre os diferentes grupos como forma de delimitar as ações norteadoras do movimento:

Primeiro, aceitar Mao Tsé-tung como líder da revolução mundial e seus pensamentos como a forma maior do marxismo-Leninismo de nossa era. Segundo, acreditar que a situação revolucionária encontra-se em cada canto da Índia. Terceiro, acreditar na tomada de territórios como caminho para a revolução indiana. Quarto, acreditar na guerra de guerrilhas como única maneira de desenvolver e avançar a revolução (Ibidem: 89).

Ainda que Majumdar fosse reconhecido como líder do movimento e suas ideias predominassem¹⁹⁴, esse lapso de organização fez com que as revoltas fossem reprimidas pelo Estado com certa facilidade, uma vez que a situação se tornasse perigosa para os latifundiários e os intermediários das localidades com presença de radicais. Essa desorganização não passou despercebida pelo Partido Comunista da China, que criticou as ações dos revolucionários indianos, afirmando a necessidade de seguir os preceitos do Marxismo-Leninismo guiados pelo pensamento de Mao.

O governo indiano refere-se ao PCI (Maoísta) como um “grupo terrorista”, por não participar das eleições e realizar ações violentas contra o Estado¹⁹⁵. Contudo os

¹⁹⁴ Alguns grupos não aceitaram esse empoderamento inquestionável de Majumdar, conforme exposto no primeiro capítulo. Para reforçar esse debate, BANERJEE (2008: 185) afirma: “[...] the desire by his devotees to raise Charu Majumdar to the status of the supreme authority, whose words would have to be dogmatically followed irrespective of the context when he uttered them, actually doubled the obstacles to, and halved the potentialities of a democratic discussion at party meetings”. (... o desejo de seus devotos de elevar Charu Majumdar ao status de autoridade suprema, de quem as palavras deveriam ser dogmaticamente seguidas, indiferente do contexto em que foram pronunciadas, isso dobrou os obstáculos para as potenciais discussões democráticas nas reuniões do Partido.)

¹⁹⁵ Para justificar sua violência os naxalistas escrevem: “If violence alone is to be taken as the criterion to determine whether an organisation is a political party or not, then there will not be a single party left in the country’s political scene [...] the violence between the two ruling class parties, the Congress and the TDP in Rayalaseena region alone, took a far higher toll of people’s lives than the casualties in the entire state in the hands of the naxalites. [...] Then with what logic do these so-called analysts argue that a few punishments on the part of the Maoists disqualify it as a political party?” (MIB 12, 2009: 12). (Se somente violência for levado como critério para determinar se uma organização é um Partido Político ou não,

naxalistas se consideram um partido e questionam toda vez que são tratados como terroristas (MIB 1, 2008: 10). Procurando se afastar do conceito de simples assassinos, os maoístas (MIB 5, 2008: 49) condenaram a morte de inocentes nos atentados de Mumbai, mostrando um claro distanciamento entre suas ações políticas e a de outros grupos extremistas.

Para RAY (2013: 23) é necessário analisar o discurso elaborado pelos “terroristas” como forma de legitimar suas ações, caso contrário haveria uma simples transposição dos revolucionários do século passado para terroristas no século XXI. Azad expõe uma visão mais profunda na qual, “[...] se fossemos reconhecidos enquanto partido político, teria que haver uma solução política para o nosso conflito” (MIB 12, 2009: 11). Justamente uma resolução política para o conflito, propícia no ambiente democrático, é a proposta sugerida por um grupo de especialistas:

Como os objetivos do movimento são políticos, isso deve ser respondido politicamente. Negociação é o único instrumento político capaz de encontrar uma resposta em uma democracia. Uma abordagem melhorativa com ênfase em uma solução negociada ajuda a gerar maior confiança em pessoas alienadas da governança. Essa abordagem é usada em todo o mundo para abordar insurgentes democraticamente. Isso vai causar os menores danos possíveis nas pessoas afetadas pelo conflito (DCEAA, 2008: 60).

Dessa forma, o não reconhecimento do PCI (Maoísta) enquanto partido, mas sim como organização terrorista, significa que os partidos dominantes não precisam optar por uma solução política do conflito. Para Ganapathy:

Nós somos um partido político como muitos outros partidos no país e no mundo. Nosso partido tem uma ideologia política e uma linha militar com objetivos corretos, com contorno nítido em referência a matérias culturais, castas, gênero, nacionalidades, ecologia, etc. até mesmo de acordo com as leis formuladas pelas classes dirigentes, direitos democráticos deveriam ser aplicados ao nosso partido. Então o banimento do nosso partido deveria ser revisto. (MIB 20, 2010: 6).

Todavia, em consonância com o governo, P.K. SINGH (2008: 10) alega que ao anunciar seu objetivo como a captura do poder estatal por meio da luta armada, os naxalistas enquadram-se melhor enquanto grupo terrorista do que um partido político.

então não sobrar nenhum partido na cena política do país [...] a violência entre os dois partidos dominantes, somente na região de Rayalaseena o Congresso e o TDP tiraram muito mais vidas do que todo o conflito entre os naxalistas e o Estado, [...] Então com qual lógica esse autoproclamados analistas argumentam de que algumas punições por parte dos Maoístas desqualifica como um partido político?).

Para o autor: “[...] uma grave e essencial diferença entre vários movimentos políticos e o movimento Naxalista é que o último subscreve para violência como uma filosofia”.

Especialmente na última década, desde a aglutinação de grupos outrora rivais, essa estrutura partidária tornou-se mais consolidada¹⁹⁶, possibilitando ações conjuntas de membros partidários de diferentes estados, além de ações coordenadas para acontecerem em um mesmo momento em diferentes localidades, principalmente envolvendo questões militares. Porém, o PCI (Maoísta) também sofre com as suas contradições “[...] entre a ampla classe média urbana e educada de lideranças maoístas e os recrutas e soldados, que são indígenas e castas baixas/Dalits” (RAMACHANDRAN, 2011: 22), pois, por vezes, divergem em estratégias e táticas.

Como política partidária, defendem a autodeterminação dos povos e por isso são favoráveis a uma Caxemira autônoma, capaz de decidir entre uma independência plena ou fazer parte do Paquistão. Segundo Azad os “fascistas hindus” (fundamentalistas religiosos) destroem a moral do povo da Caxemira, não permitindo que decidam seu próprio destino (MIB 4, 2008: 5). Os naxalistas não acreditam que a independência da Caxemira irá levar a outras minorias exigirem os mesmos direitos, mas se isso ocorresse não acreditam que seja um grande dilema nacional. Além disso, lançam a pergunta: a quem interessa a supressão das minorias dentro da Índia? (MIB 4, 2008: 6). Para os naxalistas, assim como para intelectuais como Arundhati Roy, aos hindus que controlam o Estado¹⁹⁷.

Nesse contexto de supressão, as mulheres são as grandes vítimas do sistema patriarcal¹⁹⁸ amplamente difundido nas áreas rurais do subcontinente indiano, agregam-se em grande número dentro do movimento naxalista, alcançando altos postos (MIB 7, 2009: 30). Entretanto, foi possível mapear somente a presença de uma mulher entre os

¹⁹⁶ Apesar de toda unidade que o partido constrói e procura mostrar para as pessoas fora do movimento, existem casos de deserção mesmo entre os membros de alto escalão, como, por exemplo, Lanka Papireddy (MIB 1, 2008: 18). Recentemente houve uma grande polêmica dentro do movimento quando membros do partido no estado de Jharkhand colocaram uma bomba dentro do corpo de um oficial CRPF. Tal atitude foi condenada por membros de outros estados e pelo Comitê Central, pois representa uma quebra na Convenção de Genebra. Disponível em: <<http://www.thehindu.com/opinion/open-page/from-grievance-to-greed/article4469590.ece>>, acessado em 12.nov.2013.

¹⁹⁷ Aqui vale lembrar que o caminho seguido pela China é bem diferente do pregado pelos naxalistas, pois existem minorias submetidas no país, sendo o caso mais conhecido o Tibete.

¹⁹⁸ “The economic and social disadvantages of women in Indian society reflect a whole gamut of patriarchal norms and practices such as patrilineal inheritance, patrilocal residence, the gender division of labour, the gender segregation of public spaces, and the discouragement of widow remarriage” (DCEAA, 2008: 11). (*As desvantagens econômicas e sociais da mulher na sociedade indiana reflete toda uma gama de normas e práticas patriarcais, como a herança patrilinear, residência patrilocal e divisão do trabalho por gênero, segregação de gênero dos espaços públicos e o desencorajamento para um novo casamento de uma viúva*).

membros do primeiro escalão do PCI (Maoísta), Anuradha Ghandy (RAMACHANDRAN, 2011: 65), eleita para o politburo. Nos *dalams*, primeira forma de organização do movimento, não existe diferenciação entre os sexos, homens podem ser solicitados para cozinhar, enquanto as mulheres patrulham uma área (MIB 13, 2009: 54), garantindo assim um ambiente propício para a mulher ganhar autonomia. O espírito revolucionário das mulheres indianas não é exclusivo dos naxalistas, pois participaram de outras rebeliões por melhores condições de vida e mais direitos (SINGHAROY, 2004: 75).

Em contraponto, existem acusações de abusos contra mulheres praticados por seus superiores no movimento, atitudes que Ganapathy não nega por completo, mas as relaciona com a cultura e mentalidade há anos existente no subcontinente: “Nós estamos lutando contra manifestações de patriarcalismo, aumentando a consciência política de nossos camaradas e das pessoas, fazendo campanhas contra o patriarcalismo e, mais do que tudo, aumentando a consciência, autoconfiança e a individualidade das camaradas mulheres e implementando firmes políticas pró-mulheres” (MIB 20, 2010: 19). Como resultado, conforme RAMACHANDRAN (2011: 65), as mulheres constituem 40% do trabalho administrativo no Partido, além de constituírem números significantes da ala militar. Conforme relatório independente a exclusão das mulheres passa por diferentes aspectos: “[...] a mulher indiana continua enfrentando enormes dificuldades, quer seja em termos de direitos de propriedade, participação na força de trabalho, oportunidades educacionais, acesso ao sistema de saúde ou representação política” (DCEAA, 2008: 10).

Outro tema relevante sobre a política partidária defendida pelos naxalistas diz respeito à relação com demais religiões da Índia. Em entrevista, Azad (MIB 4, 2008: 8) afirma que os naxalistas eliminaram Laxmanananda Saraswati, um grande mestre religioso hindu, em 23 de agosto de 2008, alegando que Saraswati e seu grupo, ligados ao BJP, pregavam o ódio contra cristãos e muçulmanos, inclusive provocando ataque contra essas minorias¹⁹⁹. Apesar de reivindicar esse assassinato e explicar suas razões,

¹⁹⁹ Para alguns especialistas, a morte de Saraswati foi significativa porque levou a tensões dentro do Partido: “The merciless killing of Saraswati and his associates that triggered attacks on Christians in Orissa have split the Communist Party of India (Maoist) on religious lines for the first time, with many Hindu members breaking away to form a rival group” (CHAKRABARTY e KUJUR, 2010: 12). (*A morte impiedosa de Saraswati e seus associados que iniciaram ataques contra cristãos em Orissa dividiram em linhas religiosas o Partido Comunista da Índia (Maoísta pela primeira vez, com muitos hindus saindo do partido e formando um grupo rival*). Entretanto não foi possível identificar lutas ou grandes ações desse novo grupo. Provavelmente essa nova divisão ficou restrita ao estado de Odisha, mas demonstra que os naxalistas são imunes a questões religiosas, como costumam afirmar.

os hindus se apressaram em condenar os cristãos pelo fato, provocando massacres em diversas regiões, com a inércia do estado (Ibidem: 10). Dessa forma, os maoístas alertam que os cristãos também são alvos da violência comunal e não somente os muçulmanos. Para Ganapathy, a religião é uma questão privada e não deve interferir em assuntos políticos.

Como uma das formas de substituir o Estado na administração da justiça, os naxalistas utilizam-se dos *Jan Adalat*, uma espécie de júri popular, no qual o juiz é dispensado e a própria população julga e declara a sentença. Tal mecanismo de poder popular não é novidade no movimento, pois nos anos iniciais, ao assumir o controle de uma localidade, os inimigos eram sentenciados a morte na presença de toda a comunidade, em um julgamento aberto (BANERJEE, 2008: 251) com o claro intuito de aproximar a população dos ideais naxalistas. Conforme um grupo de especialistas:

De todas as coisas que são conhecidas sobre os Naxalistas, suas Cortes Populares são talvez as mais notórias. Enquanto os abusos denunciados sobre eles não são todos falsos, pensar que essa é toda a história não está correto. O fato é que um fórum tão informal, áspero e rápido de resolução de disputas, de alguma maneira corresponde às necessidades (DCEAA, 2008: 3).

Diversos exemplos podem ser encontrados nos MIB ou na imprensa indiana sobre esses juris e suas execuções. Para os naxalistas essa violência é importante porque termina com a rede de informações de polícia, quebrando seu serviço de inteligência (MIB 4, 2008: 22). Para defesa dessas “cortes populares” os revoltosos afirmam que somente seus *Jan Adalats* podem trazer justiça para as demandas dos *adivasis*, pois o sistema judicial indiano seria corrupto e não alcançaria a demanda dos mais humildes (MIB 7, 2009: 47). Em consonância com essa posição, HARIVANSH (2008: 22) exemplifica como funciona o sistema tradicional:

O sistema judicial nas áreas rurais existe somente no nome. Todas as alas do governo – cadeias, polícia, justiça, processos – se tornaram ineficientes e as agências de aplicação das leis se tornaram fracas, corruptas e insensíveis. A necessidade de reformas judiciais é evidente. Não é de admirar que os *Jan Adalats* naxalistas tenham tremendo suporte das pessoas, lembrando que o motivo tem um lado escuro e outro brilhante – medo dos Naxalistas e expectativa de justiça imediata. Uma pequena disputa de terras poderia manter os litigantes correndo de e para os tribunais por duas décadas. Nos *Jan Adalats* o caso seria resolvido na hora.

Além dos *Jan Adalats*, o Partido utiliza-se dos *Janathana Sarkars*²⁰⁰ considerada a forma mais avançada de governo popular mantida pelos naxalistas, existente somente em Dandakaranya. Segundo os revoltosos, os *Janathana Sarkars*, ou Governos Populares, são os verdadeiros meios democráticos do povo, pois a população assume seu destino de forma autônoma, sem precisar de partidos ou políticos, possuindo departamentos para cuidar da parte administrativa, cultural, educacional, saúde, proteção das florestas, defesa da vila, finanças, justiça e relações públicas (MIB 7, 2009: 52). Reforçando essa visão, de acordo com BANERJEE (2008: 370): “Em algumas zonas de guerrilha, os camponeses pobres e os trabalhadores rurais aparentemente ganharam com ocupação de terras, melhores salários pelos trabalhos, reconhecimento dos seus direitos sociais, proteção contra a opressão dos latifundiários, agentes florestais corruptos e os policiais inescrupulosos”.

Dessa forma, os *adivasis* são convidados para trabalhar, juntamente com os maoístas, em prol da comunidade, com a construção de pequenas barragens, canais de irrigação, hospitais, escolas, entre outras atividades. Azad defende que o modelo naxalista de desenvolvimento prevê que toda a riqueza do país permaneça nele, gerando trabalhos para os moradores locais e não seja revertido para o exterior. O porta-voz guerrilheiro afirma que onde o Partido conquista maior número de simpatizantes, a reforma agrária é a primeira medida a ser adotada, provendo terra para os trabalhadores para que não haja mais a necessidade de arrendamentos (MIB 19, 2010: 62). Também são contrários aos usos de aditivos químicos, prejudiciais a saúde do trabalhador, além de torná-los prisioneiros de grandes empresas que vendem o produto, como ocorreu na Revolução Verde na Índia.

Com essas atitudes, os naxalistas pretendem mostrar que nem tudo é violência na sua administração, em contraponto ao que a mídia expõe constantemente. Segundo o poeta revolucionário Varvara Rao os naxalistas desenvolvem projetos para atender as

²⁰⁰ Para defender a legitimidade de ações contra revolucionárias e criticar a maneira como seus atos aparecem na mídia, manipulados pelo governo, Katakam Sudarshan, secretário do departamento regional do PCI (Maoísta) afirma: “Step up state violence and state-sponsored violence. Do not allow the media to visit the areas where the central and state forces are carrying out the worst forms of crimes against the *adivasis*. But when one police informer is punished by the Maoists, organise an official tour of the media personnel to paint the Maoists as murders of innocent people.” (MIB 13, 2009: 25). (*Iniciar a violência e a violência patrocinada pelo Estado. Não permitir que a mídia visite as localidades onde as forças centrais e estatais estão praticando os piores crimes contra os adivasis. Mas quando um informante policial é punido pelos Maoístas, organiza um tour oficial para a mídia e apresentam os Maoístas como assassinos de inocentes*).

necessidades básicas dos *adivasis* como terra, irrigação, educação e saúde, algo que o governo não consegue atender a muitos anos. Para o poeta:

Os Naxalistas/Maoístas desenvolveram um modelo alternativo de desenvolvimento pró-povo. Na região de Dandakaranya, distribuíram muitos hectares de terras para camponeses sem-terra, criaram formas alternativas de agricultura e irrigação, assistência médica e educação. Naxalistas estão lutando com as massas e para as massas, diferente de Chidambaram e outros que estão sentados em torres de marfim e mandam tropas paramilitares para áreas *adivasis*.²⁰¹

Em consonância com esse pensamento, Ruchir GARG (2008: 37) salienta:

Os Naxalistas assumiram a causa da proibição e estão lutando contra outros males sociais, enquanto mobilizam as mulheres. Eles ensinaram aos camponeses métodos modernos de agricultura e distribuíram sementes, construíram pequenas represas e lagos, introduziram médicos e abriram escolas. Eles tiveram um papel significativo em ocupar as terras para os tribais e, mais importante, isso foi feito, não cortando árvores, mas ocupando terras de grandes latifundiários e as distribuindo entre os sem terras.

Uma forma embrionária dos *Janathana Sarkars* são os *Comitês Populares Revolucionários*, nos quais o PCI (Maoísta) organiza diversas funções como indústria, comércio, educação, saúde (MIB 11, 2009: 26), para pouco a pouco substituir toda a administração pública de uma localidade, permitindo ao Partido continuar crescendo, apesar da forte repressão estatal. Segundo GARG (2008: 35), no seu esforço de transformar Dandakaranya em uma zona liberta, pelos menos 2 mil vilas formaram seus comitês na região. Ganapathy admite que as estruturas partidárias são pequenas para o tamanho do país, mas acredita fielmente em seguir o caminho revolucionário para mudar essa realidade e encontrar um futuro “brilhante” (MIB 20, 2010: 25).

Apesar dessa preocupação com o desenvolvimento de suas áreas de atuação, o governo e parte da mídia acusam os revoltosos de destruírem diversas escolas, ação admitida pelo Partido, alegando que as escolas são destruídas porque já não serviam mais para seu propósito pedagógico, mas sim como alojamentos para soldados em grandes operações antiterroristas, obrigando as crianças e professores a ficarem do lado de fora.

²⁰¹ Varvara Rao concedeu esse depoimento em um “Tribunal Popular” no qual diversos intelectuais depuseram a respeito da Operação Green Hunt, contestando as ações tomadas pelo governo. Disponível em: <<http://www.icawpi.org/news/india/876-public-meeting-on-indian-states-war-on-people-and-the-assault-on-democratic-voices>>, acessado em 29.mai.2013.

Os revoltosos não são totalmente contrários às eleições e as praticam internamente. Mas são contra na atual conjuntura indiana, por causa de sua situação semifeudal e semicolonial, o que impede a imparcialidade dos resultados (MIB 5, 2008: 52). Entretanto, para Tejal CHANDAN e Ancy JOSEPH (2011: 4) os naxalistas realizam uma política hipócrita porque “[...] participam indiretamente e secretamente da política eleitoral geralmente apoiando um partido ou partido governista contra o outro, baseado em quem quer que seja o principal inimigo do momento”.

Nesse contexto, de acordo com os naxalistas, os poderes econômicos dos candidatos e partidos são essenciais para o convencimento e manipulação das massas, por isso é natural incentivar as lutas entre as classes dirigentes e defendem que o país não é democrático, uma vez que as forças “semifeudais” (castas, brigas comunais, supressão da mulher, dinheiro e grupos armados) influenciam diretamente no resultado das eleições, tornando-as desnecessárias, já que o candidato com mais chances de ganhar não é aquele que realmente representa o povo²⁰². À vista disso, classificam como “[...] uma falsa democracia para a maioria da população” (MIB 15, 2010: 4) e a violência serve para quebrar os pilares institucionais do sistema, estabelecendo um novo regime democrático.

Nessa lógica, Azad defende que boicotar as eleições passa a ter um papel pedagógico, ajudando a distinguir os “verdadeiros revolucionários” dos revisionistas e quanto maior a adesão popular ao boicote, maior o prestígio do Partido entre os pobres (MIB 10, 2009: 86). Em consonância com essa ideia, Gopalji afirma que os atuais parlamento e constituição da Índia são elaborados pelas classes dirigentes visando a sua permanência no poder, logo, participar das eleições seria uma forma de legitimar essas instituições²⁰³. Segundo Gopalji, somente com uma nova constituição e um parlamento eleito sob essa nova ótica seriam capazes de trazer equilíbrio para o sistema representativo indiano (MIB 17, 2010: 68).

²⁰² Como exemplo, podemos citar a situação dos dalits, constantemente coagidos pelas castas superiores: “Threatening dalit aspirants not to contest the election, forcing them to withdraw their candidature if they file their nomination, and assaulting them and their supporters if they persist in their political assertion, are quite common” (DCEAA, 2008: 19).

²⁰³ “India is not even a bourgeois democracy. It is actually a semi-colonial and semi-feudal state. The vast majority of people in India do not have any democratic rights. [...] Corruption has become a way of life in India. Now crores of people are dying of hunger and diseases. People is not allowed to speak openly and organize, although they have written provision for so many things in their constitution. In fact, constitution carried majority of acts from colonial rule and has been prepared under their instructions” (MIB 17, 2010: 68)

Contudo, conforme o sociólogo Rabindra RAY (2013: 76) em suas análises dos discursos proferidos por Majumdar, os comunistas indianos em geral, enfrentam muitas dificuldades para atuar na ilegalidade e a margem do processo eleitoral, pois diante de uma ofensiva governamental robusta, passam por um processo de revisionismo, especialmente as lideranças.

A ideologia maoísta não acredita na democracia parlamentar indiana no modelo atual. Destruir o parlamento significa destruir um dos pilares do sistema capitalista e, conseqüentemente, enfraquecer o sistema de exploração e opressão que subjuga especialmente *dalits* e *adivasis* (MIB 12, 2009: 48). Essa ideologia acredita ser possível, por meio da resistência local organizada, gradualmente assumir uma forma maior, até o momento em que o Exército se negaria a enfrentar um grande número de pessoas do próprio povo indiano. Dessa forma, seria possível de estabelecer o sistema de partido único centrado na sua ideologia.

Nesse contexto, se formaria uma nova democracia, cuja base é a aliança entre trabalhadores, camponeses, pequena burguesia e a burguesia nacional e não uma única classe no poder. As premissas maoístas, para uma sociedade ser considerada democrática incluem o confisco de bens do grande capital financeiro e industrial, cancelamento das dívidas e erradicação do imperialismo no país. Para essa democracia funcionar, a religião deve ser um assunto privado, sem interferência na política, fornecendo oportunidades iguais de trabalho, atendimento médico e escolar (MIB 17, 2010: 69).

Como forma para manter sua estrutura e angariar fundos para a realização de seus trabalhos e ações, o partido planeja ataques a bancos (MIB 7, 2009: 17; MIB 20, 2010: 46), extorsão por meio de sequestro de funcionários públicos e cobrança de taxas em seus bastiões. Dessa forma, grandes empresas e empresários também são taxados para poderem atuar na exploração de recursos naturais (MIB 3, 2008: 29). Segundo Gopalji, “[...] existem normas e regras de como taxar as pessoas” (MIB 17, 2010:71), escolas e hospitais são isentos dessa taxaço, afirmando que todo o dinheiro coletado é usado em prol das pessoas e da revolução. Contudo, para alguns estudiosos, nem todas as cobranças passam pelos meios “formais” dos maoístas, gerando corrupção entre as lideranças partidárias. Além disso, apontam outras formas de geração de renda para o Partido, tais como: “[...] operações de minas ilegais, venda das folhas de tendu e a venda

ilegal de diversos produtos florestais e narcóticos²⁰⁴” (CHAKRABARTY; KUJUR, 2010: 33).

O sociólogo BANERJEE (2008: 372) mantém a mesma linha crítica dessas práticas, denominando-as de “[...] aberrações perigosas no movimento maoísta”. Para o autor, tais práticas são uma traição aos ideais defendidos pelos naxalistas ao longo de sua história, alienando possíveis aliados de uma parcela importante da sociedade civil indiana: intelectuais, pequenos empresários e organizações dos direitos humanos.

Procurando distanciar-se dessa visão, segundo Azad, os principais fundos partidários são doados pelas pessoas e as taxas coletadas de comerciantes e empresas operando em seus bastiões são nominal, não extorsão (MIB 12, 2009: 17). É importante salientar aqui que os naxalistas geram uma economia paralela, pois o governo envia fundos especiais para regiões afetadas pelos guerrilheiros. Como sugere RAMACHANDRAN (2011: 20): “[...] oficiais, políticos e empreiteiros tem um grande interesse em manter o conflito vivo ou magnificar a magnitude da ameaça Maoísta”.

4.1.1 – Organização de massas

Como expresso no seu documento de fundação, a luta armada é a principal forma de luta e a organização das massas serve para complementar a guerra popular prolongada. A polêmica a respeito da participação ativa dos naxalistas em sindicatos e outras organizações de massas sempre foi um ponto constante de debates acalorados entre as lideranças, responsável por gerar diferentes grupos guerrilheiros, ainda nos anos iniciais da revolta. Conforme as teorias elaboradas por Lenin (1920: 18), é necessário que o Partido revolucionário lute dentro dos sindicatos burgueses e não simplesmente crie um sindicato “puro”. Dessa luta, que funciona com uma “escola de comunismo”, surge a oportunidade de divulgar a mensagem partidária nos meios operários e urbanos. Atualmente o PCI (Maoísta) possui uma linha hegemônica, favorável à inserção cautelosa de seus simpatizantes em organizações de massas.

Os *adivasis* organizam e participam de protestos pacíficos há muitas décadas com a principal forma de demonstrar suas insatisfações e um caminho para atingir seus objetivos (RAMACHANDRAN 2011: 39). Dessa forma, ao preferir a participação

²⁰⁴ Entre os narcóticos apontados pelos especialistas estão o ópio e a marijuana, plantados nos distritos de Malkangiri. Tais fatos são veementemente negados pelos naxalistas e afirmam que isso faz parte de uma campanha do governo para desmoralizar o PCI (Maoísta).

direta ao invés da representação parlamentar, os naxalistas não enfrentam muitas resistências para articular as demandas dos indígenas em suas agendas e conquistar seu apoio nas mobilizações. Contudo, conforme BANERJEE (2008: 52), na concepção dos naxalistas, ainda que sejam possíveis muitas conquistas por meio das organizações de massas, “[...] elas nunca foram vanguarda de uma mudança revolucionária na sociedade”, ressaltando a importância do Partido. Nesse sentido, para o teórico naxalista Majumdar, as organizações de massas teriam um simples cunho pedagógico e não revolucionário, pois tal função deve ser exercida pelo Partido, principal organização das massas (Ibidem: 146).

Em outra concepção, as organizações de massas, muito além do restritivo caráter de “classe”, servem para organizar esforços no sentido de trazer melhorias e mudanças de valores, atitudes e crenças defendidas pelo Partido. Nesse sentido, como defende SINGHAROY (2004: 27), os movimentos de massas articulam consciências por meio de um idealismo ou ideologia, capaz de garantir um espaço para manifestação pública. Tal efeito garante um reconhecimento de suas propostas e demandas sem necessariamente relacioná-los diretamente com os maoístas. Greves, passeatas e convenções de camponeses pobres são mecanismos utilizados para “dar voz” a essa população e pressionar o governo por melhorias. Entretanto, para os naxalistas, é necessário cautela para não manter as demandas somente em razões econômicas e “[...] desmascarar seu real inimigo – o Estado” (BANERJEE, 2008: 53).

Além de passeatas, que incluem longas marchas, os indígenas também bloqueiam rodovias e formam uma “corrente humana” para protestar contra a destruição de sua economia e modo de vida. Apropriando-se dessas demandas, nas palavras dos revoltosos, seu modelo de desenvolvimento consiste na destruição de alguns pilares da sociedade capitalista moderna e na construção de novos conceitos para vida em sociedade, amplamente influenciados pela sua vivência com os *adivasis*:

Os maoístas revolucionários representam uma nova cultura popular democrática que é contra os valores e culturas elitistas, imperialistas, colonialistas e feudais. Essa cultura luta contra o egoísmo e a competição predatória, promove o coletivismo, realiza uma guerra implacável contra todos os valores decadentes e obscuros do feudalismo, por um lado, e contra os valores burgueses anárquicos, degenerados e individuais (MIB 13, 2009: 58).

Para consolidação dessa agenda, o partido organizou o *People's Democratic Front of India* (PDFI – Frente Popular Democrática da Índia), responsável por levar a

ideologia dos naxalistas para os meios urbanos e para organizar sindicatos de acordo com as estratégias do partido. Isso ficou evidente nas revoltas organizadas pela entidade contra as ZEE, instaladas no país desde 2006. Essas mobilizações são monitoradas pelo governo: “PCI (Maoísta) também tem tentado intensificar seus esforços para a mobilização social. A *Frente Democrática Revolucionária* criada em maio de 2005 para esse propósito foi ampliado na *Frente Popular Democrática da Índia*” (AR, 06/07: 25).

O PDFI também apoiou a luta de outras organizações por maiores autonomia regionais, cujo exemplo mais notório é a região de Telengana, no estado de Andhra Pradesh (MIB 14, 2010: 31). Essa região luta há muitas décadas para se tornar um estado independente, inclusive foi berço de inúmeras revoltas, desde os tempos coloniais, quando era controlada pelo *Nizam* de Hyderabad.

Dessa forma, os maoístas apoiam organizações de massas em Telangana, não necessariamente vinculadas as suas organizações, mas que compartilham de ideais em comum. Nesse sentido, acusam o governo de trair sucessivamente as aspirações do povo dessa região, ao não permitir sua independência de Andhra Pradesh. Segundo SINGHAROY (2004: 157) “[...] muitos camponeses pobres têm utilizados guerra de guerrilhas, usando técnicas de terror para proteger seus interesses [...]” em Telangana, com apoio dos grupos naxalistas. Em seguida o autor acrescenta relatos de moradores da região afirmando que os maoístas “[...] são o único partido político que protegem os pobres”, e complementa “[...] todos os pobres fazem parte dessa organização” (Ibidem: 160).

Apesar de seus esforços, o partido admite ter muitas dificuldades em conseguir avançar nos meios urbanos (MIB 11, 2009: 4) ou se expandir para novas áreas, incluindo o oeste do país. Para Ganapathy, com a perda de Azad, a estratégia de luta urbana sofreu um grande revés, porém o secretário-geral considera a luta revolucionária “cheia de altos e baixos” e os contratempos são inevitáveis. Sobre os sindicatos, afirma: “[...] se tornou muito complexo trabalhar em áreas onde o inimigo é mais forte e o movimento sindical é onde os revisionistas se fortaleceram” (MIB 20, 2010: 13). Nesse ponto, Ganapathy refere-se aos partidos da esquerda parlamentar e suas ramificações sindicais. Por isso seu foco é criar novos sindicatos urbanos e trabalhar com os camponeses, com o objetivo de circular as cidades para poder se estender sobre elas.

Com a perspectiva de mudar a realidade de vida dos subalternos indianos, os maoístas passaram a incentivar e criar sindicatos entre os *adivasis*. Segundo Azad, essa luta conquistou vitórias importantes para os povos originários, pois seu poder aquisitivo

aumentou devido ao fim da exploração a que eram submetidos em diversas áreas, além de um valor mínimo a ser pago pelos seus serviços e produtos coletados (MIB 12, 2009: 13). Para concretizar essas conquistas é necessário que os tribais se organizem em cooperativas, aumentando a produção na agricultura e usando corretamente os recursos locais. Um exemplo dessa participação naxalista é o *Bastar Sambhag Kisan Sangharsh Samiti* (BSKSS), com bandeiras que incluem a pequena agricultura e a luta contra a instalação de uma represa em Jagdalpur (MIB 11, 2009: 46). Em uma determinada situação, o BSKSS reuniu entre 20 e 25 mil pessoas em um protesto contra a criação da represa de *Bodh Ghat*.

Outra organização com forte atuação na região de Dandakaranya, a *Krantikari Adivasi Mahila Sangatha* (KAMS) luta pelos direitos das mulheres tribais e contra o patriarcalismo, foi incluída na lista de organizações banidas pelo governo por apoiarem os naxalistas. O KAMS divulgou uma nota, reproduzida nos boletins maoístas (MIB 13, 2009: 66), na qual alegam estar lutando ao lado dos *adivasis* por mais de quatro décadas, atuando de forma violenta somente quando também são violentados, apoiam o boicote eleitoral por se sentirem oprimidos e rejeitados dentro do atual sistema político. Porém, não negam nem confirmam a atuação de naxalistas entre os seus quadros. Segundo RAMACHANDRAN (2011: 25) o KAMS, ao levantar questões como acesso a terras e recursos florestais, rearranjou a antiga estrutura de autoridade em Dandakaranya e facilitou a integração entre os naxalistas e os *adivasis* da região.

Mesmo proibido, em 2010 o KAMS realizou um grande festival no qual constataram os resultados da política governamental: “A conferência notou com alarde que onde o KAMS tornou-se mais fraco por causa da repressão do inimigo, normas patriarcais ganharam terreno. Isto provou mais uma vez que patriarcado é uma proposta das classes dirigentes e que somente as atividades revolucionárias podem terminar com isso” (MIB 20, 2010: 48). Na concepção da organização, a luta contra o patriarcalismo não pode ser esquecida em nome da luta contra o Estado.

Entre as organizações acusadas de pertencer aos naxalistas, o *People's Committee Against Police Atrocities* em Lalgarh, alcançou notoriedade nacional ao propor e executar um novo tipo de desenvolvimento no qual, em poucos meses, foram construídas pequenas estradas, canais de irrigação, um centro de saúde e escolas²⁰⁵. Como forma de aproximar as pessoas da participação política, existem relatos das

²⁰⁵ Conforme notícia divulgada em: <<http://sanhati.com/news/1604/>>, acessado em 26.abr.2012.

decisões serem tomadas em grandes assembleias públicas em cada vila, excluindo assim o antigo sistema de decisões tomadas somente por um conselho de anciões ou algum político local. Para o pesquisador SINGHAROY (2004: 232), os naxalistas estavam se inserindo em Bengala Ocidental pelo menos desde 1995, atuando especialmente no sul do estado. Entre as suas organizações estariam o *Majdoor Krishk Sangram Samiti*, para os camponeses, e *Mahila Sangram Samiti*, para as mulheres.

Baseados nessa experiência, na localidade de Narayanpatna, no estado de Odisha, os naxalistas afirmam que os *adivasis*, encabeçados pela *Chasi Mulia Adivasi Sangh* (CMAS), planejaram uma nova revolta no mesmo modelo de Lalgarh (MIB 18, 2010: 21). Na ocasião quatro mil acres foram redistribuídos entre as populações locais e comitês foram elaborados para fiscalizarem e administrarem a região. Os guerrilheiros comemoraram o que seria uma nova revolta anti-imperialista e anti-feudal. Contudo, não desejando uma repetição de Lalgarh, o governo agiu rápido e atacou os revoltosos antes que as proporções dos eventos crescessem a ponto de atingir os mesmos patamares²⁰⁶. Atuando também em Koraput, o CMAS luta contra a invasão de terras indígenas por latifundiários não indígenas, combatendo a venda e o consumo de bebidas alcólicas, a principal causa da alienação de terras dos *adivasis* (RAMACHANDRAN 2011: 39).

Com um forte viés crítico, Banerjee afirma a incapacidade naxalista de propor um modelo mais amplo de desenvolvimento, capaz de atender as reais necessidades dos pobres do país, limitando-se a seus bastiões em Dandakaranya, Odisha e Bengala Ocidental (MIB 10, 2009: 79-80). Essa deficiência é admitida por Azad (Ibidem: 84), que ressalta ainda a dificuldade do movimento de adentrar as áreas urbanas como outra fraqueza dos maoístas indianos. Contudo, ressalta também que “[...] lições são desenhadas e medidas iniciadas para ratificar alguns erros e fraquezas”. Essas decisões, entretanto, são elaboradas pelo Comitê Central e repassadas para as bases, com poucas discussões internas. Como consequência dessa política, os membros dos *dalams* e os militantes de base são o segmento do Partido que mais cometem erros na aplicação das diretrizes do politburo.

Além de manterem suas organizações para um diálogo político com a população em geral, os guerrilheiros também possuem uma ramificação cultural, na qual procuram

²⁰⁶ Em seu boletim número 18 (2010: 21-29) os naxalistas descrevem a situação precária dos *adivasis* em Odisha, relatando um longo histórico de agitações patrocinadas e organizadas pela CMAS. Acreditam que os tribais alcançaram um alto grau de consciência na região e por isso aderiram a sua luta.

inserir os valores defendidos pelo PCI (Maoísta), mesclado com festas típicas dos indígenas. Um exemplo dessas grandes comemorações populares foi a festa em homenagem ao centenário da revolta em Bhumkal, celebrada em 2010 em toda a região de Dandakaranya (MIB 17, 2010: 22). Durante uma semana foi organizado um grande festival, contando com a participação de diversas vilas.

Outro evento cultural organizado pelo naxalistas é a *Jan Pitoori Sapthah* (Semana de Rebelião Popular), realizada anualmente entre 5 e 12 de junho, marcando uma semana de resistência contra as forças paramilitares e do *Salwa Judum*. Além de músicas e danças, são realizadas diversas reuniões e assembleias públicas visando à participação dos *adivasis* em integração com os naxalistas (MIB 18, 2010: 19).

4.1.2 – People’s Liberation Guerrilla Army (PLGA)

Quer viver uma vida de escravidão e indignidade e morrer de fome por permanecer dócil ou um manifestante pacífico [...] ou pegar em armas para erradicar completamente as raízes da supressão e opressão?

– Ganapathy

O *People’s Liberation Guerrilla Army* representa a ala armada do PCI (Maoísta), responsável por suas ações que envolvem combate contra as forças militares do Estado Indiano. Seu objetivo é transformar zonas de guerrilha em áreas base, de forma que o Partido possa controlar seus bastiões incontestavelmente. Como pregava Mao:

[...] o Exército Vermelho não deve de maneira alguma limitar-se apenas a combater; além de combater para destruir o poderio militar do inimigo, ele deve ainda assumir tarefas tão importantes como a de fazer propaganda no seio das massas, organizar as massas, armar as massas, ajudar as massas a instaurar o poder político revolucionário, e inclusive criar organizações do Partido Comunista. (MAO, 2004:79-80).

Em consonância com esse pensamento, Ganapathy afirma:

Não existe dúvida que a luta armada é a principal forma de luta na guerra popular. Mas a guerra popular não significa lutar usando somente armas. Essa é uma forma que viria à tona dependendo do nível de consciência das pessoas e da resposta estatal. Nós consideramos nossa guerra popular a ser consolidada e integrada como um todo no estágio revolucionário, que consiste de muitas maneiras: pacíficas/violentas, armadas/desarmadas e formas de organização abertas/secretas, legais/ilegais (MIB 20, 2010: 15).

Esse exército tem suas raízes relacionadas com a fundação do Exército Popular Guerrilheiro pelo antigo *Peoples War* em dezembro do ano 2000. Segundo afirmam os maoístas (MIB 5, 2008: 13) seu exército foi criado para vingar a morte de três lideranças militares importantes do PW: Shyam, Murali e Mahesh, presos, torturados e mortos sob custódia policial no ano anterior (MIB 13, 2009: 3). Com a fundação do PCI (Maoísta) decidiu-se manter o aniversário de formação do PLGA na mesma data, comemorada anualmente em um grande festival, entre os dias 2 e 8 de dezembro.

Na ocasião do 9º aniversário de formação do PLGA, os naxalistas reafirmaram que o objetivo do seu exército é derrubar o imperialismo, feudalismo e o capitalismo, responsáveis por oprimir e explorar a grande maioria da população indiana (Idem). Para tanto, utilizam-se da Guerra Popular Prolongada, sob a liderança direta da Comissão Militar Central, órgão guiado pelo PCI (Maoísta).

Para estabelecer a estratégia do movimento, baseada na resolução das contradições gerais da Índia (imperialismo, feudalismo e capitalismo comprador burocrata) e a tática, visando o enfrentamento de uma conjuntura específica (MIB 11, 2009: 56), o PLGA ganha papel relevante como forma de combate ao governo, ao preparar os militantes com uma disciplina teórica e prática. Essa perspectiva é importante, pois no início do movimento, uma de suas falhas mais significativas foi o despreparo militar dos membros do Partido.

Os princípios maoístas da guerra de guerrilhas mostram não ser possível enfrentar abertamente um inimigo mais poderoso somente por provocação. O ataque deve ocorrer quando a conjuntura das forças envolvidas for favorável, consolidando ganhos territoriais ou políticos (MIB 12, 2009: 8). Por isso, o Exército deve manter constante mobilidade, evitando ser atacados de surpresa ou eventuais ofensivas aéreas.

Ciente da impossibilidade naxalista de um enfrentamento convencional, Ganapathy afirma que no atual momento da guerra revolucionária, os guerrilheiros estão no estágio da defesa estratégica. Entretanto, ressalta que o inimigo (Estado) sofreu mais baixas entre os seus quadros do que os revoltosos, além de se mostrar incapaz de acabar com o movimento. Para o secretário-geral, o principal objetivo no momento são as construções de novas zonas de guerrilha, para depois transforma-las em áreas base (MIB 11, 2009: 33), conforme determinado no Congresso do Partido em 2007. Diante das crescentes ofensivas militares do governo, em nota divulgada pela Comissão Militar Central, os revoltosos alertam:

Devidamente, nós elevamos a força e a capacidade das comissões e comandos militares. Nós desenvolvemos a tática de guerrilha para poder lidar com as forças inimigas. Os princípios da guerra de guerrilha são implementados de forma firme e criativa. Nós tivemos que terminar com os métodos fracos e legalistas que eram vistos no PLGA. Nós temos que ficar aptos para enfrentar as piores condições; estar preparados para realizar sacrifícios; e lutar com coragem e determinação (MIB 13, 2009: 5).

Nesse contexto, almejando uma ampliação do potencial militar do PCI (Maoísta), Sonu, membro do comitê central, sugere um novo conceito para determinar o tipo de guerra travada pelos naxalistas. Segundo Sonu, o PLGA está melhorando para travar, ao invés de uma guerra de guerrilhas, uma guerra móvel:

[...] guerra de guerrilhas quer dizer que pessoas comuns pegam em armas para lutar contra forças modernas. Guerra móvel quer dizer que nós nos movemos adiante em grandes formações com táticas e habilidades militares. Na guerra de guerrilhas nós atingimos e corremos, na guerra móvel nós mantemos nosso território e enfrentamos o inimigo (MIB 1, 2008: 23).

Com a leitura dos Boletins maoístas foi possível mapear algumas situações nas quais essa estratégia foi utilizada. Porém, em determinados ataques os preceitos da guerra móvel não foram plenamente alcançados. Vejamos a seguir conflitos em que as forças naxalistas conseguiram infligir considerável dano às forças do governo:

1) Em Nayagarh (MIB 1, 2008: 1) os naxalistas conseguiram capturar mais de mil armas e grande quantidade de munições ao atacar três delegacias, um campo de treinamento e um local onde se guardavam armas no estado de Odisha. Afirmam que foi necessário um plano meticuloso, elaborado pelo seu Comitê Militar Central, com o apoio direto das massas como seus “olhas e ouvidos” (MIB 1, 2008: 3). Contando com a participação de 500 pessoas, entre militantes e apoiadores (MIB 4, 2008: 28).

2) Em Balimela (MIB 3, 2008: 8) foi realizado o maior ataque contra os Greyhounds, com a morte de 40 membros desse grupo especial de Andhra Pradesh. Segundo os naxalistas, tal feito somente foi possível porque os militares acreditaram em informações falsas, plantadas pelos guerrilheiros. Esse ataque recebeu atenção especial de especialistas, ao afirmarem “[...] os Maoístas, pela primeira vez, mostraram suas habilidades na guerra anfíbia quando decidiram atacar uma lancha dentro do reservatório de Balimela [...]” (CHAKRABARTY e KUJUR, 2010: 12).

3) 11 policiais foram mortos na explosão de uma única mina terrestre no estado de Jharkhand (MIB 4, 2008: 12), em 30 de agosto de 2008.

4) Com um audacioso plano, cerca de 200 naxalistas realizaram um ataque coordenado contra 11 policiais que trabalhavam na proteção da empresa de mineração NALCO, em Odisha (MIB 7, 2009: 24).

5) Com a elevação da violência no estado de Chhattisgarh, em 20 de outubro de 2008, 12 policiais foram mortos em uma emboscada (MIB 7, 2009: 15).

6) 10 policiais foram mortos em um ataque em Bihar durante protestos populares, mobilizando mais de 200 *adivasis* (MIB 7, 2009: 3).

7) Em resposta a morte do companheiro Vikas, os naxalistas realizaram quatro emboscadas coordenadas em 12 de julho de 2009 em uma distância de cerca de 20km entre cada localidade. Gudsa Usendi²⁰⁷, porta voz para *Dandakaranya Special Zone Committee* explica detalhadamente como ocorreram os ataques e seu planejamento (MIB 11, 2009: 58). Isso demonstra o alto grau de organização do Partido e do PLGA, para execução de uma tarefa complexa em um dos principais redutos de confronto entre o governo e os guerrilheiros. Os revoltosos mataram mais de 40 membros de diferentes forças especiais²⁰⁸.

8) Ataque realizado no distrito de Rohtas, em Bihar, contra uma escola utilizada como acampamento pelo *Border Security Force* (BSF). A ação ocorreu de forma rápida e envolveu a participação de 300 naxalistas (MIB 8, 2009: 28). Apesar das forças governamentais fugirem sem sofrer baixas, o prédio da escola foi destruído.

9) Execução de lideranças do BJP em Chhattisgarh, alegando que os mesmos haviam tentado entregar membros do PCI (Maoísta) para os policiais, além de realizarem ações antissociais, como extorsão e intimidação de *adivasis*. Para os naxalistas, os membros do BJP foram mortos “[...] de acordo com a demanda do povo da localidade” (MIB 8, 2009: 31).

10) Ataque contra um ônibus militar no distrito de Dhamtari, dentro da região de DK, no qual haviam membros do CRPF. Ao total, 12 militares foram mortos na explosão de uma mina (MIB 8, 2009: 56).

²⁰⁷ Gudsa Usendi entregou-se para a polícia em no início de 2014, alegando problemas de saúde, entretanto, para o PCI (Maoísta) Usendi foi um oportunista e busca na sua rendição uma vida de luxo, uma vez que, por render-se em AP, segundo o plano de reabilitação do estado, ele tem direito a ficar com a recompensa oferecida contra ele de 20 *laks*. Disponível em: <<http://timesofindia.indiatimes.com/city/raipur/CPI-Maoist-issue-statement-on-surrender-of-Gudsa-Usendi/articleshow/28735422.cms>>, acessado em 20.fev.2014.

²⁰⁸ Dois CRPF mortos Bijapur; seis CRPF em Dantewada, 16 policiais em Dhanora, 10 em Goelkera, 10 em Kunti, nove forças especiais em Odisha, dois sub-inspetores em Odisha e três policiais em Bankura (MIB 9, 2009: 23)

11) Mostrando organização e ousadia, os naxalistas realizaram um ataque durante o dia contra um acampamento dos *Eastern Frontier Rifles*, na cidade de Silda, em West Midnapore, Bengala Ocidental, próximo a Lalgah (MIB 15, 2010: 48). Foram assassinados 24 paramilitares, além de um grande número de armas modernas terem sido roubadas.

12) O maior ataque maoísta já realizado contra as forças do governo ocorreu em uma emboscada no distrito de Dantewada, na qual 76 homens do CRPF foram mortos, em plena Operação Green Hunt. Os naxalistas afirmam que conselheiros militares (como KPS Gill e Prakash Singh) falharam em suas tarefas, pois não foram capazes de prever ou orientar contra essa investida (MIB 16, 2010: 10). Esse evento causou grande revolta entre os paramilitares, temerosos por sua segurança. Essa operação foi realizada por 300 revoltosos²⁰⁹, enquanto um grupo atacava os membros do CRPF, outro grupo impedia a chegada de reforços. Para RAMACHANDRAN (2011: 27), esse ataque “[...] demonstrou uma formidável capacidade de planejamento e execução de grandes operações hoje em dia”, ao mover grande número de tropas sem serem notados pelas forças de segurança.

13) Em um novo ataque contra um ônibus causou a morte de 16 membros de forças paramilitares, em sua maioria pertencentes ao *Koya Commando Force* no distrito de Dantewada, em Chhattisgarh (MIB 17, 2010: 7). Esse ataque foi muito polêmico porque houve a explosão de uma mina no ônibus que transportava os agentes, entretanto, o ônibus era civil e transportava também um grande número de *adivasis*. Em nota os naxalistas disseram que houve uma confusão e pensaram que o ônibus fosse exclusivamente militar. Contudo, também acusaram o governo de usar civis como escudo humano e alertaram para as pessoas descerem dos ônibus, caso algum militar embarque neles.

²⁰⁹ “[...] no land-mines or pressure mines were used in wiping out the enemy forces. Only one land mine was used which ripped apart the bullet proof vehicle (there was no mine-proof vehicle) killing the driver”. ([...] nenhuma mina terrestre ou de pressão foi usada para aniquilar as forças inimigas. Somente uma mina terrestre foi usada para atingir a veículo a prova de balas (não havia veículo à prova de minas) matando o motorista). Ou ainda em outra parte na mesma página “The media has tried to make it appear as if the Maoists were highly trained due to the acute shortage of ammunition which they can ill-afford to waste away on training” (MIB 16, 2010: 10). Os naxalistas afirmam que essa emboscada foi planejada em represália ao *Salwa Judum*, a Green Hunt e toda a exploração que passa os *adivasis*. Chidambaram, então ministro de assuntos internos, afirma que os estados da união indiana possuem uma responsabilidade maior do que o governo central para lidar com os naxalistas (por esses serem um problema de lei e ordem), justificando que os projetos de desenvolvimento também devem ser de responsabilidade dos estados (MIB 16, 2010: 36). Esse ataque trouxe respostas ríspidas do governo, que afirmou a necessidade de “aniquilar” os naxalistas antes de falar em desenvolvimento. Disponível em: <<http://www.outlookindia.com/news/printitem.aspx?6788871>>, acessado em 28.mar.2012.

14) Ampliando sua precisão na realização de ataques, no dia 8 de maio de 2010, explodiram sua primeira mina em uma *National Highway*, destruindo completamente um veículo militar a prova de balas (MIB 18, 2010: 37). Essas rodovias normalmente, por serem mais movimentadas, não são usadas para emboscadas pelos guerrilheiros, mas sua precisão no ataque foi tamanha que somente o seu alvo foi alvejado.

Para a concretização de muitas dessas ações a obtenção de explosivos foi essencial e as empresas mineradoras existentes perto de seus bastiões são o alvo preferencial (MIB 1, 2008: 7). Para Azad, ações de sabotagem envolvendo explosões contra torres de comunicação ou energia, devem ser realizadas de maneira mais seletiva possível, visando um transtorno mínimo para a população civil (MIB 10, 2009: 86). Caso contrário essas ações podem arranhar a popularidade da guerrilha. Para K. P. SINGH (2008: 14) os naxalistas tornaram-se mestres na arte do explosivo e utilizam minas com controle de fio “[...] mais difíceis de neutralizar porque são imunes a interferência eletrônica”. Ainda segundo o autor: “[...] estima-se que os naxalistas causaram aproximadamente 100 explosões de minas terrestres em cada ano. Policiais viajando em veículos são as vítimas mais regulares desses ataques”. RAMACHANDRAN (2011: 51) amplia esse panorama, ao afirmar que o uso de explosivos, especialmente os IED “[...] tem afetado pesadamente as forças de segurança”, representando 40% das mortes de oficiais em Chhattisgarh entre 2007 e 2010, além de 70% dos feridos entre 2008 e 2010. Há algum tempo o governo identificou essa estratégia naxalista (AR, 06/07: 27) e, para contrapô-la, providenciou a compra de novos veículos blindados, mas nem sempre são suficientes ou eficientes.

Nesse contexto, como política para aquisição de armamentos está incluída a apropriação de armas das forças de segurança, além da compra de qualquer organização interessada em vender, incluindo aqui membros de partidos políticos tradicionais, tais como o CPM, conforme afirmou o próprio Ganapathy (MIB 11, 2009: 25). Para o secretário-geral, quando existem interesses em comum, também podem lutar ao lado de outros partidos de esquerda parlamentar, como o Trinamool ou o CPM. Essa ideia expõe uma flexibilidade estratégica defendida pelas novas lideranças do partido. Ainda assim, a maioria das armas utilizadas pelo PLGA são as mesmas da polícia, uma vez que a principal fonte de armamentos da guerrilha são os materiais abandonados ou capturados das forças paramilitares, como enfatizou Usendi (MIB 11, 2009: 63) em entrevista. Para Chidambaram, os naxalistas estão adquirindo armamento com maior sofisticação devido a contatos com grupos do exterior, aumentando sua força militar

para ataques mais ousados. Contudo, os guerrilheiros afirmam que seu armamento está melhorando porque a polícia e as forças paramilitares também utilizam armas sofisticadas (MIB 12, 2009: 53).

Atualmente o PLGA está empenhado em construir e consolidar milícias locais, mais conhecidas como *dalams*, como forma de garantir apoio estratégico para a realização de ações maiores, organizadas pela sua Comissão Militar Central. Essa atitude visa também à manutenção dos espaços conquistados pelos guerrilheiros, argumentando que “[...] somente armando as pessoas de forma geral é possível defender os órgãos de poder popular” (MIB 13, 2009: 5), não ficando assim isolados em uma guerra contra as forças do governo.

Além disso, como política partidária os naxalistas não recrutam ninguém com menos de 16 anos para os seus quadros (MIB 5, 2008: 30), pois os jovens não estariam completamente preparados antes dessa idade para assumir tamanha responsabilidade. Contudo, existem relatos na mídia²¹⁰ apontando para o recrutamento e treinamento em escolas, envolvendo crianças. Como resposta, os guerrilheiros alegam que essas crianças frequentam as escolas do movimento e seus alunos são preparados com material teórico e prático para enfrentar o inimigo, mas isso não significa sua participação como membros do PLGA. Para Ganapathy, por estarem em uma Zona de Guerra, as crianças crescem em um ambiente diferenciado e se tornam maduras mais cedo, participando dos conflitos de maneira indireta. Mas o líder naxalistas reforça a política partidária de não permitir adesões ao Partido antes da idade mínima estabelecida (MIB 12, 2009: 57).

4.2 – Ideologia

A verdade do oprimido é diferente da verdade do opressor

– Ganapathy

²¹⁰ Conforme divulgou o especialista Rajat KUJUR, disponível em: <<http://www.ipcs.org/article/naxalite-violence/child-soldiers-of-the-naxal-movement-2738.html>>, acessado em 15.mai.2013. A organização *Human Rights Watch* chama a atenção para o fato de que tanto os naxalistas, como os militantes do *Salwa Judum* utilizam-se de crianças. Disponível em: <<http://www.hrw.org/reports/2008/india0708/10.htm>>, acessado em 18.abr.2013. Na opinião de Azad, “esse mito foi deliberadamente criado e espalhado pela polícia, pelos partidos dominantes e por analistas empregados pelas forças reacionárias” (MIB 12, 2009: 16).

Em um de seus documentos de fundação, os guerrilheiros afirmam ser o Marxismo-Leninismo-Maoísmo²¹¹ (MLM) à ideologia unificadora do movimento e seu principal adversário no campo ideológico é o revisionismo, ou seja, participação nas eleições pelos partidos de esquerda ou críticas aos atos praticados pelo PCI (Maoísta). Para o Partido, a Ideologia é importante porque garante a consciência de classe das massas, conquistando assim a mobilização das pessoas para ampliarem seus direitos e protegerem as conquistas populares do Partido, além de evitar que o governo ganhe terreno entre os *adivasis*, principal base de apoio dos revoltosos (MIB 13, 2009: 6).

Em consonância com essa percepção de ideologia, RAY (2013: 9) concorda com o caráter social de conscientização alavancada pelo discurso ideológico, dentro de circunstâncias sociais específicas, sejam elas individuais ou coletivas. Para o autor, o termo dialoga com aspectos sociológicos, antropológicos, biológicos e psicológicos simultaneamente, trazendo um caráter de socialização. Essa perspectiva é importante ao lembrarmos o senso comunal muito presente entre os *adivasis*. Nesse mesmo sentido, EAGLETON (1997: 13) destaca o caráter de emancipação política e libertação provenientes de um discurso ideológico bem estruturado e constituído para um público e um local onde se torna “válido”.

Uma definição mais precisa, pode ser encontrada na filosofia política, ao relacionar ideologia enquanto ideias postas em prática: “[...] conjunto de ideias pelas quais os homens [*sic*] postulam, explicam e justificam os fins e os meios da ação social organizada, e especialmente da ação política, qualquer que seja o objetivo dessa ação, se preservar, corrigir, extirpar ou reconstruir uma certa ordem social” (SELIGER apud EAGLETON, 1997: 20).

A opção pelo maoísmo é explicada por Katakam Sudarshan, secretário do departamento regional do PCI (Maoísta): “É a única estratégia correta e apropriada na Índia para lidar com um inimigo superior, tomando vantagem do vasto terreno, estrutura deficiente em áreas atrasadas, uma população agrária gigantesca e brigas entre as classes dirigentes. Nós estamos preparados para uma guerra popular prolongada” (MIB

²¹¹ Em uma interessante interpretação para a definição de Maoísmo, CHAKRABARTY e KUJUR (2010: 9) afirmam: “As an ideology, Maoism addresses the genuine socio-economic grievances of the people in the affected areas by mapping out an exploitation-free social order that remains the primary goal of the movement. The aim may remain unfulfilled though there is no doubt that Naxalites are inspired to believe that the Maoist objective of an equitable society will surely be attained”. (*Como uma Ideologia, Maoísmo refere-se genuinamente aos problemas socioeconômicos das pessoas nas áreas afetadas, mapeando uma comunidade sem exploração que permanece como objetivo principal do movimento. O objetivo pode permanecer incompleto, embora não haja dúvidas de que os Naxalistas acreditam que o objetivo maoísta de uma sociedade equitativa certamente será atingido*).

13, 2009: 27). Na interpretação naxalista, o maoísmo os nutre com as teorias e as metodologias capazes de garantir a vitória para o seu movimento. De acordo com CHAKRABARTY e KUJUR (2010: 1) o Maoísmo reflete uma visão marxista para o mundo não industrializado e, em tempos de neoliberalismo, apresenta-se na Índia como uma voz contundente e crítica ao modelo de desenvolvimento de derrubar florestas. Além disso, conforme os autores, essa ideologia é responsável por dar voz à parcela periférica da sociedade do país, além de caracterizar um movimento orgânico, no sentido defendido por Gramsci.

Contudo, contrariando essa posição D. RAJA (2008: 8) acredita que a ideologia naxalistas encontra-se em um momento de confusão, pois lhe carece identidade, sugerindo uma falta de interesse do PCI (Maoísta) em mudar o sistema porque falta competência para tanto. Para o autor, se os naxalistas realmente planejam chegar ao poder, necessitam adequar suas estratégias e táticas, ampliando seu discurso ideológico para além da proteção ambiental, dos indígenas ou dos pequenos agricultores. Assim como Raja, RAY (2013: 46) apresenta um forte viés crítico a ideologia naxalista e a sua concepção de sociedade, acusando-os de abstração na busca de legitimidade. Para o autor: “A vida do terrorista é, completamente óbvio, não a mesma da vida da sociedade. As determinações na qual sua vida é formulada são longe de ser universal, nem mesmo divididas entre aqueles que lhe concedem suporte material”.

Longe de um discurso abstrato ou distante da realidade, EAGLETON (1997: 22-23) destaca que um discurso ideológico somente vai atingir o seu objetivo quando elaborado com base nas questões centrais de uma determinada ordem social, como o político. Nessa lógica, dificilmente os interesses naxalistas teriam apoio entre os *adivasis* se não houvesse uma identificação real com o discurso maoísta. Portanto:

Em resumo, para terem êxito, as ideologias devem ser mais do que ilusões impostas e, a despeito de todas as suas inconsistências, devem comunicar a seus sujeitos uma versão da realidade social que seja real e reconhecível o bastante para não ser peremptoriamente rejeitada. Podem ser, por exemplo, muito verdadeiras no que declaram, mas falsas naquilo que negam – como são, segundo John Stuart Mill, quase todas as teorias sociais (EAGLETON, 1997: 27).

Para um grupo de intelectuais indianos²¹², o modo de vida dos tribais, que vivem em um ambiente com poucas desigualdades sociais entre eles, dialoga diretamente com

²¹² Essa ideia foi defendida em uma carta aberta contra a Operação Green Hunt. Disponível em: <<http://forumpunjab.wordpress.com/2009/11/18/stop-war-against-the-people/>>, acessada em 29.abr.2013.

essa ideologia, que defendem um mundo livre de exploração e com uma sociedade igualitária. Além disso, os naxalistas disseminam ideias sobre o fim da tirania e da exploração, ações sofridas pelos *adivasis* no seu dia a dia. Dessa forma, encontra-se um denominador comum entre a ideologia maoísta e a realidade enfrentada pela maioria dos povos originários da Índia, por isso essas ideias são bem aceitas e conseguem mobilizar as pessoas entorno dos revoltosos.

Nesse sentido, para os guerrilheiros sua ideologia é uma forma de resistência, pois combate a ideologia dominante, construída por intelectuais “autoproclamados”, que “[...] estabelecem a supremacia ideológica da classe dominante, santifica o Parlamento e as instituições democráticas”, providenciando “[...] a justificativa ideológica e intelectual para o massacre de populações inteiras” (MIB 16, 2010: 14). Para tanto, esses intelectuais evocam um nacionalismo exacerbado e defendem que os interesses nacionais devem ser preservados, contra os interesses dos “terroristas”. Por isso o governo tende a perseguir intelectuais favoráveis ou parcialmente favoráveis ao ideário naxalistas, porque “fugiram” da sua lógica.

A ideologia naxalista não visualiza a classe média como um aliado confiável, especialmente na atual conjuntura indiana de crescimento econômico, levando a classe média a atravessar um período eufórico, capazes de atingir um novo patamar de consumo: “[...] para a classe média, consumir produtos transformou sua vida como nunca: de caixas idiotas para smart phones, milhares de aparelhos eletrônicos que agora definem a existência da classe média [...]”, e prosseguem “[...] a cultura de consumo mudou radicalmente a perspectiva, os hábitos, os costumes e o modo de vida da classe média. Uma vez preso ao consumismo não existe caminho para sair disso. A tentação é irresistível” (MIB 16, 2010: 3). Mas também ponderam para o fato desse segmento social ser o mais afetado pelas crises econômicas que desestabilizam diversos países, incluindo a Índia, possibilitando assim uma visão crítica do crescimento indiano. Portanto, Ganapathy acrescenta:

A vida e o modo de vida da classe média é seriamente afetada pelas políticas pró-imperialista das classes dominantes, pela crise econômica que está sacudindo o mundo e não por nossa causa. As propriedades que seriam confiscadas como parte da nova revolução democrática pertencem aos latifundiários, a grande burguesia e as corporações imperialistas e a ninguém mais (MIB 20, 2010: 14).

Existe uma diferenciação importante feita pelos naxalistas a respeito da classe média. Uma parcela dessa população, com acesso a empregos em multinacionais, é considerada *comprador*, por terem ligações próximas a interesses contrários aos da nação. Enquanto isso, outra parcela da classe média é *nacional*, porque mantem interesses para um desenvolvimento nacionalista (BANERJEE, 2008: 48). Contudo, esse nacionalismo não deve ser confundido com um hinduísmo radical, por isso a prudência com relação às políticas de aproximação com essa classe.

Seguindo os preceitos maoístas da Nova Revolução Democrática, é necessário combater os elementos perpetuadores das desigualdades sociais na Índia. Nesse contexto, os principais obstáculos dessa nova etapa seriam a questão semifeudal e semicolonial do país, administrada por um sistema neocolonial. A principal premissa maoísta, desde a sua fundação, é a contradição existente no campo (Ibidem: 30), por isso a ênfase no caráter semifeudal da Índia. Nesse sentido, existem avanços no campo, mas resquícios de um sistema “feudal” são permanentes, como a falta de justiça social, a prevalência do caráter religioso e o patriarcalismo.

Contudo, para RAY (2013: 6) o uso desses termos por parte dos naxalistas é problemático e possuem a função de conectar os indianos com o comunismo internacional, além de ser um mecanismo de união dos revolucionários em toda a Índia. Segundo o autor:

Semifeudalismo provem de um esquema no qual a economia indiana é vista como progredindo de um estado de feudalismo para um estado de capitalismo, no qual semifeudal é um estado intermediário. Nesse sentido de transição do feudalismo para capitalismo, o evento Naxalista provocou um debate acadêmico em conexão com a concepção de avanço do “modo colonial de produção” (Ibidem: 161).

Azad, em seus escritos teóricos, compartilha a mesma visão, pois para o porta-voz naxalista a Índia é semicolonial porque seus interesses estão presos aos interesses das grandes multinacionais e do imperialismo. Também é semifeudal porque as relações feudais no campo permanecem inalteradas, apesar de um pequeno avanço capitalista no setor (MIB 19, 2010: 61) e isso é muito relevante ao considerar que a maior parte da população vive no campo. Dessa forma, conforme exposto por RAY (2013: 179), os naxalistas tentam atrair a atenção para os principais problemas enfrentados pela população rural (exploração e pobreza) e a fraca participação da Índia enquanto um ator internacional.

Segundo uma das definições sugeridas por EAGLETON (1997: 39) para ideologia, existe um campo discursivo no qual “[...] questões centrais para a reprodução do poder social como um todo [...]” estão em conflito, e não é necessário que a ideologia se apresente com um discurso verídico, “[...] mas como um tipo de fala retórico ou persuasivo, mais preocupado com a produção de certos efeitos eficazes a propósitos políticos [...]”. Dessa forma, definir a Índia enquanto semicolonial procura aproximar o discurso naxalista de uma camada específica da população, capaz de compreender os escritos ideológicos do Partido. Essa camada é constituída pelos intelectuais urbanos anti-imperialistas.

O uso da violência é visto como necessário para responder a violência estatal e defendem sua necessidade contra as ideias consideradas revisionistas, como a simples participação do processo eleitoral. Conforme o ideólogo naxalista Charu Majumdar, a violência deve ser perpetuada não pelos elementos pequenos burgueses do partido, mas pelos próprios indígenas e explorados da terra, como forma de liquidar qualquer autoridade política, econômica ou social (BANERJEE, 2008: 128) que ainda permaneça no inconsciente. Essa seria uma forma de libertação para o início da nova sociedade, consistindo na inversão da ordem vigente²¹³. Nesse sentido, Žižek argumenta que a suposta “paz” entre as classes na verdade é resultado da vitória ideológica de um dos lados, por isso a luta representa uma forma de um desses lados demonstrar sua insatisfação com os valores preconizados por uma ideologia hegemônica. Para o autor:

[...] não é possível isolar nenhum processo ou mecanismo social ‘objetivo’ cuja lógica mais íntima não implique a dinâmica ‘subjetiva’ da luta de classes; ou, dito de outra maneira, *a própria ‘paz’, a ausência de luta, já é uma forma de luta*, é a vitória (temporal) de um dos lados na luta. Na medida em que a própria invisibilidade da luta de classes (a ‘paz de classes’) já é um efeito desta – ou seja, da hegemonia exercida por um dos lados na luta [...] (ŽIŽEK, 2010: 28)

Enquanto isso, para os guerrilheiros: “[...] o maoísmo ensina que a autopreservação somente é possível por meio da guerra. Você não pode fazer autodefesa contra um inimigo extremamente cruel e poderoso submetendo-se a ele humildemente” (MIB 12, 2009: 7). Dessa forma, a ideia de “contra violência” aparece constantemente nos boletins maoístas como um modelo de reação, seja contra a violência física, seja

²¹³ BANERJEE (2008: 177) chama a atenção para que essa violência não se torne indiscriminada, pois isso termina por levar o movimento para uma alienação, ao invés de aglutinar mais forças, como já ocorreu em outras revoltas encabeçadas pelos naxalistas.

contra a violência sistêmica. Segundo CHANDAN e JOSEPH (2011: 6): “Morte e desaparecimentos, detenções ilegais, execuções extrajudiciais, deslocamentos forçados e mudanças no seu modo de vida é o que os tribais enfrentam diariamente”, e essas circunstâncias resultaram em maior militarização do conflito.

Nesse contexto, os naxalistas procuram incentivar o pensamento crítico entre seus simpatizantes e admitem que uma das grandes forças motriz do seu movimento, além da ideologia, é a raiva, por causa das situações de miséria e violência a que são submetidos os *adivasis* (MIB 12, 2009: 19), tanto por parte do governo, quanto por parte de algum senhor de terras local. Esse pensamento crítico vai ao encontro da proposta de Lukács de autorreflexão, para o sujeito histórico compreender a sua realidade em uma perspectiva ampla (social, econômica e política). Nas palavras de EAGLETON (2010: 181):

[...] Lukács contornou esses dilemas com a introdução da categoria de *autorreflexão*. Há certas formas de conhecimento – em especial, o *autoconhecimento* de uma classe explorada – que, embora rigorosamente históricas, são capazes de desnudar os limites de outras ideologias e, desse modo, desempenhar o papel de uma força emancipatória.

Seguindo essa mesma linha, muito além do sentido clássico marxista de ideologia enquanto uma falsa consciência, ŽIŽEK (2010: 312) propõe:

O próprio conceito de ideologia implica em uma espécie de ingenuidade constitutiva básica: o desconhecimento de seus pressupostos, de suas condições efetivas, a distância, a divergência dela. É por isso que tal ‘consciência ingênua’ pode ser submetida a um processo crítico ideológico. A meta desse processo é levar consciência ideológica ingênua a um ponto em que ela possa reconhecer suas próprias condições efetivas, a realidade social que ela distorce e, mediante esse ato mesmo, dissolver-se.

Para os maoístas, as elites indianas apavoram-se quando os pobres revidam a violência cotidiana e consideram sua revolta como uma rebelião de escravos, cuja única serventia é depositar seus votos a cada cinco anos (MIB 12, 2009: 54). Opondo-se a famosa resistência pacífica e não agressão defendida por Gandhi, métodos totalmente desacreditados pelos naxalistas, os revoltosos procuram quebrar a ideia do monopólio da violência pelo Estado, mostrando para os povos subalternos que sua resistência deve ser proporcional ao seu sofrimento (MIB 13, 2009: 8). Apesar do grande número de atos violentos perpetrados pelo grupo, são contra o assassinato de inocentes e lançam notas de pesares quando isso acontece (MIB 4, 2008: 9).

Para o uso ideológico da violência, RAY (2013: 46) propõe outra visão, na qual: “[...] sugere que a literatura [*naxalista*] esconde um quadro de auto definição e aspiração que se apropria desses significados em ações, que aposta no significado do terror. É nessa ideologia existencial escondida que a crise espiritual constitutiva do compromisso terrorista toma forma”. Segundo o autor, a violência naxalista é fruto do narcisismo dos seus ideólogos, incapazes de dialogar na sociedade democrática.

Divergindo dessa posição, Azad enfatiza que é uma “contra violência”, pois “[...] as forças semifeudais do interior somente tem a violência como instrumento de controle” (MIB 19, 2010: 62). Dessa forma, realizam uma resistência à violência sistêmica sofrida pelos subalternos, como as humilhações de castas, além da fome e das doenças curáveis, cujo acesso aos medicamentos é negado pelo sistema, por isso lutar contra essa violência é legítimo. Em uma inversão de valores, Azad afirma que o problema não é a violência praticada pelo Partido, mas a justiça social empregada pelo seu movimento contra as elites dirigentes. Para porta-voz naxalista é impossível isolar a questão da violência sem levar em consideração a “violência estrutural” praticada pelo sistema contra os mais humildes (Ibidem: 63):

Então, para resumir, a violência é endêmica nesse sistema brutal. Alguém não pode compreender a necessidade da violência revolucionária a não ser que entenda a natureza fascista do Estado, a crueldade das forças estatais, torturas, *fake encouters*, banimentos de reuniões pacíficas e a violência contra os direitos democráticos das pessoas. A natureza fascista do estado é exposta quando confrontado com um poderoso movimento popular, como nós estamos vendo em todas as áreas de atividade do movimento Maoísta. (Ibidem: 65).

Para RAY (2013: 182), entretanto, essa visão pode ter um explicação espiritual, ligada às características culturais do país, como o Karma-yoga, na qual o indivíduo transcende de uma perspectiva contemplativa da vida para uma perspectiva ativa, capaz de enfrentar grandes desafios para encontrar a “justiça”.

Nesse mesmo sentido, para Ganapathy a violência praticada pelas elites, como latifundiários e grandes empresas, e pelo governo não pode ser comparada com a violência empregada pelos naxalistas, porque sua reação é a do oprimido e deve ser vista como um ato de libertação e autodefesa (MIB 12, 2009: 55). Em consonância com essa tese, um surpreendente artigo de Sumanta Banerjee, afirma que a violência praticada pelos *adivasis* por meio do PCI (Maoísta) é compreensível na medida em que é vista como uma resposta a ações praticadas pelo Estado. Na opinião do autor:

Por muitos anos, as suas necessidades básicas não foram somente ignoradas pelo estado, mas em qualquer momento que eles tentassem expor suas demandas econômicas por meios pacíficos – como demonstrações pedindo um preço maior pela coleta das folhas de *tendu*, ou acesso aos produtos florestais – eles foram impetuosamente massacrados pela polícia²¹⁴.

Para os naxalistas, quando a violência é perpetrada pelo Estado e “[...] os líderes políticos, a burocracia, o judiciário não têm olhos, ouvidos ou boca para falar das atrocidades cometidas contra o povo. Então é o povo, e somente o povo, que deve fazer uma forte resistência para cada atrocidade policial cometida contra eles” (MIB 15, 2010: 3). Por isso, nesse raciocínio, os ataques e a violência do grupo são garantias de uma transformação “[...] de massas de *adivasis* sem consciência e sem armas em um grupo consciente, realizando guerra de guerrilha contra uma força superior moderna e melhor treinada” (Ibidem: 4), ajuda a destruir o poder simbólico dessas instituições.

Enquanto a classe média indiana²¹⁵ desenvolveu a tese de que os indígenas estão no meio de um fogo cruzado entre o governo e os guerrilheiros, desejando somente viver no seu modo tradicional, para os naxalistas não existe indiferença entre os indígenas. Portanto, o crescimento do Partido deve-se ao posicionamento combativo dos povos originários. Segundo os maoístas, devido à dor e sofrimento a que são obrigados a passar, os *adivasis* se posicionam do lado daqueles que procuram ajudar-lhes: “As pessoas que sofrem indescritíveis atrocidades sabem melhor e é sua demanda que os Maoístas deveriam efetivamente explodir as forças que estão causando terror nas pessoas. Por isso famílias inteiras estão se juntando ao Partido e ao PLGA” (MIB 12, 2009: 20).

Com a concepção radical defendida pelo naxalistas, as massas estão divididas em três categorias: reacionários, setores intermediários (que são vacilantes e podem apoiar ambos os lados) e os revolucionários. Por isso, não existe “inocente” no conflito, muito menos o “ingênuo” que só deseja morar em paz. Nessa lógica os reacionários devem ser suprimidos, enquanto os outros setores precisam ser politizados (MIB 19, 2010: 64) e a luta armada colabora com esse processo.

²¹⁴ No mesmo artigo o autor ainda relata denúncia feita pela revista *Tehelka*, demonstrando como os policiais são temidos nas áreas dominadas pelos naxalistas por causa dos *fake encounters* e as atrocidades que cometem contra a população civil em geral. Disponível em: <<http://sanhati.com/articles/2259/>>, acessada em 30.mai.2013.

²¹⁵ Conforme artigo desenvolvido por D’SOUZA, no qual a autora critica a posição de uma parcela da classe média indiana que visualiza os tribais como agentes sociais sem voz e, justamente por isso, precisariam de alguém para defendê-los. Para a autora, assim como os naxalistas, essa visão não condiz com a realidade de luta tanto dos *adivasis* quanto dos demais trabalhadores rurais pobres.

As negociações de paz envolvendo o governo e guerrilheiros constantemente esbarram na deposição ou abdicação das armas pelos revoltosos. Nessa questão, Ganapathy demonstra uma firme posição e acrescenta: “[...] é nada mais do que uma farsa e uma ilusão do governo pedir para as pessoas abdicarem da violência enquanto o estado continua com a violência. Ele está violando suas próprias leis e massacrando as pessoas [...]”, e prossegue “[...] ele (*governo*) está tentando distrair a atenção dos verdadeiros problemas ao fazer isso”. Para se livrar da opressão das classes dominantes, Ganapathy ressalta: “[...] só existe uma maneira das pessoas atingirem sua libertação e este caminho é as armas” (MIB 20, 2010: 8).

Na ideologia naxalista, não tem sentido participar das eleições porque elas são uma farsa (MIB 7, 2009: 38) e os maoístas alegam que a cada ano, nas áreas onde dominam, as pessoas participam cada vez menos das eleições, por causa da ampliação de sua consciência. Dessa forma, acusam os partidos de oferecerem comida e transporte em troca de votos (MIB 7, 2009: 39) e de somente administrarem a miséria do povo, já que para os políticos e as classes dirigentes não é interessante mudar essa situação. Para os revoltosos: “As eleições não trazem uma mudança radical no sistema, algo muito necessário, pois os *adivasis* sofrem com a exclusão e injustiça” (MIB 7, 2009: 48), por isso acreditam que o caminho revolucionário é o único que pode levar a libertação e autonomia dos mais humildes.

Entretanto, essa posição contradiz teorias importantes do comunismo revolucionário, tais como as elaboradas por Lenin para quem o parlamento deve ser utilizado como mais um instrumento contra o inimigo, ao reunir militantes convictos e completamente integrados à disciplina partidária. Ignorar a questão parlamentar simplesmente “saltando” sobre esse problema não é a melhor solução para o autor: “Manifestar o revolucionaríssimo somente através de invectivas contra o oportunismo parlamentar, apenas condenando a participação nos parlamentos é fácilimo; mas, exatamente por ser muito fácil, não representa a solução para um problema difícil, difícilimo” (LENIN, 1920: 30). Dessa forma, o parlamento também é um espaço precioso de denúncias contra os abusos estatais e a má governança.

Ainda sobre as eleições afirmam que a mídia falta com a verdade ao dizer que eles impedem as pessoas de votar, ou que realizam atrocidades, tais como cortar os dedos daqueles que votam, ou violentar as mulheres (MIB 7, 2009: 43). Para BANERJEE (MIB 10, 2009: 77) apesar de seu discurso contrário às eleições, os naxalistas hoje apresentam uma visão diferente dos anos 1970, quando ameaçavam as

peças de morte caso fossem votar. Atualmente, muito devido à mudança nas lideranças, os maoístas chamam para a não participação em eleições, mas não atacam aquele que decide votar, mesmo em regiões de preponderância vermelha. Entretanto, ataques contra centro de votações e a escolta policial devido às eleições ainda são constantes, o que termina por vitimar os votantes.

Em defesa de suas convicções, em argumentos elaborados por Azad, os naxalistas culpam à propaganda da mídia, que “vende” a democracia como algo positivo e saudável para a nação, manipulando as pessoas com grandes personalidades de Bollywood, jogadores de críquete, industriais bem sucedidos, entre outros, que aparecem na televisão para incentivar e induzir as pessoas ao voto (MIB 10, 2009: 82). Essa posição dialoga com a percepção de Gramsci a respeito da hegemonia das classes dominantes. Para o autor a hegemonia acontece de maneira sutil em cada aspecto da vida, no nível da significação. Dessa forma, ao negar a participação no processo eleitoral, os naxalistas também negam a aceitação das eleições enquanto um processo democrático válido, não participar das eleições é combater a hegemonia dominante, pois os eleitos não são legitimados para seus cargos.

Para os naxalistas não existe democracia se a população está em situação de miséria e opressão devido à violência estrutural praticada pelo Estado (MIB 13, 2009: 57). Portanto, as eleições servem somente para levar “legitimidade” para uma série de crimes cometidos em nome do mandato do povo. Para tanto, os instrumentos de poder, tal como as mídias, são utilizadas para fabricar consensos entre a população, opondo os indianos aos naxalistas.

Para quem acredita que o comunismo e o socialismo são ideologias ultrapassadas, Gopalji, porta-voz da área especial Bihar-Jharkhand, afirma que, assim como o início do século XX presenciou grandes revoluções comunistas, o século XXI também irá presenciar, mas essa nova onda será realizada por um comunismo mais maduro, moldados nos erros e acertos do século passado. Para Gopalji “[...] somente socialismo e comunismo pode erradicar a fome, a pobreza e desigualdade, resolvendo problemas como mudança climática” (MIB 17, 2010: 66), pois o capitalismo não abrange a solução desses desafios.

4.3 – Conclusão

A Índia está cada vez mais dividida entre aqueles que têm acesso à educação, saúde, lazer e aqueles condenados a viver uma vida sem perspectiva de melhoras materiais. Nesse contexto, um embate entre os dois lados pode facilmente ser induzido pelos maoístas, assim como expresso em seu programa para atuação em áreas urbanas. Contudo, uma maneira de acionar essas potencialidades ainda não foi plenamente descoberta pelos revoltosos. Nesse cenário, no qual a corrupção é uma das grandes responsáveis por essas desigualdades, os naxalistas mantem-se fieis aos ideais de Naxalbari e representam uma opção viável para aqueles que sofrem diariamente com a indiferença do governo e a violência sistêmica.

A institucionalização e militarização do Partido Comunista da Índia (Maoísta), bem como as suas ramificações nas organizações de massas e a consolidação de sua ala armada, representada pelo PLGA, são frutos desse contexto. Quanto maior for a desigualdade social e econômica, mais facilmente o discurso ideológico maoísta encontrará eco entre as populações carentes.

Dessa forma, é possível concluir que a principal causa do naxalismo é a violência estrutural intrínseca na sociedade indiana, que permite gritantes desigualdades, como 77% da população viver com menos de 20 rupias por dia, enquanto 5% da população vivem no luxo e na opulência. Somam-se a esses fatores a discriminação social praticada pelos radicais hinduístas, com a divisão de castas, e com essa religião e as demais religiões minoritárias do país, levando aos ritos comunais. Outra característica dessa violência estrutural é a exploração praticada tanto no campo, baseadas nos *zamidares* e no patriarcalismo, como na cidade, onde existem frágeis garantias sociais para os trabalhadores.

Sem dúvidas, a corrupção, tanto policial quanto política, leva a um descrédito muito grande do Estado, especialmente para aqueles que mais precisam de seus serviços para garantir seus direitos: os mais humildes e subalternos. Contudo, a corrupção judiciária, constantemente influenciada pelos poderes econômicos, é a mais prejudicial para uma efetiva atuação não armada na contenção dos naxalistas.

A atuação do PCI (Maoísta) envolve lutas legais, por meio de organizações próprias ou com interesses em comum, e lutas ilegais, patrocinadas pelo seu PLGA. Porém, os revoltosos procuram distanciar-se da alcunha de simples “terroristas”, deixando claro que são contrários a violência indiscriminada, procurando alvos seletivos e que estejam relacionadas com os aspectos que desejam combater no Estado Indiano,

especialmente as forças paramilitares. Professores, agentes sociais e médicos não são vítimas frequentes do conflito, sendo respeitados nas comunidades onde atuam.

Nessa trajetória, um dos principais problemas enfrentados pelos naxalistas hoje é o mesmo de quando o Partido surgiu: como conquistar e manter uma área contra a ofensiva governamental? Se hoje os naxalistas mantem Dandakaranya, como evitar a entrada das forças governamentais em seu território, como vem ocorrendo com a Operação Green Hunt? Esses aspectos são fundamentais para garantir a permanência do movimento e a manutenção de suas conquistas. Dessa forma, tanto as instituições do Partido, quanto o seu discurso, servem como eixos fundamentais para a consolidação de sua agenda.

Os indianos, especialmente nas regiões pobres do país, apresentam entusiástica participação política porque é uma opção para melhorem de vida, senão a única. Entretanto, tamanha energia é utilizada, muitas vezes, como massa de manobra pelos líderes partidários, pois, os militantes de cada partido não realizam nada que não seja ordenado e planejado pelos seus próprios partidos. Também não participam de mobilizações convocadas por organizações que não sejam ligadas aos seus grupos. Desse fato, surge a força dos partidos políticos e a grande disciplina e obediência de seus militantes, incluindo o PCI (Maoísta).

Como muito bem ressalta o governo indiano em seu *Annual Report*, apesar de alguns distúrbios em áreas isoladas, a situação interna da Índia encontra-se sob controle. Por isso, mesmo com a consolidação do PLGA, não é necessária a utilização ostensiva das Forças Armadas para conter os revoltosos. Contudo, as forças paramilitares não estão correspondendo as expectativas inicialmente estabelecidas pelo governo, muito devido ao crescente grau de coordenação estabelecido pelo Comitê Militar Central maoísta.

Conforme exposto no decorrer deste trabalho, a revolução comunista na Índia sempre foi traída por um discurso revisionista das suas lideranças, seja pelo PCI ou pelo CPM. Desse contexto, provavelmente, advêm o sucesso do discurso naxalista contra o revisionismo e o processo eleitoral entre os membros mais radicais da esquerda indiana, com destaque especial para os estudantes de Bengala Ocidental e Andhra Pradesh. Essa perspectiva seria um fator difícil de ser superado para um eventual processo de paz entre revoltosos e governo.

Considerações Finais

O movimento naxalista tem uma longa trajetória dentro do subcontinente indiano, marcada por momentos de maior entusiasmo ou de regressão. Em quase cinco décadas de existência ocorreram diversas modificações no contexto do conflito, pois a Índia mudou bastante, bem como os revoltosos. Enquanto o número de bilionários indianos cresceu significativamente, os “excluídos” ficaram cada vez mais pobres, aumentando a desigualdade social. Além disso, a classe média também cresceu, todavia, com as sucessivas crises capitalistas, encontra-se em uma situação difícil ao enfrentar a alta dos preços de produtos básicos e a constante ameaça do desemprego. Soma-se a essas questões a manutenção da linha primordial do movimento: a conquista do poder estatal pela via armada. Muitas das divergências sobre a ação e teoria, que antes opunham possíveis aliados, foram superadas, culminando com a fundação do PCI (Maoísta) em 2004, um marco na trajetória naxalista.

O Governo Central indiano não demorou a perceber que uma grave ameaça aos seus interesses estava ganhando consistência, crescendo entre as camadas mais afetadas pelos “projetos de desenvolvimento”, especialmente entre os povos originários, esquecidos em regiões remotas do país. Nesse contexto, passou a atuar em duas frentes: por um lado, ampliou os direitos dos *adivasis*, incentivando uma intensa fiscalização em cada estado para que as leis fossem cumpridas, além de investimentos na área social e de saúde pública; por outro lado, na busca de uma solução imediata, investiu pesadamente no recrutamento e treinamento de diversas forças paramilitares com o objetivo de conter militarmente os revoltosos.

Ao perceber as ações que governo central estava desenvolvendo, os maoístas passaram a incentivar e incitar revoltas populares nas localidades onde possuíam muitos apoiadores. Como resultado houve a revolta de Lalgarh, região que até hoje permanece conturbada, e uma ampliação da guerra popular em Dandakaranya, vitimando muitas pessoas de ambos os lados. Organicamente inseridos nas comunidades mais carentes e alvos das ações do governo, seu discurso ideológico serve como incentivo para uma reação por parte dos povos originários e os demais grupos afetados.

Assim sendo, cabe ressaltar, o objetivo principal dos *adivasis* é garantir a sobrevivência dos seus costumes e modo de vida. Para tanto, se inserem no PCI (Maoísta) na busca de apoio material e ideológico que sustente suas demandas. Justamente na incapacidade do Estado de compreender e atender essas reivindicações,

os naxalistas conquistam adeptos. É verdade que houve muitos avanços, especialmente na questão dos direitos dos povos originários. Entretanto, esses avanços ainda são tímidos e devem ser aprofundados, para não serem barrados pela corrupção e a burocracia.

Apesar das condições precárias de sobrevivência de ampla parcela da população, a Guerra Popular Prolongada parece não avançar no ritmo desejado pelos revoltosos. Será por que as que premissas religiosas falam mais alto em conter uma possível intensificação da luta popular no país? Ou o governo, ao executar a contenção armada dos “terroristas”, consegue intimidar e controlar essa grande massa de indianos despossuídos? Na impossibilidade de avançar até seu objetivo máximo (tomar o poder estatal), aceitarão os naxalistas negociar com o governo por melhorias (talvez autonomia) para a vida dos *adivasis*? Ou os guerrilheiros se manterão sectários e radicais na sua luta? Todas essas questões, e muitas outras, somente o futuro poderá responder. Porém, a partir da análise realizada por esse estudo, é possível especular algumas respostas: existe um interesse real dos revoltosos em uma negociação, ideia proveniente das novas lideranças, cabe ao governo indiano verificar se existe disposição política para tanto. Alguns especialistas chegam a apontar como alternativa a entrada dos naxalistas no processo parlamentar, apesar do atual momento não apresentar tal perspectiva como viável.

A Índia é um meio termo entre uma Rússia industrial e uma China rural, por isso deve procurar seu próprio método de fazer a revolução, não caindo em simples maniqueísmos. A institucionalização do PCI (Maoísta) foi importante para produzir um espaço de atuação durável e sustentável, capaz de garantir a manutenção de conquistas e a luta por maiores espaços na esfera política. Ao mesmo tempo, a militarização do Partido, com a consolidação do PLGA, obrigou a governo a atuar em diferentes frentes para combater efetivamente os guerrilheiros, pois somente a via militar, mostrou-se muito penosa e insatisfatória.

No ano de 2014 o PCI (Maoísta) completou 10 anos de existência, qual lição é possível tirar dessa situação? A manutenção da luta armada na maior democracia do mundo por todo esse tempo é muito significativa, o que leva a concluir que as condições sociais permanecem as mesmas, ou se deterioram cada vez mais, ampliando assim o leque de possibilidades dos naxalistas, ao invés de contê-los. Enquanto os maoístas afirmam estar aprendendo com as experiências socialistas já existentes, para construir uma linha própria, ainda cometem os mesmos erros das experiências passadas.

Devido a uma série de fatores, explorados durante o trabalho, é possível notar que o perfil das lideranças naxalistas está mudando de forma importante. Antes sua maioria era oriunda da classe média alta urbana, seja de Bengala Ocidental, seja de Andhra Pradesh. No entanto, com a perda da influência urbana do movimento no final dos anos 1960 e início de 1970, e com o fortalecimento da participação dos povos tribais, é natural que esses povos assumam papel de destaque na luta, ganhando maior relevância e influência. Destarte, *adivasis* devem conseguir impor suas próprias demandas ao movimento, transcendendo o espaço político, como lentamente vem acontecendo.

Por fim, as ações naxalistas trouxeram uma nova relação entre os governos e os povos originários, sendo responsáveis por “dar voz” às demandas dos habitantes das regiões mais esquecidas da Índia. São responsáveis por expor a dominação e sujeição a que os *adivasis* são objetos, tanto dos agentes governamentais, quanto dos latifundiários, trazendo então suas demandas para o debate político indiano. Mais do que dignidade, levaram o empoderamento para essas sociedades, agora vistas por outra perspectiva, não somente como atrasados. O mais significativo do movimento hoje é – enquanto a Índia sofre os males da globalização – a existência de um grande potencial de avanço dos naxalistas, tanto nas áreas rurais, quanto nas áreas urbanas, o que implica em um desafio tremendo para o país como um todo.

BIBLIOGRAFIA

Fontes Primárias:

Boletins de Informações do Partido Comunista da Índia (Maoísta), do número 1 (de março de 2008) ao número 20 (de novembro de 2010). *Maoist Information Bulletin* (MIB). Disponível em: <http://bannedthought.net/India/CPIMIB/index.htm>, acessado em 12.ago.2011.

Documentos de fundação do Partido Comunista da Índia (Maoísta):

HOLD HIGH THE BRIGHT RED BANNER OF MARXISM-LENINISM-
MAOISM

PARTY CONSTITUTION

PARTY PROGRAM

PARTY RESOLUTION

STRATEGY AND TACTICS OF THE INDIAN REVOLUTION

Todos os documentos estão disponíveis

em: [http://www.bannedthought.net/India/CPI-Maoist-Docs/index.htm#Founding Documents](http://www.bannedthought.net/India/CPI-Maoist-Docs/index.htm#Founding_Documents), acessado em 10.abr.2010.

Jornais indianos: *The Times of India*. Disponível em: <http://timesofindia.indiatimes.com/>; *The Hindu*. Disponível em: <http://www.thehindu.com/>; *Hindustan Times*. Disponível em: <http://www.hindustantimes.com/>.

MAO. *O Livro Vermelho*. São Paulo. Ed. Martin Claret, 2004.

_____. *Internet Archive*. Disponível em: <http://www.marxists.org/reference/archive/mao/index.htm>, acessado em 23.ago.2010.

MAJUMDAR, Charu. *Historic documents*. Disponível em: <http://ajadhind.wordpress.com/historic-documents-charu-mazumdar/>, acessado em 23.ago.2010.

MIINISTRY OF HOME AFFAIRS. Disponível em: http://www.mha.nic.in/uniquepage.asp?Id_Pk=288, acessado em 23.ago.2010.

Fontes secundárias

ANDRADE, Joana El-jack; SILVA, Alexandre Garrido da. (2003). *O século XX – O Declínio das Ideologias?*. Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de

- graduação em Ciências Sociais – IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 1, p. 33-44, 30.mar.2003. Anual. Disponível em:<www.habitus.ifcs.br>, acesso em 01.set.2010.
- APPU, P. S. *Agrarian Structure and Rural Development*. Economic&Political Weekly. Volume 9, Nº 39, p.70-75. 1974.
- ASIA CENTER FOR HUMAN RIGHTS (2000). *The Naxals get lethal: Chhattisgarh continues to be the epicenter of the conflict*. Disponível em: <www.achrweb.org>, acessado em 15.ago.2013.
- BBC (2009a). *Maoist 'rampage' in West Bengal*. Disponível em:< http://news.bbc.co.uk/2/hi/south_asia/8102322.stm>, acessado em 02.dez.2011.
- ____ (2009b). *Rising ambitions of India's Maoists*. Disponível em:< <http://news.bbc.co.uk/2/hi/8127869.stm>>, acessado em 02.dez.2011.
- BHATTACHARYYA, Amit (2009). *Violence and Non-violence*. Disponível em:< <http://sanhati.com/excerpted/1873/>>. Acessado em 02.dez.2011.
- _____, Amit (2010). *War Against the People and the Historic Lalgarh Movement*. Disponível em:< <http://southasiarev.wordpress.com/2010/01/02/amit-bhattacharyya-on-the-historic-importance-of-the-lalgarh-movement/>>. Acessado em 02.dez.2011.
- BAHREE, Megha. *India's Dirty War*. Forbes Magazine. Volume 185, Issue 8, p.146-154. 2010.
- BERSTEIN, Serge. *Partidos Políticos*. In: Rémond, René (org). Por uma história política. Rio de Janeiro. Ed. UFRJ/Ed. FGV. 1996.
- BANERJEE, Sumanta.. *In the Wake of Naxalbari*. Kolkata. Debajyoti Datta Shishu Sahitya Samsad Pvt Ltd. 2008.
- _____, Sumanta. *Reflections of a one-time Maoist activist*. Dialect Anthropology. Volume 33, p.253-269. 2009.
- BOBBIO, Norberto. *Dicionário de política*. Brasília. Ed. da Unb. 2004.
- CHAKRABARTY, Bidyut; KUJUR, Rajat Kumar. *Maoism in India: Reincarnation of ultra-left wing extremism in the twenty-first century*. London. Routledge. 2010.
- CHANDAN, Tejal; JOSEPH, Ancy. *Introduction*. In: V. R. Raghavan (eds). *The Naxal Threat: Causes, State Responses and Consequences*. New Delhi. Vij Books India Pvt Ltd. 2011.
- CUESTA, Josefina. *Historia del Presente*. Madri. Ed. Eudema. 1993.

- CHESNEAUX, Jean. *A Ásia oriental nos séculos XIX e XX*. São Paulo. Ed. Pioneira. 1976.
- CHOSSUDOVSKY, Michel. *A globalização da pobreza: Impactos das reformas do FMI e do Banco Mundial*. São Paulo. Ed. Moderna. 1999.
- CHAKRAVARTI, Sudeep. *Red Sun: travels in naxalite country*. New Delhi. Penguin Group. 2008.
- D'ALMEIDA, Fabrice. (2006). *Toward a shared history of the presente*. Disponível em: <http://www.ihtp.cnrs.fr/sites/ihtp/IMG/pdf_Toward_a_shared_history_of_the_present_2.pdf>, acessado em 12.mai.2011.
- DAHIYA, Rumel (2010). *Anti-Naxal Operations: Employment of Armed Forces*. Disponível em: <http://www.idsa.in/system/files/IB_Anti-NaxalOperations_04052010.pdf>, acessado em 14.ago.2014.
- DECCAN HERALD. *PC asks Bengal govt to reclaim Maoist-hit areas*. Disponível em: <<http://www.deccanherald.com/content/8754/pc-asks-bengal-govt-reclaim.html>>. Acessado em 02.dez.2011.
- DUVERGER, Maurice. *Os Partidos Políticos*. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1970.
- D'SOUZA, Radha. (2010) *Sandwich Theory and Operation Green Hunt*. Disponível em: <<http://www.zcommunications.org/sandwich-theory-and-operation-green-hunt-by-radha-d-souza>>, acessado em 10.ago.2011.
- DASH, Satya Prakash. (2006). *Naxal movement and state power: with special reference of Orissa*. Disponível em: <http://books.google.com/books?id=3eDaiaDwcNgC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_atb#v=onepage&q&f=false>, acessado em 12.jun.2011.
- EAGLETON, Terry. *Ideologia*. São Paulo. Ed. Unesp: Ed. Boitempo. 1997.
- _____, Terry. *A Ideologia e suas vicissitudes no marxismo ocidental*. In: Slavoj Zizek (org). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro. Contraponto. 2010.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. *História do tempo presente: desafios*. Petrópolis, v. 94, nº3, p.111-124, maio/jun. 2000.
- FLAVONI, Francesco d'Orazi. *Historia de la India*. Mexico. Ed. Oceano. 2003.
- FORBES-MITCHELL, William (s/d). *Reminiscenses of the great mutiny 1857-59*. Disponível em: <<http://dspace.wbpublibnet.gov.in/dspace/bitstream/10689/8961/4/Chapter%201%20-%20113p.pdf>>, acessado em 12.jul.2011.

- FRIEDRICH, Carl J e BRZEZINSKI, Zbigniew K. *Totalitarian dictatorship & autocracy*. New York. Ed. Frederick A. Praeger. 1966.
- _____, Carl J. *Uma introdução à teoria política*. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1970.
- GARG, Ruchir. *Roots and Causes: The Case of Dandakaranya*. In: P. V. Ramana (eds) *The Naxal Challenge: Causes, Linkages and Policy Options*. New Delhi. Pearson Longman. 2008.
- GRAMSCI, Antonio. *Escritos políticos, volume I*. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira. 2004.
- _____, Antonio. *Cadernos do cárcere, volume I*. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira. 2006.
- GOUVEMEUR, Cédric. (2007) *En Inde, expansion de la guérilla naxalite*. Disponível em: <<http://www.monde-diplomatique.fr/imprimer/15393/472894e3f0>>, acessado em 06.out.2009.
- GOMES, Joseph Flavian. (2011). *The Political Economy of the Maoist Conflict in India: An Empirical Analysis*. Disponível em: <<http://www.ucl.be/cps/ucl/doc/core/documents/Gomes.pdf>>, acessado em 02.set.2011.
- HARRISS, John. *The naxalite/Maoist Movement in India: A Review of Recent Literature*. ISAS Working Paper, nº109, July. 2010.
- HARIVANSH. *Roots and Causes: The Case of Jharkhand*. In: P. V. Ramana (eds) *The Naxal Challenge: Causes, Linkages and Policy Options*. New Delhi. Pearson Longman. 2008.
- HALL, Stuart; LUMLEY, Bob; McLENNAN, Gregor. *Política e Ideologia: Gramsci*. In: Centre for Contemporary Cultural Studies (orgs). *Da Ideologia*. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1983.
- HARNETIAUX, Keith J (2008). *The Resurgence of Naxalism: How Great a Threat to India?*. Disponível em: <http://calhoun.nps.edu/bitstream/handle/10945/4132/08Jun_Harnetiaux.pdf?sequence=1>, acessado em 14.ago.2014.
- HINDU. *Lalgarh battle*. Disponível em:<<http://www.hindu.com/fline/fl2614/stories/20090717261412900.htm>>. Acessado em 02.dez.2011.

- JAWAID, Sohail. *The Naxalite Movement in India*. New Delhi. Associated Publishing House, 1979.
- KAUTSKY, John H. *Indian Communist Party Strategy Since 1947*. Pacific Affairs, Vol. 28, N°2, 1955.
- KUJUR, Rajat (2008). *Naxal Movement in India: a Profile*. Disponível em: <http://www.ipcs.org/pdf_file/issue/848082154RP15-Kujur-Naxal.pdf>, acessado em 12.abr.2009.
- LENIN, V.I. *Esquerdismo: Doença Infantil do Comunismo*. Disponível em: <<http://pcb.org.br/portal/docs/esquerdismo.pdf>>, acessado em 26.fev.2013.
- LUKÁCS, Georg. *Teoria do Partido Revolucionário*. Cadernos de formação marxista. Butantã. Brasil Debates Editora. 1987.
- _____, Georg. *História e consciência de classe*. São Paulo. Martins Fontes. 2003.
- MAHESHWARI, Arpan. *Understandig Well-Being of the Tribals in Naxalite region*. Disponível em: <http://www.cse.iitk.ac.in/users/arpanm/Understanding_Well-Being_of_the_Tribals_in_Naxalite_Region.pdf>, acessado em 15.ago.2013.
- MEHTA, Akanksha (2010). *Countering India's Maoist insurgency: the need for strategy not operations*. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10220/6655>>, acessado em 12.jul.2011.
- MUKHERJEE, Arun Prosad. *Maoist 'Spring Thunder': the naxalite movement (1967-1972)*. Kolkata. K.P. Bagchi&Company, 2007.
- METCALF, Barbara. METCALF, Thomas. *Historia de la India*. Cambridge. Cambridge Press, 2003.
- MOORE JR, Barrington *Los Orígenes sociales de la ditadura y de la democracia*. Ediciones Península. Barcelona. 2002.
- MINISTRY OF TRIBAL AFFAIRS. *Statistical Profile of Scheduled Tribes in India*. Disponível em: <trifed.nic.in/writereaddata/mainlinkfile/File1386.pdf>, acessado em 15.ago.2013.
- MICHELS, Robert. *Political Parties*. Kitchener. Batoche Books, 2001.
- NAVLAKHA, Gautam. (2006). *Maoists in India*. Disponível em: <<http://www.internationalcentregoa.com/southasia/maoists%20in%20india.pdf>>, acessado em 20.jun.2009.
- NAYAK, Sharanya; SUBRAMANIAM, Malini. *The Tribal Way of Life: Can Security over Justice be the Response?*. In: V. R. Raghavan (eds). *The Naxal Threat*:

- Causes, State Responses and Consequences. New Delhi. Vij Books India Pvt Ltd. 2011.
- PANIKKAR, K. M. *A dominação ocidental na Ásia*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1977.
- PADEL, Felix; DAS, Samarendra (2006). *Antropology of a genocide: tribal movements in central India against over-industrialisation*. Disponível em: <<http://www.freewebs.com/epgorissa/FelixPadel-SamarendraDas.pdf>>, acessado em 15.ago.2013.
- RAJA, D. *The Naxal Movement: A Realistic Approach*. In: P. V. Ramana (eds) *The Naxal Challenge: Causes, Linkages and Policy Options*. New Delhi. Pearson Longman. 2008.
- RAMANA, P. V. *State Response to the Maoist Challenge: An Overview*. In: V. R. Raghavan (eds). *The Naxal Threat: Causes, State Responses and Consequences*. New Delhi. Vij Books India Pvt Ltd. 2011.
- ROUSSO, Henry. (2003). *Vichy, Crimes against Humanity, and the Trials for Memory*. Disponível em: <<http://www.utexas.edu/cola/insts/france-ut/files/pdf/resources/rousso.pdf>>, acessado em 12.mai.2011.
- RAMACHANDRAN, Sudha. *The Maoist Conflict in Dandakaranya*. In: V. R. Raghavan (eds). *The Naxal Threat: Causes, State Responses and Consequences*. New Delhi. Vij Books India Pvt Ltd. 2011.
- RAMMOHAN, E. N. *Rise of Naxalism, its implications for National Security and the way Forward*. In: V. R. Raghavan(eds.). *The Naxal Threat: causes, State Responses and Consequences*. New Delhi. Vij Books India Pvt Ltd, 2011.
- RAY, Rabindra. *The Naxalites and their Ideology*. New Delhi. Oxford University Press. 2013.
- SAINATH, P. (2007). *Un campesino se suicida cada 32 minutos en la India*. Disponível em: <<http://www.rebellion.org/noticia.php?id=59277>>, acessado em 18.jun.2009.
- SARKER, Debnarayan. *The Implementation of the forest rights act in India: Critical issues*. Oxford. Economic Affairs. Blackwell Publishing. 2011
- SRIVASTAVA, Devyani. (2009). *Terrorism and armed violence in India*. Disponível em: <http://www.ipcs.org/pdf_file/issue/SR71-Final.pdf>, acessado em 20.jun.2009.
- SINGH, Prakash. *The Naxalite Movement in India*. New Delhi. Rupa Publications India Pvt. Ltd. 2011.

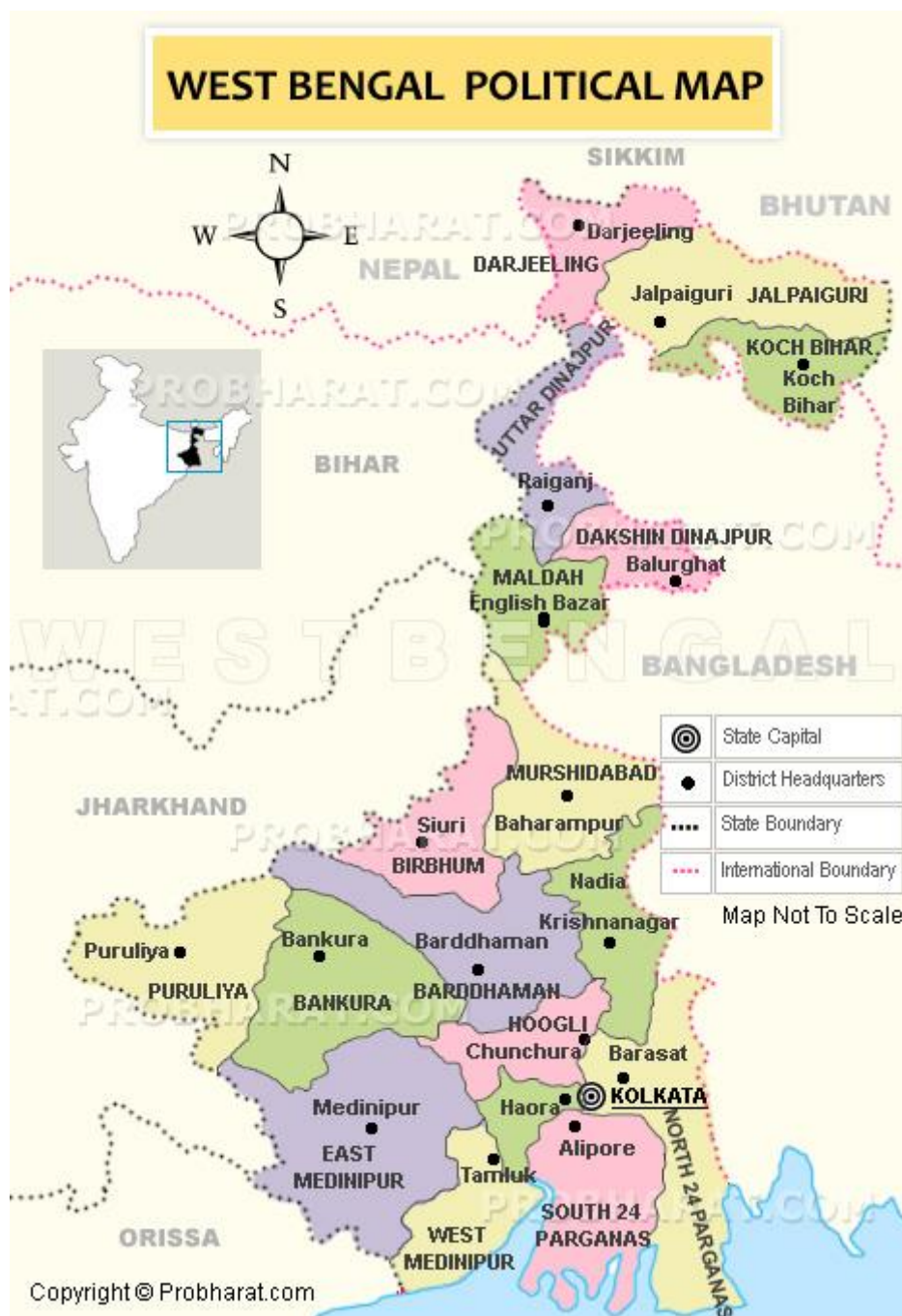
- SINGH, K. P. *The Trajectory of the Movement*. In: P. V. Ramana (eds) *The Naxal Challenge: Causes, Linkages and Policy Options*. New Delhi. Pearson Longman. 2008.
- SINGHARROY, Debal K. *Peasant Movements in Post-colonial India: Dynamics of Mobilization and Identity*. New Delhi. Sage Publications India Pvt Ltd. 2004.
- SOOD, K. S. *The Naxal insurgency: Challenges for the Para Military Forces*. In: V. R. Raghavan (eds). *The Naxal Threat: Causes, State Responses and Consequences*. New Delhi. Vij Books India Pvt Ltd. 2011.
- SUNDARAYYA, P. (s/d). *Telangana People's armed struggle, 1946-51*. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/15379761/Telangana-Peoples-Armed-Struggle>>, acessado em 30.mai.2009.
- THE TIMES OF INDIA (2009a). *Lalgarh Movement*. Disponível em:< <http://timesofindia.indiatimes.com/topic/Lalgarh-movement>>. Acessado em 30.nov.2011.
- _____ (2009b). *Welfare schemes a big hit in tribal belt*. Disponível em: <<http://timesofindia.indiatimes.com/city/kolkata/Welfare-schemes-a-big-hit-in-tribal-belt/articleshow/4419091.cms?>>. Acessado em 30.nov.2011.
- _____ (2009c). *Naxal agenda: Plan attacks to deter voters*. Disponível em: <<http://timesofindia.indiatimes.com/india/Naxal-agenda-Plan-attacks-to-deter-voters/articleshow/4392699.cms?>>. Acessado em 30.nov.2011.
- _____ (2009d). *Forces take Lalgarh back from Naxalites*. Disponível em: <<http://timesofindia.indiatimes.com/india/Forces-take-Lalgarh-back-from-Naxalites/articleshow/4679617.cms?>>. Acessado em 30.nov.2011.
- VERMA, Shrey. (2011). *Far Reaching Consequences of the Naxalite Problem in India*. Disponível em: <<http://www.rakshakfoundation.org/wp-content/uploads/2011/08/White-Paper-on-Naxalite-Movement-in-India.pdf>>, acessado em 02.set.2011.
- WHITE, Bernadette. *India's Naxalite Movement: The Impacts of Development and Government Repression on Activism in the State of Chhattisgarh*. Virginia Polytechnic Institute and State University. 2008.
- ŽIŽEK, Slavoj. *Um mapa da Ideologia*. Rio de Janeiro. Contraponto. 2010.

ANEXO I – Mapa político da Índia



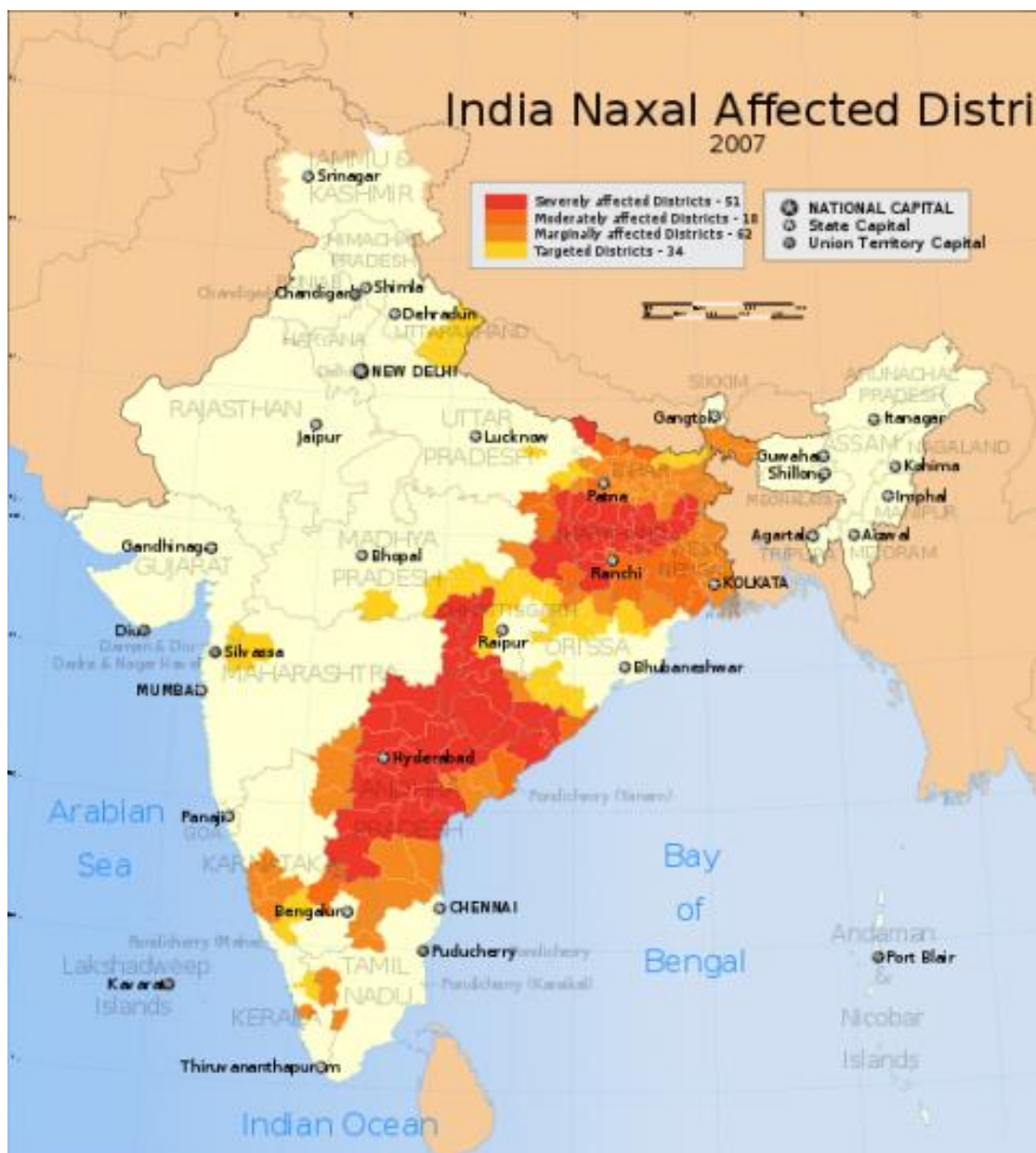
Fonte: <http://www.mapsofindia.com/maps/india/india-political-map.htm#>

ANEXO II – Mapa político de Bengala Ocidental



Fonte: <http://www.probharat.com/india/states/maps/west-bengal-political-map.php>

ANEXO III – Distribuição dos distritos com presença naxalista



Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:India_Naxal_affected_districts_map.svg